**Universidade de São Paulo**
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana

# A CIDADE DO FUTEBOL

## ETNOGRAFIA SOBRE A PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA NA METRÓPOLE MANAUARA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

São Paulo, agosto de 2014

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. A Cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Ciência Social (Antropologia Social).

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

PPGAS/UFSCAR

Prof. Drª. Silvana de Souza Nascimento

PPGAS/USP

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

PPGAS /USP

*Para Yana*

# Agradecimentos

Agradeço a todos os meus familiares, amigos e colegas que me acompanharam durante o percurso desta pesquisa. Foram cinco anos de muito trabalho, em que conheci muita gente nova, aqui e lá. Alguns passaram rapidamente, outros estiveram junto desde sempre, outros, ainda, vieram e ficaram.

Destes, os mais importantes são, sem sobra de dúvida, meus pais. Que me ensinaram tudo o que eu sei e mais um pouco. E não há nada mais importante para mim do que isso. A eles, ofereço minha gratidão, um abraço apertado e um grande beijo.

Às minhas irmãs, Bárbara, Renata e Ana, ofereço outro grande beijo, pois com vocês compartilhei coisas que só os irmãos compartilham – de perto ou de longe, tanto faz. Minha gratidão, também, ao Marcos e a Graça, pelos conselhos e pela amizade.

Aos meus outros parentes: primos, primas, tios e tias, com os quais sempre conversei muito, sobre tantas coisas, em almoços e jantares de família, muito obrigado pela paciência e pela disposição em ouvir aquilo que eu tinha para dizer, mesmo que as opiniões – muitas vezes – fossem as mais diversas. Aos meus avós – Dayse, Oswaldo, Regina e Pedro – agradeço profundamente pelo companheirismo, pela a amizade e pelo carinho.

Dentre todos, há aqueles que são especiais por terem traçado este caminho comigo, debatendo questões relacionadas a este texto, vivendo os imponderáveis da pesquisa de campo, compartilhando o local de trabalho, o cafezinho, a casa, o barco. Linhas de vida que se emaranharam à minha, levando-me junto para outros lugares, pensamentos e emoções.

Não posso deixar de expressar minha gratidão ao meu orientador e amigo, José Guilherme Cantor Magnani, por ter me acolhido no Núcleo de Antropologia Urbana desde o primeiro ano de faculdade e por ter me mostrado a beleza da etnografia. Era isso o que eu buscava quando entrei na universidade e foi o que consegui. Muito obrigado pela paciência, pela dedicação e pelas conversas trocadas com este orientando.

Os colegas e amigos do NAU e seus subgrupos (GEU e NAU-Cidades, principalmente), sabem o quanto são importantes para mim. Tanto aqueles com os quais

convivo ou convivi quase que diariamente, como a Anona, Aninha, Jacque, Pri, Lucas, Valéria, Zé, Marielli, Álvaro, Ju, Tiemi, Diego, Michel; quanto aqueles que vejo mais raramente, mas com os quais sempre troco muitas ideias. Deixo também meu agradecimento aos amigos que me acompanharam no projeto de produção do filme sobre o futebol de várzea: Enrico, Gian, Giu, Mariane, Willian e Ricardo. Finalmente, agradeço aos outros colegas e amigos da universidade, seja do PPGAS, seja do curso de graduação, pelo apoio, pelas conversas, pela amizade.

Aos professores Luiz Henrique de Toledo e Silvana Nascimento, agradeço pela leitura atenta do texto apresentado na banca de qualificação do PPGAS/USP. Agradeço também aos funcionários e professores de Departamento de Antropologia da USP pela atenção e pela dedicação.

Também gostaria de citar, aqui, o pessoal da Comissão Pró-Índio de São Paulo, na qual trabalhei por pouco tempo, mas onde teci amizades muito importantes. Lúcia, Carol, Diogo, Otávio, Janete... Muito, obrigado!

Agradeço imensamente a todos aqueles que conheci em Manaus e que, de uma forma ou de outra, foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Em especial, cito os Sateré-Mawé que nos receberam – a mim e meus colegas do GEU – desde nossa primeira viagem ao Amazonas. Nilson, Moisés, Sara, André, Valda, Jaffer, Teresinha, a e todos os outros que vivem em Y´apyrehyt, Hywy e Sahu-Apé, muito obrigado. Cito também outros participantes do *Peladão Indígena* que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa: Mara, que passou para minhas mãos grande parte dos documentos utilizados para esta pesquisa, e João Paulo, com quem, além de jogar bola, também conversei muito sobre antropologia. O agradecimento a João Paulo se estende para toda a sua família, que me recebeu em sua casa e em suas peladas de domingo, em especial à Clarinda e a Bu´u com quem levei muitas conversas sobre artesanato e pajelança.

Seria impossível citar todos os boleiros e boleiras de Manaus que me passaram as informações mais valiosas sobre a prática do futebol na capital amazonense. Agradeço, então, a todos os jogadores e jogadoras da equipe Apolo F.C, a todos as boleiras da equipe Salcomp; a todos do time Panair F.C, da equipe União da Ilha da Manaus Moderna, do ASJEC, do Amigos do Wallace, da Feira da Banana, e de todas as outras equipes com as quais entrei em contato neste percurso. Fica meu agradecimento,

também, às candidatas à Rainha do Peladão, que dedicaram parte de sua apertada rotina para me oferecer algumas informações sobre sua participação no concurso de beleza, e aos jornalistas, estrangeiros ou brasileiros – em especial ao Carsten, Henrik, Baleia, Lúcio e Evandro – que me acompanharam durante algumas semanas na pesquisa de campo.

Agradeço a toda a equipe que administra o Peladão pela receptividade e pela valiosa ajuda. Carlos, Sidnis, Ítalo, Rick, Sérgio, Kid, Ademar e, principalmente, Arnaldo Santos, que comprou a minha ideia desde o início e esteve sempre disponível para todos os tipos de conversa: desde sérias entrevistas sobre o andamento do campeonato até longos papos sobre tantos outros assuntos, para os quais sempre apresentou opiniões críticas e instigantes.

Aproveito também para expressar minha gratidão a todos os outros amigos manauaras. Ao pessoal da UFAM, que me acolheu em suas mesas de estudo e de bar, aos colegas do PROCAD, pelas intensas discussões antropológicas e, principalmente, à Márcia e sua família, pela acolhida calorosa.

Esta pesquisa não teria saído do Papel sem o apoio do Departamento de Antropologia da USP, do CNPq e do PROCAD *Paisagens Ameríndias - Habilidade, Mobilidade e Socialidade nos rios e cidades da Amazônia*, coordenado pela Prof. Dra. Marta Amoroso e pelo Prof. Dr. Gilton Mendes. Agradeço pela confiança depositada no meu trabalho.

Gostaria citar, enfim, alguns de meus amigos e amigas que neste processo de pesquisa e escrita estiveram sempre ao meu lado. Ao Caio, Tiaron, Gui, Letícia, Vini, Renata, Fê Latorre, Hercules, Dario, Lu, Andre, Leslie, Rafa, Lucas, Yuri, Fê Squariz... A presença de vocês foi fundamental para que eu conseguisse me manter no prumo e seguir sempre adiante. Muito... muito obrigado por tudo. Aos meus amigos de banda – Gui, Vini, André, Bahia –, que me aguentaram por todos os finais de semana nos últimos quatro anos, meu agradecimento está sempre presente na música que compartilho com vocês e que, gentilmente, vocês se põe a tocar. E, aproveitando a deixa, agradeço também, imensamente, ao Hélio e a Emi, que me receberam em sua casa com tanto carinho durante os últimos anos.

Finalmente, gostaria de expressar minha gratidão infinita a uma pessoa para a qual reservo um amor infinito. Muito obrigado, Yana, por me acompanhar com tanta dedicação e com tanto amor por absolutamente todos os caminhos que percorri nestes últimos anos. Você é co-autora das linhas desta dissertação e das linhas da minha vida.

Grande beijo a todos.

# Resumo

Esta pesquisa trata da prática do futebol amador jogado no contexto do Peladão – maior campeonato de futebol de várzea do Brasil, que ocorre desde 1973 na cidade de Manaus e que agrega homens, mulheres e crianças, além de contar com um grande concurso de beleza que elege, todos os anos, a Rainha do Peladão. Busca-se, a partir de uma descrição detalhada do *circuito* do futebol de Manaus, identificar como, por meio desta prática, os boleiros e boleiras da capital amazonense envolvem-se num continuo processo de habitação da metrópole, tecendo linhas narrativas, colocando em jogo categorias de pertença e acusação, e circulando por suas ruas, campos e bares, criando, assim, uma cidade específica daqueles que vivem intensamente este jogo: a Manaus do futebol.



Palavras-chave: Antropologia urbana, Antropologia das práticas esportivas, Etnologia Urbana, Futebol, Circuito, Manaus.

# Abstract

The following research is about amateur football playing in the context of Peladão – the greatest lea football championship in Brazil that takes place in Manaus since 1973, which integrates men, women and children, as well as a beauty pageant that annually elects the Peladão´s Queen. By describing in details the Manaus´ *circuito* (circuit), it´s seeking to identify how, through the practice of the football, the players from this city get involved in a continuous process of dwelling in the metropolis. Weaving narrative lines, playing with categories of belonging and accusation and circulating around Manaus´ streets, fields and bars, they create an especific city of those who intesely live the game: the Manaus of soccer.



Keywords: Urban anthropology, Sporting practices anthropology, Urban ethnology, Football, Circuito, Manaus

# Lista de Ilustrações

Figura 1- Carteirinhas do Peladão da gestão de Messias Sampaio utilizadas como veículo de propaganda de empresas e da candidatura do coordenador para vereador. .. 39

Figura 2 - Carta denúncia entregue pela equipe Tikuna em 2007, acusando as jogadoras do time Sateré-Mawé de não serem indígenas. Sara, esposa de Nilson, figura entre as acusadas. Por causa dessa denúncia, Sara viajou até sua terra natal e colheu documentos de se..... 54

Figura 3 - Carta de esclarecimento encaminhada pelo presidente do Munduruku futebol clube denunciando a participação de um jogador branco no time Gavião Futebol Clube, vencedor do Peladão Indígena 2012. ..... 58

Figura 4 - O tuxaua Moisés Sateré tirando uma foto da equipe de sua comunidade, Hywy Wato, no Peladão Indígena, 2009..... 62

Figura 5 - Pequena pausa para assistir o jogo do S.E. Palmeiras, importante equipe profissional da cidade de São Paulo, pelo celular. ..... 63

Figura 6 - Jogo do Peladão Indígena Feminino 2009 ..... 63

Figura 7 - Parentes e amigos assistindo a final do Peladão Indígena 2014 nas bordas do campo da UFAM..... 64

Figura 8 - Reunião entre lideranças indígenas e Arnaldo Santos. Nesta reunião foi comunicada, pelo Diretor Geral, a obrigatoriedade do RANI para a edição de 2012 do Peladão Indígena..... 64

Figura 9 - O futebol profissional e o futebol amador. ..... 77

Figura 10 - O Centro Desportivo Alfredo Nasecimento. Campo de futebol do bairro Petrópolis classificado como "campo comunitário". O campo se confunde com a paisagem urbana e quase não há torcedores em suas bordas..... 91

Figura 11 - O Campo de futebol do Estádio da Colina. Principal "campo especial" do Peladão 2012. Os jogos, neste campo, sediados por times grandes, contam com a presença de torcedores. ..... 91

Figura 12 - Bar localizado ao lado do Centro Desportivo Alfredo Nascimento, sede das barcas de muitas equipes das redondezas. ..... 92

Figura 13 - A sede do Peladão lotada de representantes das equipes durante o sorteio que decidiu os confrontos da segunda fase do campeonato masculino de 2012.

Carlos, o dono do Apolo F.C. é o funcionário de camisa vermelha que atende os peladeiros. ..... 92

Figura 14 - Esquema que representa o Circuito do Peladão: os principais agentes são as equipes e os nós são o campo, a barca e a sede do campeonato. ..... 93

Figura 15 - Foto da equipe Vitória do Morro da Praça 14 em formação. Exemplo de um time pequeno, formado por parentes e amigos de longa data. ..... 96

Figura 16 - Foto do time Panair F.C em formação. Este é um time grande, com jogadores, rainha e comissão técnica contratados. ..... 97

Figura 17 - Esquema que representa o Circuito das equipes: os principais agentes são as pessoas que circulam pelos campos e barcas, e os nós do circuito são as diferentes equipes. ..... 97

Figura 18 - Esquema que representa o Circuito do futebol: a junção do Circuito do Peladão com o Circuito das equipes. ..... 98

Figura 19 - A primeira eliminatória das rainhas do Peladão. Nesta fase, cerca de 500 moças se enfileiram na quadra do hotel tropical e são avaliadas pelos jurados enquanto ouvem as manifestações efusivas dos boleiros nas arquibancadas. ..... 149

Figura 20 - A rainha da edição de 2011 do Peladão junto da rainha indígena que canta o hino nacional na língua Tikuna como parte da programação da abertura do Peladão 2012. ..... 149

Figura 21 - Capa do caderno Peladão Verde anunciando um ensaio fotográfico de duas candidatas à Rainha do Peladão. A oposição entre o papel da rainha e o do homem é dada pelas duas figuras: as rainhas, em pose sexualizada, são observadas pelos peladeiros que, como descrito na outra imagem, não devem querer ser o "David Beckham" – jogador famoso no mundo inteiro por sua beleza. A jogadora de futebol, por sua vez, só aparece no jornal em ocasiões especiais, como na abertura ou finalíssima do campeonato feminino. ..... 150

Figura 22 - O Tuxaua Sateré-Mawé segurando o troféu de melhor jogador da categoria indígena. ..... 154

Figura 23 - Capa do Peladão Verde publicado no dia 23 de novembro de 2012. Nesta manchete são descritas as personagens da principal reportagem: o "verdadeira peladeiro" e a "verdadeira rainha". ..... 156

Figura 24 - Reportagem do caderno Peladão Verde dedicada à equipe Leão de Judá, chefiada pela "leoa" Irlani. ..... 161

Figura 25 - Primeira página da sessão "Facebook" da o caderno Peladão Verde. Aqui é apresentada uma descrição da candidata, além de algumas fotos, tal qual no site da internet. ..... 163

Figura 26 - Segunda página da sessão "Facebook". Nesta parte são colocadas fotos da rainha com familiares e amigos, delimitando sua personalidade: estudiosa, dedicada, bonita, apaixonada). ..... 164

Figura 27 - O "perfil" de duas moças publicado no Caderno Peladão Verde. Aqui a rainha é descrita com base em seus atributos corporais..... 165

Figura 28 - Edição do caderno Peladão Verde dedicada à equipe Panair F.C., comprovando para todos a importância da equipe no circuito. ..... 172

Figura 29 - Reunião da Comissão Disciplinar..... 180

# Sumário

Introdução ..... 14

PRIMEIRA PARTE – O Futebol e a Cidade ..... 27

1. A história de Manaus e(é) a história do Peladão: ..... 27

2. Do Peladão Indígena ao Peladão: uma trajetória metodológica. ..... 43

2.1. A prática do futebol no cotidiano: formando o circuito. ..... 45

2.2. O Peladão Indígena ..... 49

2.3 Do Peladão Indígena para o Peladão ..... 59

3. O circuito do futebol em Manaus ..... 65

3.1. Andando pela cidade, costurando linhas, traçando o circuito. ..... 71

3.2. O circuito do Peladão ..... 82

3.4. O circuito das equipes ..... 93

3.5. De linhas e circuitos: a ocupação da cidade pela bola. ..... 98

SEGUNDA PARTE – De cornos, veados, sapatas, rainhas, jornalistas, jogadores falsificados e traficantes: jogando com significados. ..... 116

1. Entre *cornos*, *veados* e cerveja ..... 117

2. Rainhas e boleiras ..... 129

2.1. As rainhas do Peladão ..... 129

2.2. As boleiras ..... 139

2.3. A sexualidade em circulação ..... 146

3. Jornais e jogadores – pessoa e reconhecimento ..... 151

3.1. O Peladão Verde – em busca de fazer as pessoas virarem gente. ..... 159

3.2. As notícias em campo: fazendo o nome ..... 168

4. Jogando com as regras ..... 177

4.1. O Jogador Falsificado ..... 184

4.2. O traficante ..... 188

4.3. Circulando pelas regras e contra as regras ..... 198

Considerações finais – a cidade do futebol ..... 201

Referências bibliográficas ..... 205

# Introdução

Em minha primeira ida a Manaus, em 2009, acompanhei, por meio dos jornais locais, a visita do então secretário da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), Jerome Walcke, à cidade. Essa visita fazia parte de sua agenda para a escolha do local da região Norte do Brasil que sediaria, no ano de 2014, alguns dos jogos da Copa do Mundo. A vinda do Secretário Geral da FIFA foi bastante veiculada pelos diversos meios de comunicação que faziam intensa campanha para que a capital manauara fosse eleita uma das doze sedes do megaevento. Manaus tinha, como grande concorrente, Belém, capital do estado vizinho, Pará. A capital do Acre, Rio Branco, também estava na luta, mas não se cogitava sua vitória.

Neste contexto surgiu um intenso debate sobre qual seria a cidade mais indicada, entre Manaus e Belém, para a recepção da Copa, uma vez que se trata das duas maiores cidades da região Norte[1], cada qual com suas especificidades. Um dos principais argumentos daqueles que defendiam a capital manauara era sua posição de destaque no cenário econômico brasileiro, pois, por contar com uma Zona Franca Industrial, Manaus apresenta um dos maiores índices de Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil[2]. Além disso, aparecia também o apelo ao "desenvolvimento sustentável" e ao "turismo ecológico", já que esta metrópole se localiza no interior do estado do Amazonas, ocupado quase que inteiramente por aquela que é considerada a maior floresta tropical do mundo. Em sua "resposta ao caderno de encargos da FIFA", o governo amazonense afirmava que:

> Com 3,2 milhões de habitantes, o Amazonas é um estado moderno que vem enfrentando com sucesso o grande desafio de conservar esse patrimônio natural e, ao mesmo tempo, combater a pobreza e promover o crescimento econômico. Para isso, colocou em prática uma política de desenvolvimento que combina a implantação de polos industriais não poluentes, com a exploração sustentável dos recursos da floresta. Uma ação do governo que tem como objetivo fazer do Estado um lugar ecologicamente correto, economicamente viável e socialmente justo. Afinal, as florestas do Amazonas são um patrimônio dos amazonenses, mas também de todos os brasileiros e um bem da humanidade. (RESPOSTA AO CADERNO DE ENCARGOS DA FIFA, 2009: 1).

[1] A população de Manaus, em 2010, era de 1.802.014 pessoas. Belém contabilizava 1.393.399 habitantes. *Fonte*: IBGE.

[2] Em 2009, o PIB de Manaus era de R$: 40.486.107,00. *Fonte*: IBGE.

Era justamente sobre esta argumentação, reproduzida de diferentes formas em jornais, revistas, na rádio e na televisão, que recaíam os diversos questionamentos relacionados à escolha de Manaus como sede da Copa do Mundo. Por um lado aqueles que eram favoráveis à cidade, na maioria das vezes, referiam-se somente à economia e à preservação do meio ambiente, raramente apresentando argumentos da ordem do futebol. Diziam os críticos, por outro lado, que ao contrário de Belém, que abrigava dois grandes clubes de expressividade nacional – o Clube do Remo e o Paysandu Sport Club –, o cenário do futebol profissional de Manaus era, para dizer o mínimo, esvaziado.

Pude comprovar isso nas minhas visitas às duas capitais. Em Manaus, em 2010, assisti a um jogo do Nacional Futebol Clube, considerado a principal agremiação futebolística da cidade, que contou com um público de cerca de 4.000 pessoas. Neste jogo conversei com muitos torcedores, a maior parte homens de meia idade, que reclamavam deste "esvaziamento" do futebol amazonense. Diziam que ninguém mais torcia para os times locais, porque eram equipes muito fracas, que, quando muito, chegavam até a série "D" do Campeonato Brasileiro[3]. Reclamavam da péssima gestão do futebol dos times da capital, que serviam, em sua maioria, de veículos para "enriquecer os cartolas[4] corruptos". Deste modo, o *Vivaldão*[5] estava sempre vazio e só lotava muito raramente, somente quando algum time de fora vinha jogar com alguma equipe local, normalmente na primeira fase da Copa do Brasil[6].

Em Belém, no mesmo ano, presenciei a uma partida do Clube do Remo. O estádio da cidade, *Mangueirão*, apesar das rachaduras, infiltrações e falhas na pintura,

[3] O Campeonato Brasileiro de Futebol é, atualmente, o torneio de maior expressão no universo do futebol profissional do Brasil. É dividido em quatro séries: A, B, C, D. Estas organizam os times hierarquicamente, sendo que os maiores clubes (ou seja, os mais ricos) disputam a série A, podendo "cair" para a série B, e assim sucessivamente. Se um Estado não tem nenhum time representante no Campeonato, o vencedor do torneio estadual é classificado para a Série D.

[4] O termo "Cartola" é utilizado como referência aos dirigentes dos grandes clubes profissionais brasileiros e remete à época em que o futebol era um esporte de elite, jogado e frequentado por homens que iam aos estádios vestindo somente roupas finas – terno e a cartola.

[5] O estádio Vivaldo de Lima, mais conhecido como *Vivaldão*, foi inaugurado em 1970 e era o local em que se davam as partidas entre as equipes profissionais de Manaus para os campeonatos das quais participavam. Sua lotação máxima era de 43.000 pessoas. Foi demolido em 2009 para a construção da *Arena da Amazônia*, na qual serão disputados alguns jogos da Copa do Mundo de 2014.

[6] A Copa do Brasil é considerada o segundo torneio nacional mais importante. Diferentemente do Campeonato Brasileiro, que é dividido em "séries", a Copa do Brasil conta com a participação de equipes de todos o país, tendo vagas abertas aos campeões de todos os torneios estaduais e regionais. Todas as partidas são eliminatórias, de modo que as equipes mais fracas dificilmente passam da primeira fase.

conservava ainda sua beleza. A torcida do Remo, mesmo se tratando de um jogo do campeonato regional contra um time do interior do estado, compareceu em peso (havia cerca de 15 mil torcedores) e cantou até terminar o jogo. Vi homens mais velhos e mais jovens, vi também mulheres, que normalmente estavam acompanhadas de seus maridos e filhos. A grande maioria vestindo a camiseta do clube, conformando-se o grupo "fiel", "mais amado do norte", os "azulinos", como gostam de se referenciar os "Remistas".

Referências à grande rivalidade entre as duas principais equipes de Belém podiam ser notadas, também, em diversas situações fora do espaço reservado ao jogo. Nas conversas cotidianas meus interlocutores invariavelmente se apresentavam como "Remistas" ou "Papão da Curuzu" (como se nomeiam os torcedores do Paysandu). Via-se muita gente pelas ruas com a camisa do time, ou com algum outro adereço que os identificassem como parte de uma das duas agremiações. A Cerveja do Pará (Cerpa) vendia produtos cujas embalagens traziam o emblema de um ou do outro time. De qualquer modo era fácil de perceber que, apesar da aparente falta de estrutura dos equipamentos públicos construídos para a prática do futebol e do mau posicionamento, tanto do Remo quanto do Paysandu, no ranking dos clubes nacionais (pois ambos os times figuravam na série C do campeonato Brasileiro) o futebol espetáculo estava consolidado em Belém.

Em Manaus raramente se vê alguém vestindo a camisa de algum clube local. O Clube de Regatas Flamengo é o preferido dos manauaras, seguido de perto pelo Clube de Regatas Vasco da Gama. São muitos os bares e restaurantes que apresentam, em sua fachada, alguma referência a um destes dois times do Rio de Janeiro. O campeonato carioca é transmitido pela televisão e é nas noites de quarta-feira e nas tardes de domingo que é possível presenciar a agitação por conta das partidas disputadas por estas equipes, acompanhadas, normalmente, pela T.V, nos diversos botecos espalhados pela cidade.

De modo que a crítica fazia sentido: numa cidade em que parecia haver uma relação residual entre grande parte de seus habitantes com algum clube de futebol local, ou seja, num local em que não havia, como diziam muitos jornalistas, uma verdadeira *tradição* do futebol, seria razoável que se promovesse um evento como a Copa do Mundo?

Muito se falava dos "legados da Copa". Pois bem: por que investir uma grande quantidade de dinheiro num novíssimo estádio – A recém anunciada *Arena da Amazônia* – se as arquibancadas, nos jogos do Campeonato Amazonense, estavam sempre vazias? Será que este não se transformaria num "elefante branco"[7], como diziam os críticos?

No entanto, como foi colocado anteriormente, Manaus foi eleita uma das doze sedes do megaevento e, para a surpresa de muitos, havia, sim, um argumento futebolístico para tal. Contra-atacando aqueles que desejavam a escolha de Belém do Pará como sede da copa, alguns meios de comunicação, principalmente o periódico A Crítica – principal jornal da cidade – alegavam que o amazonense era, sim, "apaixonado pelo futebol", e que esta paixão, se não estava expressa na adesão de grandes torcidas a algum clube local, se fazia visível pela grandeza daquele que era considerado "o maior campeonato de futebol amador do mundo": o Peladão.

> Manaus conta com um complexo esportivo de primeira linha: um estádio que será reformado em breve, uma moderna arena poliesportiva e uma vila olímpica cuja raia de atletismo é referência no país. E o mais importante: a população é apaixonada pelo futebol. No Amazonas é realizado o maior campeonato de peladas do mundo, o "Peladão", com a participação de mais de mil equipes da capital e interior e cujas finais alcançam público superior a 20 mil torcedores por partida. (RESPOSTA AO CADERNO DE ENCARGOS DA FIFA, 2009: 2)

***

Não é comum que um visitante de primeira viagem, ao chegar em qualquer grande metrópole do Brasil, fique sabendo dos campeonatos de futebol amador que por lá ocorrem. Normalmente, este visitante, se tiver interesse pelo jogo, visitará grandes estádios, frequentará alguma partida de um importante time local, assistirá, nos restaurantes, bares, albergues, hotéis e casas de parentes, os jogos dos campeonatos regionais. Ao acessar a linguagem própria do torcedor, este visitante entrará em diálogo com pessoas e locais antes desconhecidos. Quando conversar sobre o quase-gol de uma partida, ou sobre o cartão vermelho injusto noutro jogo, ou, ainda, sobre o impedimento mal aplicado em determinado lance, ele se familiarizará com o Outro a partir de signos

[7] A expressão "Elefante Branco" é designada como referência às grandes obras públicas, oriundas de altos investimentos, que são pouco utilizadas pela população.

que são amplamente compartilhados. Se, além de tudo, ele torcer para o mesmo time de seus novos interlocutores, passará a fazer parte de uma comunidade e será um potencial aliado.

Este visitante certamente estará inteirado acerca das últimas notícias sobre a contratação e venda de jogadores entre as grandes equipes profissionais, saberá de cor a afirmação polêmica de certo treinador após o último jogo e, (por que não?) comentará o novo penteado do craque do *brasileirão*. Em tempos de Copa do Mundo, então, ele poderá conversar, com qualquer um, em qualquer esquina, sobre as complicadas operações matemáticas que indicam as possibilidades de classificação das seleções para a próxima fase do campeonato, além de especular acerca dos resultados – esperados ou surpreendentes – das últimas partidas.

Ele viverá, portanto, um futebol que pouco tem a ver com aquele que se joga pelos campos de várzea cidade afora. Falará de experiências vividas no universo do futebol espetáculo a partir de uma infinidade de narrativas que se reproduzem constantemente por diversas mídias (canais de televisão, sites da internet, rádios, jornais impressos), todas interessadas na produção de um mercado consumidor ávido por informações e por bens de consumo relacionados ao jogo.

Do futebol amador, este visitante pouco saberá. Na verdade, quando questionado acerca do seu contato com algum time não-profissional ele provavelmente dirá, com pesar, que sente muito pela extinção do futebol de várzea. Contará que hoje quase não se vêem mais campos de futebol pela cidade, que quase não se joga mais aquele que é tido por muitos como o "verdadeiro futebol" e, por outros, como "a alma do futebol brasileiro". Dirá, finalmente, que é exatamente por isso que hoje o futebol, no Brasil, está "em decadência", já que – todo mundo sabe – "os verdadeiros craques vieram da várzea". Afirmará tudo isso ignorando as muitas e muitas horas que passou, em sua vida, jogando bola com os amigos, seja na quadra da escola, no ginásio do bairro, no campo da comunidade.

Este personagem acima retratado é fictício, mas sua caracterização certamente não é estranha ao leitor. Suas ideias acerca do futebol de várzea também não devem parecer estranhas, uma vez que o discurso de que o futebol amador está em vias de extinção, principalmente por conta da falta de espaços, nos grandes centros urbanos, para a sua prática, domina as análises que tratam do jogo (DAMO, 2007). Hoje, quando

se fala de futebol, fala-se principalmente de sua prática espetacularizada. Nos meios jornalísticos, como já dito, debatem-se desde esquemas táticos até o corte de cabelo dos jogadores; no meio acadêmico abundam livros que contam os feitos dos grandes times, histórias dos grandes jogadores, detalhes das grandes copas do mundo, além de questões político-econômicas que envolveram e envolvem, em maior ou menor medida, o espetáculo. É como se o futebol amador não existisse ou não gerasse narrativas interessantes a ponto de se tornarem objeto de discussão mais detalhada.

Por isso, causa estranhamento que, numa cidade como Manaus, uma das doze sedes da Copa do Mundo de 2014, na qual foi construído um estádio do porte da *Arena da Amazônia*, fale-se tanto do futebol de várzea. Em grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, ou mesmo Belém do Pará, nas quais há a presença marcante do futebol espetáculo, pouquíssimo se fala de sua prática amadora, apesar das centenas de campeonatos que ocorrem todos os dias em seus campos de futebol localizados tanto em grandes equipamentos públicos ou privados quanto nos bairros mais periféricos.

Manaus, no entanto, apresenta um cenário bastante diferente do usual. Trata-se de uma grande metrópole, com um grande e moderno estádio, mas sem times de expressividade nacional. Além disso, o campeonato de futebol amador local, o Peladão, é intensamente retratado pela principal rede de comunicações do Amazonas, detentora do principal jornal da cidade, o periódico A Crítica. Ao contrário do que ocorre em outras grandes capitais do Brasil, o futebol de várzea, em Manaus, ocupa grande espaço na cobertura jornalística local e é por isso que, nesta cidade, um visitante de primeira viagem acaba descobrindo rapidamente a existência de um movimentado *circuito* do futebol amador nesta cidade.

O Peladão movimenta Manaus desde os anos 1970. É organizado pela Rede Calderaro de Comunicação[8] e tem como principal veículo de divulgação o caderno "Peladão Verde", que compõe as edições de sexta-feira do jornal A Crítica nos meses em que ocorre o campeonato – normalmente durante o segundo semestre de cada ano. Como dizem os jornalistas que escrevem para este caderno, ali são publicadas

[8] A Rede Calderaro de Comunicação foi fundada em 1949 por Humberto Calderaro Filho e é composta por três jornais impressos (A Crítica, Jornal do Comércio e Manaus Hoje), três canais de televisão (T.V A Crítica de Manaus, T.V A Crítica de Parintins, Rede T.V! Manaus), duas rádios (Rádio Jovem Pan 2 FM Manaus, Rádio A Crítica FM) e dois portais de internet (Site Tambaqui Urbano, Portal A Crítica). Sua sede se localiza na Avenida André Araújo, em Manaus. Atualmente, a rede é presidida pela filha de Humberto Calderaro, Ritta Calderaro e por seu neto, Dissica Calderaro.

reportagens com os diferentes "personagens" – jogadores, torcedores, dirigentes, familiares dos jogadores, para citar os mais recorrentes - que fazem parte do torneio.

Os diversos materiais de divulgação do Peladão[9], incluindo o caderno supracitado e até mesmo a resposta ao caderno de encargos a FIFA, defendem que este é o "maior campeonato de peladas do mundo", afirmação já questionada por outros meios de comunicação[10]. De qualquer modo, os números do campeonato não deixam de ser surpreendentes: de acordo com material repassado pela própria diretoria, o Peladão Verde 2012[11] contou com 24.904 jogadores inscritos em 1.172 equipes do interior e da capital[12]. Para os que jogaram em Manaus a coordenação disponibilizou 57 campos de futebol. Foram realizados 2.590 jogos, marcados 9.028 gols, distribuídos 6.226 cartões amarelos e 724 cartões vermelhos. A comissão disciplinar do torneio se reuniu 6 vezes durante seus cinco meses de duração, incluiu 65 participantes no Livro Negro e baixou um total de 70 Atos Disciplinares. O campeonato se organiza, atualmente, em seis categorias – ou subcampeonatos: *masculino*, *máster*, *infantil*, *feminino*, *indígena masculino* e *indígena feminino*.

O fato de ser um evento que conta com tamanha divulgação, a ponto de todos os seus dados serem meticulosamente anotados em grandes livros distribuídos para todos aqueles que buscam conhecer o torneio, é o que faz deste campeonato o torneio de futebol amador do Brasil que mais adquire ares de espetáculo, a ponto de ele ser uma

[9] Dentre os diversos recursos de Marketing do campeonato destacam-se um panfleto da edição de 2005 do Peladão, os livros de compilação de todas as edições do caderno "Peladão" de cada ano e o artigo da Wikipedia sobre o "Campeonato de Peladas do Amazonas", escrito por um jornalista da Rede Calderaro de Comunicação (http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_de_Peladas_do_Amazonas). Em todos estes materiais há a afirmação de que o Peladão é o maior campeonato de futebol amador do mundo.

[10] Em matéria publicada em 10/01/2013, o site UOL afirma que o maior campeonato de futebol amador do mundo é a Copa Telmex. Este campeonato ocorre no México e contou, em 2010, com 201.287 jogadores inscritos em 11.777 equipes – números expressivamente maiores do que os do Peladão. (F*onte:* http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/01/10/maior-torneio-amador-do-pais-promove-liga-entre-indios-e-faz-reality-show-com-musas.htm - acessado em 11/05/2013)

[11] O nome "Peladão Verde" é dado ao campeonato desde em 2008, com o objetivo de assimilar a marca às questões ambientais. Em outros momentos, outras marcas foram incorporadas ao Peladão, como em 2006, quando o torneio se chamava "Peladão Mavel". Mavel é uma concessionária da Volkswagen com sede em Manaus.

[12] A título de comparação, a copa Kaiser, que ocorre na capital e no interior do Estado de São Paulo, e que figura como o outro maior campeonato de futebol amador do país, contou, em 2012, com a inscrição de 384 equipes em sua série A. Outras 800 equipes disputaram uma seletiva para a serie B do campeonato. A disputa entre os dois campeonatos para se decidir qual deles é, realmente, o maior, já esteve na grande mídia, como numa reportagem do site UOL, em que os coordenadores do Peladão questionaram o recorde de público do futebol amador que teria sido batido na final da Copa Kaiser de 2012. *Fonte*: http://m.esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/11/21/recorde-de-torcida-na-varzea-de-sao-paulo-teve-metade-do-publico-de-torneio-amador-em-manaus.htm (acessado em 13/05/2013)

das principais armas do governo do Amazonas para que se convencesse a FIFA de que, apesar do que diziam – e ainda dizem – os críticos, existe futebol em Manaus.

Mas o Peladão, mesmo com sua veia espetacularizada, ainda é essencialmente um torneio de futebol amador. Prova disso é que não basta ir ao campo de futebol e assistir às partidas para que se possa entrar em contato com as narrativas que dão sentido ao que ocorre no jogo e fora dele. Não basta, também, comprar os jornais às sextas-feiras e ler as reportagens sobre os times, as rainhas e os jogadores. Isso porque a diferença fundamental entre o futebol espetacularizado e o de várzea é dada, antes de tudo, pela menor importância, no segundo, de um determinado agente: o torcedor.

Enquanto a grande maioria dos que vivem o universo do futebol dos estádios e da televisão é composta por torcedores – organizados ou não –, aqueles que agem no mundo das peladas são, principalmente, os que jogam. São, portanto, pessoas que tecem outra relação com o jogo em si: uma relação baseada numa atividade corporal, mediada *pela* bola, e não *por causa* dela. É por isso que somente um observador que olha para a várzea *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) consegue dialogar com os boleiros, boleiras, donos e donas dos times, veados, cornos, traficantes, jogadores falsificados, entre tantos outros que, uma vez jogando bola e fazendo parte de um coletivo – a equipe de futebol – fazem, também, o seu *nome* no *circuito*.

O futebol aparece, aqui, como um jogo que, ao mobilizar pessoas, colocando-as em contato, movimenta significados dos mais variados e engendra a criação de linhas narrativas que tratam, por sua vez, das relações entre os diversos agentes do *circuito* e deles com o ambiente que habitam. Num campeonato metropolitano como o Peladão, portanto, a cidade é tema constante nas conversas que se dão nos campos e nos bares pelos quais os boleiros e boleiras circulam continuamente. Mas a cidade não é somente tema de conversas: ela é vivida intensamente por estes agentes, uma vez que o futebol faz com que eles circulem para todos os lados, sempre em busca de novos oponentes ou parceiros, sempre em busca de se colocar em jogo. Revela-se, assim, uma Manaus compreendida e habitada a partir de categorias específicas do mundo do futebol. Uma cidade construída no cotidiano do jogo e dramatizada em seus momentos mais tensos. Se formos levar a sério a perspectiva ingoldiana (INGOLD, 2000), de que o homem explica o ambiente e de que o ambiente explica o homem, em Manaus, o futebol explica a cidade e a cidade explica o futebol.

As incursões a campo que originaram esta dissertação podem ser agrupadas em dois momentos. O primeiro é o da minha pesquisa de iniciação científica, levada a cabo nos anos de 2009 e 2010 e que tinha, como recorte transversal, a investigação sobre a ocupação indígena no meio urbano. Como será explorado no primeiro capítulo deste texto, foi a partir da *Categoria Indígena* do Peladão que pude acessar algumas das tensões enfrentadas por certos coletivos indígenas – principalmente um grupo Sateré-Mawé – em sua vida na grande metrópole e, assim, contribuir para as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Etnologia Urbana do LabNAU. Durante os dois anos em que desenvolvi a iniciação científica estive em Manaus em quatro oportunidades, totalizando cerca de dois meses de campo.

O segundo momento é o da pesquisa de mestrado propriamente dita. Neste novo contexto, ampliei o escopo da análise, passando a abordar o futebol jogado nas outras quatro categorias do campeonato (*masculino*, *máster*, *feminino* e *infantil*). Para tanto, realizei uma incursão a campo que durou cerca de sete meses e acompanhei o desenrolar do Peladão desde sua abertura até o jogo final. O fato de eu já conhecer, a esta altura, o coordenador do torneio, Arnaldo Santos, foi fundamental para que eu pudesse entrar no *circuito* com mais facilidade, uma vez que a direção do campeonato, desde o início, se interessou por esta pesquisa e me ajudou no que fosse possível.

Nos dois momentos citados contei com apoio do Programa de Cooperação Acadêmica firmado entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Amazônas (PROCAD-CAPES, Edital nº 01/2007), coordenado pela Porfª Dra. Marta Amoroso (USP) e pelo Prof. Dr. Gilton Mendes dos Santos (UFAM). Foi este programa que possibilitou os primeiros quatro anos de pesquisa de campo do LabNAU em Manaus, além de financiar parte da minha própria incursão a campo no segundo semestre de 2012. No âmbito deste PROCAD, nomeado *Paisagens Ameríndias - Habilidade, Mobilidade e Socialidade nos rios e cidades da Amazônia*, foi realizado um intenso intercâmbio de pesquisadores entre as duas universidades, assim como seminários de pesquisa na USP e na UFAM, o que proporcionou uma profícua troca de ideias entre antropólogos de diferentes campos de pesquisa, enriquecendo o trabalho de todos. Este programa originou uma publicação em livro, nomeado *Paisagens ameríndias: lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia* (2013), que apresentou uma coletânea de artigos dos pesquisadores que dele participaram. Os integrantes do Grupo de Etnologia Urbana publicaram dois textos no livro: *Uma experiência de*

*etnologia urbana: a presença indígena em cidades da Amazônia* (MAGNANI & ANDRADE, 2013) e *O circuito Sateré-Mawé: duas formas da ocupação indígena no contexto urbano* (TAMBUCCI & CHIQUETTO & SERTÃ).

É importante ressaltar também o caráter coletivo desta pesquisa, uma vez que grande parte das incursões a campo foram realizadas em conjunto pelos pesquisadores do Grupo de Etnologia Urbana – subgrupo do LabNAU do qual faço parte. Realizamos, nestes anos em que desenvolvemos a pesquisa sobre a ocupação indígena nas cidades da Amazônia, reuniões periódicas tanto para a discussão de bibliografia pertinente aos temas de estudo dos pesquisadores do grupo, quanto para o desenvolvimento de outros projetos, como a produção de um vídeo-documentário sobre a ocupação Sateré-Mawé em Manaus e Parintins[13]. O Grupo de Etnologia Urbana desenvolve, também, desde 2012, uma grande pesquisa sobre as cidades médias amazônicas em conjunto com pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisa das Cidades da Amazônia Brasileira (NEPECAB), coordenado pelo Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira e pelo Prof. Dr. Geraldo Alves de Souza. Esta pesquisa é financiada pelo CNPq por meio de um Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (PRONEX). O LabNAU foi convidado para compor o corpo de pesquisadores e, desde então, o GEU tem realizado expedições etnográficas coletivas às cidades amazônicas.

No que se refere ao tempo em que estive focado na pesquisa de campo sobre o Peladão, adotei um recurso metodológico um pouco diferente daquele mais comum à etnografia clássica. Ao invés de observar uma totalidade previamente circunscrita, como uma vila, uma aldeia, uma rua, ou um bairro, foi necessário que se elegesse alguns coletivos a serem seguidos por todos os sete meses em que estive em Manaus realizando o trabalho de campo. Para tanto, logo que cheguei à capital amazonense, em agosto de 2012, pedi à coordenação do Peladão o contato de equipes que considerassem pertinentes à minha pesquisa. Foram eles que dividiram, previamente, meus interlocutores em "times grandes" e "times pequenos", passando-me os telefones de cerca de 15 donos de equipes.

Realizados alguns telefonemas e combinadas algumas visitas iniciais aos treinos ou peladas de fim-de-semana, adentrei no emaranhado de relações que movimentam o

[13] São os filmes: *Memorial Indígena Sateré-Mawé: trajetórias em Manaus* (Dir. Leticia Yumi Shimoda, 2012) e *Memorial Indígena Sateré-Mawé: trajetórias em Parintins* (Dir. Diana Paola Gómes Mateus, 2012).

*circuito* do futebol de Manaus e, a partir daí, fui realizando novos contatos, tecendo novas alianças e, principalmente, fazendo novas amizades. Na medida em que as relações se aprofundavam, meus interlocutores se sentiam a vontade para falar sobre novos assuntos, apontar novas questões e até mesmo questionar minha pesquisa. Penso que este é o verdadeiro sentido de um trabalho realizado *de perto e de dentro*: ao seguir os agentes por onde forem, haja o que houver, sob sol ou chuva, é possível acessar certas dimensões do social que antes pareciam distantes, ou até mesmo irrelevantes.

Por ser uma pesquisa iniciada na graduação, a perspectiva analítica também se fez a partir do campo, uma vez que na escrita de meus dois relatórios de iniciação cientifica eu ainda estava conhecendo os autores que se tornaram os principais referenciais teóricos. De modo que se realizou uma abordagem talvez um pouco heterodoxa, juntando, na mesma análise, autores como Bruno Latour (1994), Victor Turner (2005) e Clifford Geertz (1989), que apresentam perspectivas teóricas bastante distintas. No entanto, penso que o resultado daquela pesquisa foi bastante satisfatório, motivo pelo qual mantive a mesma linha analítica para esta nova fase.

De qualquer modo, tendo em vista que a questão do urbano aparecia com mais centralidade nesta pesquisa de mestrado, optei por enfocar a análise em outro ponto. Assim, o principal esforço teórico aqui desenvolvido foi o de colocar no mesmo plano analítico Magnani (2002, 2007, 2013) e Ingold (2000, 2007): dois autores que apontam para a relação entre o homem e o ambiente por ele habitado, explorando esta interação, a partir das múltiplas perspectivas dadas na pesquisa de campo.

Buscando continuidade com aquilo que foi desenvolvido na pesquisa de iniciação cientifica, este texto foi organizado em duas sessões. A primeira, nomeada de "O futebol e a cidade", divide-se em três capítulos, que buscam introduzir o leitor no universo do Peladão e tecer algumas considerações acerca do que é chamado de *Circuito do futebol*. A segunda, nomeada de "De cornos, veados, sapatas, rainhas, jornalistas, jogadores falsificados e traficantes: jogando com significados", aprofunda-se nas linhas narrativas criadas por aqueles que vivem, intensamente, este *circuito*. Estas linhas narrativas revelam as categorias nativas que dão significado para a prática do futebol, para a relação com o Outro e para a vida no contexto urbano – sem que essa divisão seja propriamente realizada nestes discursos.

O texto se inicia, portanto, com uma crônica da história do Peladão, contada por aqueles que mais tempo conviveram com este campeonato: Messias Sampaio e Arnaldo Santos, os dois coordenadores do torneio que mais tempo estiveram nesta posição. Busca-se, neste primeiro capítulo, apresentar o Peladão ao leitor a partir de uma história contada cronologicamente, demonstrando as mudanças pelas quais o campeonato passou e colocando-o em relação com as próprias transformações ocorridas na cidade de Manaus. Este é um capítulo cuja perspectiva analítica se coloca mais *de longe e de fora*, apresentando pontos de vista que se tornam discursos hegemônicos e que não levam em conta a multiplicidade de tensões e estratégias que estão por trás de tais narrativas. No entanto, considero que é importante apresentar tal ponto de vista ao leitor, pois tais discursos, como é visto ao final do capítulo, balizam as interpretações realizadas pelos próprios participantes do campeonato acerca do torneio no qual se inscreve e jogam ano após ano.

O segundo capítulo da primeira Parte é, basicamente, aquilo que de melhor pude retirar da minha pesquisa de iniciação científica. O texto foi reescrito com o objetivo de apresentar, ao leitor, o histórico da minha inserção no campeonato e, principalmente, a perspectiva analítica que originou a abordagem teórica desta dissertação.

É no terceiro capítulo desta Parte, portanto, que tem início o exercício etnográfico aqui proposto. Neste trecho é descrito o que chamo de *Circuito do futebol* de Manaus, tanto a partir de uma perspectiva que focaliza os equipamentos urbanos pelos quais os agentes circulam, quanto a partir da descrição das *habilidades* colocadas em prática e dos caminhos que são traçados por aqueles que circulam pela Manaus do futebol. É neste capítulo que os principais referenciais teóricos desta pesquisa, Magnani e Ingold, são colocados em diálogo.

Já na segunda Parte da dissertação, busca-se, como dito anteriormente, um aprofundamento nas linhas narrativas tecidas por meus interlocutores. É neste processo que aparecem, no primeiro capítulo, as categorias *corno* e *veado,* fundamentais para que os boleiros de Manaus coloquem, no campo de jogo e na mesa do bar, suas relações familiares e de amizade à prova. Categorias estas que tratam de questões de gênero e sexualidade, também retratadas no capítulo seguinte, que descreve alguns dos dilemas enfrentados pelas mulheres que se arriscam no mundo do futebol amador, sejam elas as *boleiras*, sejam as *rainhas* do Peladão.

O terceiro capítulo da segunda Parte trata da relação entre o jornal A Crítica com os próprios jogadores de futebol. Busca-se apresentar tanto a perspectiva dos jornalistas que cobrem o evento, quanto a dos boleiros e boleiras que são alvo de suas reportagens que significam o discurso jornalístico a partir de uma lógica que o subverte.

O último capítulo, por fim, traz à tona a relação dos jogadores do Peladão com o complexo e intransigente sistema de regras do campeonato. Surgem aí duas figuras que balizam esta relação: o *jogador falsificado* e o *traficante*. Ambos, a seu modo, centralizam questões acerca da difícil convivência daqueles que vivem na cidade com as regras de conduta impostas pelas leis que organizam – muitas vezes de cima para baixo – sua circulação pelo ambiente que habitam. São também estas figuras que trazem a tona e colocam em debate os discursos sobre os perigos próprios da vida nos grandes centros urbanos.

Por tudo isso, penso que o Peladão é um universo privilegiado para que se possa desenvolver estudos sobre a prática do futebol amador. Trata-se, na verdade, de um campeonato que agregou, em determinado momento histórico, todos os pequenos torneios de várzea que ocorriam em Manaus. Assim, ao se adentrar em seu universo, o pesquisador insere-se num *circuito* imenso, que pode levá-lo de norte a sul, de leste a oeste, mostrando-lhe uma cidade conhecida somente por aqueles que jogam bola, uma Manaus do futebol, e levando-o a uma percepção sobre a prática deste jogo que pode se desdobrar em qualquer outra cidade que visite: a de que, a despeito do que dizem aqueles que conhecem somente o futebol espetáculo, a várzea, seja onde for, continua existindo e faz parte do cotidiano de muitos brasileiros.

# PRIMEIRA PARTE – O Futebol e a Cidade

## 1. A história de Manaus e(é) a história do Peladão:

Neste capítulo será apresentada uma breve crônica que retratará a história do Peladão a partir das vozes de dois dos principais interlocutores desta pesquisa: Messias Sampaio e Arnaldo Santos. Ambos foram coordenadores do campeonato e participam, até hoje, ativamente, da vida pública da capital amazonense. Arnaldo Santos e Messias Sampaio são contemporâneos. Enquanto Messias foi coordenador do Peladão de 1973 até meados dos anos 90, Arnaldo foi um grande crítico do campeonato, por considerar que este prejudicava o desenvolvimento do futebol profissional em Manaus. Durante seu mandato como diretor do Peladão, Messias foi vereador por cinco mandatos seguidos, ao passo que, até assumir a coordenação, na qual esteve à frente até 2013,[14] Arnaldo foi diretor de Marketing da Coca-Cola e diretor da Fundação Vila Olímpica de Manaus – órgão que gerencia, entre outras coisas, a manutenção do estádio de futebol da cidade (antigo Vivaldão e atual *Arena da Amazônia*). Ambos são jornalistas: Messias trabalhou na redação do Jornal A Crítica até firmar-se no Peladão e na política. Arnaldo mantem-se no meio desde os anos 70, tendo comandado programas esportivos no rádio e na T.V e trabalhando como narrador de futebol até hoje.

Busca-se, assim, neste primeiro momento, introduzir o leitor ao universo do Peladão a partir destes dois relatos que se organizam cronologicamente, demonstrando as transformações que o torneio sofreu com o passar dos anos e traçando um paralelo com as mudanças ocorridas na própria cidade. Objetiva-se, também, apresentar os pontos de vista daqueles que, nestes últimos quarenta anos, ocuparam o lugar de poder máximo no campeonato, centralizando as decisões acerca dos modelos de disputa e, principalmente, negociando constantemente, com os diversos agentes que circulam pelos campos de futebol de Manaus, o andamento do Peladão.

Ao final do capítulo serão apresentadas as narrativas daqueles que jogam no campeonato e que também tecem considerações sobre as mudanças sofridas pelo

[14] Ao final de 2013 todos os funcionários administrativos do Peladão, incluindo Arnaldo Santos, foram demitidos. Não me foi relatado o motivo para tanto, nem se haveria a edição de 2014 do campeonato e nem se, caso houvesse, Arnaldo ainda ocuparia o posto de diretor geral. Até o fim da escrita desta dissertação, ainda não havia resposta para estas questões.

Peladão nas duas gestões. Assim, pretende-se abarcar algumas das vozes contra hegemônicas que também propõe análises sobre a história da cidade e do futebol jogado neste grande campeonato. Estas vozes abrirão as portas para a análise que será proposta nesta dissertação, acerca dos diversos modos de circulação e algumas das principais narrativas engendrados pela prática do futebol em Manaus.

***

O Campeonato de Peladas do Amazonas, também chamado de Peladão, foi criado em 1973 pelo jornalista Messias Sampaio que, em entrevista a mim cedida, relatou o ato de fundação da seguinte forma:

> O Peladão foi uma sacada comercial, de marketing puro, porque o jornal "A Crítica" não saía de domingo. E aí o Calderaro, que era um visionário para a época, dono da empresa, resolveu publicar os jornais de domingo e, dentre as providências que ele adiantou, de maquinário, de material humano, e tal, foi, assim, um camarada de São Paulo, um produtor de jornal, um diagramador, um cara que entendia tudo, um pensador (...), aí tava tudo pronto e ele falou assim "precisamos juntar, para o lançamento do jornal, um chamariz popular, pra acostumar o povo a comprar o jornal de domingo", e aí ficamos pensando diferentes fórmulas... E o Peladão surgiu. (Entrevista: Messias Sampaio)

Messias conta que era jornalista do periódico A Crítica e amigo de Umberto Calderaro Filho, fundador da Rede Calderaro de Comunicação, quando teve a ideia de criar, em Manaus, um grande campeonato de Peladas. Ele estava em visita ao seu irmão, no Rio de Janeiro, e viu um torneio de praia no Aterro do Flamengo com cerca de 40 times que o fez recordar do campeonato de futebol de várzea do qual participava quando criança, em Manaus, no bairro General Osório. Este era um campeonato pequeno, pois a cidade era pequena, "tinha uns 150 mil habitantes"[15], mas a formação dos times, os jogos, a abertura, em que "todos iam bem vestidos", "povoavam" sua lembrança.

O jornalista, então, propôs ao chefe e amigo que o jornal organizasse um torneio. Seu principal argumento era que havia grande urgência em oferecer alguma ocupação para a "horda de amazônidas" que chegava à Manaus em busca de emprego no Distrito

[15] Visando facilitar a leitura, os trechos das entrevistas aqui reproduzidos não serão referenciados. Seus autores serão indicados no próprio corpo do texto.

Industrial e que ficava "desocupada", "perambulando", durante grande parte do seu tempo, conformando "um perigo social para a cidade".

De fato, Manaus passava, na época, por grandes mudanças. A Política de Integração da Amazônia, levada a cabo pelo governo militar, teve como carro-chefe a instauração, em 1967, de um polo de isenção fiscal para a produção industrial na capital amazonense, a Zona Franca de Manaus[16] cujos dois principais objetivos eram: "estabelecer um novo fluxo migratório controlado, aliviando tensões sociais de outros locais do país" e firmar a exploração de riquezas minerais e criação de um mercado para escoamento de bens. Criou-se, dessa forma, para tanto, uma nova "zona de povoamento" no "vazio demográfico" que era a Floresta Amazônica (OLIVEIRA & SCHOR, 2008).

De modo que foi a partir dos anos 1970 que a paisagem urbana dessa nova metrópole mudou radicalmente. Manaus agora concentrava 98% das atividades econômicas do Amazonas e agregava, em 1980, 44% da população do Estado, contra 24% em 1960. O total de habitantes, nestes vinte anos, quase quadruplicou, indo de 173.703, em 1960, para 633.383 em 1980. E o crescimento demográfico continuou acelerado até os dias atuais: em 2010, a cidade contava com 1.800.014 habitantes.[17]

Os antigos bairros ocupados pelos pobres na época de crise econômica – período entre os anos 1920 e os anos 1970, em que a produção de borracha praticamente cessou na Amazônia – tornaram-se bairros centrais da cidade. Manaus se expandiu para todos os lados, indo das margens do Rio Negro em direção à "terra firme" (Zona Norte e Zona Leste), por meio de invasões (ocupações espontâneas)[18], e pela construção de bairros e conjuntos habitacionais planejados, como o bairro da Cidade Nova, o mais populoso da metrópole, fundado em 1979.

Tratava-se, portanto, de uma cidade em crescimento, mas que, como conta Arnaldo Santos, "não tinha muita coisa para fazer", e por isso "era comum nos bairros,

[16] Deve-se ressaltar, também, a construção da rodovia Belém-Brasília, nos anos 50, as "políticas de intensificação de exploração da borracha", os "programas governamentais de expansão agrícola" e o investimento público nas novas estruturas urbanas (CASTRO, 2008)

[17] Fonte: Censos do IBGE. A estimativa da população da cidade em 2012, ainda de acordo com o IBGE, é de 1.861.838 habitantes.

[18] Entre 2002 e 2004, por exemplo, houve 54 novas ocupações urbanas, gerando 40 novos bairros na cidade (Oliveira & Schor, 2008: 87).

nos finais de semana, as famílias se reunirem, e fazer jogo na rua", principalmente o futebol, que "era a união deles".

Como relata Messias, num primeiro momento Umberto Calderaro recusou a proposta de criar o campeonato por considerar que seria um grande risco para o jornal assimilar sua marca a um torneio de futebol já que, invariavelmente, por conta da natureza competitiva do jogo, surgiriam situações de violência entre os jogadores. A falta de policiamento da cidade, combinada aos ânimos exaltados pelas partidas de futebol, poderiam descambar para grandes brigas, o que mancharia a imagem do A Crítica.

Foi quando apareceu Oseas Carvalho, o jornalista conceituado vindo de São Paulo para auxiliar na montagem do caderno de domingo. Numa conversa, Messias contou para Oseas seu projeto de elaboração de um campeonato de Peladas, ideia que foi prontamente aceita pelo produtor. Este, em conversa com Umberto Calderaro, argumentou que não era necessário o medo da violência que o futebol poderia gerar. "Não dá, isso aí... Vai ter morte.", teria dito Calderaro. "E se tiver morte é que é bom mesmo! Vira notícia! Vira manchete: morte brigando pela bola!", teria respondido Oseas Carvalho.

A primeira edição do campeonato, ocorrida em 1973, contou com a participação de 178 equipes que jogavam aos sábados e domingos. Foram utilizados cerca de 80 campos de futebol, espalhados por Manaus. Ainda segundo o relato de Messias Sampaio, em cada final de semana conformava-se, em cada campo, um "mini campeonato", do qual um time saía campeão, passando para a próxima fase. Por conta da falta de estrutura dos campos, era comum que os próprios jogadores, eventualmente, se vissem obrigados a conformar arranjos que possibilitassem a realização dos jogos. Os mais criativos muitas vezes aconteciam ao anoitecer, uma vez que falta de refletores nos campos impossibilitava que as partidas ocorressem normalmente. De disputas de pênaltis a jogo de par ou impar, ocorrendo até mesmo partidas disputadas à meia luz do farol de algum carro disponível, era fundamental que, do jeito que fosse, alguém saísse vitorioso aos domingos.

Foi em 1974 que ocorreu o primeiro desfile de abertura do Peladão, que contou, pela primeira vez, com a presença das rainhas dos diferentes times. "Aí pegou fogo", conta Messias. A Avenida Eduardo Ribeiro, localizada no Centro de Manaus, foi o

palco do desfile, que teve milhares de participantes, dentre os representantes das equipes e o público. Havia palanque, auto-falante, banda de música, cordão de isolamento da Polícia Militar: "aí tinha um negócio: militar no meio. A ditadura ainda estava no auge, os militares queriam uma aproximação com a sociedade civil, e aí ajudou muito". Os quartéis militares, todos, foram orientados a abrir as portas para os jogos do Peladão, "para mostrar que não havia esse confronto".

Messias lembra que as equipes organizadas pelas empresas do Distrito Industrial de Manaus compareceram em peso: as companhias organizavam seus times, vestiam seus operários, montavam os carros alegóricos e iam para o desfile de abertura. "Homenageando" as autoridades, ao Calderaro, ao A Crítica e ao Messias. "E os homens babando vendo aquelas mulheres de maiô, de biquini, em cima dos carros. E a igreja irritada". No dia do desfile, "era uma festa na cidade": em todas as ruas alguém estava arrumando o carro para passar pela avenida à noite.

O antigo coordenador criou, ainda nas primeiras edições, o "Torneio Paralelo da rainhas". Cada equipe poderia apresentar uma rainha e as 16 moças classificadas para as finais do concurso de beleza levavam seus times para este torneio. O vencedor do Paralelo das Rainhas cruzava com o campeão do paralelo "de bom comportamento". Este era outro torneio paralelo, destinado às equipes que se comportavam bem no Peladão – que recebiam menos cartões, eram menos faltosas, etc. – e que eram desclassificadas no início do campeonato. Muitos diziam que este era, na verdade, o "Paralelo Político", argumentando que Messias somente colocava, neste campeonato, os times cujos jogadores se comprometiam a votar nele, como vereador, para a eleição seguinte.

Foi ele, também, quem organizou a Comissão de Justiça do Peladão – hoje chamada de Comissão Disciplinar. Como ele mesmo afirma, "o fundamento do Peladão é a disciplina", e por isso esta instituição, dentro do campeonato, era tão importante. A Comissão de Justiça era formada por advogados recém-formados e experientes, que se reuniam em longas sessões, muitas das quais transmitidas, via alto-falante, para a multidão que ficava na rua, em frente ao prédio da coordenação, esperando o veredicto. Estes julgamentos que aglomeravam muitos espectadores, normalmente envolvendo times de maior expressão, eram considerados muito perigosos pelo coordenador. Por conta disso era requisitada a presença da Polícia Militar nas ruas.

Messias argumenta que o Peladão, naquela época, era um evento que envolvia, basicamente, relações familiares e de vizinhança: *"*o cara queria agradar a família, o amigo da rua, e ainda tinha mais: todo mundo ia pra casa do presidente do clube, a panela de sopa fervendo, dez grades de cerveja, o cara bebendo, tomando sopa, ou churrasco... É a vida das pessoas!". Diferente do campeonato de hoje, no qual há os grandes times, que contratam jogadores por "200 reais o jogo", para poderem vencer o torneio. De acordo com o ex-coordenador, se, antes, o dono da equipe pegava "os moleques da rua", dava camiseta pra todos e levava para o jogo, hoje os dirigentes mais endinheirados circulam por diversos bairros, contratando jogadores e desmontando os times locais. Estes autodeclarados *donos*[19] dos times, que montam equipes semi-profissionais, retirariam seus dividendos de suas relações com traficantes de droga: "os grandes times daqui passaram a ser comandados por traficantes. É perigosíssimo, até para administrar". Foi justamente essa entrada dos traficantes no campeonato que teria afastado, também, as empresas da Zona Franca do Peladão.

Foi ao final dos anos 90 que Arnaldo Santos, então Presidente da Fundação Vila Olímpica[20], foi convidado pela Rede Calderaro de Comunicações para fazer um diagnóstico do campeonato. O então diretor geral Messias Sampaio havia se afastado e a direção do jornal buscava novos caminhos para o torneio. Arnaldo conta ter realizado uma palestra na qual defendia maior rigidez no que se refere aos números veiculados pela empresa sobre o campeonato, pois já tivera alguns entreveros com a direção do Peladão quando fora diretor de marketing da Coca-Cola (cargo que ocupou por cerca de vinte anos) e comandou diversas ações de divulgação da marca utilizando o campeonato como plataforma. Ele dizia que, por conta da fragilidade na comprovação das informações passadas pela direção, como o número de equipes e atletas inscritos, e também pelas diversas denúncias de manipulação de resultados, era muito difícil agregar qualquer marca ao Peladão.

A diretoria da Rede Calderaro de Comunicações se interessou por sua análise e o convidou para assumir o posto de diretor geral do campeonato. A primeira ação da nova

[19] No Peladão, em todas as categorias, a figura do *dono* do time é de fundamental relevância. Trata-se do principal organizador da equipe – aquela pessoa que agrega os jogadores, consegue o uniforme, negocia os jogos, entre diversas outras incumbências.

[20] A fundação Vila Olímpica é o órgão do Governo do Estado do Amazonas (http://www.fvo.am.gov.br) responsável por gerenciar os principais campeonatos desportivos do Estado – como as olimpíadas escolares do Amazonas – e por realizar a manutenção do Sambódromo, da Arena da Amazônia e da Arena Poliesportiva Amadeu Teixeira.

coordenação foi, literalmente, arrumar a casa, uma vez que a sede estaria em péssimas condições de conservação. Somente um funcionário da gestão anterior foi mantido por algum tempo ainda – o Paulinho do Peladão, que é árbitro do campeonato desde sua fundação - e novos foram contratados. Até 2013, a sede do Peladão contava com seis funcionários que cuidavam do andamento da competição. A gestão de Arnaldo Santos dedicou seus três primeiros anos para, nas palavras do diretor geral, "entender o Peladão": em primeiro lugar, enrijeceu as normas de inscrição, proibindo a participação de atletas que tivessem atuado, naquele mesmo ano, no futebol profissional; passou também a exigir a carteira de identidade de todos os inscritos, nunca abrindo qualquer tipo de exceção para ninguém – algo que, num primeiro momento, gerou desconforto por parte de muitos.

Arnaldo Santos se orgulha de organizar um campeonato cujas normas são rígidas, onde não há espaço para o "jeitinho", no qual não se faz "festa". Essa rigidez serve a dois objetivos. O primeiro, como colocado acima, é dar "respeitabilidade" à marca "Peladão", possibilitando a parceria com outras empresas de marketing que queiram veicular seu nome ao campeonato. Um dos projetos do diretor, por exemplo, que, obtendo sucesso, significaria um grande passo nesse sentido, seria o reconhecimento do Peladão como o maior campeonato de futebol amador do mundo por parte do livro mundial dos recordes, o *Guinness*. Outra forma de construir e expandir a marca é por meio da veiculação do campeonato em diversas revistas e programas de televisão nacionais e internacionais. O Peladão já foi objeto de grande quantidade de reportagens, documentários, matérias de revistas e jornais, tais quais: o programa *Globo Esporte*, da Rede Globo, a revista de bordo da Varig, *Ícaro* (considerada pelo diretor o canal que mais espalhou a marca pelo mundo afora), a revista de esporte *Placar*, o documentário *Ginga* (2005), produzido por Fernando Meirelles[21], um documentário do canal BBC, de Londres, outro do canal italiano RAI – só para citar alguns[22]. Durante a pesquisa de campo conheci três jornalistas estrangeiros – um alemão, um sueco e outro

[21] Fernando Meirelles é um importante diretor do cinema brasileiro, responsável por obras como *Cidade de Deus* (2002) *e Ensaio Sobre a Cegueira* (2008).

[22] Toda a "cobertura especial" do Peladão, até o ano de 2005, está impressa no material de marketing que Arnaldo Santos distribui para todos aqueles que aparecem, interessados em conhecer mais sobre o campeonato.

francês – que vieram ao Brasil para cobrir o torneio, com atenção especial para o *Peladão Indígena*[23].

O segundo objetivo para a manutenção de um sistema rígido de controle das regras do campeonato estaria embasado na própria concepção de Arnaldo daquilo que ele considera "moralmente correto", ou mesmo do "papel social" que ele projeta para o campeonato. O coordenador do Peladão se mostra, sempre, como uma pessoa de conduta moralmente irrepreensível, preocupada com a ordem das coisas e com o cumprimento das obrigações. Entende, portanto, como fundamental a transmissão destes valores ao campeonato. Ao exigir que todos ali cumpram exatamente as regras, como previamente combinado, Arnaldo pretende criar uma realidade na qual as pessoas ajam de acordo com aquilo que ele acredita ser o correto. O Peladão assume, assim, um papel educativo: através dos jogos de futebol organizados no contexto deste torneio, as diferentes pessoas que dele participam podem, na visão do diretor, se reunir, conversar sobre seus problemas, resolver pendências, discutir diferentes ideias políticas. Mas sempre tendo, como espelho, a "moralidade" criada pelas regras do campeonato para a disputa dos certames, "sempre respeitando o ser humano e trazendo para ele uma consciência de como eu acho que nós deveríamos ser".

A intenção educativa do Peladão aparece de modo mais claro no *Peladinho.* Esta foi a primeira categoria criada na gestão de Arnaldo Santos, logo após o período de testes. Arnaldo concluiu que cerca de 15% das pessoas que jogavam no campeonato eram meninos de 15 a 17 anos e considerou que haveria publico para um naipe reservado às crianças de 12 a 14 anos. Seu principal objetivo era criar uma "categoria de base" para o Peladão, para que as regras do evento pudessem ser ensinadas às crianças, de modo que os futuros jogadores do torneio principal compreendessem e respeitassem melhor suas normas e sua moralidade – aprendendo como se portar na sociedade.

Não basta, portanto, ser criança para participar do *Peladinho.* É necessário que se comprove a idade correta, assim como a matricula numa escola de primeiro grau. Foram necessárias, aliás, nos primeiros anos do campeonato infantil, diversas auditorias em várias escolas, pois eram recorrentes as denúncias de falsificação do atestado

[23] Para diferenciar os Naipes do Peladão e o próprio campeonato – que agrega suas diferentes categorias – os primeiros serão sempre grafados em itálico.

matrícula – as próprias instituições "vendiam" o atestado aos donos das equipes do *Peladinho.*

O passo seguinte foi a criação da categoria *Máster*, voltada aos jogadores mais velhos, os "boleiros", que, segundo Arnaldo, "têm a experiência, a fama, mas que só dão trabalho, que não jogam mais e atrapalham". A nova coordenação percebeu, também, que havia muitos jogadores mais velhos que gostariam de participar do campeonato, mas que não o faziam por conta de não conseguirem mais disputar com os mais jovens, dado o envelhecimento do corpo. O objetivo da criação desta nova categoria foi oferecer um espaço "lúdico", "da brincadeira", do "encontro dos amigos no fim de semana", que pudesse ser usufruído por estes jogadores mais velhos.

Em 2005 foi criado o naipe *Feminino.* Agora a proposta era mudar a opinião que se tinha sobre as mulheres que participavam do campeonato. Mostrar que a mulher não devia ser somente, nas palavras do diretor geral, "usada como beleza, mas que também joga futebol". A criação desta categoria veio em conjunto com outra mudança no campeonato de beleza das rainhas do Peladão. Arnaldo conta que, quando assumiu, havia uma opinião popular muito bem formada sobre as rainhas: dizia-se que elas eram prostitutas e que o concurso era, na verdade, um local em que se agenciava o serviço de garotas de programa. De modo que houve – e ainda há – a pretensão de se "moralizar" o campeonato das rainhas, enrijecendo as normas de inscrição e adotando uma série de medidas para "valorizar" a mulher, tornando-a "*feminina* e não *prostituta*".

A principal iniciativa dessa direção, nesse sentido, foi tornar obrigatória, para a homologação das equipes no campeonato, a apresentação de uma rainha no desfile de abertura. Há, desde então, centenas de meninas interessadas em participar do concurso de beleza, o que teria "reduzido o preconceito" contra aquelas que participavam quando havia poucas equipes aí representadas. O campeonato deixou de ser algo de algumas mulheres e passou a ser de muitas. Deve-se ressaltar, também, que a inscrição da rainha é a mais regulamentada do campeonato: além de apresentar os documentos necessários, a candidatas devem tirar fotografias com representantes dos times, carregar um número próprio e passar por sessões de filmagem.

> A rainha, pra manter a tradição, é ela que representa! Mas se a rainha, por algum caso, a rainha não for, o time é desclassificado. E sabe quem é penalizado? São todos os jogadores do time! Eles não disputam a competição! E nós, eu já cheguei a cortar mais de 120

> times que não apresentaram a rainha! Então, não interessa eu dizer, assim, "Ah, tenho 900 times". Não: eu quero dizer a você que eu atingi 806 times e está aqui, dentro do regulamento. Esse é o grande problema! Aí as pessoas "ah, mas você devia ser mais compreensivo" e eu "não!"

Foi também em 2005 que foi criado o *Peladão Indígena*. Intrigado com alguns dados sobre as populações indígenas de Manaus, como a de que havia cerca de 15.000 indígenas na cidade, Arnaldo Santos teve a ideia de elaborar um naipe que seria disputado por este público. Foi até a FUNAI buscar maiores informações e parcerias e lá encontrou, por acaso, Jorge Terena – importante liderança indígena de Manaus. Terena o reconheceu, perguntou o que estaria fazendo por ali e se interessou pela proposta do diretor do Peladão. Juntos, idealizaram o campeonato indígena que, diferentemente das outras categorias do Peladão, é sempre disputado nos campos de futebol da Universidade Federal do Amazonas. Arnaldo afirma que este torneio "não é que nem os campeonatos que o próprio governo faz. É para os indígenas que saíram de suas tribos e se estabeleceram em Manaus, com a ambição de estudar, de dar um passo em cima de trabalho". É "esta comunidade". São aqueles "aventureiros que saem e vão tentar a vida na cidade grande tentar, como nós já fizemos isso, muitas vezes (...) você tem: Tukano, Tariano, Baré, Baniwa, Arapasso, Wanana, Tuiuca, Mura, Munduruku, Sateré."

Além das diversas categorias do Peladão, a direção cuidou, até o ano de 2013, de três "projetos sociais" dos quais Arnaldo Santos parece se orgulhar: o *Faça uma criança sorrir*, que constitui na troca de cartões amarelos por bolas de futebol que devem ser entregues pelo próprio time em sua comunidade; o *Sopão do Peladão*, que é a distribuição gratuita de sopa em todas as sextas-feiras do mês de dezembro; e, finalmente, há o *Peladão Verde Nas Escolas*, que é um projeto criado por conta da Copa do Mundo. Por meio deste projeto, a direção do Peladão elegeu uma escola na Zona Leste, "onde mais está degradado, Manaus" e, dentro desta escola, elegeu 200 alunos que passariam por um ciclo de aprendizado de quatro anos sobre "sustentabilidade, meio ambiente, mobilidade humana e coletividade humana". Essas crianças visitaram o Horto Florestal, o Bosque da Ciência e o INPA – todos localizados em Manaus. O objetivo é que se tornem "multiplicadores" e, para comprovar que estão fazendo tudo certo, devem plantar algumas mudas, que recebem nestes diferentes lugares, em suas casas, "e eles tem que verificar, porque fazemos inspeções". A projeção era de que em

2014 estas crianças estivessem formadas e pudessem participar, de alguma forma, dos jogos da Copa em Manaus, para dar o exemplo.

O Peladão é, assim, nas palavras de Arnaldo, uma "cidade em movimento", por conta do grande número de pessoas que, de modo indireto ou direto, participam do campeonato. O cálculo é feito pelo próprio diretor geral da competição: multiplique 30 mil pessoas – os participantes inscritos – por três – os familiares e amigos ligados a essas pessoas – e você teria cerca de 100.000 pessoas, ou seja, "uma cidade inteira" ligada de forma direta ou indireta ao campeonato.

A partir dos relatos de Messias Sampaio e de Arnaldo Santos fica claro que o surgimento do Peladão tem relação direta com as transformações que ocorreram em Manaus a partir dos anos 70. A inserção de Manaus nos projetos de desenvolvimento econômico do governo Brasileiro causou forte impacto na paisagem urbana da cidade. Foi neste contexto que a ideia de organizar um grande campeonato de futebol surgiu e foi acolhida por todos aqueles que passaram a participar do evento (políticos, industriais, comerciantes, trabalhadores, entre tantos outros). Além disso, tanto as mudanças que ocorreram na gestão de Messias Sampaio quanto – e principalmente – aquelas que tiveram lugar na gestão de Arnaldo, parecem ter relações com certa perspectiva sobre as transformações ocorridas em Manaus nos últimos 40 anos. É comum, portanto, em conversas com vários agentes que participam do campeonato, surgir uma oposição clara entre o "Peladão de antes" (Messias) e o "Peladão de agora" (Arnaldo) elaborada a partir de argumentos que buscam sintetizar estes dois momentos. Trata-se de narrativas centralizadas numa categoria bastante utilizada para descrever as transformações que ocorrem, sobretudo, nos meios urbanos: a ideia de *modernização.*

São recorrentes, por exemplo, a afirmações como: "O Arnaldo Santos não sabe de nada, ele destruiu o Peladão", proferida desta forma por um ex-jogador do time Arranca Toco, campeão do torneio em 1978. Nesta conversa, que se deu no bar Sindicato F.C, localizado no bairro do Educandos, antiga sede da equipe, e na qual estiveram presentes os presidentes e jogadores do Arranca Toco, foi insistentemente afirmado que o Peladão "de agora" perdeu "o espírito": não é mais uma grande festa, "de verdade, do povo, mesmo", como antigamente. Hoje, aliás, o campeonato viveria uma espécie de profissionalização, dominado pelas equipes "grandes", patrocinadas por

alguma pessoa ou empresa, que contratam jogadores, comissão técnica, massagista, preparador físico. O campeonato teria se *modernizado*.

A ideia de que o Peladão "de antes" era mais popular também ressoa. Tanto no sentido de que havia menos equipes profissionalizadas, o que deixava mais espaço para os times de bairro, de rua, de família; quanto em outros significados que a palavra "popular" engendra, sendo o mais comum o de que era possível burlar, com facilidade, as normas. Muitos jogadores mais velhos com os quais conversei, ou mesmo treinadores mais experientes, afirmaram que, antes, era possível inscrever o mesmo jogador em muitos times diferentes, ou que era bastante fácil fazer jogadas de bastidores, como comprar um juiz, um membro da comissão disciplinar.

A dimensão festiva do Peladão é outra das principais bases comparativas entre as duas gestões. Muitos lembram, com nostalgia, das grandes festas de abertura, consideradas "realmente populares", que aconteciam na Avenida Eduardo Ribeiro, no Centro de Manaus. Havia grandes desfiles, do qual participavam diversos times com suas rainhas.

O árbitro mais antigo do Peladão, Paulo Jorge de Morais Rodrigues, o famoso Paulinho do Peladão, que apita no campeonato desde 1972 e que foi membro da coordenação na época de Messias Sampaio e em parte da gestão de Arnaldo Santos, também lembra que, anteriormente, havia menor exigência com o equipamento obrigatório: só era necessário que o time se apresentasse com uma camisa e um calção, sendo que as camisas deveriam ser da mesma cor – hoje são necessários calções e camisas padronizados. Muitos jogavam descalços, em campos de terra sem iluminação, cerca ou alambrado.

Assim como tantas outras pessoas com as quais conversei, Paulinho afirma que "o Peladão se *modernizou*" na gestão de Arnaldo Santos, tornando-se menos "popular". O enrijecimento no cumprimento das regras, a recente exigência do pagamento de 200 reais para se realizar um protesto contra outra equipe e a entrada dos traficantes que passaram a comandar diversos times são, em sua opinião, os principais sintomas dessa *modernização*. Paulinho, que elaborava todas as tabelas de todos os jogos na gestão de Messias Sampaio, lembra que, em 1978, o campeonato contou com a inscrição de 1892 equipes, que jogaram em suas três categorias: o *Principal*, o *Paralelo das rainhas* e o "*Paralelo político*" – nome dado para aquele torneio paralelo montado pelas equipes

que apoiavam a candidatura de Messias Sampaio (e que Messias afirmava ser o *Paralelo de bom comportamento*).

José Carlos Pereira, atual coordenador do *Peladão Indígena*, dono da equipe Apolo Clube e fundador da Liga Desportiva do bairro de Petrópolis, endossa os argumentos de Paulinho. No entanto, Carlos não entende que essa *modernização* do Peladão signifique uma piora no campeonato. Ele diz que se, antes, o Peladão era mais popular hoje, certamente, o torneio não é utilizado para fins políticos, uma vez que há maior controle sobre o cumprimento das regras. Carlos me mostrou as diversas carteirinhas de inscrição que coleciona desde sua primeira participação no campeonato, nos anos 80.

**Figura 1- Carteirinhas do Peladão da gestão de Messias Sampaio utilizadas como veículo de propaganda de empresas e da candidatura do coordenador para vereador.**

Muitas outras pessoas com as quais dialoguei nas bordas dos campos de futebol e nos bares de Manaus onde os boleiros se concentram após as partidas afirmavam,

também, que o Peladão melhorou com a entrada de Arnaldo Santos. Essa *modernização*, aí, toma um caráter positivo. São comuns os discursos que criticam a gestão de Messias Sampaio por considerarem que, naquela época, o campeonato era um palanque político para o vereador, o que autorizava a manipulação de resultados em favor de equipes que o apoiavam. O Peladão, hoje, estaria mais "limpo", sem "roubalheira".

Não é relevante, aqui, se há veracidade ou não nas acusações ou defesas em favor de um ou de outro diretor do campeonato. O que interessa, antes, é, como já citado, a clara oposição que se realiza entre o "Peladão de antes" e o "Peladão de agora", tendo-se em vista que esta oposição é mediada pela categoria *modernização*. O Peladão, como ambos diretores afirmam, surgiu em um momento de grande mudança na cidade de Manaus, quando se deu o surgimento da Zona Franca e o início do grande fluxo migratório para a capital do Amazonas. Assim, o campeonato acompanhou as transformações que ocorreram na cidade nos últimos 40 anos.

Foi uma dada conjuntura histórica que levou a Direção do Jornal A Crítica a convidar Arnaldo Santos para coordenar o campeonato e, mais do que isso, a autorizar as mudanças radicais que parecem ter sido postas em prática por esta gestão. Se, antes, a abertura era um grande desfile popular na Avenida Eduardo Ribeiro, ou no bairro da Ponta Negra, hoje é um grande espetáculo, com a apresentação de conjuntos musicais, do hino nacional, do juramento do atleta e um grande desfile de rainhas num palco cercado por telões de última geração. Se, antes, os jogos eram em campos de futebol espalhados por terrenos baldios e orlas de rios, hoje são campos comunitários, que mais parecem uma pequena abertura em meio a tantas casas. Se, antes, as relações informais de troca – possivelmente dominadas por interesses políticos – organizavam o andamento do campeonato, atualmente é por meio de regras rígidas que se busca nortear as ações dos participantes. Se na gestão de Messias Sampaio não havia uma distinção tão clara entre os times "de bairro" e os "profissionalizados", nos últimos anos esta distinção parece ter se formalizado, com a entrada de novos atores no cenário: os traficantes e os grandes comerciantes. Parece que, quando realizada, na maioria das vezes de forma nostálgica, esta oposição entre o "Peladão de antes" e o "Peladão de agora" – ou *moderno* – o que está havendo é uma reflexão intensa sobre Manaus, as mudanças que nela ocorreram e as variadas formas de se viver nessa cidade atualmente.

Como afirma Latour (1994), a ideia de modernidade é centrada, principalmente, sob a lógica da *purificação*, ou seja, da exclusão, nas narrativas, das quase-coisas, dos *híbridos* que organizam, "por debaixo dos panos", as relações entre humanos e com os não-humanos. É, portanto, compreensível que esta seja a categoria mobilizada para se interpretar as mudanças ocorridas na gestão do Peladão a partir da entrada de Arnaldo Santos, uma vez que a esta coordenação busca gerir as relações que organizam o campeonato normatizando e purificando tudo o que seja possível, desde a inscrição no campeonato até sua separação em diversos naipes: por idade, por gênero, por etnia, através de uma moralidade que gera regras rígidas, que redundam em números exatos, que expressam, por sua vez, aquilo que é o Peladão:

> Foi o ano que eu digo para a minha equipe: nós temos que entender como era o Peladão e, ao mesmo tempo, começar a impor a maneira como nós entendemos isso. Então você vê, por exemplo: noventa e oito: quinhentos e vinte e seis. Noventa e nove: quinhentos e sessenta. Dois mil: quinhentos e vinte e dois. Dois mil e um: seiscentos e trinta e sete. Dois mil e dois: aqui, olha só, dois mil e dois, nós tivemos oitocentos e seis times. Só o *Peladão*! Também foi o maior boom que nós tivemos. Porque depois, voltou. A média é em torno de quinhentos, quinhentos e cinquenta. Em dois mil e onze: quinhentos e trinta. Agora, isto aqui, esses números, e isso é que é importante, esses números são números reais, são números que estão dentro do regulamento. (...) Eu só considero inscrição quem atingiu todos os itens do regulamento: se faltar uma fotografia, não é colocada. Isso é uma coisa louca, que nós fazemos aqui! Exatamente para isso, porque, quando eu digo pra você, eu atingi oitocentos, eu tenho ficha de tudo isso! Porque nesse ano aqui, você quer ver uma coisa, olha aqui, dois mil e dois, olha aqui, número de atletas inscritos: vinte mil seiscentos e um atletas. Então, eu tenho vinte mil fichas, com a fotografia do cidadão, com a xerox da carteira de identidade!

Não é de se estranhar que a gestão pós-Messias Sampaio do campeonato aja dessa forma. A narrativa da modernização teria que se tornar predominante num campeonato que mobiliza uma cidade que se tornou metrópole. Com suas grandes avenidas, seus novos prédios, seu transporte público caótico, seu trânsito intenso, seus grandes shoppings centers, seu famoso teatro, sua imensa área industrial, sua nova Arena de futebol e quase nenhuma árvore na rua, Manaus é uma cidade que se propõe *moderna* aos olhos do mundo e de seus habitantes. Essa *modernidade*, quando formalizada em palavras, e quando avaliada por aqueles que vivem em Manaus, mostra seus prós e contras. O Peladão *se modernizou* porque a cidade é moderna, e a cidade se modernizou, porque o Peladão é moderno. No entanto, como ainda afirma Latour, o

discurso da *modernidade*, na verdade, busca esconder as relações firmadas por práticas consideradas não modernas e que ainda presidem a ação humana.

Por mais que se construam ruas, por mais que se construam arenas e por mais que se busque normatizar as relações dos humanos e não-humanos em ambientes com regras rígidas (e, ao mesmo tempo, dominado por um pretenso caos urbano), que escondem as quase-coisas; os *híbridos* teimam em aparecer quando olhamos, *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002), para as relações que os agentes da cidade tecem entre si, realizando trocas das mais diversas e negociando suas vidas na metrópole. Circulando – aqui, por meio do futebol, mas poderia ser por tantos outros motivos – a vida na cidade toma corpo, adquire sentido, e aqueles que circulam *habitam* (INGOLD, 2000) seu meio de forma propositiva, alterando a paisagem urbana e negociando com a cidade, em suas caminhadas e em seus toques de bola.

## 2. Do Peladão Indígena ao Peladão: uma trajetória metodológica.

Foi em fevereiro de 2009, junto a dois pesquisadores do LabNAU[24], que realizei minha primeira incursão a campo à cidade de Manaus. Nosso principal objetivo era estabelecer o primeiro contato com indígenas residentes na capital, uma vez que iniciávamos, ali, um projeto de pesquisa que tinha, entre seus eixos, a realização de "uma etnografia de formas de lazer e modalidades de uso do tempo livre nos espaços de sociabilidade da população indígena nas cidades da Amazônia como modo de abordagem inovadora dos processos de incorporação da vida urbana pelas populações nativas." (PROCAD-CAPES, Edital nº 01/2007).

O outro objetivo era explorar a cidade em busca de conhecer algumas de suas particularidades, apontar quais possíveis recortes analíticos poderiam render nas próximas visitas, porque somente com algum conhecimento acerca da dinâmica urbana de Manaus poderíamos ter algo a dizer sobre a presença indígena naquela metrópole. Assim, frequentamos igrejas, mercados, feiras, bares, casas de show, albergues, barcos, praças... caminhamos através dos diversos bairros de Manaus, do centro à periferia, entrando em contato com muita gente.

No entanto, logo que chegamos à capital manauara percebemos como seria difícil delimitar, precisamente, quem seria ou não indígena. Manaus é uma cidade extremamente cosmopolita e heterogênea. Bastava uma rápida circulada por suas ruas para reparar nas tantas pessoas com feições indígenas, mas também naqueles com sotaque nordestino, sulista, paulista, carioca, para não dizer dos estrangeiros, como os europeus e norte americanos – os gringos –, além dos chineses com seus restaurantes e dos japoneses com suas lojas de variedades.

Resolvemos, então, procurar de forma mais direcionada pelos índios, que tantos diziam saber que por lá viviam, mas que quase ninguém conhecia: visitamos a Universidade Federal da Amazônia (UFAM), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI),

[24] O Grupo de Etnologia Urbana do LabNAU (GEU/LabNAU) é atualmente composto por seis pesquisadores além de mim e do coordenador José Guilherme C. Magnani: José Agnello Alves Dias de Andrade, Yuri Bassichetto Tambucci, Ana Luísa Sertã Almada Mauro, Marielli Bimbatti Mazzochi, Tiemi Kayamori Lobato da Costa e Ana Letícia de Fiori. A primeira expedição para a capital amazonense foi realizada por mim, José Agnello e Yuri Bassichetto.

o Museu do Índio e até mesmo uma comunidade que se auto-declarava da etnia Tikuna, localizada no bairro Cidade de Deus, na periferia da cidade. Nesta comunidade fomos recebidos com muita desconfiança, uma vez que a liderança local dizia não querer manter relações com acadêmicos, que os visitavam, perguntavam, incomodavam e depois nunca mais apareciam com qualquer tipo de retorno positivo para o grupo – nem mesmo com o resultado final de suas pesquisas.

Já começávamos a sentir certo desânimo quando fomos informados, por uma freira que nos recebeu no Museu do Índio, no centro da cidade, sobre uma comunidade Sateré-Mawé localizada no bairro da Redenção, próxima ao aeroporto Eduardo Gomes. Tomamos o ônibus da linha 208, que sai do centro e, após uma viagem de cerca de 40 minutos, fomos informados pelo cobrador que aquele era o ponto da "comunidade indígena". Descemos, assim, na rua Comandante Norberto Von Gal, em frente à uma grande cerca de bambus na qual estava presa uma placa com os dizeres: "Comunidade Indígena Sateré-Mawé Y´apyrehyt – Bem vindo".

Foi o próprio *Tuxaua*[25] da comunidade, Moisés Sateré, quem nos recebeu. Desenvolvemos com ele uma boa conversa, fomos levados para conhecer a aldeia, foram-nos contadas algumas histórias e, parecendo animado com a perspectiva de formular alguma aliança conosco, Moisés nos mostrou uma dissertação, em capa dura, que guardava numa pasta, na pequena casinha de madeira que fazia às vezes de escritório da comunidade. Tratava-se da obra de Glademir Sales dos Santos: *Identidade Étnica: os Sateré-Mawé no bairro da Redenção, Manaus-AM* (2008), que abordava diversos aspectos da organização e da vida cotidiana dos Sateré-Mawé que viviam na comunidade *Y´apyrehyt*. A tese retratava, entre outras coisas, o time de futebol da comunidade e tecia algumas considerações acerca de sua participação na *Categoria Indígena* do Peladão. Percebendo minha curiosidade sobre o assunto, o *Tuxaua* desatou a falar sobre os dois times formados pelos moradores de lá, contou do *Hiwy-Wato*[26], que participava do *Peladão Indígena Masculino* e do *Hiwy*[27], que disputava o *Peladão Indígena Feminino*, tendo sido, inclusive, campeão no ano anterior.

[25] *Tuxaua* é o termo que os Sateré-Mawé, assim como muitos outros povos, utilizam para referenciar os chefes, ou coordenadores, dos diferentes coletivos indígenas.
[26] *Hiwy-Wato* significa *Gavião Real*, em Sateré-Mawé.
[27] *Hiwy* significa *Gavião*, em Sateré-Mawé.

Fomos, então, convidados a jogar futebol com os homens da aldeia no campo do Conjunto Santos Dummont, a algumas quadras dali. Também estivemos presentes nos jogos que se desenrolaram numa pequena vila, localizada às margens do Igarapé Tarumã-Açu, entre os indígenas e os ribeirinhos, e visitamos o campo de futebol utilizado pelas mulheres – que contava com um playground no qual as crianças brincavam enquanto suas mães jogavam bola. No ano seguinte, em 2010, já como pesquisador do *Peladão Indígena*, fui aos jogos do campeonato, que se desenrolaram na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), nos meses de outubro e novembro. A prática do futebol pelos Sateré-Mawé de Manaus surgiu como um assunto que abria as portas para conversas sobre questões variadas: desde querelas ou alianças familiares, até diferentes representações do que seja viver na cidade, em meio ao outro – ao *branco*. E foi dessa forma, um tanto quanto inusitada, que entrei em contato com o Peladão.[28]

### 2.1. A prática do futebol no cotidiano: formando o circuito.

Foi ainda nessa primeira incursão à campo que Moisés Sateré nos convidou para um retiro que se daria no carnaval. As famílias do *Tuxaua* e de seus irmãos que vivem em Manaus são evangélicas. De acordo com nossos interlocutores, o carnaval significava um momento de "perigo", pois traria consigo a bebida, a violência. O objetivo dessa viagem, portanto, era se afastar disso tudo, entrar em contato com a natureza, com Deus. O retiro se deu na comunidade Hywy, localizada às margens do igarapé Tarumã-Açu, na zona rural da capital manauara, onde vivia Dona Teresa, avó de Moisés e matriarca daquela família Sateré-Mawé. Logo que chegamos à comunidade, após um percurso de cerca de trinta minutos de voadeira[29] pelo igarapé, Moisés reuniu toda a família e fez seu primeiro discurso, no qual pedia que todos ajudassem na organização do evento – que duraria quatro dias – e no qual recomendava, também, diminuir um pouco o futebol que, por ser um esporte muito violento, trazia a raiva, a briga e, portanto, o inimigo.

[28] A pesquisa que realizei sobre o Peladão Indígena resultou em dois relatórios de iniciação científica: CHIQUETTO, Rodrigo (2010). *Etnografia das modalidades de uso e apropriação do espaço e instituições urbanas.* Financiado pela pró-reitoria de graduação da USP. CHIQUETTO, Rodrigo (2011). *Futebol de índio: etnografia sobre a apropriação do ambiente urbano por populações indígenas através do futebol*. Financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

[29] Voadeira é o nome da pequena embarcação motorizada utilizada por ribeirinhos para circularem pelos igarapés amazônicos.

Todos ouviram atentamente e concordaram com as palavras do jovem *Tuxaua*. No entanto, já no segundo dia do retiro surgiam comentários, de muitos ali, homens e mulheres, sobre sua vontade de jogar bola e não demorou até que fosse marcada uma partida numa comunidade ribeirinha próxima. Entre os cultos, que chegavam a acontecer até quatro vezes no mesmo dia, o futebol – o inimigo – teve seu lugar.

Era cada vez mais claro o papel deste jogo no cotidiano daqueles Sateré-Mawé. Pelo menos quatro vezes por semana os homens da comunidade vestiam suas chuteiras e iam até o campo de futebol do bairro Santos Dummont – a três quadras da comunidade – jogar uma pelada com outros rapazes das redondezas. As mulheres não ficavam atrás e, lideradas por Sara, esposa de Nilson – irmão de Moisés e *Vice-tuxaua* – faziam seu percurso até o campo do bairro da Redenção, próximo dali, no qual jogavam com outras mulheres não indígenas. Eram comuns – e ainda são – as viagens para as comunidades ribeirinhas do igarapé Tarumã-Açu, motivadas por certames marcados com os parentes que vivem por aqueles lados.

De modo que, já num primeiro momento, era claro que a prática do futebol articulava uma extensa rede de amizades e parentesco, fortalecendo alianças e engendrando disputas daquelas pessoas com os tantos outros com os quais conviviam na grande cidade. Com o objetivo de jogar uma Pelada, os Sateré-Mawé circulam pela metrópole e para além dela. O futebol é uma das práticas – assim como o artesanato e o ritual da tucandeira – que motivam e configuram um certo padrão de circulação pela cidade. Trata-se de um *circuito* (MAGNANI & ANDRADE, 2013) Sateré-Mawé, cujos principais nós são as seis comunidades criadas pelas filhas de Dona Teresa (*Y´apyrehyt, Waikiru, Hywy, Inhaã-bé, Sahu-Apé, Waranã*), localizadas na capital manauara e em cidades vizinhas[30]. Os campos de futebol localizados no entorno e dentro dessas comunidades são um espaço privilegiado de agregação daqueles que caminham por este *circuito*. Assim, quando há um visitante na comunidade *Y´apyrehyt*, ele é imediatamente convidado para jogar bola com seus anfitriões. Do mesmo modo, ao visitar seus parentes, os Sateré-Mawé de *Y´apyrehyt* são convidados para uma, ou mais, partidas de futebol. O campo funciona como um anexo da comunidade, e é lá que a pessoa deve ser recebida e realizar algumas de suas primeiras trocas com os indígenas: trocas de passes, de elogios, de zombarias. Além disso, por meio dos diversos torneios

[30] *Y´apyrehyt, Waikiru, Hywy* e *Inhaã-bé* são localizadas no município de Manaus. *Sahu-Apé* foi construída no município de Iranduba e *Waranã* em Manaquiri.

de bairro disputados por alguns dos Sateré-Mawé (Sara e Nilson, principalmente), há uma circulação que extrapola este *circuito Sateré*. Na verdade, por meio de futebol, além de configurarem seu próprio *circuito*, estes indígenas também se inserem em outros *pedaços*, fazem parte de outros *circuitos*, como, por exemplo, do *circuito* do futebol de Manaus – mais amplo, pelo qual circulam equipes e jogadores que disputam outros torneios e/ou naipes do Peladão.

Em minha segunda visita a Manaus, em julho de 2009, fui convidado, novamente, junto aos outros pesquisadores que me acompanhavam, para um novo certame na comunidade ribeirinha próxima de Hywy. Durante este jogo, num campo esburacado, tanto eu quanto o outro pesquisador, José Agnello, torcemos o pé. Nossa relação com os Sateré-Mawé nunca mais foi a mesma: sempre de modo amistoso e zombeteiro, nossos interlocutores recordam-se deste dia, lembrando nossa forma engraçada de correr, nosso acidente, nosso "jeito paulista". Através de um diálogo corporal, que se deu por meio da prática do futebol, fomos identificados enquanto sendo "alguém" em específico, pessoas com as quais certos signos podem ser trocados e, também, com as quais certos cuidados devem ser tomados – por nossa suposta fragilidade física, principalmente.

Cerca de um ano depois, no primeiro seminário realizado no âmbito do PROCAD, a exposição do antropólogo Marcelo Florido[31], sobre sua pesquisa com o povo Deni, tomou um caminho inesperado: ao mostrar fotos de sua incursão a campo, que traziam diversas cenas cotidianas da uma comunidade indígena, pôde-se reparar na quantidade de imagens que os retratavam jogando futebol. Quando foi aberta a primeira rodada de perguntas, o Prof. Magnani levantou a mão e o questionou acerca deste curioso detalhe. Marcelo respondeu, abrindo um sorriso, que "o futebol é central na vida deles". Depois completou com algumas informações: ele, como estrangeiro, teve de jogar bola logo que chegou na aldeia e só depois passou a ser considerado "humano". Sua condição de branco, disse, colocava-o em um patamar diferenciado, pois, de acordo com os Deni ele sempre jogava bem, independentemente de ter sido um "perna-de-pau" a vida inteira. O futebol era jogado todos os dias, no campo ao centro da aldeia. Sempre que um estrangeiro chegava, se jogasse futebol seria muito bem recebido.

[31] FLORIDO, Marcelo Pedro. *Um esboço etnográfico da vida social Deni o Cuniuá e o mundo dos brancos.*

Logicamente, não é possível transpor, para a vida dos Sateré-Mawé de Manaus, a concepção do que seja o futebol para os Deni. No entanto, algumas coincidências entre ambas as situações merecem atenção. No limite, poder-se-ia afirmar que, tanto para Sateré quanto para Deni, o futebol é um meio fundamental de inserir o *outro* em seu próprio mundo.

Além disso, o futebol poderia ser, também, um meio de inserir-se no mundo do outro, como ficou claro numa conversa que tive com uma liderança Sateré-Mawé, em Manaus, no campo da comunidade *Y´apyrehyt*, no qual estava sendo organizado um treino para o *Peladão Indígena*:

> (Jecinaldo) comentou que, na aldeia, eles fazem muito exercício, pois acordam cedo para caçar (descreveu todo o processo de caça: saem com os cães, depois perseguem o latido, acham a presa... se for um veado, empurram para o lago, e enquanto ele está nadando, um prende ele pelos chifres enquanto o outro corta sua garganta), depois almoçam uma comida muito substanciosa, depois, a tarde, jogam bola. Na cidade, o único momento que tem para se exercitar, segundo ele, é jogando bola. (Trecho de caderno de campo, julho de 2009, in **Cadernos de Campo: compilação I**)

Em seu livro *Lógicas do* futebol (2002), Toledo diferencia o momento ritual do futebol, o jogo propriamente dito, como sendo "um acontecimento em que identificações, oposições e contrastes se explicitam a partir da noção de drama, evidenciando processos identitários arraigados e negociados", daquele futebol jogado na "esfera cotidiana" que, no campo do futebol profissional, se daria no momento do treino, em "que tais oposições, identificações ou contrastes engendram-se como processos abertos e inacabados de construções das representações consolidadas no ritual (TOLEDO, 2002: 157).

Seguindo este ponto de vista, pode-se afirmar que, enquanto na esfera da vida cotidiana os Sateré-Mawé jogam bola para "se exercitarem", ou para encontrarem os amigos e os parentes, num processo continuo de elaboração de seu próprio *circuito* e de inserção nos circuitos de outrem, é no contexto do Peladão Indígena que aquelas questões relativas a relação com *outro* ("a inserção do outro na minha vida" e "a minha inserção na vida do outro") assumem um caráter dramático e ritualizado. É, portanto, nos jogos deste campeonato que certos signos são reorganizados e são carregados de

tensões que tornam mais explícitas algumas das questões que permeiam e dão sentido a suas ações no ambiente que habitam.

### 2.2. O Peladão Indígena

> O primeiro dia que foi lá na universidade, eu vi uma coisa que depois o próprio Terena me disse assim: "poxa Arnaldo, eu vivi muitos anos lutando para que a gente pudesse conversar, ter as famílias juntas e pudesse ajudar nesse sentido, e eu estou vendo hoje uma coisa, quer ver? Vamos lá pra fora pra você ver." . Ele que me chamou a atenção. Era uma verdadeira romaria! Naquela entrada da universidade: eles vinham de ônibus e vinham caminhando. (...) E nós vimos, assim, as pessoas sentadas debaixo da árvore, as famílias, aquelas coisas todinhas, esperando... Eles passavam o dia todinho ali, dentro da universidade! (Arnaldo Santos, entrevista concedida em setembro de 2010, in **Cadernos de Campo: compilação I**)

O *Peladão Indígena Feminino* e o *Peladão Indígena Masculino* são duas categorias do Peladão que, juntas, formam o *Peladão Indígena* – um evento anual que tem lugar nos campos 01 e 02 da Universidade Federal do Amazonas.

Aos domingos dos meses de outubro, novembro e dezembro, estes dois campos são ocupados, das 9h às 16h, por algumas dezenas de pessoas que, em sua maioria, se dizem indígenas e fazem parte de algum time de futebol cujo nome faz referência a alguma etnia indígena. O campeonato existe desde 2005 chegando, portanto, à sua oitava edição em 2013. Foi idealizado por Arnaldo Santos, diretor geral do Peladão, e Jorge Terena, importante liderança indígena, falecido em 2007.

Até 2008 o *Peladão Indígena* contava com um regimento próprio, com regras especiais e ficha de inscrição própria. A partir de 2009 o *campeonato indígena* foi integralmente assimilado pelo Peladão, o que significa que seu livro de regras e sua ficha de inscrição passaram a ser os mesmos de todas as outras categorias. A justificativa para isso é simples: tendo sido estipulado um prêmio para os vencedores, em conjunto com a possível inclusão do campeão masculino entre os finalistas do *Peladão*, tornou-se necessária a unificação das regras.

Foi a partir desse ano, então, que os(as) vencedores(as) do *Peladão Indígena* passaram a receber o prêmio de mil reais e os(as) vices passaram a receber quinhentos reais. O campeão do *indígena masculino* passou a ser classificado para o triangular no qual joga contra o campeão do *Paralelo das rainhas* e, obtendo a vitória, confronta o campeão do *Interior*. Caso vença, é reservada para ele uma vaga nas oitavas de final do *Peladão Masculino*, o que significa a disputa pelo prêmio deste – um carro popular. Nunca nenhum time indígena chegou às oitavas de final do *Peladão*, mas é importante ressaltar que a *categoria indígena* se apresenta, atualmente, segundo Arnaldo Santos, como "o caminho mais curto para o carro", uma vez que é necessário um número muito menor de vitórias para se chegar às finais por meio deste naipe do que pela fase de grupos do *Peladão* (da qual participaram, em 2012, 530 times).

Mesmo que haja a premiação e a possibilidade de se disputar o campeonato principal, ficou claro, desde o começo, que não eram estes os principais objetivos daqueles que iam aos campos da UFAM nos finais de semana jogar bola. De saída, poder-se-ia afirmar que o *Peladão Indígena* era, no mínimo, um evento fundamental para que todos ali atualizassem sua situação social frente aos outros: através da formação dos times eram reafirmadas as relações de amizade e afinidade; por meio da venda de produtos, se colocava em circulação objetos de troca; as lideranças se encontravam e refaziam ou desfaziam alianças

Nos dias de jogo, ao chegarem no campo 02, preferido por todos por ser cercado por um bosque que proporcionava uma boa sombra, os diferentes coletivos indígenas escolhiam um canto para se estabelecerem. Muitos abriam seus isopores, de onde tiravam comidas e bebidas; abriam também mesinhas, cadeiras e, eventualmente, prendiam uma rede entre as árvores do bosque. As lideranças, vestidas de seus cocares, iam se encontrando e conversando por algum tempo. Algumas rodinhas de "bate-bola" se formavam pelas bordas do campo de barro. Havia também os que dispunham mercadorias, como bolachinhas, bebidas, marmitas, artesanatos. Crianças, mulheres, homens se apropriavam, assim, daquele espaço, tornando-o seu próprio *pedaço*.

Os jogos eram sempre muito competitivos. Os indígenas se vangloriavam por seu *estilo* específico de jogar futebol: com velocidade e com muita raça. Todos ali diziam que seus times eram formados por seus parentes.

Essa afirmação, no entanto, contrastava com as reclamações da grande maioria dos jogadores e lideranças das diversas equipes que, quando perdiam suas partidas, afirmavam, categoricamente, que o outro time havia vencido por ter jogadores *brancos* em seu plantel.

A relevância dessa questão se tornou clara quando, numa tarde de 2009, tendo findado o último jogo do dia, fui conversar com uma moça que se diferenciava de todos os outros por conta de sua grande barraca, que contava com sucos, comidas variadas e até mesmo kit de primeiros socorros. Ela se chamava Mara Kambeba e era a viúva de Jorge Terena. Em seu entorno, algumas lideranças debatiam com muita seriedade.

Diziam, inconformados, que o FUNAI FC, à época campeão do *Peladão Indígena Masculino*, não era um time "de índio", pois todos ali eram *brancos*. O líder da equipe Pirayowara acusava, igualmente, o time feminino da comunidade Sateré-Mawé Y´apyrehyt, o *Hiwy*, então campeão do *Peladão Indígena Feminino*. Ele dizia "não precisar disso", pois estava lá era pra jogar e não tinha necessidade de ficar colocando jogadores *brancos* só pra ganhar. Denísio, técnico da equipe Tikuna, afirmava que em seu time todo mundo era indígena, bastava olhar para a fisionomia (todos baixinhos e velozes). Mara, finalmente, comentou que a coordenação estudava meios para conseguir ter mais controle sobre os não-índios que participavam. Disse que cogitavam a obrigatoriedade de apresentação do Registro de Administrativo de Nascimento Indígena no ato de inscrição, mas lembrava que o "RG indígena é muito fácil de tirar [falsificar]".

Tais acusações se tornavam mais comuns na medida em que me familiarizava com as diferentes lideranças das equipes e seus jogadores, e entrávamos em conversas mais longas sobre os jogos, times, amizades, alianças. Era cada vez mais comum ouvir muitos ali reclamando das equipes rivais, acusando-as de quebrarem as regras agregando *brancos* ao seu plantel, ao mesmo tempo em que, após algum tempo de conversa, passavam a assumir, em tom de segredo, ter também jogadores *brancos* em seus times.

O procedimento para a montagem da equipe masculina *Hiwy-Wato*, da comunidade Sateré-Mawé *Y´apyrehyt*, por exemplo, deixava claro que havia todo um mecanismo de parentela e amizades que abria precedentes para a inclusão de não índios. Após uma longa conversa, Nilson, o *vice-tuxaua*, acabou afirmando que não conhecia

muitos jogadores de seu time. Disse que, na verdade, quem havia montado a equipe tinha sido o irmão de sua esposa e que Moisés havia, somente, autorizado e assinado a ficha de inscrição. O cunhado de Nilson, por sua vez, argumentou, defendendo-se das acusações que lançavam contra a equipe que havia montado, que não se pode dizer que chamou *brancos* para jogar em seu time pois, em Manaus, não há como definir quem é índio e quem não é.

A coordenação do campeonato encarava esta questão como um grande problema de difícil resolução. Arnaldo Santos se mostrava bastante contrariado quando questionado sobre a presença de jogadores *brancos* nas equipes indígenas. Dizia que havia tentado, já, diversas estratégias para que no *Peladão Indígena* se inscrevessem somente jogadores "verdadeiramente índios". Ele temia que, com a inscrição dos *brancos*, o campeonato perdesse sua "identidade".

> Este é o problema mais difícil de fazer entender, porque é o seguinte: nós temos as regras, mas nós não podemos chegar e dizer "você não é índio, não vai jogar". O máximo que nós temos trabalhado junto deles é que o campeonato seja indígena, então que eles tenham isso. No campeonato passado, foram estas as medidas que criaram alguns problemas, porque no momento em que nós descobrimos que existe esse arranjo nós imediatamente eliminamos um time. (...) imagina, você colocar, como eles dizem, "irmãos brancos" dentro de um time não faz sentido! Até porque tem os filhos deles que podem jogar, né? (Arnaldo Santos, entrevista concedida em setembro de 2010, in **Cadernos de Campo: compilação I**)

Este ponto de vista expresso por Arnaldo Santos segue uma lógica similar àquela dos diversos órgãos estatais que lidam com a promoção de políticas públicas para os povos indígenas. Como afirma Carneiro da Cunha (2009), trata-se de uma ação que busca delimitar quem é ou não índio para que se efetue a aplicação de diferentes ações governamentais. A autora alega que essa postura acaba por "eliminar índios incômodos" e ignorar os principais critérios de identificação dos povos indígenas aceitos, hoje, pela antropologia: o da autoidentificação e do "reconhecimento do grupo de que determinado indivíduo lhe pertence. Assim, o grupo pode aceitar ou recusar mestiços, pode adotar ou ostracizar pessoas, ou seja, ele dispõe de suas próprias regras de inclusão e exclusão". (CARNEIRO DA CUNHA, 2009 : 247/248)

A inserção dos jogadores não-indígenas no torneio trouxe dores de cabeça para a coordenação principalmente nos primeiros três anos do *Peladão Indígena*, quando somente neste naipe não se cobrava pela denúncia. Até 2009, ano em que as regras foram unificadas às normas do Peladão – e passou a ser cobrado o valor de duzentos reais pela carta-denúncia – ocorria uma batalha "extra-campo", na qual todas as equipes denunciavam todas as equipes de inscreverem jogadores *brancos.* Mesmo que, como lembra Mara Kambeba, estivesse "todo mundo com *branco*".

**MANAUS, 12 de fevereiro de 2007**

**PARA:** Comissão Disciplinar Indígena / Peladão Indígena de Manaus

**DE:** Micilene Ponciano Pereira Tikuna – Presidente do time feminino Eware

**CARTA DENUNCIA**

Nós do Time Eware, na pessoa de seu Presidente a sra Micilene Ponciano Tikuna, vem através desta apresentar a seguinte denuncia: que no dia 11 de fevereiro de 2007 (domingo) ás 11:30 horas do campo N° 1 da Universidade de Amazonas – UFAM, situada na rua: Av. Otávio Rodrigues, Campus Universidade Federal do Amazonas-Manaus se realizou o jogo de futebol feminino, prevista na programação do Campeonato Peladão Indígena de Manaus, entre os times Hywyi do povo sateré e Eware do povo Tikuna, ambos participantes deste evento.

Neste jogo nós nos sentimos prejudicadas, por que o time Hywyi , jogou com atletas **não indígenas, em sua maioria,** infringindo o Regulamento da chave do Campeonato, como assim também desconsideraram as recomendações importantes faltando com o respeito aos seus colegas. As atletas não indígenas que identificamos são:

1.- Cristiane ( filha de um Policial do município de Santo Antonio do Içá) com a camisa N° 7
2.- Sara apenas casada com indígena Nilson Satere, apelidado Pato) com camisa N° 11
3.- Jogadora com camisaN° 01
4.-Jogadora com camisa N° 05
5.- Jogadora com camisa N° 13

Solicitamos urgentemente que seja aplicado as Sanções como reza o regulamento:

1.- Comprovado que o time inscreveu não indígena(s) no time será automaticamente eliminado
2.- Os times que tiveram jogado contra o time eliminado e perdido, receberão os pontos a seu favor.

A espera das sanções ser cumpridas, desde já agradecemos.

Micilene Ponciano Pereira Tikuna
Presidente do Time

Claudia Mendes Carvalho
Capitão do Time Eware Tikuna

Ilson L.Lima
Testemunha

Aldemar Amazonas Affonso
Diretor Técnico

**Figura 2 - Carta denúncia entregue pela equipe Tikuna em 2007, acusando as jogadoras do time Sateré-Mawé de não serem indígenas. Sara, esposa de Nilson, figura entre as acusadas. Por causa dessa denúncia, Sara viajou até sua terra natal e colheu documentos de se**

Porém se, por um lado, as frequentes cartas-denúncia geravam discussões e acusações entre os diversos coletivos indígenas representados no campeonato por diferentes equipes, foi neste contexto que muitos ali passaram a se identificar como indígenas. Sara, esposa do *Vice-tuxaua* da comunidade *Y´apyrehyt*, acusada de ser *branca*, teve de comprovar sua origem Mura indo até sua terra natal e trazendo os documentos de seus pais. Uma senhora, esposa do líder do time Baré, afirmava ter descoberto ser, também, Mura, após casar-se. Um rapaz que vendia bebidas no campo dizia não ser indígena de origem, mas afirmava considerar-se, agora, um Sateré, após ter se casado com uma Sateré-Mawé e passado a participar do *Peladão Indígena* na equipe dos parentes de sua esposa. Ele mesmo chamava todos os outros de "parentes". Outros tantos exemplos foram dados por Mara, enquanto ela me mostrava a ficha de inscrição de sua equipe feminina.

A questão da inscrição dos jogadores não-indígenas no *Peladão Indígena* parece ser um problema que surge a partir de duas formas distintas de lidar com o *outro*. Do lado da coordenação do Peladão, ter-se-ia uma perspectiva firmada, como já dito, a partir de uma lógica *Moderna* (LATOUR, 1994), que busca *purificar* as coisas para agir sobre elas. Pelo lado dos indígenas, pode-se identificar uma ação que joga com os *híbridos*, com as *quase-coisas*, transformando o branco em índio e o índio em branco, de acordo com determinada situação, criando oposições fluidas, significados, ideias sobre o *nós* e o *outro* – ou como diz Vianna, em sua obra sobre o futebol entre os xavante, seria "uma maneira de os índios tensionarem e dramatizarem a oposição *xavante/branco,* experimentando-se na duas posições, transitando entre uma e outra." (VIANNA, 2008: 276)

O futebol aparece, neste contexto, como um *meio-de-campo* que articula estas duas perspectivas. Isso porque ele se organiza numa estrutura simples, ao mesmo tempo em que fornece um vasto repertório de signos que permite o diálogo tanto com aquilo que busca delimitar e *purificar*, quanto com aquilo que busca *misturar*. As diferentes equipes indígenas, quando adotam uma camisa, uma liderança e um nome, apresentam-se em sua forma "pura". Ali está sendo articulada uma identidade indígena: todos são "parentes", todos jogam "do jeito indígena", todos são "fisicamente parecidos". É esta a linguagem que a coordenação do Peladão entende. É também este discurso que atrai uma quantidade imensa de repórteres e estudiosos ao campeonato, e que faz do *Peladão Indígena* a principal plataforma de marketing, hoje, do Peladão.

No entanto, ao burlar as regras repetidamente, inserindo estes jogadores *brancos* em suas equipes, por meio de lógicas específicas que norteiam laços de amizade e de parentesco, os indígenas utilizam-se da potência do futebol enquanto uma prática agregadora, que conta com uma linguagem, nos termos de DaMatta (1994) e Turner (2005), *mutivocal*. A constante preocupação acerca da questão da inserção do jogador *branco*, que coloca em choque diferentes lideranças, jogadores e a própria coordenação do campeonato, pode ser lida, enfim, nos termos de Geertz (1989) como uma narrativa que surge naquele ritual e diz algo importante sobre certos aspectos da vida daquelas pessoas.

Nesse sentido, a figura ambígua do *boleiro* surge como resultado dessa dramatização e dessa tensão criadas no ritual futebolístico engendrado pelo *Peladão Indígena.* Este é o nome dado ao jogador não indígena da equipe rival. A crítica mais comum às outras equipes é: "eles estão jogando bem, porque tem um monte de *boleiros* no time deles".

O *boleiro* é ambíguo, pois se, por princípio, jogaria melhor o futebol, ele também seria mais violento, jogaria "duro", fazendo faltas, reclamando, brigando – exatamente por trazer consigo este espírito competitivo, próprio do *branco*. Além disso, o *boleiro* também teria o costume de levar bebidas alcoólicas ao campo e, quando bêbado, tornar-se-ia mais agressivo ainda.

Diferentemente do *indígena*, que, nesta oposição, seria considerado menos violento, pois encararia o futebol mais como uma "brincadeira". Os *indígenas* não seriam tão habilidosos quanto os *boleiros*, mas jogariam sempre com muita garra, contando com sua *velocidade* como uma habilidade diferencial.

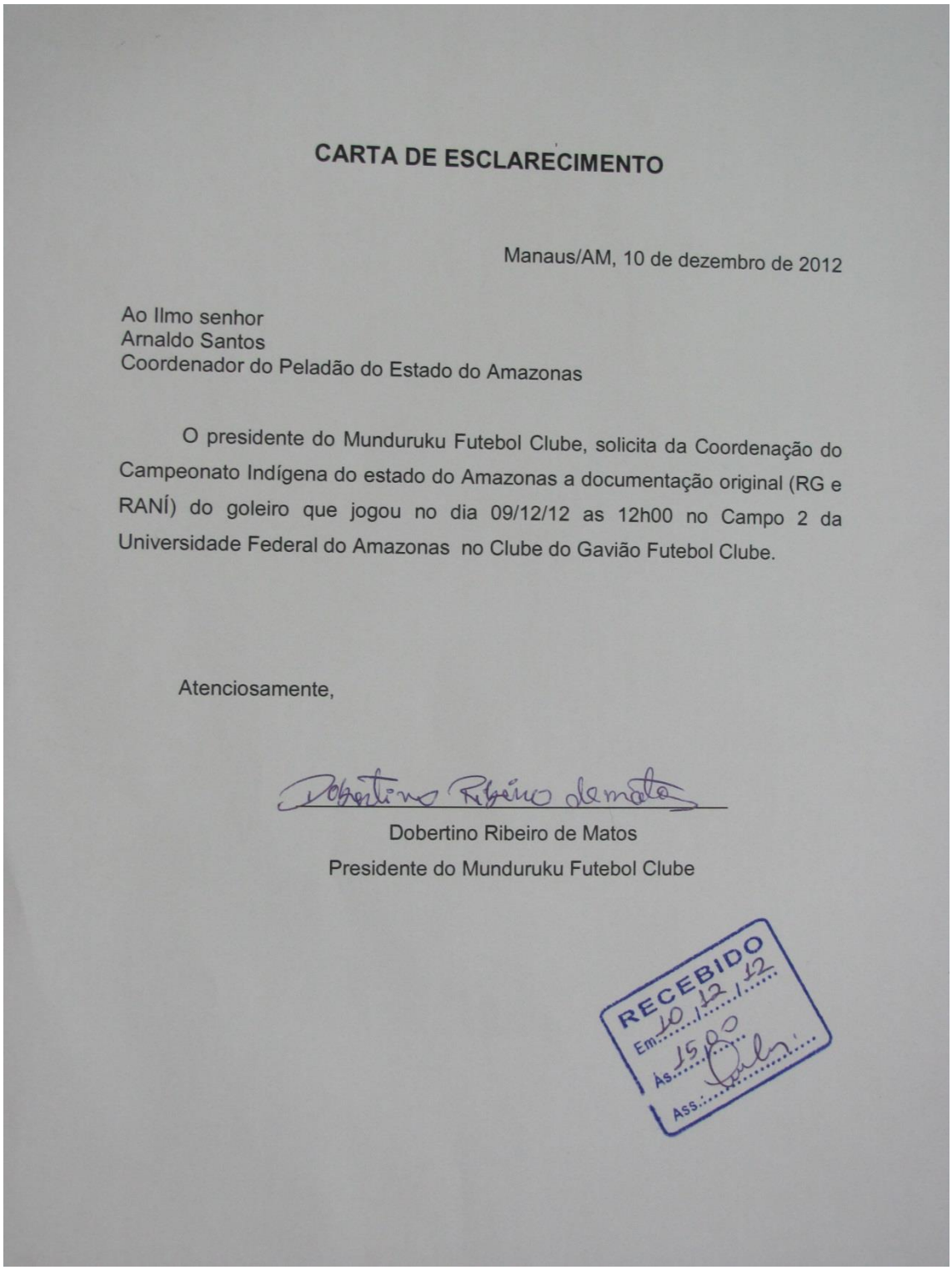
A figura do *boleiro* também surge como um divisor de águas entre o Peladão "verdadeiramente indígena" e um Peladão "que perdeu sua essência". Eram comuns, em 2010, as reclamações, por parte de muitos participantes do campeonato, de que o *Peladão Indígena* havia mudado. A estratégia das lideranças, cada vez mais usual, de inscreverem não-indígenas, denunciava que o principal objetivo teria deixado de ser a "brincadeira" e passado a ser prêmio de mil reais. Os times agora jogavam "uniformizados", "com muita violência". Por conta disso, a grande maioria aprovou a atitude tomada pela coordenação, na edição de 2012, de exigir o Registro Administrativo de Nascimento Indígena para a inscrição no campeonato. Houve uma

diminuição significativa de inscritos neste ano (de 788 jogadores em 2011, para 148 em 2012), mas a categoria indígena teria "voltado a suas origens". Vale lembrar que a edição de 2011 do campeonato indígena quase foi cancelada, segundo Arnaldo Santos, por conta da presença de equipes "totalmente brancas", sem qualquer liderança ou jogador indígena.

Essa nova regra, no entanto, não modificou o padrão de acusação entre as equipes, que continuou a ser o de que "eles estão ganhando porque inscreveram um monte de *boleiros*". Na partida final da edição de 2012, houve uma grande discussão, que quase chegou às vias de fato, por conta das acusações da equipe perdedora, que alegava, para um irritado Arnaldo Santos, saber de um jogador *branco* no time campeão.

Ficou claro que, agora, há um controle muito maior da inscrição de não indígenas por parte das próprias lideranças indígenas. Se alguma equipe inscrever um *boleiro*, será por meio da falsificação do RANI, o que exige certas estratégias e alianças inacessíveis para pessoas de fora dos c*ircuitos.* Mais do que resolver uma tensão simbólica, essa nova norma acabou adquirindo um sentido muito mais prático: se antes havia um burburinho cada vez maior por conta da participação desmedida de jogadores não-índios – o que significava menos poder nas mãos das próprias lideranças -, agora as negociações voltavam a pender para o lado dos indígenas, que adquiriam todo o poder sobre quem iria ou não participar do campeonato.

Ao jogar futebol pelos campos da cidade, os Sateré-Mawé circulam por Manaus, fazendo amizades, alianças e, eventualmente, agregando novas pessoas na sua rede de parentesco, em seu *circuito*. Estes chegados, amigos e parentes, a priori "não indígenas", são convidados para participar do *Peladão Indígena*, pois passam a fazer parte da rede de prestações que o futebol engendra. Uma vez naquele espaço, deixam de ser meramente *brancos*, para passarem a ser *boleiros*, trazendo consigo todas as características nocivas e positivas do *outro* e fazendo parte de disputas que abarcam os diferentes coletivos indígenas entre si e com a organização do campeonato, que se vê às voltas com a constante quebra das normas por parte dos participantes.



CARTA DE ESCLARECIMENTO

Manaus/AM, 10 de dezembro de 2012

Ao Ilmo senhor
Arnaldo Santos
Coordenador do Peladão do Estado do Amazonas

O presidente do Munduruku Futebol Clube, solicita da Coordenação do Campeonato Indígena do estado do Amazonas a documentação original (RG e RANÍ) do goleiro que jogou no dia 09/12/12 as 12h00 no Campo 2 da Universidade Federal do Amazonas no Clube do Gavião Futebol Clube.

Atenciosamente,

Dobertino Ribeiro de Matos
Presidente do Munduruku Futebol Clube

RECEBIDO
Em 10/12/12
As 15:00
Ass.:

**Figura 3 - Carta de esclarecimento encaminhada pelo presidente do Munduruku futebol clube denunciando a participação de um jogador branco no time Gavião Futebol Clube, vencedor do Peladão Indígena 2012.**

Além disso, fica claro que estas tensões têm relação direta com diferentes formas de agir sobre o mundo, principalmente em se tratando das formas de agir adotadas pelos índios e pela direção do Peladão. O futebol aparece, dessa forma, como um jogo que permite o diálogo, pois possibilita, aos indígenas, acessarem uma linguagem própria do mundo *moderno*, sem deixar de se articular a partir de suas próprias regras e costumes. É a presença do *branco*, naquele espaço, então, que faz surgir diversas negociações que apontam para algo mais amplo. A saber: a relação dos índios que vivem em Manaus com os outros com os quais convivem nessa metrópole e as questões que surgem a partir do momento em que agregam este *outro* em sua própria vida, apropriando-se dele ao mesmo tempo em que constituem seus *circuitos* e *pedaços*. Por meio do futebol o índio se torna branco e permanece índio. O branco se torna índio e permanece branco. Os perigos constituintes dessa relação e dessas transformações são explicitados para todos, ali, na figura do *boleiro.*

Quando, no contexto urbano, e em contato direto com o outro, os índios poderiam "perder a sua essência", tornando-se "violentos", "competitivos" e "alcoólatras", eles, na verdade, trazem o branco para seu *circuito*, apropriando-se dele na forma de *boleiro* e tornando-o, muitas vezes, indígena. Esta é parte de suas estratégias para lidar com tais questões, colocá-las *em jogo*, e refletir sobre diferentes formas de contorná-las, em meio à disputa futebolística.

### 2.3 Do Peladão Indígena para o Peladão

Na sequencia desta pesquisa, agora focada nas outras categorias do Peladão, pretende-se apresentar de que modo as diferentes formas de viver o futebol se relacionam com distintas possibilidades de circulação pela cidade. Estas *formas de circulação*, alocadas dentro de um grande *circuito do futebol* (a Manaus do futebol), apontam para varias possibilidades de apropriação e significação do espaço urbano.

A relação entre o futebol jogado na esfera cotidiana, espaço para negociações mais abertas; e o futebol ritualizado, no qual as diversas tensões tomam um caráter dramático, gerando narrativas mais bem acabadas; será, como espero ter sido possível demonstrar, um dos principais objetos da análise. De que modo a cidade é *habitada* (INGOLD, 2000) nestes dois momentos? Se o futebol pode ser entendido como um *meio-de-campo* entre os *habitantes* da cidade e a própria cidade, há diversas

possibilidades de significação do jogo, tanto em sua vivência cotidiana quanto naquelas mais dramáticas, que variam de acordo com as especificidades de cada coletivo.

É neste sentido que o *Peladão Indígena* informa o ponto de vista etnográfico desta pesquisa. A relação entre o indígena e o *boleiro* reproduzia e recriava, no campo de jogo, questões de grande importância presentes na relação daqueles coletivos com os outros agentes do meio urbano. Os conflitos que os indígenas encontram nos variados espaços de suas vidas: com o estado, com os familiares, com os outros coletivos indígenas e não indígenas, se davam, no Peladão, em torno da polêmica, sempre presente, da presença de jogadores não indígenas no campeonato. As estratégias para lidar com tais problemas variavam, assim como variam em outros contextos.

Para não cair, no entanto, numa análise que se perca ante a infinidade de significados que podem ser elaborados por meio da prática do futebol, deve-se assumir que há certas oposições e certos símbolos comuns para grupos que se apresentam como similares. A análise feita sobre o *Peladão Indígena* centralizou-se numa categoria, *boleiro*, comum para os diversos coletivos que participam do torneio – apesar das tantas diferenças existentes entre eles. A escolha por propor o recorte sobre o *Peladão Indígena*, e não sobre o Futebol Sateré-Mawé (ou Tikuna, Tukano, Mura, Kambeba, etc.) teve a ver, principalmente, com fato de que, para todos aqueles coletivos indígenas, o ato de jogarem naquele campeonato em específico significava algo em comum – e que este algo em comum era muito valorizado por todos. Foi seguindo as pistas de meus interlocutores que cheguei ao campeonato e, portanto, às oposições e significados que davam sentido ao que ocorria ali.

Outro aspecto que se faz presente de modo marcante no *Peladão Indígena* é a utilização do futebol como meio para formulação de alianças, dadas por lógicas locais – no caso, a lógica do parentesco. As equipes indígenas são formulados por meio de tais alianças e a transformação de muitos brancos em índios, para jogar futebol no Peladão junto aos novos "parentes", demonstra a força de agregação deste jogo.

Além disso, a entrada nos estudos do futebol por meio do *Peladão Indígena* foi fundamental para que se pudesse problematizar uma categoria analítica sempre presente nestes estudos: o *lazer*. Logo que iniciamos a pesquisa sobre a presença indígena na cidade tendo como foco "uma etnografia de formas de lazer e modalidades de uso do tempo livre nos espaços de sociabilidade da população indígena nas cidades da

Amazônia", foi-nos colocado por muitos etnólogos o problema: como poderíamos nos referir à ação de indígenas – ou seja, povos ditos tradicionais – no meio em que vivem, a partir de uma categoria analítica que tomou corpo no estudo das sociedades ditas modernas?

Na pesquisa de campo ficou claro que a palavra *lazer* era bastante utilizada por nossos interlocutores quando se referiam a diversas atividades que realizavam em seu cotidiano – inclusive, e principalmente, o futebol. Mesmo assim se, por um lado, isso demonstrava que é possível utilizar este termo neste contexto específico, por outro lado, ficou claro que era necessária uma revisão da categoria, já que a ideia *Lazer*, quando trabalhada pelos sociólogos que de dedicaram a este estudo, carregam consigo a noção de "tempo livre", "entretenimento", "descompromisso" e "individualidade". O tempo do lazer seria, nas palavras de Dumazedier (1994), ainda a maior referência no Brasil para os estudos neste campo, "o tempo social para si".

Ora, o futebol, quando jogado pelos indígenas de Manaus, é tudo, menos um "tempo social para si". O trabalho de formulação do *circuito* Sateré-Mawé, por meio do futebol, por exemplo, é sempre ativo, ligado a um emaranhado de relações complexas, e o campeonato é um lugar privilegiado para que sejam colocadas *em jogo* questões de difícil resolução. Antes de entender o futebol como uma atividade de entretenimento, os indígenas de Manaus reservam uma relação de *alto comprometimento*[32] com a prática do jogo. O futebol é uma atividade de grande importância para sua vida na cidade e, por mais que se constitua como um divertimento, é jogado com muita seriedade. É um tempo social *para todos*, por assim dizer.

Entender o futebol de várzea como uma atividade de *alto grau de comprometimento*, a partir do qual são formuladas alianças e inimizades locais e que, em seus momentos mais dramáticos, possibilita a articulação de significados variados, os quais dizem muito sobre a relação daqueles que jogam entre si e com o mundo em que vivem.

Foi isso que os indígenas de Manaus me ensinaram sobre este jogo.

[32] A noção de *grau de comprometimento* como uma alternativa à ideia de *tempo livre* para o estudo sobre as práticas de lazer foi por mim apresentada na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia. As ideias trabalhadas neste seminário estão organizadas no artigo: CHIQUETTO, R. V. . *Futebol é lazer? Reflexões sobre a aplicação das categorias de tempo livre, tempo ocupado, lazer e trabalho para o estudo da prática futebolística*. *In*: 28ª Reunião Brasileira de Antropologia - Desafios Antropológicos Contemporâneos, 2012, São Paulo.

Assim, na sequencia desta dissertação será abordada a prática do futebol de várzea no Peladão – em seus outros naipes e a partir de outros planos analíticos – por meio de uma metodologia similar àquela que se mostrou, ao meu ver, bastante proveitosa para com o *Peladão Indígena.* Alguns dos *circuitos* mobilizados por diversos agentes desse universo serão descritos em busca de se compreender melhor a relação destes futebolistas com o meio em que vivem. Da mesma forma, os momentos ritualísticos serão abordados, dando-se especial atenção às narrativas aí elaboradas, aos significados mobilizados em meio aos momentos mais dramáticos engendrados pelo jogo. De modo geral, buscar-se-á compreender quais são as linhas de vida tecidas pelos que fazem sua jornada pelo mundo do futebol, e de que forma, nesta jornada, a cidade é mobilizada, transformada, significada.

**Figura 4 - O tuxaua Moisés Sateré tirando uma foto da equipe de sua comunidade, Hywy Wato, no Peladão Indígena, 2009.**

**Figura 5 - Pequena pausa para assistir o jogo do S.E. Palmeiras, importante equipe profissional da cidade de São Paulo, pelo celular.**

**Figura 6 - Jogo do Peladão Indígena Feminino 2009**

**Figura 7 - Parentes e amigos assistindo a final do Peladão Indígena 2014 nas bordas do campo da UFAM.**

**Figura 8 - Reunião entre lideranças indígenas e Arnaldo Santos. Nesta reunião foi comunicada, pelo Diretor Geral, a obrigatoriedade do RANI para a edição de 2012 do Peladão Indígena**

## 3. O circuito do futebol em Manaus

Antes de iniciar a descrição mais detalhada do circuito do futebol em Manaus, é importante fazer alguns apontamentos sobre certas regras que organizam a disputa futebolística no Peladão, dentro e fora de campo.

O Peladão Verde 2012, de acordo com seu extenso regulamento, foi realizado em seis categorias. A numeração e a ordem apresentadas na sequencia seguem as do livro de regras (XL CAMEPEONATO DE PELADAS DO AMAZONAS 2012, Art. 11: 5), mas as diferentes explicações sobre cada categoria foram por mim adicionadas:

1. **Peladão Verde 2012 – Masculino**. Chamado somente de *Peladão*, de *Masculino*, ou de *Principal*, é reservado aos homens de idade entre 15 e 39 anos. 530 equipes inscritas. **Premiação:** um carro popular zero km para a equipe campeã e 3.000 reais para o vice-campeão.
2. **Peladão Verde Máster 2012 – Masculino**. A categoria *Máster* é voltada aos jogadores mais velhos, com idade superior aos 40 anos. 119 equipes inscritas. **Premiação:** 3.000 reais para o campeão e 2.000 reais para o vice-campeão.
3. **Peladão Verde Feminino 2012.** O *Feminino* pode ser disputado por mulheres de qualquer idade. 34 equipes inscritas. **Premiação:** 2.000 reais para a equipe campeã.
4. **Peladinho Verde 2012 – Masculino**. Na categoria infantil do Peladão, o *Peladinho,* só podem ser inscritos meninos com idade entre 12 e 14 anos. 59 equipes inscritas. **Premiação:** 2.000 reais para o campeão e 1.000 reais para o vice-campeão.
5. **Peladão Verde dos Povos Indígenas 2012 – Masculino**. Este é o torneio disputado por homens, de qualquer idade, que se auto-declaram indígenas e portam o Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI) emitido pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). 6 equipes inscritas. **Premiação:** 1000 reais para a equipe campeã.
6. **Peladão Verde dos Povos Indígenas 2012 – Feminino**: categoria disputada por mulheres, de qualquer idade, que se auto-declaram indígenas e portam o Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI) emitido pela Fundação

Nacional do Índio (FUNAI). 4 equipes inscritas. **Premiação:** 1000 reais para a equipe campeã.

Apesar de serem apresentadas como diferentes naipes, as categorias *Indígena Feminino* e *Indígena Masculino* são, normalmente, citadas como um único campeonato: o *Peladão Indígena*.

A edição de 2012 do Peladão também contou com dois campeonatos paralelos.

O *Torneio Paralelo do Interior* é disputado em Manaus por equipes de diferentes cidades do interior do Amazonas. Cada uma dessas equipes é vencedora de um torneio em sua própria cidade, normalmente organizado pela prefeitura, com fichas de inscrição cedidas pela coordenação do Peladão. Este conjunto de campeonatos que ocorrem no interior do Estado, cujas regras seguem as do Peladão, é chamado de *Peladão Municipal Verde*, ou *Peladão do interior*. O *Peladão do interior* contou, em 2012, com a inscrição de 402 equipes – ou seja, quase metade dos 1172 times do Peladão 2012 foram montados para o *Peladão Municipal*. Este campeonato paralelo se mostrava, no ano da pesquisa de campo, como um dos principais problemas a serem resolvidos pela coordenação, uma vez que, destas 402 equipes inscritas no *Peladão do interior*, somente duas foram para Manaus, em janeiro de 2013, para disputar o *Torneio Paralelo do Interior*: uma equipe do município de Manacapuru, localizado há cerca de cem quilômetros de Manaus, e outra de Novo Aripuanã, que fica a dois dias de barco da capital.

O *Torneio Paralelo de Rainhas* também é disputado na capital. Fazem parte, deste, os times do *Peladão Masculino* eliminados até a terceira fase do campeonato, que forem "resgatados" por suas rainhas. Cada equipe, para se inscrever na categoria *Principal*, deve, obrigatoriamente, apresentar uma representante do sexo feminino, sua Rainha, que poderá participar de um concurso de beleza que elege, anualmente, a "Rainha do Peladão". As 16 equipes cujas rainhas foram melhor classificadas neste concurso podem ser chamadas para a disputa deste torneio paralelo.

A equipe vencedora do *Torneio Paralelo de Rainhas* enfrenta, numa partida única, o time campeão do *Peladão Verde dos Povos Indígenas – Masculino*. Aquele que sair vitorioso deste confronto se cruza, num novo certame, com o campeão do *Torneio*

*Paralelo do Interior*. Para o vencedor deste último cruzamento é reservada uma vaga nas oitavas de final do *Peladão Masculino*.

Ainda segundo o regulamento do campeonato, nenhum jogador de nenhuma equipe pode se inscrever em mais de um time. Se assim o fizer, sua equipe será imediatamente desclassificada. Para se inscrever no campeonato, em qualquer categoria, exceto no *Peladinho* e no *Peladão indígena*, o participante deve entregar, na coordenação, uma foto 3x4, uma cópia de algum documento oficial com foto (como o RG ou a carteira de motorista) e a ficha de inscrição preenchida. O jogador que quiser se inscrever no *Peladinho* deve, além destes documentos supracitados, entregar uma declaração original atestando que está matriculado em alguma escola regular, e um documento assinado pelos pais, autorizando sua participação no campeonato. Já os(as) interessados(as) em se inscrever no *Peladão Indígena*, deve entregar, em conjunto com os outros documentos, uma cópia do Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI), emitido pela FUNAI.

De todos os campeonatos, o único que tem a fórmula da disputa definida pelo regulamento é o *Masculino*, que é organizado em oito fases:

1ª fase – Classificatória: são delimitados 8 distritos, em Manaus, que agregam equipes de comunidades próximas. Com base nesta divisão territorial, são sorteados grupos de 5 ou 6 equipes. A última colocada de cada grupo é desclassificada.

2ª fase – eliminatória 01: são sorteadas e montadas 60 chaves com 6 ou 7 equipes cada uma. Em cada chave é disputado um pequeno torneio eliminatório do qual emerge um vitorioso.

3ª fase – eliminatória 02: são sorteadas as partidas entre os 60 times classificados. Os perdedores são desclassificados.

4ª fase – eliminatória 03: novamente são sorteadas as disputas eliminatórias entre as 30 equipes classificadas.

5ª fase – oitavas de final: as 15 equipes classificadas da fase anterior, mais o vencedor do cruzamento entre os *paralelos da rainha e do interior* e a *categoria indígena* conformam os dezesseis times que serão distribuídos, por sorteio, em uma chave eliminatória.

6ª, 7ª e 8ª fases – as equipes que forem vencendo suas disputas vão progredindo nas eliminatórias, até restarem as duas últimas equipes que disputarão a taça. O time campeão do Peladão Verde 2012 foi o Martins Vical/MRA Engenharia.

A formula de disputa dos outros naipes é confirmada somente após o termino das inscrições, uma vez que há maior variação do número de participantes em cada edição do campeonato. As categorias *Máster*, *Feminino* e *Peladinho*, por exemplo, seguiram a mesma estrutura da categoria *Principal*, no ano de 2012. Já o *Peladão Indígena* foi organizado de outro modo, na fórmula de pontos corridos, por conta do baixo número de equipes inscritas. Com relação à pontuação, esta segue, em todas as categorias, a regra mais comum no futebol profissional e no amador: a vitória conta 3 pontos e o empate conta 1 ponto.

Há duas outras regras importantes, que organizam as disputas do Peladão: a regra do mando de campo e a regra da arbitragem. No início de cada temporada a coordenação faz uma listagem dos campos que serão utilizados no campeonato. Estes são, em primeiro lugar, divididos em dois grupos: no primeiro, o dos "campos especiais", entram os campos gramados, cujas dimensões seguem o padrão FIFA[33], localizados em alguma instituição – como um clube, estádio, fábrica, escola. Nestes campos gramados é permitido usar chuteira. No segundo grupo, dos "campos comunitários", entram aqueles campos cujos pisos são, normalmente, de terra batida e cujas dimensões não seguem o padrão FIFA. São campos de futebol localizados nos diferentes bairros de Manaus. Nestes locais não é permitido o uso de chuteiras, podendo-se utilizar qualquer tênis sem cravos (chuteiras de futebol society ou de futsal, por exemplo). É permitido, também, jogar descalço.

Os campos "especiais" sempre são priorizados em relação aos "comunitários" e, dentro destes dois conjuntos, é realizada a listagem que ordena e prioriza uns em detrimento de outros. Um exemplo: o primeiro campo da lista dos especiais é campo do "SESI – Clube do Trabalhador". Foi ali que ocorreram as partidas finais de todas as categorias[34]. Se alguma equipe conseguir alugar ou reservar, para seus jogos, o campo do SESI, ela sempre fará suas partidas ali, ou seja, sempre jogará *em casa*. Na edição de

[33] A FIFA propõe que os campos de futebol tenham as seguintes dimensões: 105 metros de comprimento X 68 metros de largura.

[34] A partir das oitavas de final o mando de campo é da coordenação do campeonato.

2012 do Peladão somente um time conseguiu reservar este campo: a equipe feminina da fábrica Salcomp.

O segundo campo da lista dos "especiais", em 2012, era o Estádio da Colina – recentemente demolido para a construção de uma arena de treino para a Copa do Mundo de 2014. A maior parte das equipes que contavam com alguma verba alugava o Estádio da Colina para seus jogos e treinos pelo preço de 500 reais/hora. Assim, elas sempre jogavam em seu local de treino e, além disso, podiam controlar a entrada e saída de pessoas no campo, durante a partida. Qualquer equipe cujo campo de treino e jogo fosse outro, quando cruzasse com algum time que mandasse o jogo na Colina teria de jogar "fora de casa".

As equipes devem enviar seu "mando de campo" até as 4ªs feiras anteriores a seus jogos. Este é um documento que autoriza a utilização daquele campo – especial ou comunitário – por aquele time. Os "mandos de campo" são, então, confrontados pela coordenação do campeonato e o time que tiver seu campo melhor classificado nas duas listas será aquele que jogara "em casa". As diversas consequências desta regra serão discutidas adiante.

A arbitragem, neste campeonato, até as oitavas de final, é gerenciada pelas diferentes equipes. Como está escrito no Art. 84 do livro de regras (pg. 30): "todo clube participante do Peladão Verde 2012, nas diversas categorias e naipes, é obrigado a ter uma equipe de arbitragem, composta por 01 (um) Árbitro, 02 (dois) Fiscais de Linhas e 01 (um) comissário.

Cada time organiza sua própria comissão de arbitragem à sua maneira: há aqueles que destacam seus próprios jogadores para tanto; há as equipes que contam com amigos ou chegados que desenvolvem esta função e há, finalmente, os times com mais dinheiro, que contratam sua comissão de arbitragem. A coordenação define quais equipes apitarão quais partidas nas diferentes rodadas. A arbitragem envolve algumas responsabilidades: primeiramente, algum representante do time deve ir até na sede do Peladão para recolher a súmula que será utilizada. Depois, os responsáveis pela arbitragem devem comparecer ao jogo indicado para cumprir sua função e, finalmente, a súmula deve ser devolvida, contendo diversas informações sobre a partida, tais quais: a distribuição de cartões amarelos e vermelhos; agressões que tenha ocorrido entre

jogadores ou comissões técnicas; e o nome, número de identidade e assinatura de todos os jogadores.

O livro de regras do Peladão apresenta 339 artigos e é dividido em três partes: regulamento geral, fórmulas de disputa e código disciplinar. Os principais aspectos do regulamento e das fórmulas de disputa foram já colocados. Há, no entanto, outras regras, que concernem ao andamento das partidas, que devem ser citadas.

A maior parte das normas segue as do futebol profissional regulamentado pela FIFA: cobranças de faltas, escanteios, arbitragem, etc. Há, no entanto, algumas regras diferentes, que contribuem para que as partidas no Peladão, quando em comparação com os jogos do futebol profissional, e mesmo com outros campeonatos amadores, assumam outra dinâmica espaço-temporal.

A começar pela duração dos jogos: são dois tempos de 25 minutos nas primeiras fases de todos os campeonatos. A duração dos certames varia na medida em que se avança nos torneios adultos masculinos, chegando à 45 minutos/tempo nas finais do *Peladão Masculino* e a 30 minutos/tempo nas finais do *Máster* e dos *torneios paralelos*.

Outra diferença é a inexistência da regra do impedimento no Peladão. Isso faz com que os times se organizem em campo de outra forma, assim como muda as diferentes estratégias para se chegar ao gol adversário e para se impedir o escore contrário. A cobrança de lateral também está sujeita a regras diferentes daquelas do futebol profissional, uma vez que pode ser efetuada com os pés e com as mãos, à escolha do próprio jogador.

Por fim, tem-se a norma relativa à cobrança de penalidades máximas: como muitos campos do Peladão não contam com uma marca para a cobrança de pênalti, o local em que a bola deve ser colocada para que o chute seja efetuado é delimitado pelo próprio juiz. De acordo com o Art. 62 do livro de regras: "caso exista a marcação da área de pênalti, mas não tenha a marca da cobrança do pênalti, o árbitro contará 15 (quinze) passos do centro da linha do gol até o local onde será colocada a bola" (PG. 26).

### 3.1. Andando pela cidade, costurando linhas, traçando o circuito.

> Looking up at the night sky, we imagine the stars to be invisibly connected by ghostly lines into constellations. Only by doing so can we tell stories about them. (INGOLD, 2007: 49)

No dia 20 de outubro de 2012 ocorreria o jogo do Amigos do São José 2 (ASJEC), no campo da Base Aérea, próximo ao Centro Cultural dos Povos da Amazônia e ao distrito industrial de Manaus. Encontrei Mozart no Centro Cultural e, de lá, partimos, de carro, para o campo. Mozart era meu mais novo informante sobre o Peladão. Ex-jogador profissional e atual zagueiro do ASJEC, era também preparador físico do Panair F.C, do Estrela do Mar F.C e técnico do Centro Escolar Batista Canaã. Nos últimos dias meu interlocutor andava para cima e para baixo com mais dois rapazes: Wallison (namorado de sua filha) e Bobby, jovem "revelação" que ele tentava inscrever em alguma equipe do Peladão ou, mesmo, em algum time profissional da cidade.

O campo em que seria o jogo era considerado, por todos ali, um campo ruim. Diziam que era pior que o campo do ASJEC, mas que havia conseguido ganhar no cruzamento dos mandos de campo por conta da influência dos militares junto à direção do Peladão. De fato, a situação era bastante precária: tratava-se de um retângulo de terra batida com duas traves em meio a um matagal – sem alambrado, sem arquibancada, com apenas uma ou outra árvore para fazer sombra sob o tórrido sol manauara.

No grupo do ASJEC estavam presentes, além dos jogadores, a comissão técnica, uma mulher que todos chamavam de Loira, um homem com a camisa do Flamengo, e um senhor que cuidava da distribuição de água e alimentos para os jogadores. Como é de praxe, os boleiros receberam algumas ordens do técnico, rezaram em roda, posaram para a foto e foram para a partida. Apesar de estarem jogando contra um "time de moleques", encontraram bastante dificuldade. Saíram com o resultado positivo (3x1), mas não sem lamentações por parte da Loira, que lembrava que, apesar da tradição no Peladão, tendo chegado inclusive até as quartas de finais uma vez, o ASJEC, agora, estava sem dinheiro, porque um dos patrocinadores do time, aquele homem com a camisa do Flamengo, que era "podre de rico", estava ajudando pouco neste ano. O time

agora era composto só por "amigos" – com exceção de Mozart, que fora contratado por trezentos reais.

Tendo terminado o jogo, Mozart se reuniu rapidamente com o patrocinador e com Márcio, o dono da equipe – que havia jogado no primeiro tempo e fora substituído na segunda etapa -, para conversar sobre a contratação de um atacante, o Popó, com o objetivo "dar um gás no time". De acordo com Mozart, Popó dissera que jogaria até de graça, dada sua amizade com o zagueiro, mas pedira trezentos reais e dera a certeza de que traria mais dois jogadores consigo. Era um bom negócio, e o patrocinador parecia ter comprado a ideia. Mozart arrematou: "vamos decidir logo isso, então, porque tem um outro cara que já está praticamente levando ele pra outro time, e eu disse pra ele que o Popó já fechou com a gente".

No carro, Mozart insistia comigo que só se contratassem o Popó, que era um "centro avante daqueles", o ASJEC poderia sonhar com destinos mais altos no Peladão. Fomos, então, até a Zona Leste de Manaus, para o campo do São José I[35], em busca do atacante. Na medida em que passávamos pelo bairro, Mozart me mostrava pontos de chegados dele: um escritório de contabilidade, a pizzaria do irmão e uma padaria, de outro amigo, que ajudavam com o equipamento para o time Centro Escolar Batista Canaã, que ele dirigia e que representava a escola Batista Canaã/São José, de uma outra prima dele, onde ele lecionava educação física.

Como não encontramos Popó pelas redondezas, compramos uma Coca-Cola e sentamos numa calçada, eu, Mozart, e seus dois companheiros. Não demorou muito para o atacante passar de carro, "junto com uma loirona". Uma vez que ele não atendeu aos nossos chamados, fomos encontrá-lo na arquibancada do campo – que fazia parte de um Centro Desportivo recém reformado na última gestão, que fora presidida por ninguém menos que Mozart, cujo primo vereador teria facilitado o processo de reforma.

Mal chegamos nas arquibancadas, muitas pessoas vieram cumprimentar meu interlocutor. A maioria era ex-jogadores profissionais que agora faziam a vida nos campeonatos amadores de Manaus. Um deles contou, aliás, que chegava a jogar quatro partidas aos sábados e mais quatro aos domingos, em campeonatos distintos pela

[35] O bairro São José Operário se localiza na Zona Leste de Manaus e é dividido, por seus moradores, entre São José I e São José II. Não há uma delimitação clara que organiza essa divisão, além dos campos de futebol de cada equipe: Unidos do São José I (USJ) e o Amigos do São José II (ASJEC).

cidade: “eu termino um jogo, pego um mototaxi e vou para o outro lado, com outro time, e é assim que eu ganho meu dinheiro”. Mozart se envolveu numa intensa conversa com Popó, que parecia não estar muito interessado em jogar no ASJEC pelo valor oferecido. Tendo convencido o atacante, imediatamente entramos, os cinco, no carro e fomos para o campo do São José II, encontrar o dono e o técnico da equipe, “que não gostava da gente, mas agora que precisa da gente tá todo chegado”. No caminho, em meio às sinuosas ruas do bairro, meus quatro companheiros conversavam animadamente, sendo que os dois mais velhos, Mozart e Popó, eram os mais empolgados: mexiam com todo mundo na rua, principalmente com garotas incautas, vítimas das cantadas mais variadas.

Não encontramos Márcio, dono da equipe, mas Mozart agiu rapidamente e, por celular, fechou contrato, enquanto Popó esperava dentro do carro, com o braço direito para fora, “que nem Patrão” – brincou Bobby, o jovem companheiro de Mozart. O patrão, é bom lembrar, é, nos bairros da periferia de Manaus, a outra denominação para o líder local do tráfico de drogas, o *traficante*. Contrato fechado, pelo valor de trezentos reais, Popó se reuniu rapidamente com o técnico do ASJEC e com Mozart, e garantiu levar, para o time, mais dois atacantes, “porque o ataque do ASJEC é muito ruim”.

Tendo cumprido este objetivo, fomos ainda em busca de outro amigo de Mozart, o Fabinho – o “cara” que quase levou Popó para outro time. Mais uma vez de volta às ruas sinuosas do bairro, passamos por três bares em busca do homem, que devia estar junto de seu time, o Unidos do São José 1, comemorando a vitória de sua equipe. Na quarta tentativa, encontramos os jogadores do USJ na barca – nome dado para a festividade após o jogo, normalmente realizada em algum bar considerado com sendo “o bar do time” – e sentamos numa mesa à espera de Fabinho, que logo deveria chegar. Mozart contou, neste interim, que Fabinho era um grande amigo de infância que ficou muito rico com uma empresa de imobiliária. Em retribuição às muitas ajudas que a família de Mozart teria oferecido ao amigo quando criança, hoje é Fabinho quem ajuda, tanto financiando alguma aventura futebolística de Mozart quanto pagando viagens de férias, emprestando carros, entre outras coisas. Além disso, Fabinho, hoje, é o dono do Unidos do São José 1, maior time do bairro São José Operário. Não demorou muito para o amigo chegar em sua BMW, estacionar em frente ao bar, cumprimentar todos ali e iniciar longa conversa com Mozart, sobre assuntos variados, mas sempre entremeados pelo principal tema: futebol.

***

O Centro Esportivo Alfredo Nascimento (CEAN) está localizado no bairro Petrópolis, na zona leste de Manaus. Pegando o ônibus no centro, na Av. Sete de Setembro, chega-se ao ponto próximo ao CEAN em aproximadamente 15 minutos. Ao descer do ônibus, numa parada ao final de uma avenida que margeia um igarapé, deve-se adentrar nas pequenas ruas do bairro, sempre subindo, até chegar ao campo. No caminho, o cenário familiar: casas quase amontoadas, todas germinadas, mas cada um com um estilo de construção diferente da outra (cores, disposição das janelas e portas, disposição das garagens ou quintais). Muitos comércios pequenos, como vendinhas, botecos, cabelereiros, restaurantes e muita gente nas ruas, crianças, adultos, idosos, jovens.

No dia aqui relatado, desci do ônibus por volta das 9h da manhã e deparei-me com muitos comércios vendendo café da manhã (principalmente bares e restaurantes, mas também banquinhas improvisadas), o que é algo bem comum em Manaus. O sol estava quente e, no campo, o jogo já havia começado. O campo do CEAN é de areia e cercado por um grande alambrado. É um campo grande, deve ter as proporções de um campo de futebol profissional. Muitos homens estavam sentados ou apoiados na mureta do alambrado, esperando sua vez de jogar e muitos carros estavam estacionados na rua, ao lado do campo. Havia dois times: o Amarelo e o Azul. Embora de cores diferentes, os uniformes de ambos os times exibiam o mesmo escudo: Apolo F.C. Ambos também apresentavam o mesmo patrocínio: "SLS comunicação visual". O jogo estava *pegado*, ou seja, a disputa era bastante agressiva, com muitas faltas, gritaria, xingamentos. Não demorou muito tempo para que quase saísse uma briga: o juiz (que era um jogador do time azul, só que sem camisa) mostrou o cartão vermelho a um jogador do time amarelo, que cuspiu nele e o ameaçou, o que fez com que jogadores de ambos os times corressem para apaziguar a situação e carregar o boleiro brigão para fora. Muitos ali pareciam indignados, alguns comentavam entre si que "ele cuspiu no cara!", outros se dirigiam ao jogador, Chiquinho, dizendo-lhe que havia exagerado, que não era assim que se resolvia as coisas, que não podia cuspir e que era por isso que ninguém queria ser juiz. Chiquinho, por sua vez, respondia que o juiz só via a falta quando era ele quem fazia, que não sabia apitar e que depois dava problema e ninguém sabia o porquê. O

rapaz que era juiz se recusou a continuar apitando, vestiu a camisa e outro – também do time azul – teve que tomar o seu lugar, colocando sua camisa no ombro e indo para o centro do campo.

Um jovem que esperava sua vez de jogar me disse que o amarelo havia começado na frente, mas o azul tinha empatado e o jogo estava 1x1. Carlos, que havia me convidado para assistir o jogo e que era um dos donos do time Apolo, além de ser fundador e presidente da Liga Desportiva Petrópolis (que organizava o campeonato do bairro e tomava conta do campo do CEAN), jogava no time amarelo, na lateral esquerda, mas não parecia ter muita intimidade com a bola. Mesmo sendo um dos mais velhos, e dono da equipe, ele era constantemente alvo de brincadeiras de seus parceiros. Quando perdia a bola, ou quando era driblado, ou quando estava mal posicionado e levava uma bola nas costas, muitas vezes já se levantavam: "Aê, Carlos! Puta que o pariu!". Durante algum tempo o jogo ficou bastante equilibrado, mas num dado momento o azul começou a pressionar o amarelo. Logo, dois homens do Amarelo que estavam sentados na borda do campo se levantaram e começaram a distribuir ordens aos jogadores de sua equipe. Fizeram também uma substituição e o jogo ficou equilibrado novamente. A bola era disputada no meio de campo e espirrava para algum dos lados sendo, normalmente, dominada por algum zagueiro, que a jogava, de novo, para o meio de campo. Havia pouquíssimos chutes a gol. A regra do lateral era seguida só de um lado, pois no outro havia uma parede que era usada de tabela.

Não demorou muito para o juiz apitar o fim do primeiro tempo – que, disseram-me, havia durado 45 minutos. Os jogadores correram para um bebedouro de plástico que havia sido levado, pegaram copinhos de plástico e serviram-se de água, conversando animadamente. Depois de me cumprimentar, Carlos, que é técnico de enfermagem, correu para uma sacola plástica que havia prendido no alambrado e pegou um remédio que passou numa ferida na perna de um jogador do time de azul. Ele também foi conversar com alguns jogadores do Amarelo, dizendo as substituições que seriam realizadas para o segundo tempo. Carlos não entrou parar a segunda etapa, colocou-se na beirada do campo e passou a fazer o papel de técnico do time, logo que o jogo voltou, após 10 minutos (se tanto) de intervalo.

Não parecia que o dono do time tinha muito poder para organizar a equipe em campo, pois aparentemente ninguém dava muita bola para suas ordens. No entanto, ele

podia substituir, e fez isso algumas vezes. Logo, o Amarelo levou um gol, o que gerou algumas discussões, principalmente com um homem, um pouco mais gordo, que jogava no ataque. Ele se chamava Lúcio e era o único, além de Carlos, no Amarelo, que tinha seu nome escrito em sua camisa. Lúcio não poupou xingamentos à própria equipe quando levaram o gol. Carlos, indignado, gritou que ele tinha então que sair da "banheira" e ir ajudar no meio, ao que ele recusou, desferindo alguns xingamentos e gerando certo descontentamento nos colegas. Muita gente reclamava do juiz, que não teria dado um toque de mão do zagueiro do Azul dentro da área e nem outras faltas. Carlos chegou a falar com seus amigos "eu não queria, mas acho que vou ter que fazer uma coisa chata". Outro homem, do Azul, foi mexer no seu carro, próximo do alambrado, e falou para Carlos "Carlos, acho melhor a gente trocar o Juiz, senão vai dar confusão e todo mundo vai falar que foi culpa dele". Mas, no final, ninguém fez nada com relação a isso.

Como estava cansado de ficar em pé, no sol, pedi licença a um rapaz do Amarelo, chamado Renatinho, que estava sentado na borda do campo, e sentei-me ao seu lado. Conversamos sobre o calor de Manaus, e ele comentou que preferia o calor daqui ao frio da Europa dizendo, em seguida, que seu irmão jogava em Portugal, recebendo um bom salário, e que ele também havia sido convidado, tendo ficado por lá uma semana, mas sem assinar com o clube porque havia operado os dois joelhos (mostrou-me as cicatrizes), o que também havia forçado sua aposentadoria precoce do futebol (ele tinha 26 anos). Disse que não conseguia mais treinar os dois turnos exigidos nos clubes profissionais, pois sentia muitas dores nos joelhos, mas que ainda participava de alguns jogos comemorativos organizados pelo Nacional F.C. – uma das principais agremiações de futebol profissional de Manaus. O Nacional organizava alguns jogos nas cidades do interior e o convidava. Ele também ia jogar em alguns clubes do interior, em um ou outro campeonato, quando era convidado. Disse que não recebia muito dinheiro, mas gostava, porque podia viajar. No Nacional, quando era jogador regular, recebia 9.000 reais por mês.

Renatinho disse que sentia muitas diferenças entre jogar futebol com profissionais e jogar pelada. Sempre que era convidado para uma pelada com os amigos, as pessoas cobravam muito dele, que na maioria das vezes não rendia tanto quanto ele ou os outros gostariam. Fazendo desenhos no chão, me mostrou qual considerava a pior dificuldade: não ter companheiros que jogassem de acordo com seu jeito de jogar.

Desenhou dois pontos e disse: “quando eu passo a bola, no profissional, eu corro e recebo na frente” (fez uma seta, que representou seu movimento e outras duas que representaram o movimento da bola, dele ao outro jogador e do jogador a ele, conformando um triângulo). “Mas”, continuou, “na pelada, eu toco a bola e corro, só que o outro jogador segura a bola, ou passa para outro jogador, então eu vou para a frente e não recebo o toque”. Apagou então a linha que representaria a bola voltando para ele e fez um circulo em torno do ponto que representaria o outro jogador. Os dois desenhos seriam mais ou menos assim (setas representando os movimentos da bola e dos jogadores):

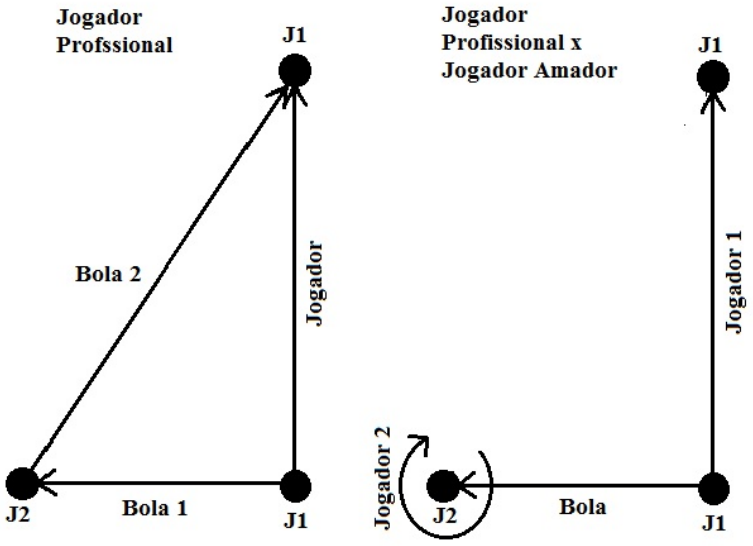



**Figura 9 - O futebol profissional e o futebol amador.**

Ele disse que, por causa disso, muitas vezes as pessoas afirmavam que ele não era um bom jogador. Colocou que, na Pelada, ninguém guardava posição e que todos circulavam no entorno da bola. Por outro lado, no futebol profissional, cada um tinha sua posição, a bola circulando pelos jogadores. O jogo então ficaria mais rápido e preciso. Ele vivia ali no bairro, era amigo de Carlos e vinha nas Peladas de domingo desde que deixou o profissional.

De repente, ele se levantou e disse “vou jogar!”. Foi até Carlos, conversaram um pouco, e Carlos gritou para Lúcio sair. Lúcio disse “Não vou sair não! Vai tomar no cú!” e continuou jogando, sem dar ouvidos a Carlos. Um rapaz chegou para Carlos e falou “tira um dos novos, então”. Foi feito e Renatinho entrou. Jogou só alguns minutos,

pois logo terminou o segundo tempo. Com o fim do jogo, um senhor sentou ao meu lado e começou a tirar a chuteira e suas meias (calçava 4 meias em cada pé). Perguntei se usava tantas meias para não torcer o tornozelo, ele respondeu que não, que era só para dar mais estabilidade ao chute, e reclamou do calor, vangloriando-se, em seguida, por ainda conseguir jogar bola com os mais jovens, mesmo aos sessenta e quatro anos.

Carlos organizou uma grande roda no campo e me chamou. Fui até lá, e então ele me apresentou a todos. Falou que eu era um estudante de São Paulo, que estava fazendo uma tese sobre o futebol na comunidade, e disse que seria legal se todos me ajudassem, porque amanhã os filhos deles que poderiam querer ser ajudados. Terminou falando "não se preocupem, ele não é bofe", despertando boas risadas de todos ali. A roda se desfez e dois novos pequenos círculos se formaram (agora um para cada time), um rapaz do time Amarelo me chamou para ir no círculo deles e falou, animado, "a gente vai pôr a mão no centro e gritar 'pau mole'! Você tem que gritar também!". Dito e feito, todos fomos para a saída do campo, alguns já entrando em seus carros e indo para o bar. No caminho, outro rapaz veio me falar que se eu queria conhecer do Peladão tinha que falar com o Carlos e com o Deca (apontou um senhor que tinha feito o papel de técnico do Azul durante o jogo), pois esses dois sabiam do futebol ali no bairro como ninguém.

Eu e Carlos pegamos carona com Lúcio e fomos ao Bar do Virgílio, ali pertinho, para onde todos eles vão ao final das partidas dos domingos. Quatro mesas foram postas e os jogadores foram chegando. Muitos não apareceram, mas, no final, havia, no estabelecimento, cerca de 20 boleiros, de camisetas amarela e azul. Primeiro foram pedidos refrigerantes, depois começaram a vir as cervejas. Carlos sentou ao lado de Deca, que me foi logo apresentado. Ele é o outro "dono" do time Apolo e também o outro fundador da LIDESP (Lega Desportiva de Petrópolis). Um homem, trabalhador da Petrobrás, sentou-se perto da gente e logo falou, para todo mundo ouvir, em tom de provocação, que achava que o Lúcio tinha de ser suspenso por ter desrespeitado o técnico. Lúcio disse, referindo-se à Renatinho, "Pô, ele falou pra eu sair e dar lugar para aquele cara lá que não joga nada!". Algumas pessoas lembraram que a comissão disciplinar tinha que se reunir para resolver o problema do Chiquinho (que havia cuspido no árbitro) e perguntaram para Carlos quem, do Amarelo, fazia parte da comissão. Ele respondeu que era ele e o Lúcio, gerando comentários do tipo "pô, o cara xinga o treinador e ainda faz parte da comissão disciplinar!". Reuniram-se, três

representantes de cada time (do lado Amarelo, Carlos, Lúcio e mais um; do lado Azul, Deca e mais dois) e resolveram que Chiquinho pegaria três jogos de suspensão. “Só três jogos?!” – Perguntaram alguns.

A barca durou até o fim da tarde, em meio às conversas mais variadas, que iam desde a troca de informações sobre qual mecânico seria bom levar o carro quebrado, ou sobre amigos que haviam sofrido acidentes de trabalho no distrito industrial, até conversas de tom sexual, em que todos se acusavam de ser “bichas” e assumiam, em meio a muitas risadas, serem também “cornos”, pois, como lembrou Deca, “quanto mais futebol, mais corno você é, porque você tá lá no campo com os homens e a tua mulher fica lá sozinha”.

***

O futebol já foi abordado a partir de inúmeras perspectivas, tanto literárias quanto acadêmicas, mas poucas vezes, como afirma Damo (2002), foi objeto de pesquisas em sua prática amadora. O autor lembra que a maioria dos estudos sobre o futebol, quando retrata seu plano não profissional, o faz em tom pessimista, lamentando seu fim gradual por conta, principalmente, de processos advindos com a modernização, tais como sua profissionalização, espetacularização e a urbanização, que causa a redução dos espaços para a prática do jogo, em sua *matriz comunitária* (DAMO, 2002), nas grandes metrópoles.

É certo que estas narrativas sobre o iminente fim do futebol amador estão, também, ligadas às teorias que tratam do processo de desportivização dos jogos nas sociedades ditas modernas. Neste caso, os autores clássicos são Elias e Dunnig, com sua obra *A busca da excitação* (1992), e Bourdieu, que propõe um *Programa para uma sociologia do esporte* (1990). Mesmo que os autores não apontem para este possível fim do amadorismo, já que o esporte se tornaria a forma dominante de jogo no mundo contemporâneo tanto para profissionais quanto para os não profissionais, a ligação entre o jogo desportivizado e o mundo do futebol espetáculo parece ser mais orgânica, uma vez que, em suas análises, os autores relacionam o surgimento do esporte às grandes mudanças sociais ocorridas com a ascensão da burguesia, tais como, no caso de Elias e Dunning, o chamado processo civilizador e, no caso de Bourdieu, a instituição do tempo e dos bens de consumo voltados às práticas de lazer.

E mesmo no que tange às pesquisas antropológicas sobre a prática do futebol, é perceptível a maior recorrência do enfoque no universo do futebol espetáculo. Desde a obra de Da Matta, que propõe uma *Antropologia do óbvio* (1994), criou-se uma linhagem de pesquisadores que buscam compreender os diversos significados mobilizados pela prática futebolística, em sua relação com diversas instituições do mundo moderno – o trabalho, o lazer, o capital, a mídia, entre tantos outros. Mesmo que o esporte obrigatoriamente se movimente através daqueles "valores relativamente adormecidos e essenciais à renovação dos laços sociais e da própria sociabilidade", ou seja, que o futebol, possa ser "facilmente ligado a cosmologias locais" (DAMATTA, 1994: 14), pouco se diz sobre sua prática não profissional.

De fato, há certo domínio, nos meios jornalístico, literário, acadêmico, dos escritos sobre o futebol espetáculo. É como se o futebol que se assiste, ou que se torce, fosse mais importante do que o futebol que se joga. Afinal de contas, o futebol amador "é só uma pelada". Ele não geraria notícias, não movimentaria o mercado, não se encaixaria, sobretudo, na lógica do mundo esportivo e, sim, na lógica do lúdico, da brincadeira, do jogo.

Ocorre, como espero ter sido possível demonstrar pelas duas narrativas etnográficas expostas acima, além daquelas exploradas no capítulo sobre o *Peladão Indígena*, que o mundo do futebol amador também é produtor de significados dos mais variados, que mobilizam de diferentes formas aqueles que vivem neste universo. No entanto, diferentemente do futebol espetáculo, em que há uma forte relação de consumo para com estes signos – consumo das notícias veiculadas pelo jornalismo esportivo e pela indústria de entretenimento, principalmente –, e em que não é necessário jogar bola para estar ligado aos múltiplos circuitos aí engendrados (de jogadores, de torcedores, de jornalistas), no mundo da várzea é necessária uma ação ativa para com o jogo para que se possa adentrar em seu universo e compartilhar dos significados aí produzidos. Ou seja, com pouquíssimas exceções, é necessário jogar futebol para viver o mundo do futebol amador, para adentrar em seu *circuito*. É somente em ocasiões muito específicas, em que o modo de articulação dos futebolistas amadores busca aproximações com o *modus operandi* do futebol profissional, que novos agentes, como os torcedores, os grandes patrocinadores e outros "profissionais do amador", são inseridos no *circuito*.

Por conta disso, defendo, para o estudo do futebol amador, uma abordagem metodológica *de perto e de dentro*, a partir da qual o pesquisador se aproxime da prática do futebol em seus campos espalhados pela metrópole e esteja atento aos significados aí produzidos, assim como às *habilidades* desenvolvidas pelos jogadores por meio das quais eles traçam suas *linhas* de vida pela cidade, em relação ativa com o ambiente que *habitam*.

Trata-se, portanto, de uma abordagem que aproxima as categorias propostas por Magnani (2002) para o estudo etnográfico na cidade, focada nas "múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos", que possibilitariam ao pesquisador "apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem das cidades e depende de seus equipamentos", com as reflexões de Tim Ingold (2000, 2007) sobre a relação dos seres vivos com o ambiente que habitam, focando-se, principalmente, nas *habilidades* que desenvolvem, através da prática do futebol, na medida em que costuram seus caminhos pelo *circuito* do futebol.

Esta é uma perspectiva similar àquela apresentada por Hirata, em sua obra *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo* (2005). Esta é uma das poucas pesquisas que apresenta uma abordagem para o estudo do futebol de várzea que não se limite a certo pessimismo acerca do fim da várzea, demonstrando como os futebolistas amadores de São Paulo se posicionam na disputa pela cidade colocando-se muitas vezes em choque com os diversos agentes – principalmente do poder estatal e dos grandes empreendimentos imobiliários – que tentam dar outros usos aos espaços destinados para a prática futebolística. No trecho de seu texto no qual relata a história de "Pereira, o feirante que virou organizador de futebol de várzea" (HIRATA, 2005: 65), o autor demonstra como, ao circularem pela cidade por meio da prática do futebol, os jogadores e dirigentes aprendem e exercem certas competências a partir das quais interagem, também, com a cidade.

Como explicitado nos relatos supracitados, é necessário, para poder viver no mundo do futebol amador, uma ação propositiva, de circulação, quase ininterrupta. Na verdade, um dos principais efeitos que os jogos têm na vida daqueles que jogam é colocar estes jogadores em relação, possibilitando trocas, produzindo significados. O

futebol é um jogo absorvente que possibilita a relação entre muitos jogadores, e desses jogadores com o ambiente em que vivem. Pela prática do futebol, pode-se circular, e é nessa ação de circulação que se conhece gente, institui-se alianças, formula-se redes de trocas, habita-se o meio em que se vive, conta-se histórias. Vejamos, então, quais são os *modos de circulação* que o futebol jogado no Peladão engendra.

### 3.2.O circuito do Peladão

É por meio do futebol que muitas pessoas e coisas circulam por Manaus. Aqueles que fazem parte do mundo do futebol caminham pela cidade em busca de jogos dos quais possam participar. Porém, times pequenos e times grandes adotam estratégias diferentes para tanto.

A diferenciação entre as equipes pequenas e as grandes é recorrente no universo do Peladão. Trata-se de uma oposição que identifica diferentes formas de articulação nesta forma específica de coletivo – o time de futebol.

As equipes grandes se caracterizam, normalmente, por adotarem um formato de gestão que busca se aproximar daquele exercido no futebol profissional: contratam jogadores, treinadores, massagistas, preparadores físicos, num mercado informal do futebol amador. Para tanto, buscam fontes de financiamento, que podem ir de grandes empresas, passando por amigos, parentes, chegados, até outros conhecidos que movimentam dinheiro ilegal, por meio do tráfico de drogas, por exemplo. Cada um destes patrocinadores agrega, de alguma forma, seu nome à equipe. Normalmente estampando sua marca no uniforme, mas também por meio de boatos, favores e festas.

Quando há um jogo importante, seja um amistoso com alguma equipe rival, seja uma partida final de algum campeonato, a torcida destes times, principalmente no campeonato *masculino*, marca sua presença em peso, chegando até mesmo a lotar as arquibancadas dos estádios ou bordas dos campos utilizados para estes jogos. A presença destes torcedores, suscetíveis aos acontecimentos contraditórios dos jogos, só aumenta sua dramaticidade. Um lance polêmico, uma jogada perdida, um erro do juiz... Tudo isso pode gerar reações diversas que expressem alegria, raiva, tristeza.

As equipes pequenas, por sua vez, são geridas tendo como base relações, em sua maioria, vicinais: os jogadores são parentes, amigos, que moram numa mesma rua, num

mesmo bairro, ou que trabalham juntos. Estes times são, em geral, financiados pelos próprios jogadores, que juntam dinheiro para pagar o uniforme, a bola e a cerveja. É comum, também, a ajuda financeira por parte de pequenos comerciantes das redondezas, normalmente parentes e amigos de velha data, que, assim como os patrocinadores das equipes grandes, estampam suas marcas no uniforme. É usual a utilização do mesmo uniforme por vários anos seguidos quando não se consegue dinheiro para comprar um novo conjunto de vestimenta.

Tanto equipes pequenas quanto times grandes têm, como uma de suas figuras principais, seus donos. O *dono* é o indivíduo que agrega todas estas relações e as conformam numa equipe. Os diferentes donos adotam estratégias diferenciadas de gestão e, não raro, são questionados por seus jogadores ou parceiros em sua autoridade e em suas habilidades de organização e gerenciamento. Trata-se de uma figura centralizadora, que adota o papel de liderança e dispende muita energia para que seu time tenha o maior sucesso possível – este sucesso é medido pelo maior reconhecimento das outras equipes, que passam a considerar o time enquanto um rival "de respeito", que desperta temor em seus adversários, no *circuito* do futebol de Manaus.

É importante ressaltar que muitas equipes não se enquadram como grandes ou pequenas, mas, sim, como times médios, ou seja, formados com base nas relações de vizinhança e amizade, mas que conseguem financiamento suficiente, por parte de certos agentes com os quais seus donos mantém boas relações, para contratar um ou outro jogador, um ou outro profissional do meio para fortalecer seu plantel. Estes times médios podem ser grandes equipes em decadência, como é o caso do ASJEC, retratado no relato etnográfico que iniciou este capítulo, ou mesmo equipes pequenas que conseguiram algum financiamento inesperado e passam a almejar vôos mais altos no Peladão.

A oposição entre equipes grandes e pequenas perpassa todas as categorias do campeonato, com exceção dos indígenas, articulando-se no *Peladão, Peladinho, Máster* e *Feminino*. São modelos de organização que os donos e donas dos times buscam aplicar em seus coletivos, embora haja diferenças para cada naipe. Como há maior circulação de dinheiro nas categorias masculinas do que no *Peladão Feminino,* as equipes desse naipe dificilmente montam uma estrutura que se equipare a das equipes das outras categorias. Embora busquem um modelo de time grande, pagando suas

jogadoras, contratando comissão técnica e buscando patrocínio, os times formados por mulheres, se comparados aos masculinos, seriam considerados, no máximo, equipes médias. Por exemplo: enquanto um jogador de uma grande equipe do Peladão pode ser contratado pelo valor de dois ou três mil reais, recebendo cerca de cem reais por jogo, uma jogadora do feminino quase nunca é paga para "assinar" e recebe, no máximo, cinquenta reais por jogo. Como será melhor explorado no capítulo 2 da segunda Parte, assim como ocorre no futebol profissional no Brasil, no Peladão o futebol feminino ainda é periférico: são poucas equipes, que contam com poucos patrocinadores, e com poucas jogadoras que convivem, ainda, com as diversas complicações de praticarem um jogo extremamente ligado ao universo masculino.

Já no *Peladinho* a diferença é que há grande presença de escolinhas de futebol, que contam com pouca verba e são, portanto, os times pequenos. As equipes grandes, por sua vez, são normalmente grandes escolas que, numa ação de marketing, distribuem bolsas de estudos para os jovens que disputem o Peladão e são, principalmente, a divisão infantil das grandes equipes do *Peladão Masculino*. Há equipes que contam com representantes no campeonato infantil, e que buscam patrocinadores para poderem contratar os meninos que, em geral, recebem algum dinheiro e equipamentos de primeira linha, como boas chuteiras.

### *3.2.1. Os Campos*

Os campos de futebol são os nós centrais no *circuito do Peladão*. Como foi demonstrado no capítulo sobre o *Peladão Indígena*, é no campo de futebol que as relações estabelecidas no *circuito* são elaboradas e dramatizadas. Os campos podem ser utilizados tanto para as partidas cotidianas, em que são formuladas as amizades, parcerias e rivalidades, quanto nos jogos ritualizados, em que há maior tensão e nos quais há um intenso processo de significação das relações que engendram aquela situação.

Como já dito, há dois tipos de campo: os campos especiais e os campos comunitários. Os campos especiais são gramados, localizados em instituições como estádios e clubes, e contam com arquibancadas. São alugados pelas equipes grandes para que possam realizar seus jogos e treinos. Os comunitários, de terra batida, são cercados por pequenas muretas e por alambrados, são localizados nos diferentes bairros e gerenciados pela própria comunidade daquele local por meio de sua liga desportiva ou

de seu centro comunitário. Para que possam utilizar o espaço, os diversos times pequenos ou médios devem requisitar um horário aos gestores do campo. A utilização dos campos comunitários depende, dessa forma, das boas relações conservadas entre os donos destas equipes e os representantes daquela comunidade. Dos campos especiais, o único estádio de futebol que, no Peladão 2012, estava à disposição das equipes grandes, era o Estádio da Colina, do time profissional São Raimundo, que se encontrava em péssimas condições de conservação, tendo 75% de suas arquibancadas condenadas e, portanto, interditadas. O estádio do SESI, em que ocorreram os jogos finais, à época, não podia ser alugado por conta de uma grande briga que havia ocorrido alguns anos antes numa semi-final do campeonato.

Tome-se, como exemplo, a equipe do Panair, na qual Mozart era, em 2012, preparador físico: tratava-se de um time grande, que estava sempre em busca de torneios e amistosos, e que também organizava treinamentos semanais em campos específicos. Presenciei, certa vez, um jogo combinado entre esta equipe e o ASJEC. Os jogadores mal se conheciam, os donos das equipes também. Mas Mozart estava nas duas equipes e organizar esta partida foi, para ele, uma possibilidade de aumentar seu status em ambos os coletivos, pois os dois times procuravam oponentes para realizar seus amistosos e, além disso, uma rede de trocas poderia ser, ali, inaugurada. Como se tratava de um jogo treino, não se configurou como uma situação tensa e nem contou com presença de torcedores. O time do Panair, por conta de atrasos no pagamento de seus jogadores, veio desfalcado e teve de ser completado por jogadores do Próprio ASJEC, inclusive por Mozart, que jogou descalço, já que não havia se preparado para exercer esse papel naquela situação. O jogo se deu no campo dos ASJEC, ou seja, no campo comunitário do bairro do São José Operário, na Zona Leste de Manaus, de modo que os jogadores e a comissão técnica do Panair tiveram de se locomover até este local para que o certame pudesse ocorrer.

As equipes grandes, quando possível, estão sempre em circulação: jogar futebol o máximo possível, com a maior variedade de oponentes, no maior número de campeonatos possível, é fundamental para que se mantenha o entrosamento do time. Além disso, para os donos destes times, conhecer novos oponentes significa, também, conhecer novos jogadores que podem ser arregimentados e trocados.

Se tomarmos os times pequenos como recorte analítico, veremos outra forma de se circular pela cidade: neste caso, o campo comunitário aparece como uma centralidade nos diferentes bairros. As equipes que se encontram regularmente o fazem naquele mesmo campo e os jogadores são sempre os mesmos amigos de todos os finais de semana. Há, dessa forma, relações de vizinhança que estão sempre em atualização, por meio de conversas e fofocas que se dão na beirada do campo, ou por meio de parcerias e disputas que se dão no momento do jogo. A equipe do Apolo F.C., retratada no segundo trecho de caderno de campo supracitado, é um bom exemplo: trata-se de um time que disputa o Peladão, mas também campeonatos do bairro de Petrópolis e organiza, em todos os domingos pela manhã, uma Pelada no campo do bairro, o Centro Desportivo Alfredo Nascimento (CEAN). Como visto no relato, este time conta com dois donos e cada um monta uma metade do Apolo: o Apolo Amarelo e o Apolo Azul. São amigos e chegados, normalmente da vizinhança, que frequentam a Pelada (há também aqueles que já se mudaram e mantém laços com os que ficaram).

Os times médios, por sua vez, buscam uma gestão que mistura estas duas estratégias. A maioria conta com um campo próprio, em que se joga aos finais de semana e se fortalece os vínculos de amizade que serão a "base" da equipe montada para o Peladão. No entanto, como já contam com algum patrocínio que pode financiar uma ou outra viagem pela cidade – alugando um micro-ônibus ou pagando o mototaxi dos jogadores, estes times põe-se em busca de amistosos com as equipes grandes. Assim, eventualmente conseguem alguma parceria para ir além do campo de futebol do seu bairro e aventurar-se em jogos-treino que, normalmente, perdem.

### *3.2.2. A Barca*

Após os jogos dos times das categorias *Masculino* e *Máster* há, sempre que possível, a barca. Este é o nome dado para a reunião dos jogadores num bar – normalmente o mesmo ao final de todas as partidas. A barca pode também ocorrer em outros locais, como o quintal do dono do time (na falta de um quintal, pode ser a calçada na frente da casa), um terreno baldio, uma barraca de uma feira, enfim, qualquer *pedaço* em que se possa agrupar aquelas pessoas. Ali se toma muita sopa, regada à cerveja e refrigerante. As conversas e zombarias só cessam quando o último jogador vai embora e, normalmente, são preenchidas pelos termos "veado" (ou variantes, como "fresco", "boiola") e "corno". Como visto na fala de Deca, um dos donos do Apolo, todos são *veados* e *cornos* em potencial por deixarem suas esposas para irem jogar bola

com os homens. Tais categorias serão melhor esmiuçadas no primeiro capítulo da segunda Parte, no qual será mostrado que *veado* aparece como uma categoria acusatória e c*orno* como uma categoria assumida por cada um: "você é *veado*, nós somos *cornos*".

Nos naipes *Feminino*, *Peladinho* e *Indígena*, a barca não faz parte do c*ircuito*: nestes casos, os jogadores e jogadoras voltam para suas casas após os jogos, ou tomam um lanche patrocinado pelos donos ou donas dos times.

O futebol jogado por homens adultos mobiliza, deste modo, dois locais: o campo e a barca. Eles normalmente ficam espacialmente próximos, o que sugere um *trajeto* curto entre um e outro. Para os times grandes, no qual há maior circulação de jogadores – pois estes são tomados como objetos a serem contratados em busca de uma melhor *performance* – os *trajeto*s são, também, mais variados. Já que o treino se faz necessário e os amistosos se fazem fundamentais, estas equipes, na época de preparação para seus jogos, circulam mais pela cidade e, por conta disso, frequentam diferentes bares, dependendo do local em que vão jogar. É comum, também, muitos dos jogadores destas equipes não irem para o bar após o jogo, uma vez que, mal terminada uma partida, devem receber seu dinheiro e correr para outro campo, noutro lado da cidade, para jogar outro campeonato; ou mesmo porque não se sentem a vontade naquele grupo específico, uma vez que, muitas vezes, mal conhecem seus companheiros. Outra prática comum para as equipes com poder aquisitivo é a realização de grandes festas no bairro após os jogos importantes. Para estas grandes barcas, que aglomeram não só jogadores, como principalmente torcedores e moradores do bairro em que a equipe está sediada, são contratadas bandas de músicos e é servida muita comida e cerveja. Nestas festas busca-se, sempre, fortalecer o vínculo da equipe com o bairro, produzindo-se os discursos que relacionam estas duas unidades.

Já para as equipes pequenas e médias, em que não há, muitas vezes, verba para o deslocamento dos jogadores, nas quais há menor circulação de boleiros[36] e que adotam um campo como centralidade, a circulação é mais regular, sempre se repete – os mesmos campos, os mesmos bares. Os vínculos estabelecidos entre aqueles que participam destas equipes são fortes, pois são coletivos firmados sobre antigas relações

[36] O termo, aqui, não carrega o mesmo significado daquele descrito no Peladão Indígena. Boleiros, para os outros participantes do Peladão, são quaisquer homens que jogam futebol.

de amizade e parentesco, que se renovam a cada Pelada de fim de semana. Assim, a relação entre o jogo e a barca é forte: é como se fossem uma coisa só.

Em geral, o futebol jogado por crianças, mulheres ou indígenas mobiliza somente o campo, cada um de uma forma específica. Os indígenas, no caso dos Sateré-Mawé, como visto anteriormente, anexam seus campos a suas comunidades e também circulam pela cidade e pelas comunidades ribeirinhas para jogar bola. Após as partidas, voltam para suas próprias comunidades. As mulheres, como será visto no capítulo 2 da segunda Parte, não dispõe de muito tempo para se dedicarem ao futebol, pois dizem que devem voltar para suas casas para cuidar de suas famílias. Assim, é raro que frequentem algum bar depois de jogos ou treinos. As crianças também devem retornar à suas casas, pois assim é exigido por seus pais – e os donos das equipes do *Peladinho* buscam cumprir este combinado, uma vez que a participação dos meninos em seus times depende do aval de seus responsáveis maiores.

### *3.2.3. A sede do Peladão e o campeonato*

Os campeonatos, em geral, dinamizam ainda mais estes *trajetos,* inserindo, no circuito, de cada coletivo, novos equipamentos e agentes. No caso do Peladão, o primeiro equipamento a ser inserido é a sede da coordenação do campeonato. Ali são realizados sorteios e é o local, também, em que diversos documentos devem ser entregues e recolhidos semanalmente (mando de campo, novas fichas de inscrição de jogadores, súmula das partidas).

A sede do Peladão se localiza[37] na Rua Joaquim Sarmento, no Centro de Manaus, próxima ao Theatro Amazonas. É uma casa azul, que conta com espaços delimitados para cada uma de suas atribuições. O primeiro cômodo, a partir da rua, é a garagem da casa, na qual são colocados, em dois grandes quadros, informativos, tabelas e atos disciplinares, por meio dos quais os donos e jogadores dos times se informam sobre o andamento do campeonato. Atravessando a garagem e a porta de entrada, chega-se ao balcão onde se localizam dois funcionários responsáveis por atender aqueles que vêm tirar dúvidas, entregar ou receber documentos de inscrição, súmulas, mandos de campo e denúncias. É ali, também, que ocorrem os sorteios das duas primeiras fases dos diferentes naipes: nos dias de sorteio a sala fica cheia de homens e

[37] Até a edição de 2013 do campeonato, pois com a demissão de todos os funcionários não se sabe se o campeonato continuará a ser sediado no mesmo prédio.

mulheres atentos a uma grande televisão presa na parede, que funciona como monitor do computador, o qual, por meio de um software desenvolvido para este fim, distribuí as equipes nas chaves. O próximo cômodo é a copa, onde se bebe água e café, e se leva uma conversa informal com qualquer um. Por fim, há uma grande sala na qual são realizadas as sessões da Comissão Disciplinar, onde as rainhas se inscrevem e tiram suas fotos de inscrição, em que Arnaldo Santos cede entrevistas para televisões e rádios, na qual são realizadas as reuniões da equipe administrativa e onde se dão os sorteios a partir da terceira fase de todos os naipes. No andar de cima da casa está localizada a sala de Arnaldo Santos, local em que ele cedeu as três entrevistas realizadas para esta pesquisa, em 2009, 2010 e 2012.

A sede do Peladão conta com nove funcionários: um diretor geral (Arnaldo Santos), dois diretores administrativos, quatro funcionários administrativos do Peladão, um funcionário administrativo do concurso de beleza da Rainha do Peladão e uma funcionária encarregada da limpeza. Trata-se de um nó importante do *circuito*, uma vez que representantes de todos os times – jogadores e donos – sempre se fazem presentes, para entregar ou receber documentos, fazer reclamações, assistir aos sorteios, participar de algum julgamento da comissão disciplinar, ou mesmo para jogar conversa fora. À exceção dos meninos que jogam no *Peladinho*, e que sempre são representados por adultos, não conversei com nenhuma pessoa, em toda a pesquisa de campo, que não conhecesse a sede do Peladão.

A regra do mando de campo também insere novos equipamentos e atores, alterando o *modo de circulação* de cada time. Esta regra obriga as equipes menores a saírem de seu bairro e circularem ainda mais, principalmente a partir da segunda fase do campeonato, quando o adversário é decidido por um sorteio que não agrupa os diferentes "distritos". Como os bairros mais pobres são aqueles em que os campos estão em pior estado, os times mais pobres sempre perdem o mando de campo e, por conta disso, devem se locomover, em todos os finais de semana, para o campo do adversário. Por outro lado, as equipes grandes, no Peladão, contam com os melhores campos de futebol – normalmente espaços alugados – que sempre se saem melhor no cruzamento de mando de campo. O que faz com que sempre joguem "em casa". Ou seja: no contexto do Peladão há uma inversão com relação à circulação das equipes pequenas e grandes. Os pequenos são obrigados a circular mais, enquanto os grandes ficam em seu *pedaço*, fazem do seu campo uma centralidade no campeonato.

As equipes médias, que normalmente contam com um campo numa colocação mediana na lista, ora jogam “em casa”, ora são obrigadas a circular. Vale notar, aliás, o significado do que seja “jogar em casa”: trata-se de “jogar no meu *pedaço*”. Há certos campos que se conhece e nestes, ainda se sabe o que se pode esperar. No entanto, o terror, para todas as equipes, é jogar num local desconhecido. Ali, tanto os torcedores são estranhos e potencialmente inimigos, quanto o próprio campo é diferente, em suas medidas, solo, buracos. Isso altera muito o modo de jogar dos times, pois o conhecimento do terreno – e, portanto, dos caminhos que a bola e os jogadores traçam pelos buracos e desníveis do campo –, assim como o conhecimento daqueles que vêm assistir a partida – ou seja, de suas reações nas distintas situações proporcionadas pelo jogo – são fundamentais para que se possa gerir a partida, os movimentos em campo, as atuações para com o outro. Ressalta-se que, no caso das equipes pequenas e médias, apesar de circularem sempre por campos diferentes, os locais em que ocorrem as barcas continuam sendo os mesmos. Vencendo ou perdendo, o movimento é o de voltar ao bar/casa/barraca, de sempre para festejar ou lamentar.

O *circuito do Peladão* é composto, deste modo, pela *sede do peladão*, pelos bares/casas/calçadas, onde se dão as diferentes *barcas* e pelos diversos *campos* que são frequentados pelas equipes em seus jogos e treinos.

Mas os *modos de circulação* de cada equipe, formados por seus *trajetos* neste *circuito*, têm dinâmica própria, extrapolam estes três equipamentos e articulam outras relações de trocas, firmadas em outros equipamentos urbanos. Seguindo os diversos times que participam do campeonato, percebe-se que há uma dinâmica específica entre estes coletivos que alimenta o *circuito do Peladão*. Trata-se do *circuito das equipes*.

**Figura 10 - O Centro Desportivo Alfredo Nasecimento. Campo de futebol do bairro Petrópolis classificado como "campo comunitário". O campo se confunde com a paisagem urbana e quase não há torcedores em suas bordas.**

**Figura 11 - O Campo de futebol do Estádio da Colina. Principal "campo especial" do Peladão 2012. Os jogos, neste campo, sediados por times grandes, contam com a presença de torcedores.**

**Figura 12 - Bar localizado ao lado do Centro Desportivo Alfredo Nascimento, sede das barcas de muitas equipes das redondezas.**

**Figura 13 - A sede do Peladão lotada de representantes das equipes durante o sorteio que decidiu os confrontos da segunda fase do campeonato masculino de 2012. Carlos, o dono do Apolo F.C. é o funcionário de camisa vermelha que atende os peladeiros.**

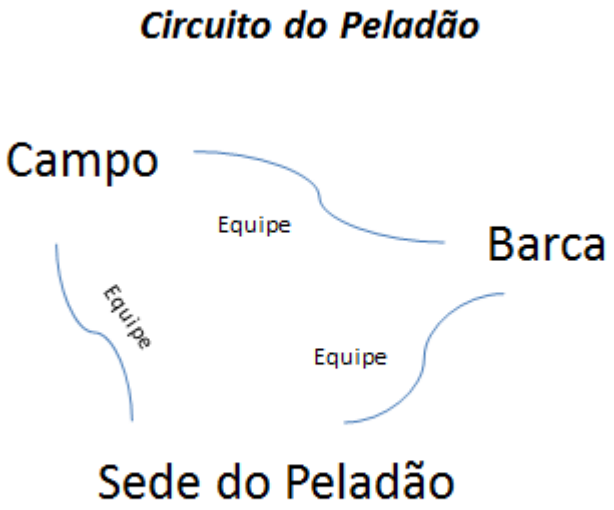



**Figura 14 - Esquema que representa o Circuito do Peladão: os principais agentes são as equipes e os nós são o campo, a barca e a sede do campeonato.**

### 3.4.O circuito das equipes

A prática do futebol oferece uma oportunidade para os manauaras, quando associados numa equipe futebolística qualquer, circularem pelo meio urbano, desbravando novos campos, conhecendo diferentes *pedaços* e formalizando, desse modo, novas relações de troca. No *circuito do Peladão*, os diferentes agentes estão, em sua grande maioria, identificados a algum time de futebol. É por meio deste coletivo que reúnem as condições necessárias para circularem pela metrópole. Cada equipe tem suas próprias características, seu *modo de circulação* específico. Os times de futebol são, assim, os principais agentes do *circuito*. No entanto, um olhar mais atento deflagra que muitas coisas e pessoas passam *através* das diferentes equipes. Pode-se dizer que há um *circuito* paralelo ao já identificado (composto por sede do Peladão, campos de futebol e barcas) que alimenta e é alimentado por ele. Este é o *circuito das equipes*.

Para que seja possível identificar este novo *circuito*, é necessário mudar a escala de análise. Ao tomar como objeto o *Peladão* e os equipamentos urbanos mobilizados para a prática do futebol neste contexto, os diferentes times de futebol aparecem como agentes. No entanto, quando o olhar é direcionado para os outros agentes, que atuam

noutra escala, mais de perto e mais de dentro, ou seja, quando se coloca em foco os próprios jogadores, árbitros, técnicos, donos, empresários, traficantes, entre tantos outros, percebe-se que as equipes passam a ser, também, pontos num *circuito*. Trata-se de um *circuito* que surge em paralelo, dinamiza e é dinamizado por aquele citado anteriormente. Ambos funcionam em conjunto e, somente quando vistos em conjunto, podem dar conta de toda a riqueza dos fenômenos aqui descritos. Ou seja: é por meio da circulação *entre equipes*, que muitos circulam pelos campos, bares e pela sede. Além disso, a exclusão de um agente de um dos dois *circuito*s acarreta, imediatamente, a exclusão do outro. Vejamos, pois, como isso ocorre.

A circulação dos jogadores entre as diversas equipes toma contornos diferentes de acordo com a situação. Os futebolistas, como Mozart, que retiram do futebol amador seu sustento – os *profissionais do amador* -, sendo contratados pelos times grandes ou médios para participar dos diversos campeonatos que ocorrem em Manaus (copa dos bairros, campeonatos locais, Peladão), circulam por diversos coletivos diferentes, vendendo sua força de trabalho e agindo muitas vezes como bens de troca entre os donos destes times. O futebol aparece, desse modo, como organizador de trocas diversas que se baseiam em relações monetárias, sendo os próprios jogadores os veículos dessas trocas, ou os objetos a serem trocados. Por meio dos jogadores as relações de prestação e contra-prestação são firmadas – entre jogadores, entre jogadores e donos, e entre donos. A quebra dessas relações são frequentes e geram inimizades, o que faz surgir, muitas vezes, grandes rivalidades entre diferentes times, além de excluir certos atores do *circuito*.

Por exemplo: um jogador, certa vez, assinou com uma equipe. No entanto, outra equipe ofereceu um melhor pagamento para que ele se agregasse a seu plantel. O jogador aceitou, mas teve que sofrer a consequência por seus atos: a primeira equipe com a qual assinou era patrocinada por um traficante, que ameaçou sua vida por ter quebrado uma relação de confiança, pressionou o dono da nova equipe e conseguiu que o contrato do jogador com este time fosse rompido e que ele não fosse mais contratado por ninguém para a edição do Peladão de 2012. Ele foi, assim, excluído tanto do *circuito* dos times, quanto do *circuito do Peladão*.

No caso das equipes menores, as relações que sustentam a circulação dos jogadores são, em sua maioria, relações de amizade e parentesco. Um time pequeno ou

médio é, normalmente, criado por alguns familiares (pai, filhos, primos), que agregam mais alguns vizinhos. Se a equipe almeja avançar no campeonato, ela pode buscar bons jogadores, amigos de amigos, ou amigos de parentes, que condicionem sua participação ao pagamento do transporte para os jogos. É comum que alguns amigos ou parentes troquem seu time pela equipe de outros amigos e parentes. Nessa situação ocorre uma disputa que envolve cobranças sobre a verdadeira amizade deste indivíduo que está trocando de time. Argumentos como "você começou a jogar por nossa causa", ou "nós somos os seus verdadeiros amigos", e "você vai trocar seus parentes por alguns amigos?" são frequentemente utilizados como recurso para impedir alguma transferência indesejada. Quando essa transferência envolve dinheiro, estes argumentos ainda surgem, mas com menos força, pois muitos concordam que "receber para jogar" é uma desculpa inquestionável, além de significar um maior status para aquele jogador, que reverbera para o time que o "revelou" – principalmente quando este é contratado para jogar numa equipe grande.

> No nosso time ninguém paga pra nenhum jogador. Eles jogam pela amizade, quem nem tá: "Amigos do Wallace". Aí a primeira coisa que a gente fala é "não tem condições de pagar ninguém por jogo, não", diferente dos outros times. O que tava hoje lá, eles tem um pessoal por fora deles, lá, que tem condições de pagar cinquenta reais para cada jogador participar. Nós não! Nós não temos essa condição. O pessoal que tava lá hoje, foi inscrito vinte e dois jogadores. Foram quatorze. Desses vinte e dois, faltaram oito. Aí vai nessa, aí nessa hora que a gente vê quem que é amigo e quem não é. (Entrevista cedida por Joca, dono do time Amigos do Wallace, outubro de 2013).

Tanto no caso dos times grandes quanto no caso dos times pequenos, os donos das equipes devem buscar parceiros para ajudar no financiamento do time. Pode ser algum parente, algum amigo, algum chegado, que seja dono de algum estabelecimento – como um restaurante, uma padaria, uma loja de camisetas – que dê algum dinheiro, um jogo de uniformes, equipamento esportivo, e coloque a marca de seu estabelecimento no uniforme. Para além de divulgar aquele estabelecimento ou apoiador, a marca, quando impressa na camiseta do time, adquire outra função simbólica: identifica aquele ator como parte da equipe, como parte daquele grupo, daquele *circuito*.

A inserção de diversos parceiros na equipe, seja como apoiador, seja como jogador ou cumprindo qualquer outra função (massagista, técnico, preparador físico), é, antes de qualquer coisa, a construção de uma extensa rede de trocas. Aqueles que contribuem para a formulação desta rede – seja o dono do time, com seus contatos, seja

algum outro participante, que fornece dinheiro, campo, uniforme ou até novos contatos – adquirem um local privilegiado neste sistema de trocas e maior prestigio naquele coletivo. Assim, a formulação do time de futebol passa por disputas internas, entre aqueles que contribuem para sua formação – donos podem ser destituídos, novos patrocínios são procurados, novos campos de futebol e barcas são arregimentados – e as mudanças na conformação do time – ou seja, deste nó no *circuito das equipes* – altera seu modo de circular, como agente, no *circuito do Peladão*.

De modo que, diferentemente da sede do Peladão, os diversos campos e bares, a equipe é um *agente-nó* e, até por conta disso, trata-se do coletivo que mais agrega diferentes pessoas e que mais potencializa a formulação de novas redes de troca. O *circuito das equipes* é a intersecção entre os indivíduos e pequenos coletivos que jogam futebol por Manaus com *circuito do Peladão.* São estes dois *circuitos* que, no contexto do Peladão, dinamizam o *circuito do futebol* em Manaus.

**Figura 15 - Foto da equipe Vitória do Morro da Praça 14 em formação. Exemplo de um time pequeno, formado por parentes e amigos de longa data.**

**Figura 16 - Foto do time Panair F.C em formação. Este é um time grande, com jogadores, rainha e comissão técnica contratados.**

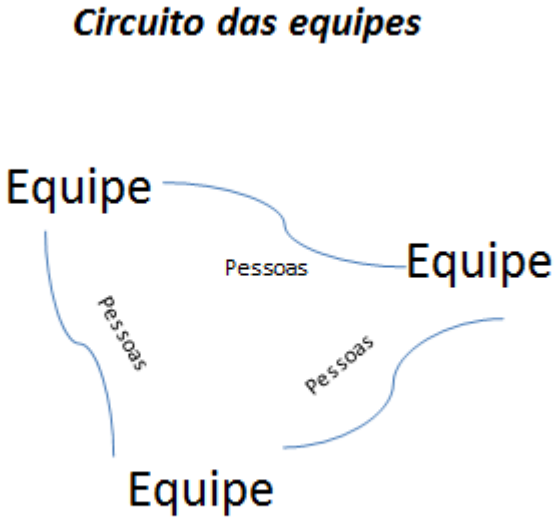



**Figura 17 - Esquema que representa o Circuito das equipes: os principais agentes são as pessoas que circulam pelos campos e barcas, e os nós do circuito são as diferentes equipes.**

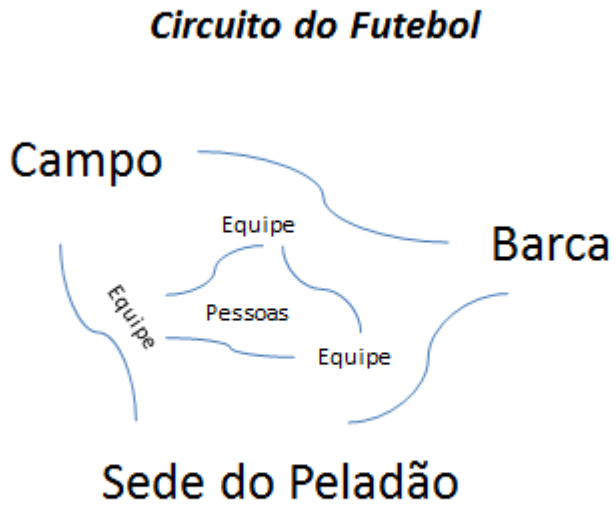



**Figura 18 - Esquema que representa o Circuito do futebol: a junção do Circuito do Peladão com o Circuito das equipes.**

### 3.5.De linhas e circuitos: a ocupação da cidade pela bola.

Como afirma Magnani (2007), foi a partir da categoria *Circuito* que se tornou possível, para os pesquisadores do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, realizarem suas pesquisas no meio urbano sem que se caísse em análises fragmentárias. Uma vez em campo, estes antropólogos perceberam que diferentes habitantes da cidade circulavam, de modo mais ou menos regular, por determinados equipamentos urbanos. Souza (2007), por exemplo, em estudo sobre os Straigth Edges de São Paulo - coletivo de pessoas, que se caracteriza por combinarem uma dieta *vegan*, livre de derivados de animais, com o gosto pela música *hardcore* -, identificou um *circuito* formado por "restaurantes, lanchonetes, sorveterias, lojas de disco (principalmente nas grandes galerias da rua 24 de maio e adjacências), lojas de produtos vegetarianos, *vegans*, naturais e orgânicos, lojas de roupa "livres de crueldade", casas de shows, manifestações e centros de cultura anarquista". Nestes equipamentos urbanos, os Straight Edges poderiam não se conhecer pessoalmente, mas se reconheciam enquanto

parte do mesmo grupo, por adotarem signos em comum – vestimentas, ideias, bens de troca.

Diferentemente do *pedaço*, que é um lugar específico, um ponto de encontro entre amigos e familiares, localizado "entre a casa e a rua"; da *mancha*, que está inscrita na paisagem urbana de forma contigua; ou dos *trajetos*, que são estes percursos, na cidade, entre *pedaços*, e através de *manchas* e *circuitos*; os *circuitos* não têm uma contiguidade espacial, sendo identificado por meio dos pontos conectados por aqueles que os constroem. O *circuito* conserva certa regularidade no tempo e no espaço – fundamental para sua existência –, mas está sempre em transformação, pois são as diversas negociações, entre aqueles que o elaboram, que delimitam as diferentes possibilidades de apropriação e modificação do meio urbano. Trata-se de uma categoria fundamental para que se possa refletir sobre as diferentes formas de se circular pela metrópole e as diferentes trocas que são ativadas por meio dessa circulação.

Embora sejam identificados, em sua maioria, por meio dos equipamentos urbanos que deles fazem parte, os *circuitos* são compostos também por outros espaços da cidade, como casas de parentes e/ou amigos, esquinas, ruas. Certos *circuito*s podem extrapolar os limites da malha urbana e conterem pontos em outros locais. Um bom exemplo disso é *circuito* dos Sateré-Mawé de Manaus, identificado nas pesquisas realizadas no âmbito do PROCAD, e que é composto pelas seis aldeias localizadas na capital Manauara e arredores, por instituições ou pelas casas dos parentes que vivem em outras cidades, como Parintins e Maués, ou mesmo por aldeias na Terra Indígena Andirá-Maraú.

O *circuito*, no final das contas, é delimitado pelo próprio antropólogo a partir de sua pesquisa de campo. Nas andanças, conversas e demais atividades levadas a cabo com seus interlocutores, o pesquisador busca entender quais são as constantes que fazem parte de sua circulação na cidade. Deve-se ressaltar que há certos locais em que aquele agente nunca esteve, mas que são reconhecidos como parte de determinado *circuito* no qual ele se insere. Na verdade, o que delimita se determinado local faz parte de um *circuito* é seu grau de pertinência[38] para aquelas pessoas, pois, mesmo que nunca tenham estado em certos lugares, reconhecem-nos como importantes para o grupo do qual dizem fazer parte.

[38] Como colocado por Magnani, em texto ainda não publicado sobre o assunto.

O estudo sobre o futebol de várzea apresenta certas complicações quando comparado com pesquisas como a já citada, desenvolvida por Souza. É que o universo do Peladão é tão heterogêneo que dificilmente se poderia indicar todos os lugares pelos quais circulam todos os seus agentes. O que se propôs, no capítulo anterior, foi uma categorização em que foram incluídos os equipamentos com maior *grau de pertinência* para todas as diferentes equipes com os quais entrei em contato. Pode-se dizer, assim, que são os muitos campos de futebol, bares em que os jogadores se reúnem após as partidas, e a sede do campeonato, que formam aquilo que chamei de *Circuito do Peladão*. E, dentro deste grande circuito, puderam ser identificados alguns *modos de circulação* específicos, próprios de diferentes formas dos coletivos que participam deste circuito se organizarem. Neste *circuito do Peladão*, os agentes que circulam são os times de futebol.

Além disso, também reparei que há um *circuito das equipes*, por onde circulam as pessoas que jogam no Peladão e em outros campeonatos de várzea de Manaus. Donos de times, jogadores, massagistas, preparadores técnicos, parentes, amigos, patrocinadores. O *circuito das equipes* é mais fluido do que o do Peladão, uma vez que os agentes que nele circulam são indivíduos como Mozart, que em suas andanças pela cidade passa por muitos outros locais, como o escritório de contabilidade, a pizzaria do irmão, a padaria de outro amigo, a escola da prima, a casa de seu pai. Enfim, anda pela cidade, costurando novas relações, mas sempre voltando aos principais nós que unem sua linha de vida com a dos outros boleiros de Manaus: as equipes de futebol. Assim, aqueles que, como Mozart, vivem no mundo do futebol de Manaus, circulam pelas equipes e, quando o fazem, tecem suas linhas pela cidade, numa ação ativa de habitá-la, transformando-a em sua morada.

*Habitar* [Dwell], de acordo com Ingold (2000), seria estar em relação contínua com o ambiente em que se vive, modificando-o continuamente por meio de *habilidades* específicas, desenvolvidas por cada um em sua *linha* de vida. Tanto para humanos quanto para outros seres vivos, as intervenções realizadas sobre este ambiente seriam um produto dessa relação ecológica, assim como a própria existência das diferentes formas de vida em seus diferentes modos de construir.[39]

[39] Uma ressalva com relação a tradução do conceito de Ingold deve ser feita: por falta de termo melhor optou-se, no Brasil, por traduzir "Dwelling perspective" por "Perspectiva da habitação". O

Os diferentes modos de *habitar* seriam fundamentados nas *habilidades* que os agentes desenvolveriam em suas vidas. Tais *habilidades*, desenvolvidas por cada um em suas experiências de vida, tanto com base na orientação dos predecessores quanto nos seus próprios caminhos seguidos, sempre em relação com o ambiente, seriam a base do conhecimento. E, antes de serem exercitadas por meio de um planejamento fundamentado em projetos mentais, as *habilidades* desenvolvidas durante o percurso da vida seriam incorporadas pela atenção aos movimentos do outro e aos próprios movimentos do agente. "Em suma", diz Ingold, "o aumento do conhecimento na história de vida de uma pessoa não é resultado de transmissão de informação, mas sim de redescoberta orientada". (INGOLD, 2010 : 19).

Esta mesma perspectiva é colocada pelo autor em suas reflexões acerca da construção de caminhos pelo mundo *habitado.* E aqui há uma aproximação com a categoria c*ircuito*. Ao caminhar pelo mundo, diferentemente do que ocorre no ato de serem transportados de um ponto para outro, os seres vivos entrariam em contato com outros agentes, entrelaçando suas histórias – ou suas linhas de vida –, engajando-se em novas práticas, elaborando novas linhas de significado, novos trajetos, numa ação de mapeamento realizada "pelo organismo como um todo, enquanto ele se move, intencionalmente e atentamente, de um lugar para outro". Ou seja: "conhecemos enquanto caminhamos, e não antes de caminhar". Viver e crescer, desse modo, seriam ações ativas de "descobrir caminhos" no ambiente e tais caminhos estariam sempre em constante elaboração. Cada um desses caminhos de vida no ambiente seria, para Ingold, uma *linha.* Dever-se-ia, então, para o autor, atentar-se às conformações das *malhas* formadas por *linhas* humanas: onde há maior ou menor concentração de caminhos? Onde eles se misturam até quase formar um nó? De que modo se modificam e interagem com o ambiente?

> Wayfaring, I believe, is the most fundamental mode by which living beings, both human and non-human, inhabit the Earth. By habitation I do not mean taking one´s place in a world that has been prepared in advance for the populations that arrive to reside there. The inhabitant

problema é que a palavra *habitação*, principalmente em se tratando dos estudos sobre a cidade, não carrega, normalmente, o significado proposto pelo autor, sendo utilizada na maioria das vezes no sentido oposto, quando se fala, por exemplo, de políticas públicas para habitação, da construção de grandes prédios, apartamentos e casas projetados para a vida urbana. Quando, neste texto, se falar sobre *habitação*, estar-se-á referindo à relação continua, ecológica, de construção do meio em que se vive – que, aliás, só pode ser devidamente observada pelo pesquisador que estuda a cidade *de perto e de dentro*.

> is rather one who participates from within in the very process of the world´s continual coming into being and who, in laying a trail of life, contributes to this wave and texture (INGOLD, 2007: 94).

Em seu texto *Trace, threads and surfaces* (2007), Ingold propõe, ainda, que é possível transformar os *fios* (as linhas tridimensionais que são costuradas por entre a superfície do ambiente habitado) em *traços* (as linhas bidimensionais que são inscritas nas superfícies do ambiente que se habita) e os *traços* em *fios* de acordo com o ponto de vista do observador. Assim, um labirinto, quando descrito de cima, pode ser visto como um conjunto de traços inscritos na superfície do mundo, que conservam um padrão específico e um objetivo claro. No entanto, quando observado a partir da perspectiva do viajante que se aventura por seus caminhos, costurando-se pelo ambiente tal qual um fio que se emaranha numa malha, o labirinto é visto como um mundo sem superfícies ou padrões, "nunca visto em sua totalidade". O mesmo exercício, só que inverso, pode ser aplicado quando se quer relacionar as *linhas* com os *circuitos*. Alterando-se o ponto de vista do observador e colocando-se acima dessas linhas de vida, ver-se-á que elas são, também, traços inscritos na superfície da cidade. Assim, pode-se abstrair os *circuitos* elaborados pelos agentes que jogam bola em Manaus, com suas permanências e regularidades. Torna-se possível observar os distintos modos de circulação e os nós que unem esses traços conformados no ato de caminhar.

A ação de andar pela cidade, circulando por seus diferentes equipamentos, é uma atitude propositiva que transforma o estranho em familiar. *Circular* pela metrópole é colocar em prática uma série de *habilidades* por meio das quais se negocia este ambiente. Para variados *habitantes* da cidade, constituir um *circuito*, assim como um *pedaço*, por meio dos diferentes *trajetos* é construir uma casa na rua. Inscrever na cidade suas ideias, perspectivas, anseios. Quando visto *de perto e de dentro*, o ato de caminhar é similar ao de um costureiro que tece um fio invisível pela cidade. Essa linha cruza com outras linhas, tecidas por outros agentes, formando uma malha e, em certos pontos de convergência, são tantos os fios que se cruzam, que se forma um nó. No caso do *circuito do Peladão* as linhas são costuradas pelas equipes e os nós são os campos, os bares e a sede. Já no *circuito das equipes*, os nós são os próprios times e as linhas são tecidas, como já dito, por jogadores, técnicos, donos de times, massagistas, patrocinadores, familiares. Ambos os circuitos conservam uma relação de interdependência: um não se articula sem o outro.

Finalmente, parafraseando aquele excerto apresentado como epígrafe deste capítulo, é justamente nessa ação de tecer suas linhas invisíveis pela cidade, caminhando entre *pedaços* e *manchas*, inventando novos *trajetos* e envolvendo-se num *circuito*, que aqueles que vivem na metrópole conseguem contar histórias sobre sua vida neste lugar e sobre este ambiente com o qual estão em constante relação. O ato de circular é, finalmente, uma ação obrigatória para que se possa contar histórias, (re)inventando significados, entrando em contato com o outro.

Em minha pesquisa ouvi muitas narrativas que ligavam o futebol com as próprias histórias de vida de meus interlocutores. Era comum que os jogos de bola, as participações em diferentes equipes, as rivalidades, se misturassem com as histórias de amizade, de brigas, rompimentos. E tudo isso estava sempre ligado a determinados locais da cidade pelos quais meus interlocutores passavam comigo – o lugar causava a lembrança e a lembrança significava o local.

Houve uma vez, por exemplo, em que após um jogo do Apolo F.C fui à barca e lá fiquei, durante toda a tarde, ouvindo histórias dos boleiros. Os jogadores relembravam de situações das mais diversas: desde momentos marcantes para a vida ali no bairro, como a primeira vez em que mergulharam no igarapé local e perceberam que este estava poluído, até situações pessoais, envolvidas com o futebol, como quando jogaram, num campo longe dali, com uma "equipe de traficante", foram ameaçados antes do jogo e tiveram, durante toda a partida, de lidar com o perigo da situação. Tendo findada a barca, dois jogadores, o Sandro e o Neguinho, me deram carona para casa e, no trajeto, contaram-me sobre sua antiga equipe, o São Bento, ao mesmo tempo em que apontavam para os lugares do bairro que frequentavam quando ainda eram jovens:

> **Sandro:** Olha, ex-profissionais vieram jogar, mas quem fundou foi a gente, a molecada da rua: eu, neguinho, baixinho... os vizinhos. Aí foi quando eu fui pro internato, eu fui pro internato.
> **Neguinho:** Começamos como um time infantil, né.
> **Sandro:** Só moleque, só garoto.
> **Neguinho:** Aí foi, nós fomos envelhecendo, aí passou pro juvenil aí foi...
> **Sandro:** Quem começou o São Bento foi justamente o Barrote, o Alexandre.
> **Neguinho:** Ele vem de São Paulo, lá do São Bento de Sorocaba. O nome do time era por causa do São Bento de Sorocaba.
> **Sandro:** O nome do time era São Bento porque um dos caras que ajudava a gente, que era muito bem de vida, era o Seu Bento. Aí chamou São Bento. As cores dele era azul e branca, também. Campeonatozinho de bairro, assim, de futebol amador, tudinho o São

Bento ganhou... O Peladão não, naquela época o São Bento não disputava o Peladão. O Peladão não tinha esse respaldo que tem hoje, não! Pra gente, o importante era aqui. Aqui funcionava um bar... uma lanchonete, aqui nessa esquina onde é a drogaria. Funcionava uma lanchonete, e a gente ficava aqui. Aqui, quando faltava luz, e a gente estava bebendo, faltava luz e todo mundo saía correndo. Todo mundo sabia! No outro dia os caras vinham cobrar a gente, sabia que era a gente, mas a gente fazia de putaria, sabe? O Neguinho fazia pose pros gay bem aqui, ó.

**Neguinho**: É ruim, heim!

**Sandro:** (Risos) Eu e o meu irmão, a gente passava por aqui às vezes, "que que esses dois tão fazendo aí?". A gente não entendia. Aí ele foi falar num carro, com um veado... Não era nem os gays que mexiam com ele, era ele que mexia com os caras. Os caras as vezes nem era gay e ele...

**Neguinho:** doido pra pegar porrada!

**Sandro:** Essa rua Codajás, aqui, a gente não vinha pra cá, não. Porque o pessoal daqui tinha uma rixa do caralho com a gente. Muito galeroso aqui. O resto de Petrópolis a gente mandava, mas aqui, em Codajás... Essa parede aqui é que os meninos ficaram aí, ó! Onde estão esses guardas aí ó! Tavam (...) um do outro, foi todo mundo pegar porrada aí, ó!

A gente andava em qualquer lugar e todo mundo conhecia a gente, todo mundo respeitava a gente, entendeu? A gente não brigava com ninguém, nosso negócio era... todo mundo sabia que o nosso negócio não era brigar com ninguém, a gente não tinha gangue. O nosso negócio era sair, se divertir, pegar mulher, transar, namorar. Muita gente se aproximava da gente, porque sabia que onde a gente tava tinha mulher, mano! Ninguém roubava... Ix, cara, hoje em dia ninguém faz mais isso não! Se você for andar como a gente andava, de quatro, cinco, seis na rua, a polícia te encosta, te larga a porrada. Tinha repressão da polícia, mas... A cidade era metade do que é agora. Olha, aqui é um clube, era muito caro, era o top de Manaus. Aí, hoje em dia a violência faz com que a polícia seja mais dura, entendeu? A polícia antigamente parava a gente, conversava, pedia os documentos... hoje em dia, não, ela chega logo com metralhadora na mão, porque eles também tem que se resguardar, né? Infelizmente, né? O tráfico de drogas corrompeu muito, entendeu? Então, cara, muita coisa na cidade mudou. Mas, eu vou te falar uma coisa, a gente se divertiu muito, né, Neguinho? E futebol pra gente, era lazer! Futebol, pra gente, era lazer. O que dividiu a gente foi o futebol, por incrível que pareça!

**Neguinho:** Na época, o pessoal arrumava emprego por causa do futebol, você sabia?

**Sandro:** É, porque como ele jogava bola, era goleiro e tal, e tinha um nomezinho, aí ele foi contratado, por exemplo, pela Motor Honda, porque ele ia representar a Motor Honda no campeonato industriário, e era uma rivalidade da porra. Como o futebol amazonense tava em baixa, entendeu? O futebol amador tava em alta. Foi por isso que o Peladão cresceu. O Peladão cresceu porque o futebol profissional caiu, aí o Peladão tomou essa proporção que ele tem hoje, e hoje, eu vou te falar uma coisa, o Peladão já foi mais do que é hoje!

**Neguinho:** chegou a ter mil e quinhentos times, imagina só?

**Sandro:** Hoje o Peladão não chega mais a mil times. Mas, assim, porque o Peladão era muito inocente. Os caras entravam, por exemplo,

> faziam time da comunidade mesmo, como o nosso, o nosso é feito de amigos! Tinha, Arsenal, Unidos da Glória... times de tradição. Mas sabe qual é a diferença, eles se fechavam dentro da comunidade deles. Por exemplo: o bairro de Petrópolis tinha os representantes dele. Não tinha esse negócio de ficar pegando o boleiro não sei da onde, o boleiro não sei da onde, fazendo seleção pra querer ganhar, mesmo. Era tipo assim: bairro contra bairro. Sendo que alguns bairros tinham mais de um representante. Então cara, bicho, as coisas tinham um pouco mais de pureza, de inocência. Não tinha ambição, sabe? O que destrói o mundo hoje é a ambição. Antigamente qualquer time ganhava o Peladão, hoje em dia ganha o Peladão quem tem dinheiro e recurso pra bancar. É assim que funciona. No nosso tempo não tinha esse negócio do cara se vender. Hoje em dia tem muito atleta que se vende, bicho. Se vende pra fazer corpo mole pro outro time ganhar deles, entendeu? Tem isso, cara. Tem a parte ruim do negócio. Então foram várias situações que, infelizmente, foram modificando com o decorrer do tempo.

Esse excerto da conversa – bem mais longa – que tive com Sandro e Neguinho, neste dia, voltando da barca, deixa claro como o ato inscrever linhas de vida na cidade gera, também, linhas narrativas sobre aqueles que circularam e continuam a circular. O jogo de futebol é, como já dito algumas vezes, um meio pelo qual se circula. Assim, é pelo futebol que se pode criar tais histórias, que dizem muito sobre o que se pensa do mundo. Nessa história de Sandro e Neguinho, por exemplo, fica clara a saudade de outros tempos, da juventude, em que a vida parecia ser mais pura, assim como a própria cidade, que agora estaria mais violenta, e o próprio futebol, que teria sido corrompido, "modificado com o decorrer do tempo". Trata-se de uma linha narrativa sobre a vida, repleta de significados e sentimentos que se misturam e se contradizem, e que encontram sua representação nos locais da cidade que, apesar de diferentes, ainda podem ser vistos, ou naqueles que – infelizmente, como diria Sandro – deixaram de existir.

Não é somente pelas ruas que aqueles que praticam futebol circulam. Na verdade, há outro lugar no qual estes agentes tecem suas linhas de vida e, portanto, no qual se produz narrativas das mais variadas sobre os diversos acontecimentos que lá ocorrem. Trata-se, como não poderia deixar de ser, do próprio campo de jogo, onde a bola rola.

Ao contrário do futebol profissional, em que, como explica Toledo (2002), há *campos* bem delimitados para cada participante do jogo – jogadores, especialistas e torcedores –; no futebol amador estas fronteiras não são bem delineadas, uma vez que,

em geral, não há clara divisão entre aquele que torce e aquele que joga. Nas peladas, as poucas pessoas que ficam às margens do campo de futebol são, na maioria das vezes, participantes das equipes para as quais torcem e nas quais jogam e, mesmo quando há alguma divisão entre torcedores e jogadores (em casos específicos, como quando o torneio do Peladão chega às fases finais, ou quando o time que joga é um time grande que conta com torcida), esta fronteira ainda é fluida: torcedores entram no campo, jogadores vão para as arquibancadas.

No futebol amador não é estabelecida, também, a oposição entre o campo de jogo e a paisagem urbana. A grande maioria dos campos de futebol utilizados para as partidas amadoras contam, quando muito, com uma mureta ou um alambrado que os separa da rua. Mesmo assim, a entrada e saída do campo é fluida, tanto para os jogadores quanto para quaisquer outros que queiram usufruir do espaço. Não é incomum, por exemplo, a entrada de crianças no campo, seja brincando de pega-pega, empinando pipa, batendo bola. Animais, como cachorros vira-lata que entram no espaço do jogo durante a partida e participam de alguns lances também são bastante comuns. Os técnicos e torcedores invariavelmente invadem as quatro linhas, seja para gritar com alguém, seja para ameaçar o juiz, ou mesmo para ir às vias de fato com os jogadores da outra equipe. De modo que não há um corte radical entre o fora e o dentro de campo, entre a vida cotidiana e o jogo. Um está ligado diretamente a outro, um alimenta o outro.

Mas, na partida de futebol, há outra forma de se circular. Ali os jogadores correm, caminham, param, tocam a bola, xingam-se uns aos outros, trombam-se, cabeceiam, desferem ordens aos companheiros, ignoram ordens dos companheiros, chutam para o gol, impedem a bola de entrar no gol, fazem falta, atacam, defendem, erram jogadas, guardam sua posição.  Na partida de futebol, as linhas de vida se adensam e adquirem dramaticidade e, por isso, o jogo se torna tenso e absorvente.

Antes do jogo, aqueles que praticam futebol se articulam para que a partida ocorra, formando uma equipe, conseguindo uniforme, treinando, ajuntando-se e indo para o campo; depois do jogo, todos vão para o bar, conversar sobre o que ocorreu na partida, e passam a semana lembrando dos acontecimentos que lá tiveram lugar. Para aqueles que vivem o mundo do futebol amador, a relação entre o dentro e o fora das quatro linhas é tênue. Os modos pelos quais os futebolistas habitam estes espaços são,

portanto, similares. No campo de jogo, desenvolvem-se as *habilidades* que determinarão, em grande parte, a relação destes agentes com o mundo fora do jogo – com a família, no trabalho, na rua, com os amigos, e em tantos outros locais possíveis – e o inverso também é correto: nas relações que têm lugar fora do jogo serão desenvolvidas *habilidades* que determinarão o comportamento das pessoas em jogo.

Isso fica bastante claro em determinados casos. Há certas pessoas com as quais entrei em contato que vivem tão intensamente o *circuito* do futebol a ponto de não ser perceptível, em suas vidas, essa divisão entre o tempo do jogo e o tempo dos outros afazeres.

Sobre uma dessas pessoas já se disse bastante aqui: trata-se de Mozart. Foi em um dos treinos do Panair F.C, em que meu interlocutor realizava uma atividade física com os jogadores da equipe, que ele me contou um pouco sobre si mesmo: disse-me que era um zagueiro "técnico", ou seja, que errava poucos passes. Por conta disso, ele eventualmente era também escalado na posição de meia defensivo (volante). Por outro lado afirmou que era um jogador "escroto mesmo", pois perdia a cabeça com muita facilidade, entrando em muitas brigas, além de ficar o jogo inteiro provocando os atacantes (ficava batendo nos jogadores, xingando, dando "dedada"). Falou que muitos técnicos, quando era profissional, diziam que o contratavam só para ele não estar no time rival e que muita gente dizia que "fora do campo você é mil, mas dentro do campo você é terrível!". Ele também era um jogador "liderança". Por causa desse temperamento, foi capitão em todos os times em que passou. Disse que sempre foi fã do jogador Edmundo – grande atacante cujo principal apelido era "Animal", dadas as reações violentas que tinha em campo – e que era comum, quando era jovem, imitar as ações agressivas desse jogador (se o Edmundo brigava num jogo, ele acabava brigando também), levando seu pai a jogar no lixo um pôster do jogador que ele tinha no quarto. Por causa desse seu jeito, Mozart fez muitos amigos fora de campo, mas muita gente também não gosta dele.

Este perfil parece entrar em consonância com a descrição sobre o modo de circular de Mozart, realizada no início do capítulo. De fato, ele era um articulador: rodava a cidade para conseguir tecer acordos com diversos agentes, de modo a firmar-se como liderança (foi, inclusive, coordenador do centro desportivo do bairro). Sua habilidade em fazer amigos sobressaía-se dentro e fora do campo. Além disso, mesmo

sendo extremamente amigável, Mozart, eventualmente, estourava: contou-me uma vez de uma briga que arranjou com um rapaz no posto de gasolina do bairro, o que gerou uma ação judicial contra ele, proibindo-o de chegar a 50 metros do local. Seu temperamento "escroto", como ele mesmo disse, era o outro lado da moeda, e não só dentro de campo.

A habilidade de articular diferentes pessoas para uma causa comum parece ser a principal característica daqueles que, no *circuito* do futebol, surgem como lideranças. O feirante chamado por todos de "Chico da Manaus Moderna", dono da equipe União da Ilha da Manaus Moderna, bi campeã do Peladão e representante do principal mercado municipal da cidade, também demonstrou essa habilidade quando levou-nos, a mim e a equipe de filmagem de um documentário sobre futebol amador[40], pela feira, parando em diferentes bancas de mercadoria e apresentando cada um dos patrocinadores e diretores da equipe que organizava. A camisa da equipe contava, em 2013, com vinte e cinco patrocinadores, que iam da "banca de repolho do Fábio" e do "André do Bar", passando pelo vereador "Rozenha", até a rede de lanchonetes "Giraffas: sanduíches e grelhados". Como afirmou Chico, "se não botar esses patrocinadores, eles ficam chateados". Quando perguntei se ele havia ficado mais conhecido na feira após montar o time, a resposta foi simples:

> Fiquei, muito, muito mais. Não é só na feira, né? Nos outros cantos de Manaus, todo mundo hoje conhece o Chico da Manaus Moderna, todo mundo conhece. Por chamar os melhores jogadores, por fazer um bom time todos os anos... Então é conhecido, o Chico da Manaus Moderna. É conhecido, graças a Deus.

A *habilidade* de Chico em circular pela feira, encontrando pessoas interessadas em apoiar sua equipe era notável. Era a partir dessa *habilidade* que o feirante conseguia constituir diferentes alianças e criar uma equipe que, por conta de seu sucesso no Peladão, se tornava a representante de um grande número de pessoas – muitos, na feira da Manaus Moderna, vestiam a camisa da equipe no dia-a-dia e havia muitas bancas que

[40] Este documentário está ainda em fase final de produção. Foi financiado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP através do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU/USP) e pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e modalidades lúdicas (LUDENS/USP). Seu projeto, encaminhado por mim e pelo pesquisador Enrico Spaggiari, foi intitulado: "Narrativas sobre a prática do futebol amador em São Paulo e Manaus". O grupo que realizou as filmagens foi composto por: Rodrigo Chiquetto (PPGAS/USP), Enrico Spaggiari (PPGAS/USP), Mariane Pisani (PPGAS/USP), Willian Contini (História/USP), Giulianna Guilherme (ECA/USP), Ricardo Berro (LISA/USP) e Giancarlo Machado (PPGAS/USP).

exibiam o símbolo do time em algum adereço. Assim, Chico se tornou uma pessoa conhecida, que se, fora de campo, agregava aliados e recebia financiamentos, dentro de campo, após cada partida, entregava, para cada jogador, um envelope com uma quantia em dinheiro já estipulada e, também, realizava discursos motivacionais aos boleiros. Era ele quem articulava, finalmente, o sistema de dádivas em sua equipe, recebendo (dinheiro) dos feirantes e dando aos jogadores por um lado, e recebendo (bons jogos) dos jogadores e dando aos feirantes, por outro. Suas habilidades de liderança eram exercidas, e se complementavam, dentro e fora de campo.

O dono da equipe Apolo F.C, Carlos, também reunia tais *habilidades*. No entanto, como não contava com grandes patrocinadores, apostava em relações familiares e de amizade para poder montar sua equipe. Assim que chegou ao bairro de Petrópolis, nos anos 80, Carlos conta ter feito muitos amigos e, sem perder muito tempo, criou uma liga de futebol que entrou em choque com a liga que, à época, organizava os campeonatos do bairro. Carlos contou que, na hora de decidir qual campeonato iria, de fato, ocorrer, a maioria dos jogadores escolheu equipes da sua liga e, dos 28 times do bairro, 24 votaram para que ele assumisse a organização da Liga Desportiva de Petrópolis (LIDESP). Desde então, Carlos nunca mais deixou de organizar o campeonato do bairro.

Perguntei para Carlos como ele havia conseguido arregimentar tanta gente logo que chegou, ao que me foi respondido: "É um dom que eu tenho. Onde eu chego, faço amizade!". Quando morava em outro bairro ele também era o organizador do torneio local e, nos três anos em que esteve fora de Petrópolis, o campeonato do bairro não aconteceu. Carlos também foi líder comunitário por 4 anos, mas deixou de concorrer ao cargo porque "é muita dor de cabeça".

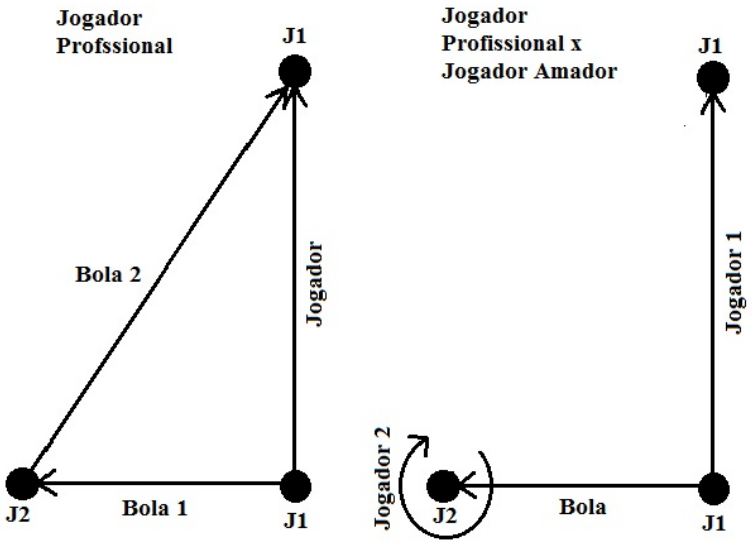
Em 2012, a LIDESP contou com a participação de 10 times. O prêmio para o vencedor foi de 3.000 reais e o do vice colocado foi de 1000 reais, porque "hoje só com o troféu nenhum time participa". Dos 10 times, 8 pagaram a inscrição de 500 reais que financiou o prêmio. Outros dois, o de Carlos e de Deca – o outro coordenador da liga – não pagaram. A LIDESP também teve que pagar os árbitros e as medalhas. De acordo com Carlos, os campeonatos de bairro eram todos no 1º semestre, pois no segundo ocorria o Peladão.

Foi em 2003 que o presidente da LIDESP tornou-se, também, funcionário do Peladão. Ele cuida da parte administrativa – inscrição de jogadores, distribuição dos campos, entre outras funções – e coordena a *categoria indígena*. Sua equipe, Apolo, contou, em 2013, com cinco times inscritos: um no campeonato *masculino*, dois no *máster* (o Apolo F.C e o Apolo Máster – velha guarda) e dois no *feminino*. De todos, os únicos que entraram "para competir" foram os femininos pois, como era funcionário do Peladão, Carlos achava que, caso alguma de suas equipes vencesse os campeonatos masculinos poderia "dar algum problema". O Apolo F.C Feminino já foi campeão de sua categoria e era coordenado pelo irmão de Deca.

Assim, como já dito, mesmo não tendo patrocinadores, Carlos desenvolveu outras estratégias para, através do futebol, tornar-se uma liderança em seu bairro. Tornou-se presidente da liga, organizou campeonatos, trabalhou no Peladão. Dentro de campo, quando jogava na lateral esquerda, ele era vitima de muitas brincadeiras por parte de seus parceiros. Mas quando deixava esta função para colocar-se na borda do campo, adquiria a prerrogativa de organizar sua equipe em jogo – algo que, muitas vezes, não era levado em conta pelos boleiros – e, principalmente, como ficou claro no relato apresentado ao início do capítulo, adquiria a prerrogativa de substituir jogadores, ser aquele que falava na roda ao final da partida e comandar, nos jogos de final de semana, "a comissão disciplinar" que punia jogadores que haviam tomado atitudes antidesportivas.

Mas nem todos aqueles que participam do circuito do futebol têm as habilidades necessárias para entrar na rede de trocas que o futebol engendra. O caso de Renatinho, também descrito no início do capítulo, é um exemplo disso.

O fato de já ter sido jogador profissional e até mesmo ter passado uma – breve – temporada na Europa, não fazia de Renatinho um jogador gabaritado para, dentro e fora do campo, tornar-se querido ou tecer bons relacionamentos com seus companheiros de Pelada. O jogador expressou isso de modo extremamente elucidativo quando desenhou, no chão de terra do campo de futebol, uma representação das diferenças entre os futebóis que jogava entre os profissionais e entre os Peladeiros. Reproduzo aqui, novamente, o desenho:




Para Renatinho, no futebol profissional a relação entre jogador 1 (ele mesmo) e jogador 2 (seus parceiros de jogo) se fechava, mediada pela bola. A bola circulava entre os dois agentes, estabelecendo uma troca que, em sua experiência como jogador profissional, principalmente quando jogava em parceria com seu irmão, permitia que ele pudesse desenvolver suas *habilidades* em campo. Já naquela situação, em que não somente jogava um futebol cuja dinâmica de jogo era diferente daquele com o qual estava acostumado (incluindo-se, aí, as regras que alteram a dimensão espaço-temporal da partida, como a inexistência do impedimento e a cobrança do lateral com os pés), mas na qual era, também, um dos "novos", Renatinho representou sua não-relação com os outros de sua equipe apagando a linha que ligava o jogador 2 ao jogador 1 e desenhando um círculo em volta do jogador 2. Disso tudo, pode-se aferir algumas conclusões.

Há uma diferença, apontada por Renatinho, entre o futebol profissional e o futebol amador, no modo como a bola circula pelo campo. Seu desenho deixa claro que, no futebol profissional, os jogadores se constituem como pontos entre os quais a bola viaja. Neste mundo futebolístico em específico, o jogador é treinado, desde pequeno, a incorporar, em seus movimentos no campo, as *formas-representações* que os identificam, nos esquemas táticos, como estes pontos e que ilustram a trajetória da bola com linhas retas, o que gera desenhos geométricos similares ao demonstrado. Cria-se, assim, um tipo de jogo de "destino-orientado" (INGOLD, 2007), ou seja, no qual não importa a experiência do caminhar, mas sua finalidade. O objetivo é que a bola não seja conduzida em uma linha, mas transportada entre pontos. Assim como um turista,

descrito por Ingold, que viaja de país em país transportando por um meio de transporte que o leva a ignorar a experiência de vida presente no próprio ato de viajar, a bola e os jogadores de futebol profissional são levados a ignorar, em parte, a experiência de estar em jogo, buscando, principalmente, sua finalidade maior: a estratégia, a eficiência, a otimização do tempo.

Não é de se estranhar, portanto, que Renatinho tenha dificuldades com o futebol amador: o que conta, na Pelada, não é a otimização do tempo, mas o usufruto deste tempo ao máximo possível. Assim, busca-se o gol, mas não de forma eficiente. Como diz o ex-jogador profissional, aqui "todos giram em torno da bola". Não é, portanto, somente a bola que desenha seus traços no campo – ela parece, na verdade, muitas vezes, antes espirrar do que rolar – mas também aqueles que estão em jogo. Ali, o que conta é viver profundamente a experiência de tecer uma linha – retorcida, irregular – entrar em contato com o outro, trocar. O jogador, quando pega a bola, a quer para si – ele circula em volta de si mesmo – já que seu objetivo é carregar a bola e, com ela, desenhar um traço pelo campo, formando um *trajeto*, ou tocar a bola para o outro como um ato de confiança, firmando uma relação de dádiva.

As *habilidades* de Renatinho com a bola, portanto, não o credenciavam a entrar no circuito das Peladas. Ele não fazia muitos amigos, não se sentia a vontade naquele campo de jogo. Corria reto, em vão, esperando que alguém tocasse para ele "lá na frente" quando, na verdade, deveria buscar a jogada, entremear-se pelas linhas dos outros, dentro e fora de campo. Renatinho, aliás, entrou por pouco tempo naquela partida e, na barca – para qual ele não foi – foi considerado um cara "que não joga nada" por Lúcio, que se recusou, naquele jogo, a sair para dar lugar ao novato. Participar do mundo do futebol que se joga não é fácil. Deve-se saber as *habilidades* necessárias para se compartilhar com aqueles que estão juntos, no campo de jogo, aquela experiência. Além disso, fora do campo deve-se esforçar para tecer relações de amizade com os parceiros, fortalecendo as relações de confiança que permitirão as trocas em jogo – de passes, cobranças, xingamentos, chutes, ombradas, carrinhos, abraços, afagos.

É importante colocar aqui que, antes de indicar um pretenso fim do "verdadeiro futebol", ou falar de um processo de "modernização do futebol", como é bastante comum em pesquisas sobre o assunto e em mídias críticas à prática do futebol

espetáculo, essa oposição estabelecida entre a prática amadora e a prática profissional indica, tão somente, modos distintos de jogar – o que faz surgir, claro, grande carga de significado para os que vivem nestes circuitos. É claro que, no futebol espetáculo, a experiência de circular não foi banida do jogo, assim como, no futebol amador, o jogo não é tão somente uma partida em que se corre em círculos sem que se busque uma finalidade para as ações, sem se refletir em termos de *formas-representação*. Esta fronteira é ainda mais porosa, principalmente quando se fala dos grandes times da várzea e das pequenas equipes do profissional – que em Manaus se aproximam ainda mais, uma vez que o futebol profissional, nesta cidade, é tido por muitos como mais amador que o futebol amador.

Como lembra Ingold (2007), as linhas retas do transporte coexistem com as linhas irregulares do viajante. Umas não excluem as outras. O que se está afirmando aqui, é que, no campo de jogo, os profissionais agem de acordo com uma vida inteira voltada – desde as categorias de base até a aposentadoria – a certo modo de praticar o futebol. Uma vida dedicada a treinos em que se desenvolve "um trabalho repetitivo, extenuante e monótono" (DAMO, 2007: 309), numa esfera "circunstancialmente mais desencantada" da prática do jogo (TOLEDO, 2002, 157), que visa, em última instância, preparar o boleiro para os as partidas propriamente ditas, em que devem desenvolver, de modo mais perfeito possível, a linguagem corporal necessária para satisfazer as expectativas de todos os outros agentes (outros *profissionais*, *especialistas*, *torcedores* e *dirigentes*) ligados ao campo do futebol espetáculo.

Saindo dos treinos e indo para o estádio, as coisas mudam. O que se vê é um jogo que se dramatiza e se tenciona. Quando os torcedores chegam às arquibancadas, os especialistas à suas salas e às bordas do campo, e os dirigentes à suas tribunas, centenas de linhas de vida se aglomeram. Os movimentos – dentro e fora de campo – se tornam mais imprevisíveis, irregulares. Para muitos ali – mais notadamente para os torcedores, mas também para os outros agentes, principalmente nos momentos de maior tensão da partida – o jogo é vivido intensamente. Não se pode, portanto, afirmar que o futebol profissional passou por um processo de modernização que o desencantou. O que se pode dizer, isto sim, é que há um regime de gestão dos corpos e *habilidades* dos boleiros – e, portanto, um regime dos movimentos, das *linhas* – que é organizado nesta modalidade, principalmente no momento do treino, e que a diferencia dos outros futebóis, o que cria situações de incompatibilidade como aquela vivenciada por

Renatinho. Este regime segue, sim, uma narrativa e uma lógica *modernas* – de dividir, purificar, otimizar – o que somente esconde, como diria Latour, as tantas relações não modernas – hibridas, misturadas – que o sustentam. Relações estas que, no futebol amador, não são jogadas para "baixo dos panos" e, na verdade, presidem os corpos e habilidades daqueles que, desde pequenos, jogam suas Peladas pela cidade.

É por meio do jogar bola nos diferentes campos de futebol que muita gente circula pela capital amazonense. Independentemente do campeonato em que se participa, o futebol faz com que essas pessoas caminhem pela cidade, em busca de encontrar suas equipes e, quando em seus coletivos, *mandem* no lugar e saiam para, como diz Sandro, "se divertir, pegar mulher, transar, namorar" criando assim narrativas sobre sua experiência citadina, suas aventuras na cidade e possibilitando as trocas outros tantos agentes.

Aliás, a semelhança entre a expressão "*mandar*" na rua e aquilo que se chama, no Peladão, de "jogar em casa", ou seja, "jogar no meu campo" não é casual. Assim como ocorre com os boleiros e boleiras que, ao conhecerem profundamente o campo em que jogam – tanto no que se refere ao terreno, quanto no que se refere aos diversos outros agente que frequentam aquele local –, tornam-no sua "casa", aqueles que tecem suas linhas de vida pela cidade também dela se apropriam ao se familiarizarem com o ambiente pelo qual circulam, transformando-o em sua morada. O futebol pode ser entendido, dessa forma, como um jogo que ensina aquele que joga a ocupar os espaços, a realizar trocas, a lidar com o outro, tanto por meio da disputa quanto por meio da aliança. Assim como, no campo de jogo, é necessário *mandar* nas ações, controlando a dinâmica do jogo, para que se possa vencer a partida; na cidade é necessário *mandar* na rua para que se possa circular e agenciar o ambiente em que se vive.

O *Circuito do Peladão*, com suas regras específicas, movimenta de determinado modo aqueles que jogam bola por Manaus. O *Circuito das Equipes* também o faz. Quando em conjunto – no segundo semestre de cada ano – estes dois *circuitos* são os principais organizadores daquilo que chamo de *Circuito do futebol de Manaus*. Este, mais amplo, é constituído pelos tantos campeonatos de bairro, pelas Peladas de fim de semana, pelos jogos do Peladão e, na verdade, por qualquer jogo de futebol ou barca que ocorra na cidade. É neste grande circuito que variados signos são negociados, trocas são realizadas, alianças são formadas, inimizades são estabelecidas, tudo por meio das

*habilidades* incorporadas por meio da prática do jogo. A cidade é *habitada*. É construída, assim, na experiência cotidiana dos boleiros e boleiras manauaras, uma *Manaus do futebol.*

# SEGUNDA PARTE – De cornos, veados, sapatas, rainhas, jornalistas, jogadores falsificados e traficantes: jogando com significados.

A descrição do *Circuito do Futebol* de Manaus foi realizada, até agora, tendo-se como ponto de partida a circulação dos futebolistas amadores pela cidade. Desse modo, foi proposta uma descrição das *linhas* e *habilidades* desenvolvidas, pelos futebolistas, numa ação contínua de *habitação*. Por entre campos, bares, feiras, casas e equipes, aqueles que jogam no Peladão circulam pela cidade, apropriando-se deste espaço, desenvolvendo narrativas e interagindo de forma propositiva com o ambiente, tornando-o sua morada.

Pretendo, nesta Parte, realizar outro movimento. Tendo descrito, de modo mais geral, os modos de circulação dos jogadores de futebol pela cidade, a atenção será voltada, agora, para alguns dos significados colocados *em jogo* pela prática do futebol – assim como realizado no Peladão Indígena, quando se discutiu a figura do *boleiro*.

Durante a pesquisa de campo foi possível perceber que havia algumas questões que eram continuamente debatidas pelos participantes do Peladão. Tanto na barca como no campo, como em outros espaços da cidade, havia temas que dominavam as conversas e pareciam ter relação direta com a constituição destes *circuitos*. Eram linhas narrativas preenchidas por significados que, assim como no campo de futebol, eram colocados *em jogo* e faziam parte das disputas entre os agentes.

Serão descritas, portanto, essas categorias que engendram acusações, alianças, e possibilitam, aos que vivem no mundo do futebol, a composição de histórias sobre suas vidas e sua ação na cidade. Categorias que tem relação direta com suas andanças pela metrópole e com o desenvolvimento, pelo futebol, das habilidades necessárias para a construção dos corpos futebolísticos que habitam Manaus.

## 1. Entre *cornos*, *veados* e cerveja.

Nada de novo existe nesse planeta,
Que não se fale aqui, na mesa de bar
(Milton Nascimento/Fernando Blant, 1975)

J1 - Aqui é o bar dos corno! Então, aqui está os cornos, amigos, amigos cornos. O maior corno é o dono do bar!
J2 - Aqui é tetra corno!
J3 - Esse chifre aqui, ó! Esse chifre aí! Esse aí é o terceiro corno chefe!
J1 - Presidente dos corno!
J3 - Presidente dos corno!
J1 - Aí é o vice-presidente.
J3 - Aí é o vice, e aquele lá parece que é o secretário! Só que aqui é o seguinte: tudo aqui é corno! Só não eu! Eu não, eu tô ligando aqui pra minha mulher, ela diz que... mais tarde!
J4 – Ali é os corno mais velho! É os corno mais velho é ali ó, aquela mesa lá, ó!
J5 – Vai lá naquela casinha ali, do Tião! Aquela mulher que tá lá não é dele não! Lá dentro, lá, pode ir lá!
J2 – Ei, mestre, filma eu (risos)! Corta pra dezoito!
J1 – Corta pro corno! Esse aí é o tetracorno!
J2 – (Risos)
J1 – Ele pegou chifre de quatro! De uma vez só, ele pegou! Esse corno aí.
J2 – Mas eu ainda transo bonito! Eu ainda transo bonito!
J5 – Aê galera! Um brindo dos corno!
Todos brindam, dizendo "um brinde dos corno"!

***

Foi na minha primeira ida a uma barca, após a pelada de fim de semana do time Apolo F.C., que percebi a importância de dois termos nas conversas que se davam na mesa do bar: o *corno* (que indicava a infidelidade por parte da esposa ou namorada) e o *veado* (que indicava a prática de relações homossexuais).

Logo que Deca e Carlos se sentaram, após a reunião da comissão disciplinar que decidiu por suspender Chiquinho – que havia cuspido no árbitro durante a partida –, imediatamente começou uma roda de piadas sexuais, da qual faziam parte, principalmente, Deca, um rapaz careca, paulista, chamado Valdir e um outro, mais novo, chamado Omar. Dos três, o que mais falava ali era Valdir, que trocava acusações

com Deca e Omar. Eram feitas em tom de zombaria, sempre através de histórias que contavam como aquele que estava narrando tinha negociado com o outro para que não houvesse relação sexual entre eles. Valdir, por exemplo, contava como uma vez Deca teria tentado negociar uma relação sexual, que tinha sido negada depois de muita insistência "Pô, Deca, a gente é só amigo...!"; Deca contava como, outra vez, Valdir havia sido pego "transando num carro com um travesti". Quando Valdir foi ao banheiro, Deca, sussurrando para o Carlos que ia lá "encher o saco", foi atrás. Valdir logo apareceu na porta do quintal falando, enquanto ria, que não era possível, que nem ali o Deca respeitava ele. Eles se chamavam de veados, e também diziam que eram cornos. Mas enquanto ninguém se assumia veado, parecia não haver problemas em se assumirem cornos. Um amigo deles, de pele e cabelo escuro, passou na frente do bar levando o filho, loiro e de pele clara, pela mão. Todos ali o cumprimentaram, mas, assim que ele saiu do campo de visão, já começaram os comentários de que "se fosse eu, mandava fazer exame de DNA na hora", "como se isso aí precisasse de exame de DNA!". Entre estas conversas, aconteciam outras, sobre outros assuntos. No entanto, tais conversas paralelas eram rapidamente encerradas, iniciando-se, novamente, aquelas em tom sexual.

Na barca do fim de semana seguinte, enquanto debatia com os amigos sobre quem ali, do time, era corno ou não – e concluía que todos eram –, Deca lembrou que iriam relançar o jornalzinho da Pelada, o "Fura olho". Deu-me uma edição de 2009, escrita por um dos jogadores do Apolo, que contava com diversas pequenas matérias, tais quais: "Juiz vai com bofe pro motel", "Professor chora com saudades da amada" e "hemorroida tira jogador de campo". Mais tarde, no quintal de sua casa, onde era comemorado o aniversário de seu irmão junto aos amigos da Pelada, Deca deu a dica: falou que a minha pesquisa não devia ser sobre futebol, mas sobre "chifre", porque "isso é o que mais tem aqui!". O comentário foi amplamente apoiado por todos os que estavam na roda de conversa e ainda foi complementado por um conselho: "olha, não vai ficar assim você também! Não leva essa sacanagem da gente!".

Surpreendia, portanto, que este assunto dominasse de modo tão intenso as conversas que se davam após as partidas de futebol. Parecia que estas duas categorias, assim como o *boleiro* do *Peladão Indígena*, eram postas à mesa para que se discutisse coisas muito importantes. De largada, poder-se-ia afirmar que o que estava sendo

tensionado, quando se falava de *cornos* e *veados*, era a sexualidade daqueles homens. Mas porque a sexualidade, naquela situação, ocupava um papel tão central?

Sabe-se, desde que Foucalt lançou sua obra *A história da sexualidade* (1988) que os discursos sobre o sexo proliferam-se por entre as relações sociais, podendo "servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias" (FOUCALT, 1988: 98) de trocas, negociações e articulação de poderes. Trata-se, como lembra Carsten (2004), de discursos que constroem corpos sexualizados que, por sua vez, implicam em obrigações sociais. Estes corpos sexualizados estão em continua elaboração, por homens, mulheres, e por todos aqueles que não se encaixam perfeitamente numa dessas duas classificações – os homossexuais, transexuais, bissexuais, entre tantos outros. Tal elaboração do corpo sexualizado é bastante clara na prática do futebol.

Durante uma partida de futebol masculino, as expressões mais comuns, tanto por parte daqueles que ficam nos arredores do campo – torcida, jogadores reservas, técnicos e dirigentes –, quanto por parte dos jogadores entre si, são os xingamentos, reclamações, conversas que penalizam uns e outros. Quando se trata daqueles do próprio time, as reclamações e xingamentos buscam coagir os parceiros a não tomarem uma atitude supostamente errada e indicar o caminho correto para se ganhar o jogo. São gritadas pelos torcedores, pelo técnico e pelos próprios jogadores em tom sério, repreensivo, sempre numa estrutura parecida: "ô *fulano*, puta merda, parece que você não sabe jogar! Não é para fazer isso, é para tentar fazer aquilo!". Normalmente, os que ficam nas bordas dos campos também pedem mais "raça", mais "inteligência", mais "força de vontade". Os jogadores, por seu lado, podem reagir de diversas formas: ou fingindo não ter ouvido, ou acenando a cabeça em sinal de compreensão ou, ainda, devolvendo os xingamentos, afirmando que "sou eu quem está jogando" e para os outros "calarem a boca".

No que se refere às gritarias voltadas ao outro time, normalmente são xingamentos que buscam provocar os jogadores rivais para tentar desconcentrá-los, fazer com que cometam algum erro. Dessa forma, os que estão dentro e fora das quatro linhas tentam, o tempo inteiro, provocar os do outro time por meio agressões verbais com tom de zombaria. Agressões que vão desde expressões que colocam em cheque a virilidade ou masculinidade do outro, como "seu veadinho!", chegando até a xingamentos mais sérios, que "chamam pra briga", como "seu filho da puta".

O que se vê, desse modo, é uma tentativa de afirmar a competitividade do próprio time, sua gana em ganhar a partida, ao mesmo tempo em que se busca provocar os jogadores da outra equipe atacando, justamente, aspectos definidores de certo tipo de masculinidade. O jogador de futebol tem que ser, como diz Laqueur (2001), ao se referir à sexualidade masculina, "ativo e forte", determinado, para poder vencer a partida suportando as provocações do rival e as exigências dos parceiros. Quanto mais imersão o jogo provoca nos participantes a tensão também se acentua, o que pode gerar desentendimentos e brigas. Assim, partidas entre times rivais, ou jogos decisivos para a permanências de uma das duas equipes no campeonato, invariavelmente se tornam tensos: há mais xingamentos, mais provocações, mais lances violentos, "duros", entre os futebolistas, mais reclamações e, com certa frequência, descambam para a agressão física que pode ser contida pelos próprios participantes ou se tornar generalizada.

A figura do juiz de futebol, com sua roupa preta e seus cartões amarelo e vermelho, deve se impor como disciplinadora e viril. São muitos os juízes que adotam uma postura corporal parecida com a de um soldado, provavelmente por se encontrarem na posição mais perigosa, pois eles, mais do que todos ali, são alvo de zombarias e agressões verbais. São, também, os primeiros a sofrerem agressões físicas quando a tensão do jogo extravasa. A ação do juiz em jogo pode se tornar um dos principais motivos para o início da "pancadaria", pois é justamente quando algum time se considera "garfado", ou seja, entende que o juiz está "roubando" para o rival, que os ânimos ficam mais à flor da pele. Outra situação em que as agressões físicas podem dominar o campo é quando algum jogador é "desleal" por disputar de modo excessivamente violento, "batendo demais", ou "dando entradas muito duras" no oponente, que podem resultar em ferimentos graves.

Para suportar toda essa pressão, os corpos dos jogadores de futebol devem ser atléticos, fortes, pois só assim, como diziam meus interlocutores, "aguentam o tranco". O "fôlego" também é muito importante, principalmente em Manaus, onde faz muito calor. Aqueles que "correm pouco", "caem muito", "não têm disciplina", são os primeiros a serem alvo das cobranças, xingamentos e provocações. Nos jogos em que se misturam jogadores mais velhos e mais novos, é comum que os mais moços "peguem leve" com os idosos. Estes últimos, por sua vez, insistem que, apesar de não contarem mais com a resistência da sua juventude, agora adquiriram "experiência", conhecem os "atalhos do campo", tocam melhor a bola, não caem em qualquer provocação.

No dia 22 de Janeiro de 2009, o jornalzinho Fura olho", da Pelada de domingo da equipe Apolo, lançou a seguinte matéria:

> **Suspeita de doping na pelada**
> Jornais de todo o Brasil, noticiaram esta semana que jogadores profissionais vêm usando viagra para melhorar seu desempenho dentro de campo, este fato serviu para chamar a atenção para o aumento de desempenho de alguns jogadores do pau mole, segundo informações eles estariam usando viagra regularmente antes das partidas, segue abaixo a lista de jogadores suspeitos de estarem usando o medicamento: O lateral Carlos, o meio campo Pelado e o atacante Virgílio[41]. (FURA OLHO, 22 de janeiro de 2009)

A ideia, por parte dos peladeiros, de que o uso do viagra – medicamento utilizado para o tratamento da disfunção eréctil no homem – aumentaria a eficiência dos jogadores em campo, somente corrobora com o que está sendo aqui colocado. O homem, ao entrar no jogo de futebol, deve ser extremamente masculino, deve colocar sua sexualidade nas pontas da chuteira.

Terminada a partida, os jogadores sempre se dirigiam ao bar e, lá, tudo mudava. Na barca não era mais necessário que se fosse "forte", que se "aguentasse o tranco". Todos ali estavam confortavelmente sentados, bebendo sua cerveja, trocando provocações sexuais em meio a muitas risadas e aparente camaradagem. É como se toda a tensão presente na partida de futebol se invertesse, transformando-se num clima de amizade e confraternização. Até mesmo os lances mais tensos da partida eram agora tratados como irreverência e bom humor. Os nomes das equipes Apolo Amarelo e Apolo Azul, logo após a partida, na roda de finalização do jogo, eram imediatamente substituídos por "Amansa Corno" e "Pau Mole". E assim os times eram nomeados durante a barca, até o jogo seguinte.

A masculinidade viril do jogo de futebol era, ali, substituída por outra, por uma masculinidade zombeteira, engraçada. O homem assumia o papel de vitima da mulher – pois era, potencialmente, *corno*. Ao mesmo tempo, o perigo da homossexualidade era constantemente colocado à mesa e normalmente negado. As acusações de "viadagem" irrompiam pelas conversas, sempre iniciando disputas verbais sobre "quem é mais veado".

[41] Os trechos do jornal foram reproduzidos com exatidão, mantendo-se as imprecisões gramaticais.

Seja durante o jogo de futebol, seja durante a barca, o que se vê é a manifestação de diversas masculinidades, que atuam, entre aqueles homens, no sentido de formular suas próprias identidades. Como afirma Miguel Vale de Almeida:

> A masculinidade (como princípio simbólico) é mobilizada para a definição de um gênero sexual (os homens). O que ajuda a perceber como o gênero é um princípio identitário tão construído e mutável como os que subjazem à "comunidade" ou "grupo social" (ALMEIDA, 1996: 12).

Assim, por meio dessa "interação no espaço-tempo, sobretudo baseada em conversas", estaria em curso uma "avaliação do comportamento de uns e outros". Ainda segundo o autor,

> Essa avaliação só é possível ser feita em função de um modelo, e a disputa dos atributos de pertença ou não ao modelo provam que este é uma construção ideal. Só que, como as avaliações se fazem a partir de atos vistos e narrados, o comportamento dos homens tendem a "mimetizar" as prescrições do modelo. São as contradições deste que geram, depois, os elementos apresentados à discussão pública e que permitem sutis transformações no modelo quando, em circunstâncias históricas ou contextuais específicas, elementos das masculinidades subordinadas emergem à superfície (ALMEIDA, 1996: 12).

Esta "cultura da masculinidade", feita "conversando sobre o sexo, as relações entre os sexos e a sexualidade latente na homossociabilidade", dramatizada nos ambientes masculinos, por excelência – trabalho, lazer, jogos, política –, buscaria conservar um modelo "hiper-masculino", tendo de lidar, às duras penas, com as diversas mudanças sociais que alteram o papel social dos homens e mulheres.

Isso porque a formação dessa identidade masculina, posta em prática por meio de tais trocas verbais e da construção de um corpo próprio, mais próximo possível, do que seja um modelo "hiper-masculino", se daria imersa, como diria Foucalt, em "interações carregadas de poder" (ALMEIDA, 1996: 3). Algo que pode ser analisado num sentido mais concreto, das relações dadas cotidianamente, nestes encontros homossociais masculinos – como pode ser constatado, tanto nos jogos de futebol do Peladão, quando se vê de que forma os xingamentos e provocações atuam entre uns e outros, quanto nas reuniões pós-jogo, quando os problemas do campo são resolvidos pela "comissão disciplinar" e as disputas passam a se dar a partir dos termos "veado" e "corno".

Poder-se-ia dizer que, em Manaus, entre aqueles que jogam futebol, as questões relativas à sexualidade são hora objeto de disputa intensa e hora objeto de conversas que buscam o humor, ou aquilo que seja engraçado. Esse sentido cômico, presente no bar, e que se manifesta cada vez mais na medida em que se bebe mais cerveja, parece surgir, como já dito, como que para compensar o excesso de tensão e virilidade presentes na partida de futebol. É como se a barca fosse o momento em que as tensões do jogo são relaxadas, pois aquele hiper-homem presente durante a partida é desgastante, mental e fisicamente. O corpo viril, construído pelo futebol, assim, é contraposto ao corpo relaxado do bar. Ambos são sexualizados, ambos se criam em meio a relações de poder. No entanto, são modos distintos de se manifestar tais relações. Um segue o modelo ideal do masculino. O outro desconstrói esse modelo, criando uma narrativa que pode, muitas vezes, subvertê-lo. Trata-se de uma "masculinidade subordinada" que, neste momento, pode emergir à superfície.

Como já dito, há diferenças no uso das duas categorias mobilizadas para que se trate, na barca, destas masculinidades. Cada uma, a seu modo, indica tensões que o futebol, quando jogado entre homens, engendra. Mais uma vez, o jornal "Fura Olho" pode dar algumas pistas sobre certas especificidades no uso do *corno* e do *veado*.

> **Jogador babá**
> Atendendo a vários pedidos de alguns leitores do FURA OLHO segue a relação dos jogadores que a mulher só deixa ir pra pelada se levar o filho, a dúvida é se é para dividir o trabalho ou se é para ela ficar sozinha em casa no domingo pela manhã.
> 1. Sandro
> 2. Netinho
> 3. Rômulo
> 4. Patinho
> 5. Bel Terra
> 6. Gago
> (FURA OLHO, 14 de janeiro de 2009)
>
> **Jogadores deixam filhos em casa**
> Por conta da matéria lançada na semana passada, nenhum dos jogadores citados como jogador babá apareceram no campo com suas crias, acredita-se que na dúvida foi melhor não deixar a patroa só no domingo pela manhã.
> (FURA OLHO, 22 de janeiro de 2009)

Nestes dois excertos, assim como nas falas dos jogadores, fica claro que há uma oposição, para os Peladeiros, entre família e futebol. De um lado, estão a esposa e os filhos, que simbolizam a vida regrada, fiel, na qual o homem deve assumir as

responsabilidades do papel de pai, de chefe de família. Do outro lado, está o futebol, a vida com os amigos, pela cidade, num *circuito* que extrapola a casa e pelo qual se constrói, na rua, outra casa. E trata-se, ainda mais, de linhas que são tecidas a partir de *habilidades* que hiper masculinizam o homem, tornando sua sexualidade exuberante – algo que, certamente, é perigoso para a relação familiar, pois aumentaria as chances dos homens traírem suas esposas. Eram comuns as histórias, nas barcas e nos campos, que retratavam as amantes daqueles jogadores de futebol.

O perigo que a prática do futebol traz para a vida familiar está expresso na categoria *corno.* Pois, como dizia Deca: "quanto mais futebol, mais *corno* você é, porque você tá lá no campo com os homens e a tua mulher fica lá sozinha". Deca, aliás, era o único do time Apolo F.C. que não era casado. Isso fazia com que sempre estivesse numa situação privilegiada quando, na barca, iniciavam-se as conversas sobre este tema. Nestas, ele brincava com todos, afirmando já terem sido traídos por suas esposas, lembrando que, como não tinha esposa, nunca poderia ser *corno*, e levantando comentários, entre os companheiros, sobre uma tal de Ana, que seria sua "namorada fixa" e que sempre "botava um chifre" nele. Mesmo assim, Deca era imbatível. Uma vez, numa barca, alguém concluiu, depois de uma longa conversa com o dono da equipe, que "é por isso que você consegue ser dono do Apolo. O Carlos também é dono, mas deve ser muito chifrado pela mulher, já que nunca tá em casa!".

O homem, quando no campo de futebol com os amigos, deixa de lado um dos principais compromissos que sustentam certo modelo de masculinidade para assumir outras identidades enquanto homem. Este compromisso é aquele firmado com sua esposa, que fica sozinha em casa esperando sua volta. Quando em suas aventuras pela cidade, o jogador abandona sua morada, colocando-a em perigo iminente, pois a qualquer momento algum outro pode tentar se apossar de seu território, conquistando sua família. Perder a esposa, portanto, significa perder a casa. A disputa entre o circuito do futebol e a família é, portanto, uma disputa entre duas moradas que devem ser mantidas pelos jogadores de futebol. O jogadores do Panair F.C, quando foram entrevistados para a produção do documentário sobre futebol de várzea por mim realizado em conjunto com outros pesquisadores, foram categóricos:

> Jogador 1 - Às vezes muita gente dispensa o passeio com a família pra jogar bola...
> Jogador 2 - É verdade!

> Jogador 3 - É o caso do Alexandre: a mulher dele falou: "tu quer eu ou o futebol?"
> Jogador 4 - Ele deixou a mulher!
> Jogador 2 - Tu que escolhe: eu ou a bola, né? (risos)
> Entrevistador - Tem muito corno no futebol?
> Todos – Risos
> Jogador 1 - Demais!
> Jogador 3 - Deixa a mulher em casa pra jogar bola, né?
> Jogador 1 - Aí o cara do outro time vem...
> Jogador 2 - Não, isso daí acontece! Isso daí acontece!
> Técnico – Rapaz, se chifre doesse, aqui em Manaus era uma gritaria doida!

A barca é uma reunião quase que obrigatória para o pós jogo, pois é um momento de transição entre o campo e a casa. Ali, os homens relaxavam das tensões da partida para poderem, então, ao evidenciarem as tensões entre a morada familiar e a do futebol, dar significado ao que lá ocorreu e se encaminharem novamente para a vida cotidiana. A categoria *corno* opera este caminho: por meio dela volta-se a falar da família, da esposa, dos filhos e, embora eventualmente possa se criar certos desconfortos, quando alguém se sente lesado pelo excesso de brincadeiras, ela é aceita por todos por um motivo. Trata-se de um termo que, embora questione um papel importante – o de marido e de pai de família – não nega a masculinidade de ninguém, além de preparar terreno para o retorno à vida familiar. Em resumo: todos ali, embora cornos, continuam a ser homens.

> **Bofe ataca treinador na casa do espanto**
> Parece que está virando mania todo final de semana acontecer um fato desta natureza na casa do espanto [bar do Virgílio], a última vitima foi o técnico da equipe do Amansa Corno Deca, que segundo a rádio Tião, um negão amigo do Deca passou a noite toda fazendo várias demonstrações de carinho e amizade pelo treinador, com direito a cafunés, abraços e muitos beijinhos no pescoço, esta redação tentou apurar se o Negão se deu bem nas investidas do treinador, mas com medo de represálias as testemunhas preferiram não falar. (FURA OLHO, 22 de janeiro de 2009)

Se a categoria *corno* é amplamente aceita por todos os boleiros, o termo *veado* causa maiores desentendimentos. Enquanto todos festejam serem *cornos*, até mesmo brindando por estarem nesta situação, o *veado* aparece como provocação, desafio. Quando alguém diz para outro "você é *corno*", este imediatamente se assume como tal, respondendo coisas como "pelo menos eu transo bem". No entanto, quando alguém

acusa outrem de ser *veado*, este imediatamente se defende, iniciando um round de acusações e respostas, uma disputa, um *jogo* de palavras.

A figura do *veado* é importantíssima no circuito do futebol de várzea. Uma vez, indo de um campo para outro com um de meus interlocutores, tocamos no assunto. O rapaz, figura ativa no *circuito*, afirmou que os dois principais problemas do futebol eram os *veados* e os *traficantes*[42]. Na verdade, segundo ele, tratavam-se de duas coisas que sempre existiram no futebol: *veado* e criminoso (quando não eram *traficantes* eram bicheiros, políticos, empresários). Corriam boatos, aliás, de que o próprio Felipão, técnico da seleção brasileira na copa do mundo de 2002, era *veado*! Em certo momento da conversa, o boleiro aliviou o tom de voz, dizendo que, na verdade, os *veados* eram "meio culpados", porque a maior responsabilidade de sua contração para as equipes seria dos dirigentes incompetentes e irresponsáveis. Além disso, eles eram mais bem organizados, profissionais, e mais "bem arrumados" do que os "treinadores homens". O grande problema da presença dos *veados* no mundo do futebol seria, para meu interlocutor, o de que, normalmente, estes seriam os técnicos de equipes infantis, que aliciariam sexualmente os garotos em troca de escalarem os meninos para as partidas. Mas haveria um atenuante: eles só aliciariam os meninos que quisessem pois, como diria um técnico *veado*, seu amigo, "a gente sabe qual é o pau que gosta de merda".

Independentemente da veracidade das acusações realizadas por este boleiro, uma coisa é certa: o homem não masculino exerce tal paradoxo no mundo do futebol que é tido, por muitos com os quais conversei, como um dos grandes "vilões" deste meio.

Mesmo que muitos ali dissessem ter amigos homossexuais e, mais ainda, mesmo que muitos acabassem assumindo para mim, já ao final da barca, quando totalmente bêbados, terem experienciado relações homossexuais, no mundo do futebol assumir-se *veado* não parecia ser uma atitude inteligente. No entanto, havia exceções, uma vez que muitos homens tinham jogo de cintura o suficiente para levar a brincadeira "na esportiva" e, eventualmente, responder a provocação assumindo uma pretensa homossexualidade, como fez Deca, ao ir atrás de seu amigo no banheiro, ou como fazia Carlos, quando respondia, à acusação de que eu era o "namorado do Carlos", com a frase "é, ele beija bem". O que importa, para o argumento aqui defendido, é que, na grande maioria das vezes, o *corno* denotava uma relação de parceria entre os presentes

[42] A figura do *traficante* será explorada no capítulo 4 da segunda sessão.

(“todo mundo aqui é corno”) e o *veado* instigava uma espécie de competição entre os boleiros – quando um acusava o outro, o outro não podia deixar de responder a acusação à altura.

Isso porque a homossexualidade indicaria, para os boleiros, além de um perigo para a relação familiar – pois o *veado* deixaria a família para ficar com outra pessoa – um perigo para a performance no jogo de futebol – pois o homossexual seria menos viril do que o heterossexual. Enquanto, para o *corno*, a responsabilidade dos perigos iminentes da prática do futebol seria dividida entre homem (que abandonaria a família) e mulher (que trairia o esposo), o *veado* seria inteiramente responsável por seus atos, uma vez que ele procuraria, ativamente, relacionamentos sexuais com outros homens, aliciando-os. Além disso, o *veado*, ao atrair os companheiros para relações homossexuais, colocaria em risco a masculinidade dos outros homens, oferecendo grande perigo não só para sua família, mas, principalmente, para a própria prática do futebol – e isso fica muito claro quando a maior crítica realizada a esta figura seria a de que eles aliciariam os jovens jogadores desde as categorias de base, o que colocaria em risco o próprio futebol.

No mundo do futebol, em que se convive intensamente com pessoas do mesmo sexo, seja por meio de ações violentas, seja por meio de abraços e carinhos (principalmente quando a equipe marca um ponto), a figura do veado é um fantasma que paira sobre todos. É um paradoxo à própria prática do jogo e, por isso, a necessidade de, na barca, quando finda a partida e todos se preparam para voltar à vida familiar, iniciarem-se as brincadeiras de acusação. Ali, o que conta não é somente denunciar a homossexualidade do outro, mas é, principalmente, defender-se das acusações alheias, afirmando sua heterossexualidade e, dessa forma, provar aos parceiros que pode, sim, fazer parte do grupo.

Ao se afirmar *corno*, o jogador de futebol está, na verdade, provando sua fidelidade aos colegas de time. Pois o *corno* larga até mesmo a família para poder estar junto dos amigos todos os finais de semana, jogando bola. Quanto maior o comprometimento que o homem guarda para com a prática do futebol, mais *corno* ele é e, portanto, mais valorizado, como parceiro, pelos amigos. Por outro lado, tanto comprometimento pode denotar homossexualidade, pois largar a esposa pode ser, também, largar uma relação heterossexual para conviver – muito intensamente – com

pessoas do mesmo sexo. Homossexualidade que, no mundo do futebol, onde se exige virilidade e masculinidade, é perigosa por dois motivos: em primeiro lugar, porque, em jogo, um homem menos masculino pode não suportar as pressões que a partida exige. Em segundo lugar, porque este homem poderia, também, aliciar os outros, feminilizando sua equipe e tornando-a menos competitiva. Assim, na barca, é necessário que se coloque à prova a masculinidade de todos. Para tanto, basta provoca-los e exigir respostas à altura, iniciando-se um jogo de palavras sobre ser, ou não, *veado*.

> Em volta desta mesa velhos e moços
> Lembrando o que já foi
> Em volta dessa mesa existem outras
> Falando tão igual
> Em volta dessas mesas existe a rua
> Vivendo seu normal
> Em volta dessa rua uma cidade
> Sonhando seus metais
> Em volta da cidade
> (Milton Nascimento/Fernando Blant)

## 2. Rainhas e boleiras

Não é somente na prática do futebol masculino que as categorias relacionadas à sexualidade dos jogadores aparecem como algumas das principais mediadoras nas relações dos que vivem este *circuito*. Para as mulheres que participam do Peladão estas questões também são intensamente debatidas, principalmente na categoria feminina e no concurso de beleza que elege, todos os anos, a rainha do Peladão.

Propõe-se, neste capítulo, uma análise que confronte e compare de que modo os corpos das mulheres são produzidos no campo de jogo e no concurso de beleza. Assim será possível tecer algumas considerações sobre o papel da mulher no futebol, algo que parece ser um dos principais temas no *Circuito do Peladão*.

### 2.1.As rainhas do Peladão

Se na prática do futebol certas masculinidades são incorporadas e debatidas, é no concurso de beleza da Rainha do Peladão que o corpo feminino é cultuado e produzido. Este concurso foi criado logo nos primeiros anos do campeonato e tem como objetivo, de acordo com Dissica Calderaro, atual diretor da T.V A Crítica, fechar o "triângulo", no campeonato, daquilo que "representa o futebol brasileiro", ou seja, "futebol, bebida e mulher". Se os campos de futebol são o lugar do primeiro, é na barca em que se dá o segundo. A mulher surge, então, no concurso de rainhas.

Ao contrário do Peladão Feminino, que surgiu só recentemente, em 2005, e que é ainda um campeonato com poucas inscritas[43], o concurso de rainha do Peladão acompanha o torneio desde sua criação e conta com mais de 500 participantes em média, pois todos o times do naipe masculino devem apresentar uma representante para efetuarem sua inscrição. É o Concurso de Rainha do Peladão, portanto, o lugar por excelência da participação das mulheres no campeonato.

[43] Somente 34 times se inscreveram, em 2012 para a disputa deste naipe, o que é muito pouco em comparação com as 530 equipes inscritas no *Peladão Masculino*

Foi na segunda edição do Peladão, em 1974, que diretor geral, Messias Sampaio, decidiu realizar uma grande abertura do evento na Avenida Eduardo Ribeiro – uma das mais importantes da cidade, uma vez que traça o caminho do Theatro Amazonas ao Porto. Neste evento apareceram algumas equipes com representantes do sexo feminino que, vestidas com seus biquínis, realizaram o desfile em cima de carros preparados pelos times, causando furor na multidão.

Vendo o impacto acarretado pela presença feminina, Messias resolveu, já nas edições seguintes, criar um campeonato paralelo de futebol masculino que teria, como condição de existência, outra competição, só que de mulheres. Tratava-se do *Torneio paralelo da rainha*, que seria disputado por equipes cujas representantes teriam se classificado entre as 16 finalistas no novo concurso de beleza da rainha do Peladão. O diretor desejava, desta forma, fortalecer a presença das rainhas no campeonato:

> Um campeonato era pra proteger o juiz – o campeonato paralelo. O outro era pra quem tivesse a rainha classificada. Por quê? Porque o time investia muito na rainha. Investia até mais do que no futebol, sabe? Porque tinha de comprar um biquíni, uma coisa boa, um maiô de boa qualidade, todo desfile tinha de levar pra fazer unha, cabelo, coisa e tal. Às vezes colocar um carro à disposição da menina, pra apanhar em casa, levar... O time acaba gastando um bom dinheiro. Todo o sábado um dinheiro desse, então tinha também que ter alguma coisa em troca, algum benefício que o animasse a manter aquela despesa

Como havia muita desconfiança com relação ao concurso das rainhas por parte das próprias famílias das moças que queriam participar, Messias colocou sua esposa e sua filha para tomarem conta desta parte do Peladão. Isso porque muitos diziam que o concurso era, na verdade, um local para agenciamento de prostitutas. Quando uma equipe não conseguia uma representante por conta da desautorização da família da candidata, Messias, junto de sua esposa e filha, visitava a mãe e o pai da menina e argumentava a favor da equipe:

> "Olha, o concurso é pra representar o bairro, mostrar as pessoas, prestigiar os times do bairro, da rua...", E aí: "E que segurança a gente tem?", "a segurança é a seguinte: nós vamos fazer um jantar em homenagem ás rainhas, o governador vai oferecer um jantar pras rainhas." São cem rainhas, então ele vai oferecer pra duzentas pessoas, porque a mãe da rainha vai. É condição regulamentar, tá no regulamento. Ou a mãe outorga esse direito, para a tia, para a irmã. A rainha não pode, é proibida de comparecer sozinha numa atividade do Peladão.

Buscava-se, deste modo, dar credibilidade ao concurso junto às famílias das moças. Ora, a mulher, para ser exposta daquela forma – com poucas roupas, em meio a tantos homens -, deveria contar com alguma garantia, pois senão poderia sofrer assedio sexual ou, mesmo, receber propostas indecentes – que poderiam eventualmente ser aceitas. Para muitos dos que participavam do campeonato, somente uma *prostituta*, mesmo, poderia se colocar nessa situação. Por isso era necessário o acompanhamento diário dos pais e parentes, que garantiriam sua integridade física e moral.

Mas, mesmo com essas iniciativas, esta representação da rainha como *prostituta* não teria se alterado durante a gestão de Messias. Por conta disso, uma das principais medidas tomadas por Arnaldo Santos, logo que se tornou diretor do Peladão, foi mudar as regras do jogo. Tornou-se obrigatória, já em 1998 (primeiro ano de Arnaldo na coordenação), para a inscrição de qualquer equipe no campeonato, a apresentação de uma representante do sexo feminino, e o processo de inscrição das rainhas passou a ser o mais regulado de todos. Para uma moça qualquer se inscrever, ela passou a ter de ir até a sede do campeonato, munida de seus documentos e de sua ficha de inscrição, e tirar uma foto sozinha e outra foto acompanhada do presidente do time que representa, recebendo, então, um número que a identifica. Tornou-se necessária, para a homologação da equipe no torneio, a presença da rainha no desfile de abertura do campeonato. Aqueles times cujas representantes não apareçam na abertura do Peladão são imediatamente desclassificados, tendo suas rainhas inscritas no "livro negro" e, portanto, suspensas da competição por três anos.

Uma vez participando da abertura, as moças são automaticamente inscritas no concurso de beleza que elege a rainha do Peladão. Das mais de 500 mulheres presentes neste primeiro momento só passam cerca de 100 para a segunda fase. Estas, então, devem frequentar uma série de encontros com a coordenação do campeonato, até a eleição das 12 rainhas que participam de um programa de televisão da rede A Critica. Até a edição de 2011, era no programa *Nosso Encontro*, apresentado por Baby Rizzato[44], que as moças disputavam as eliminatórias, pontuando em diversos quesitos, como "passarela", "conhecimentos gerais", "maquiagem". A partir de 2012, as finais passaram a acontecer no contexto de um Reality Show chamado "Peladão – O Reality".

[44] Baby Rizzato é uma importante apresentadora de televisão de Manaus. Seu programa, "Nosso Encontro", foi criado em 1972, sendo, certamente, um dos mais longevos da televisão brasileira. É transmitido aos sábados pela manhã.

As participantes devem ficar enclausuradas num barco que circula pelo Rio Negro durante vinte dias – período no qual disputam várias provas que definem, ao final, quem será eleita a Rainha do Peladão. Finalmente, a rainha eleita desce de helicóptero no meio do campo de futebol, nas finais no campeonato, e saúda todos os torcedores. O prémio para a vencedora do concurso é um carro 0km e, para a vice – a princesa do Peladão – é a soma de dois mil reais.

Todo o processo é acompanhado de perto pelo coordenador do concurso, Kid Mahall que, além de gerenciar a ordem dos acontecimentos, também é o responsável pelos cursos de passarela, postura e beleza pelas quais as qualificadas para a segunda fase devem passar. Em todas as situações possíveis, desde a primeira seleção, na quadra do Tropical Hotel[45], passando pela provação dos Maiôs, dos sapatos, pelos ensaios e, finalmente, pelo desfile final na qual as 12 finalistas são selecionadas, as câmeras fotográficas e as filmadoras da própria coordenação estão presentes, registrando todos os movimentos, para que nada fuja da normalidade, para nenhuma equipe reclamar de qualquer ação irregular por parte da direção e, principalmente, para que todos os presentes – donos das equipes, familiares, amigos e as próprias rainhas –, percebam que tudo ali é extremamente profissional e transparente, ou seja, moralmente correto.

Esta rigidez na organização e no controle do concurso das rainhas parece surtir efeito. Na pesquisa de campo conversei com muitas moças que participaram do campeonato e as opiniões eram sempre favoráveis a estas medidas tomadas pela direção. As rainhas se sentiam, agora, protegidas e respeitadas, e tinham este concurso em alta estima.

Na busca de se tornarem a Rainha do Peladão, as mulheres que participam deste concurso devem, como já dito, passar por um longo processo educativo, para aprenderem a, em suas próprias palavras, "ser mulher". Assim, frequentam, durante alguns meses, aos domingos pela manhã, as aulas de postura e desfile ministradas por Kid Mahall que, além de coordenador do concurso é, também, produtor de televisão e ator. Por conta da inserção na televisão, o concurso da Rainha do Peladão é considerado uma grande oportunidade para as moças poderem realizar seus "sonhos" de serem modelos famosas, de modo que é também Kid Mahall o responsável pelos discursos

[45] O Tropical Hotel é um dos hotéis mais luxuosos e tradicionais de Manaus. Localizado no bairro da Ponta Negra, onde se concentram os condomínios de alta classe e a única praia da cidade, o Tropical Hotel também sedia grandes festas.

inflamados e emocionantes que ocorrem antes das eliminatórias e que sempre se referem às grandes conquistas que a participação no concurso possibilita.

Em um destes discursos, proferido instantes antes da última eliminatória do concurso de 2012, realizada numa passarela montada no Tropical Hotel e transmitida via televisão na primeira edição do programa "Peladão – O Reality", Kid Mahall lembrou que o objetivo do concurso de beleza era "mostrar como vocês são femininas, mostrar a essência feminina". Criticou o "melindre" de muitas moças, reforçando que tornar-se rainha poderia ser a grande chance da vida de qualquer uma delas, uma vez que nenhum outro concurso de Manaus teria a visibilidade do Peladão. Uma foto qualquer de uma concorrente ao título, publicada pela rede Calderaro de Comunicações renderia, por exemplo, 60.000 visualizações no jornal "Manaus Hoje", 80.000 visualizações no periódico "A Crítica" e cerca de 100.000 visualizações no portal de internet "A Crítica". Além disso, em 2014, ano da copa, a coordenação do Peladão estaria planejando o "Peladão Verde e Amarelo", tornando o campeonato conhecido no Brasil inteiro, aumentando ainda mais a exposição das meninas. Ou seja, tratava-se de "um concurso de oportunidade", no qual todas ali estariam "em foco" e, mesmo as que não ganhassem o título, adquiririam grandes aprendizados, como o de "cumprir horários", o de "saberem se maquiar", de "se tornarem modelos" e, finalmente, de "participarem de comerciais". Por fim, Kid convidou a rainha indígena[46], Darlene, para dar umas palavras às concorrentes. Esta afirmou que "a auto estima é fundamental para a rainha" e que "tem que se ver sempre como linda".

De fato, as transformações pelas quais as meninas passam, no período em que competem por uma vaga nas finais são muitas. Uma das concorrentes ao título de rainha do Peladão 2013, Carla Sabrina, representante da equipe OB2, relatou, em entrevista, quais foram as mudanças que o concurso trouxe à sua vida:

> Nossa...! Bom, malhação... Eu gostava de academia, mas não era lá uma das minhas atividades, então eu comecei a malhar, faz pouco tempo. Eu cuido muito da pele, do rosto, muito hidratante, muito creme. Como é muito quente, isso, nossa, prejudica bastante. Bebo bastante água. Digamos que eu mudei um pouco a alimentação, assim, evitei um pouco de frituras, estou mais na parte de frutas, verduras.

[46] Vale lembrar que o Peladão Indígena não conta com um concurso de beleza para eleger a Rainha Indígena. Assim sendo, Darlene foi selecionada como rainha, dentre todas as jogadoras da categoria indígena, pela própria coordenação do campeonato para representar a presença indígena em diversas ocasiões, como na abertura do Peladão.

(**Entrevista cedida por Carla Sabrina, rainha do time OB2. Outubro de 2013**)

Quando foi pedido para a candidata comentar o ensaio fotográfico publicado no caderno "Peladão Verde", e do qual ela havia participado, o comentário foi:

> De começo eu fiquei com vergonha. Meu Deus! Morri de vergonha! Meu pai do céu! Eu disse: que fotos são essas?! Mas tudo bem... Mas eu adorei o trabalho, o trabalho foi super profissional. Amei, gostei muito. Uma oportunidade única, então agarrei essa oportunidade. (**Entrevista cedida por Carla Sabrina, rainha do time OB2. Outubro de 2013**)

Como afirma Bartky (1988), homens e mulheres passam por experiências distintas na construção de seu próprio corpo. Buscando alcançar a feminilidade tão alardeada em revistas voltadas para o público feminino e em outros meios de comunicação, as mulheres, além de tomarem cuidado com sua postura e seu comportamento, também devem moldar seu corpo por meio de maquiagens, cuidados com a pele, com o cabelo, num processo que envolve, cotidianamente, certa dor física, além de gastos financeiros.

De modo que, em busca dessa "oportunidade" as rainhas passam por diversos processos – muitas vezes dolorosos – de construção de um corpo que represente, nas palavras de Kid Mahall, a "essência do feminino". Muitas dizem que, ali, aprendem a ser "femininas", a se maquiar corretamente, a ter postura "de mulher". A rainha da equipe Panair F.C dizia que o concurso tinha sido fundamental para que ela elevasse sua auto-estima, pois nunca, antes, havia se considerado uma mulher realmente bonita. Além disso, nesse concurso ela poderia se mostrar como uma mulher inteligente, já que passaria por provas de conhecimentos gerais, comprovando que "a mulher não é só um corpo bonito".

> É um pouco complicado. Tem pessoas, tem meninas, que nunca fotografaram. Eu tenho que fazer o papel do fotógrafo, do produtor, tudo, entendeu? Eu tenho que chegar, dar uma de modelo, para elas entenderem o que eu quero na imagem. Tem muitas meninas que ficam travadas pra caramba, mas depois vai fluindo legal, elas vão ganhando confiança... Aí no final do resultado do trabalho eu mostro pra elas tudinho e aí elas gostam, gostam muito. (Evandro Seixas – Fotógrafo do caderno Peladão Verde).

As equipes de futebol, como relatado por Messias Sampaio, não medem esforços para fazerem parte dessa transformação. Isso ocorre por dois motivos: em primeiro lugar, porque uma rainha bem classificada pode significar a chance de disputar as finais do campeonato. Caso a representante de equipe esteja entre as 16 finalistas, o time disputa o *Paralelo das rainhas* e, vencendo este torneio, joga contra o campeão da *Categoria indígena* e contra o campeão do *Peladão do Interior*. Caso seja bem sucedido, consegue uma vaga nas oitavas de final do Peladão – algo que é um sonho para a grande maioria das 500 equipes que disputam o título. Em segundo lugar, porque o próprio título de rainha de Peladão é cobiçado por muitas equipes. O concurso de beleza já tomou tal magnitude que muitos times almejam que suas rainhas sejam vencedoras, pois isso os colocaria em destaque, fazendo-os, "pegar nome"[47], assim como o título do futebol. De modo que há muito investimento na rainha, principalmente quando se trata das grandes equipes.

Se equipes pequenas e médias "trazem suas rainhas" por meio de relações de parentesco ou de amizade, os times grandes são intensamente procurados por moças que querem disputar o torneio. Isso porque as equipes grandes são aquelas que podem investir maior soma de dinheiro em sua representante, pagando academia de musculação, salão de beleza, roupas de boa qualidade. Assim, ao ter uma grande equipe como suporte, as rainhas têm também maiores chances de realizarem, de modo bem sucedido, as mudanças corporais necessárias para serem consideradas devidamente femininas.

O concurso da rainha do Peladão é, atualmente, uma das principais plataformas de marketing do campeonato e, portanto, do jornal e da T.V. A Crítica. O Reality Show pelo qual as 12 finalistas tiveram de passar em 2012 e 2013 é, basicamente, um programa de propaganda, uma vez que absolutamente tudo, no barco – incluindo todas as provas eliminatórias – é meticulosamente preparado para promover alguma marca. A sexualidade aparece, aqui, como um potente material de propaganda e a feminilidade, agora moralizada, das rainhas do Peladão, é o principal instrumento para tanto.

Enquanto ficam enclausuradas no barco, as moças passam por algumas provas que vão excluindo candidatas, até sobrarem as três finalistas. São três fases: fotografia,

[47] Os significados da expressão "pegar nome" serão melhor explorados no terceiro capítulo da segunda sessão.

cabelo e conhecimentos gerais e a rainha é escolhida num programa especial, pelos telespectadores, por meio de votação via celular. O barco conta com quartos coletivos, banheiro, cozinha, sala e com um quarto da rainha, no qual fica aquela que melhor tenha pontuado em alguma determinada prova. Na cobertura há um terraço, em que são realizadas festas nas quais as candidatas bebem e dançam. As meninas têm que participar de jogos e entrevistas que promovam alguma marca – de supermercados a hospitais – e, também, marcar presença em sessões de fotos que indicam as que serão excluídas do processo. Enquanto isso, são filmadas em seus biquínis realizando as tarefas domesticas, como cozinhar, lavar louça, comer, arrumar o barco. Porque, como dito numa mensagem engarrafada enviada pela coordenação para as moças, "uma rainha do Peladão tem que ser, acima de tudo, disciplinada".

Mas o programa "Peladão – O Reality" não passou incólume: na edição de 2012 houve momentos tensos, como quando duas moças descobriam que namoravam o mesmo rapaz, ou quando duas candidatas, após uma festa, entraram no quarto, desligaram o som da câmera que as filmava e deitaram juntas. É claro que os editores do programa exploraram ao máximo a possibilidade de aquelas meninas terem tido relações sexuais, sob protestos de um amargurado Arnaldo Santos, que dizia não querer saber de "edredom"[48] no campeonato das rainhas. Uma dessas moças, aliás, foi a segunda colocada no concurso e, na finalíssima, no estúdio de T.V, enquanto se esperava o resultado da votação dos manauaras, conheci seu marido, que dizia "não acreditar" em sua traição, por "confiar inteiramente nela". O rapaz, aliás, afirmava seu orgulho de tê-la como esposa e não ligar para o que diziam os outros homens – invejosos – que faziam comentários maliciosos sobre a candidata.

A criação deste Reality Show causou algumas crises internas na direção do Peladão. Isso porque, pela primeira vez, o poder de organização do concurso – a partir das finais – deixou de estar nas mãos da coordenação do campeonato e passou para a direção da televisão. De modo que certas atitudes tomadas pela T.V A Crítica no andamento do programa (como a de explorar uma possível relação sexual entre as duas candidatas que deitaram na mesma cama) desagradaram Arnaldo Santos, que percebeu, aí, a desmoralização do campeonato. Por outro lado, a direção do Reality considerou que a baixa popularidade do programa das duas primeiras edições (2012 e 2013) se deu

[48] "Edredom" é o nome que se dá às relações sexuais entre participantes de Reality Shows, que ocorrem debaixo das cobertas, sob o olhar atento dos telespectadores.

por conta das candidatas, que não eram bonitas o suficiente para atrair mais telespectadores, propondo, assim, que se mudasse a fórmula de seleção: apenas as seis moças mais bonitas do concurso iriam para o barco, junto com mais seis mulheres escolhidas pela própria rede Calderaro. Não se sabe se foi somente isso que causou a crise que culminou na demissão de todos os funcionários do Peladão em 2014, inclusive de Arnaldo Santos, mas parece ter sido um dos ingredientes fundamentais.

Fato é que, apesar de passarem por todo o processo de criação de um corpo feminino, as rainhas do Peladão não são modelos profissionais. Assim, por mais que elas se preparem, tirem fotos e façam cursos de passarela, sua performance em palco não é convincente o suficiente para a T.V A Crítica. Seus corpos não se encaixam no perfil correto, pois as manauaras que participam do concurso de rainha não são magras e nem altas o suficiente. Isso também demonstra que há um descompasso entre aquilo que os donos das equipes e os diretores da T.V consideram como sendo uma mulher bonita. Esse descompasso está justamente no padrão de corpo que orienta aquilo que se considera como sendo a "mulher ideal".

Durante a primeira eliminatória, que definiu as 100 moças que participariam do processo de escolha da rainha, fui convidado a participar do júri. Nesta fase quem organizava a o concurso ainda era a coordenação do Peladão. A seleção se deu na quadra de futsal do Tropical Hotel e, para realizar minha tarefa, recebi uma prancheta com um bloco de folhas que continha 500 e tantos números, todos com um quadrado vazio ao lado. Meu trabalho seria, então, como indicado por Rick Oliver, funcionário do Peladão responsável pelo concurso de rainhas, o de "analisar a beleza das candidatas e identificar com um 'X', no quadro vazio ao lado do número de cada uma, aquela que vocês consideram bonitas.".

Enquanto circulava por entre as mulheres, eu perguntava para os outros jurados como eles definiam uma "mulher bonita". A grande maioria não conseguia responder com objetividade a essa pergunta, argumentando, na maioria das vezes, que valorizavam, mais do que tudo, a "beleza amazônica" (algo que também não sabiam identificar exatamente o que seria). Note-se que estes jurados não eram especialistas do ramo. Eram, na verdade, conhecidos de pessoas da coordenação do campeonato de futebol e do concurso de beleza que lá estavam, como eu, somente para cumprir um

papel. Houve, por exemplo, um rapaz, dono de uma equipe, que até me convidou para acompanhar seu time no campeonato.

As mulheres no meio, os homens em volta. Enquanto selecionávamos as "mais bonitas", aqueles que ficavam nas arquibancadas da quadra, assistindo a tudo, participavam da situação gritando, elogiando e desqualificando as moças que estavam ao centro. Tal qual uma torcida de futebol, os donos e jogadores das equipes buscavam, de todas as formas, intervir na escolha dos jurados, promovendo suas rainhas preferidas. Assim, os gritos de "gostosa", os assobios, os xingamentos, ocupavam a paisagem sonora da cena. Como se diz na gíria, "mexiam" com as mulheres incessantemente, o que causava o sentimento de vergonha para muitas daquelas que estavam ao centro, sendo medidas de cima a baixo pelos peladeiros de Manaus. Ainda hoje o dono da equipe Apolo, Deca, me cobra por não ter selecionado sua rainha como uma das mais bonitas (algo que ele apenas supõe, pelo fato de sua representante não ter passado para a próxima fase). Mas logo depois, ele emenda: "tudo bem, foi melhor assim, porque senão a gente ia ter que gastar muito dinheiro com a rainha!".

> E por medo, também, de enfrentar um público, né? Que aí o público é grande, e aí eles ficam na torcida, tem o pessoal, tá vibrando ali, o número tal, a fulana... sempre gritando, entendeu? Aí esse ano eles fizeram uma baita de uma surpresa pra muitas delas, que era, no caso, que sempre a gente se apresentava de shorts, o tênis e a blusa do time. Só que eles falaram: "não, vocês vão se apresentar com o biquíni, por baixo da roupa e na hora a gente vai dizer como é que vai andar o procedimento". A gente foi, a maioria das meninas foram no sutiã, e outras que não queriam tirar a camisa, que eles queriam que a gente tirasse a camisa pra ficar só de shorts e a parte de cima do biquíni, né? Aí muitas delas não tiraram, e daí eles já contam muito, por aí. Aí a gente vai assim... (**Entrevista cedida por Andreia Pereira Soares, rainha e presidente do Amigos do Wallace, outubro de 2013**).

De qualquer modo, seja no Reality Show, seja nos jornais, seja nas eliminatórias, as mulheres do Peladão estão sob os olhares vigilantes dos jogadores, tornando-se objeto de desejo e debate. Assim sendo, o feminino que é aí produzido é aquele que mais agrada ao homem, pois é este o verdadeiro juiz do concurso. Tanto diretamente, escolhendo as moças que representarão suas equipes, e gritando, elogiando e xingando as rainhas na primeira eliminatórias; quanto indiretamente, comprando o jornal ou assistindo o programa de televisão – e, portanto, contribuindo para seu sucesso frente às marcas que divulga -, a maior parte daqueles que arbitram o campeonato é composta por pessoas do sexo masculino, imersas num jogo que, como já foi debatido, é hiper-

masculino, pois engendra corporalidades e, portanto, *habilidades*, que fortalecem esta dimensão de suas vidas – de ser um homem "de verdade", de agir "como homem".

As rainhas do Peladão, portanto, são hiper-feminilizadas neste modelo que parte de uma narrativa masculina de como deve agir uma verdadeira mulher. Se num primeiro momento este concurso foi criado como um "complemento" ao Peladão, com o passar do tempo a rainha assumiu um papel de protagonista no *circuito* por conta da necessidade de se dedicar um espaço à sua presença. Como diz Butler (2003), numa sociedade heteronormativa, se há o masculino, deve haver o feminino. Ou seja, num lugar em que a masculinidade é fundamental para organização das pessoas, criação de significados e surgimento de discursos, a feminilidade tem de se contrapor. Dessa forma, surge um ambiente propício para que se possa colocar em jogo o que seja a mulher e seu papel no mundo masculino.

As rainhas, antes *prostitutas*, por serem moças que se exibiam, ao vivo, para milhares de homens, foram se distanciando do contato direto com o gênero oposto para frequentarem as páginas de jornais e programas de televisão, numa tentativa de "moralização" do concurso. De qualquer modo elas são o exemplo do que se considera o mais feminino possível. Seus corpos são exibidos via televisão ou fotografia como um modelo a ser perseguido pelas mulheres, e ser uma rainha, agora, é algo que eleva a auto-estima de qualquer moça. Mesmo que a estética deste corpo feminino ainda esteja em disputa, como fica claro quando a televisão não considera que as rainhas sejam boas o suficiente para o programa, propondo mudanças nas regras, alguns atributos principais não se alteram: elas devem ser bonitas, gostosas, sensuais e inteligentes, além de ambiciosas. Devem também aprender a lidar, na marra, com a vergonha causada pelas provocações feitas pelos homens, com suas "cantadas", e com uma vida disciplinada, obediente. Essas são as *habilidades* desenvolvidas por uma mulher perfeita.

### 2.2.As boleiras

O Apolo F.C, além de seu time nas categorias masculina e máster, também forma uma equipe, todo os anos, para disputar o Peladão Feminino. Uma vez, conversando com Carlos, perguntei se não havia ciúme de sua esposa por conta do

contato dele com essas moças. Ele me respondeu, categoricamente: "não tem problema, elas são tudo sapato[49]".

Essa afirmação pareceu bastante preconceituosa, já que o que se via, na categoria feminina, eram várias ações que buscavam afirmar a feminilidade das jogadoras. Em entrevista, a dona da equipe Associação, Rosa, disse que muitas jogadoras levavam sua maquiagem para o vestiário afim de se aprontarem para o jogo. Durante a pesquisa de campo foi possível, de fato, averiguar o cuidado das moças com a aparência antes da partida: elas arrumavam o cabelo, a roupa. Passavam maquiagem e desodorante antes e depois da partida. Giovana, uma das dirigentes da equipe da fábrica Salcomp, campeã do *Peladão Feminino* em 2011, dizia que, por ser um time que buscava ser "referência", já que carregava o nome da empresa, ela e Nilce, a dona da equipe, implementavam duas ideias fundamentais: em primeiro lugar, faziam com que as moças fossem muito disciplinadas, que não fossem "briguentas", "como as do time da Rosa"; em segundo lugar, encomendavam um "uniforme feminino": com o short mais curto, a camisa mais apertada, desenhos de flores e estrelas no entorno. Tudo isso, dizia ela, trazia "respeito" para a equipe, pois era comum sofrerem com ações e palavras preconceituosas, que realçavam uma suposta masculinidade das jogadoras. Foi, aliás, num jogo do Salcomp contra o Apolo F.C (cujas meninas usavam exatamente o mesmo uniforme da equipe masculina) que presenciei maior quantidade de rapazes no entorno do campo, todos comentando, com conotação positiva, a aparência das mulheres do Salcomp, exaltando os shorts curtos e as blusas apertadas.

Foi também conversando com Giovana que perguntei sobre a opinião generalizada de que só havia "sapatão" nas equipes femininas. Ela me respondeu, então, que aproximadamente 80% das meninas do time eram homossexuais e completou, afirmando que este é o lugar em que elas se sentem livres, pois "o futebol faz parte do mundo delas em que elas são livres". A casa (em que muitas moram juntas), alguns bares e a escolinha de futebol de uma das jogadoras também fazem parte do "mundo delas", em que elas estão sempre com meninas iguais e onde "não sofrem preconceito". Giovana também disse que muitas jogadoras afirmam que a homossexualidade é uma coisa de "momento", mas que depois "se ajeitam". Outras moças, por outro lado, já foram casadas com homens e hoje têm namoradas – uma delas, aliás, tem uma

[49] "Sapatão", ou "Sapato" são termos que identificam a homossexualidade feminina.

namorada e uma filha de 12 anos que "compreende bem a situação". Há, também, algumas brigas internas: como a que ocorreu quando uma jogadora se separou da namorada que também jogava no Salcomp e passou a sair com outra menina da equipe. Segundo Giovana, essas situações geram "problemas internos", que podem causar a queda do rendimento do time em campo, por afetarem o "psicológico da equipe". Ela, finalmente, arrematou, dizendo que, no caso do futebol feminino, muita gente afirma que o grande problema é o patrocínio, mas, na verdade, as questões mais discutidas ali, e que mais interferem no andamento do time, são aquelas que envolvem as relações amorosas entre as jogadoras.

Esta relação das mulheres com o futebol se parece com a que se desenvolve entre muitos homens com outro esporte, o voleibol, tal como descrito por Juliana Coelho em seu texto *Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva* (2009). Segundo Coelho, a principal diferença entre o futebol e o vôlei residiria no fato de que, enquanto o primeiro valorizaria um *ethos* masculino, o segundo seria dono de um "apelo social" que "se coaduna ao *ethos* feminino". Isso porque o voleibol teria surgido, em 1895, como um esporte voltado aos "homens de negócio" de meia idade, valorizando, portanto, o "suave", "o não violento, o leve" estando, portanto, "mais próximo do imaginário feminino".

Mesmo que tenha sofrido diversas modificações para torná-lo mais "veloz e vigoroso", o voleibol, tanto como disciplina escolar quanto enquanto produto da televisão, ainda seria considerado uma prática voltada ao público feminino. Tratar-se-ia, assim, de um jogo cujos participantes seriam, em igual número, homens e mulheres, mas ligado diretamente ao universo feminino e, portanto, um "modelo esportivo híbrido". Foi, aliás, "o primeiro esporte olímpico coletivo a prever a participação de homens e mulheres". As consequências disso estariam expressas na grande quantidade de opiniões que defenderiam que "vôlei é um esporte de veado"[50]. Há, também, aqueles que afirmam que, por sua natureza "leve", o vôlei não é esporte. Todos combatidos pelos que contrapõe estes argumentos, afirmando sua masculinidade firmemente, enquanto esportistas do voleibol. Diz a autora, enfim:

[50] A autora, em pesquisa na internet com a ferramenta Orkut, encontrou diversas "comunidades" que trariam os seguintes títulos: "Vôlei é esporte de viado; Vôlei, um esporte de viado; Único time (vôlei) que não tem viado; Vôlei é coisa de viado; Eu odeio viado que joga vôlei; Quem joga vôlei é viado; Você *eh* gay ou joga vôlei?"(pg. 82).

> Essa necessidade veemente de assegurar a "macheza" e afastar o tabu da feminilidade pode ter um efeito contrário ao esperado, ou seja, apontar para a existência daquilo que se quer exorcizar. Ao invés de abafar, termina por explicitar ainda mais o fenômeno. Assim, não foi de espantar encontrarmos, durante a etnografia, uma parcela substancial de homossexuais, tanto entre os torcedores como entre os jogadores. É possível supor que houvesse uma justificativa para as tentativas de exorcizar a feminilidade, uma vez que o vôlei parece ser um *lócus* privilegiado para o desenvolvimento de uma sociabilidade homoerótica. Por ser essa uma forma de masculinidade alternativa – que se contrapõe à masculinidade hegemônica socialmente aceita -, há uma necessidade de encobrimento. (COELHO, 2009: 83).

E completa:

> Como se percebe, o esporte, um dos fenômenos culturais mais significativos do mundo contemporâneo, também pode ser utilizado como um sistema de classificação e diferenciação social e sexual, uma vez que possibilita a aquisição de identidades contrastivas. Também podemos considerá-lo um código generificado e generificador, na medida em que ele é uma forma de nos apropriarmos do mundo, ou seja, nos fornece visões de mundo que, por sua vez, são afuniladas pelas prerrogativas de gênero. (COELHO, 2009: 83)

Assim, enquanto o futebol se apresentaria como um esporte fundamentado nos significados do que seja o "masculino", deixando "pouco espaço de adesão para pessoas que não comungam com esse *ethos*", o vôlei seria um esporte híbrido, carregando consigo todas as contradições e problemáticas envolvidas nessa sua característica.

No entanto, o fato de o futebol ser um esporte que engendra uma masculinização do corpo e produz "os signos visíveis da masculinidade", exigindo ações masculinas por parte daqueles que o praticam, não elimina a presença de mulheres futebolistas. E, mesmo que tais mulheres busquem, a todo momento, se contrapor ao "preconceito" que sofrem, pregando sua feminilidade ao contrabalancearem a virilidade do futebol com a maquiagem, o cabelo preso e o uniforme feminino; é justamente esse preconceito, ou a construção desse corpo masculino, que, paradoxalmente, faz com que este seja um ambiente privilegiado para estas moças e, portanto, por onde elas possam circular. Ali, elas se encontram entre iguais.

De modo que, diferentemente do futebol masculino, que possibilita a criação de um *circuito* aberto e amplo, pelo qual circulam pessoas de toda a cidade, a partir de locais distintos e por meio de lógicas diferentes, parece que, no futebol feminino, os

modos de circulação são mais restritos. As moças da fábrica Salcomp, por exemplo, vivem entre suas casas, seu trabalho na fábrica, e o campo de futebol – seja nos treinos, durante a semana, seja nos jogos, aos finais de semana. Nestes locais elas convivem com as mesmas pessoas que são, ao mesmo tempo, colegas de casa, de trabalho e de equipe. É neste universo que elas tecem suas amizades e suas relações amorosas. Este é "o mundo delas em que elas são livres", como diz Giovana.

O time da Salcomp é bastante exemplar neste sentido, uma vez que leva ao limite esta relação com o outro e com o ambiente. Para dar suporte às jogadoras, que participam de muitos campeonatos e não recebem dinheiro para jogar – além do salário da fábrica –, Nilce, a dona da equipe, oferece sua casa como moradia a muitas mulheres que jogam no time e não podem mais ficar na casa dos pais. Conforma-se, deste modo, como dizem as próprias jogadoras, uma "família". O mesmo não ocorre em outras equipes femininas. No entanto, está claro que, mesmo em times como o Apolo F.C, que se organiza de outra forma, contratando as moças e pagando por jogo, certas coisas não mudam.

Isso porque não é nada fácil adotar a vida de futebolista. Como assumir o futebol é, para uma mulher, assumir também uma prática masculinizante, participar de uma equipe significa, entre outras coisas, entrar em rota de colisão com familiares e amigos que não aceitem tal condição.

> Eu, assim, eu falo por mim mesma, porque há, assim, um certo preconceito quando se fala em mulher e futebol. Ainda mais no meu caso, que tenho um filho, né? "Ah, tú vai deixar teus filhos pra estar lá, perdendo tempo?". Eu ouço muito isso, assim. Mas a gente vai levando. A gente não liga, porque eu, pelo menos, eu gosto mesmo. Assim, não tenho apoio, assim, de família. Dizer que mãe e pai estão presentes... não estão. Porque ela discorda dessa ideia de eu estar jogando bola. É questão mesmo de querer, de estar, de ser mulher e estar ali jogando bola. Hoje em dia a mulher está em todas as áreas, mesmo, né? Avançando cada vez mais. E não vai ser pelo o que os outros falam que a gente vai desistir. Vamos ser mulher lá dentro também. (**Entrevista cedida por Suzi, jogadora do Salcomp, outubro de 2013**).

Assim como ocorre com os homens, o futebol é também, para a mulher, uma prática que põe em risco suas relações familiares. No entanto, parece que as mulheres sofrem maiores críticas e sanções ao adotarem esta prática. Enquanto, aos homens, sair de casa parece ser natural e até inevitável, para as mulheres, abandonar o lar é algo muito mais sério. Afinal de contas, são elas que deveriam gerenciar a casa e cuidar dos

filhos. Se o motivo para este abandono for econômico – para trabalhar, por exemplo – não há maiores problemas. Mas se for por conta de uma prática considerada como lazer e, ainda por cima, entendida como masculina, tudo se torna mais difícil. Por isso, muitas dessas jogadoras acabam deixando suas casas, seus pais e irmãos, para viverem o futebol junto com as companheiras e com as namoradas. Ao mesmo tempo, é a própria prática do futebol que permite esta ação de deixar a casa dos pais, que possibilita a essas moças viverem entre suas iguais.

> Eu tenho um filho, eu tenho um filho de 12 anos. É bem complicado, porque ele passa o dia só. Aí eu vou pro meu treino, e do treino só vejo ele a noite. Aí eu chego em casa, já tenho que dar atenção, entendeu? Porque eu tenho que conversar... ainda mais ele que ainda é homem, eu tenho que conversar, eu tenho que ver o que aconteceu de dia, com ele, pra no outro dia ele estar... E fazer a mesma coisa. Mas agora a gente tá treinando menos, porque a gente tá participando só desses dois campeonatos [Peladão e Campeonato Amazonense de Futebol Feminino]. Mas quando está tendo industriário é todo dia! Aí chega em casa e já não tem muito tempo... Agora não, agora já tem mais tempo. (**Entrevista cedida por Christina, jogadora do Salcomp, outubro de 2013**)

São muitas as jogadoras que não conseguem – e não querem –, como as meninas do Salcomp, provocar esta ruptura com a família. Assim, elas vivem lá e cá. Terminado o jogo, recebem o pagamento (vinte, trinta, quarenta reais por partida) e correm para casa, pois, como disse uma jogadora do Apolo F.C, "deixei meu filho com a minha mãe para vir jogar, tenho que voltar rápido". Há, também, aquelas que organizam outras estratégias. Uma vez, acompanhei as moças da comunidade indígena *Y´apyrehyt* num treinamento em um campo próximo da aldeia, em Manaus. Para a minha surpresa, elas não seguiram o mesmo trajeto dos homens e nem foram ao mesmo campo dos maridos. Dirigiram-se a outro local, pegando caminhos sinuosos por entre os becos do bairro, levando seus filhos e filhas pelas mãos. O motivo ficou claro assim que chegamos ao campo: este era um espaço ideal para o treino de mulheres, já que contava com um playground no qual elas poderiam deixar suas crianças enquanto jogavam bola. Muitas jogadoras – indígenas e não indígenas – chegavam ali com seus filhos e filhas a tiracolo e deixavam-nos junto dos filhos das outras moças.

Diferentemente do que ocorre no *Peladão Feminino*, no *Peladão Indígena Feminino* a questão da homossexualidade não aparece. As jogadoras participam do campeonato junto com seus esposos, irmãos e namorados e, normalmente, os

comandantes das equipes são as mesmas lideranças – homens ou mulheres – que montam os times masculinos. O jogo de futebol, para as mulheres indígenas, não traz consigo o perigo de masculinização. As questões, como já dito anteriormente, são outras – é o jogador branco, *boleiro*, que ocupa o lugar das discussões e entreveros. Desse modo, não é de se estranhar que as jogadoras indígenas tenham mais facilidade em conciliar a prática do futebol com a vida familiar.

Seja como for, as mulheres não indígenas – homossexuais ou não – que vivem o mundo do futebol, devem lidar com maiores pressões do que os homens. Se, por um lado, estas pressões causam estresses variados, como rompimentos familiares, por outro lado são estas mesmas pressões que acabam por tornar este um mundo mais restrito, que permita, a muitas jogadoras, viver entre pessoas que compartilhem seus gostos, opções e ideias.

Há algumas estratégias para reduzir estas pressões e tornar o futebol de mulheres uma atividade mais aceita socialmente. A principal delas, como já mostrado, é feminilizar a prática, trazendo, como diz Giovana, maior "respeito" às jogadoras. Por isso se cria roupas mais "femininas", mais justas ao corpo e com motivos gráficos femininos (flores e estrelas). Além disso, propõe-se uma postura mais disciplinada, menos briguenta. Busca-se, dessa forma, aproximar a boleira de uma imagem de mulher que é disseminada, no Peladão, pelo concurso das rainhas. Ao realçar a sexualidade da mulher com roupas mais justas e propor um comportamento disciplinado, buscando-se mais "respeito", está-se reduzindo esta fronteira que opõe a rainha e a boleira. No caso da Salcomp, esta estratégia tem relação com o fato de o time carregar o nome da fábrica, ou seja, ser um veículo de propaganda para a marca.

Não é a toa, aliás, que esta empresa conta com uma equipe feminina no Peladão. A grande maioria dos funcionários ali é do sexo feminino, já que, como dizem as jogadoras, o trabalho exige uma sensibilidade própria deste gênero. Trata-se de uma linha de produção de baterias de celulares e computador, ou seja, de objetos pequenos, que devem ser montados por mãos habilidosas em lidar com trabalhos manuais delicados – mãos femininas. De modo que, tanto no trabalho quanto em casa, quanto no futebol, essas meninas devem lidar com definições sobre seu corpo que se contradizem. As *habilidades* que desenvolvem nos locais em que circulam, e por meio das quais agem sobre o mundo, sempre têm relação com ser ou não mulher, ser ou não mais

feminina ou masculina. Em casa, com a namorada e, ao mesmo tempo, cuidando do filho ou da filha; no trabalho, tendo de realizar tarefas pretensamente femininas; e no campo de futebol, agindo de modo mais masculino: a homossexualidade e a feminilidade sempre andam juntas, mas gerando tensões, colocando em jogo as identidades das boleiras e definindo seu modo de agir e de circular pela cidade.

### 2.3.A sexualidade em circulação

Entendendo-se o gênero e a sexualidade como importantes fatores da identidade de cada um e partindo do princípio que a identidade de gênero é construída performaticamente, como assinala Butler (2003), pode-se compreender alguns dos motivos pelos quais, no Peladão, esta questão assume tanta relevância. Ora, além de se tratar de um evento cujo principal motivador é um esporte que carrega consigo uma agência masculinizadora, o Peladão, ainda, acaba por ser um ambiente privilegiado para que seus participantes possam se apresentar como autênticos performers, tanto para os companheiros e para as companheiras de equipe, quanto para eventuais torcedores e, finalmente, quando com sorte, indo parar nas páginas dos jornais e em matérias da televisão. E isso se torna ainda mais verdadeiro no que tange a participação das mulheres por meio do concurso da Rainha do Peladão, pois este é o grande local da performance, de teatralização, principalmente para aquelas que chegam às finais e, portanto, ao reality show.

A espetacularização e a normatização do campeonato em categorias de gênero, criando-se naipes que dividem os participantes de acordo com esta lógica, acabam por purificar o que sejam este "masculino" e o "feminino" que o futebol gera. Como será visto adiante, os jornalistas que cobrem o Peladão estão sempre em busca do "verdadeiro peladeiro", ou seja, aquele "que joga descalço, duro, com garra". É essa a imagem que se constrói sobre os homens que jogam bola. O mesmo acontece, com o sinal invertido, com as rainhas do Peladão: busca-se a mulher mais feminina possível, dotada dos atributos que fazem, dela, uma "verdadeira rainha", a "essência do feminino". Este processo de purificação dos gêneros e sexos, no entanto, ao invés de encerrar um problema, gera tensões que não se resolvem, pois não há somente dois gêneros e duas sexualidades. O que os jogadores e jogadoras do Peladão, assim como suas rainhas, demonstram, é que o mundo da sexualidade é *híbrido* e complicado,

permeado por relações de poder e negociações que influem no comportamento de cada um, gerando tensões cujas resoluções são bastante complexas. A construção de modelos a serem seguidos por homens e mulheres não resolve o dilema. Na verdade, ela somente abre as portas para o aparecimento de significados contraditórios que serão, então, colocados em jogo.

Entre as tantas *habilidades* que são desenvolvidas na prática do futebol estão aquelas referentes às identidades de gênero. No jogo entre homens, falou-se aqui da hiper-masculinização que o futebol provoca em campo e da inversão das tensões causadas neste processo, no momento da barca, quando os termos colocados à mesa – o *veado* e o *corno* – presidem as conversas entre os boleiros e os resgatam às relações familiares, das quais se distanciaram para poderem frequentar o *circuito* do futebol. Já no futebol entre mulheres, o processo de masculinização engendrado pelo jogo causa tensões com as quais as jogadoras têm de lidar constantemente, o que as leva a elaborar estratégias variadas para poderem estar entre as quatro linhas. Fato é que, assim como ocorre entre os homens, o futebol força um distanciamento das jogadoras para com seus familiares, mas um distanciamento que pode causar rupturas mais radicais. É uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que o jogo causa um distanciamento doloroso, é ele que, muitas vezes, permite a estas mulheres provocarem estas rupturas, fazendo com que possam viver entre suas iguais, tecendo relações que não seriam bem aceitas fora deste mundo do *circuito do futebol feminino*.

É no concurso de rainha do Peladão, por outro lado, que o modelo ideal de mulher é perseguido. Por meio deste concurso, as participantes aprendem a agir tal qual uma verdadeira rainha, a partir de um comportamento hiper-femininilizado, moldando seus corpos para uma disputa acirrada. Elas devem aprender, também, a conviver com as pressões que o mundo dos homens lança sobre suas vidas, tendo de lidar com a vergonha, a timidez, e mostrando-se extremamente disciplinadas em busca de seus objetivos. É este modelo de mulher que é divulgado incessantemente pela televisão e pelo jornal, e construído ativamente pelos donos das equipes que investem grandes somas de dinheiro em suas rainhas.

Para as moças que aspiram tornarem-se a rainha do Peladão, as relações familiares não se apresentam como um impedimento, mas, normalmente, como um suporte. As rainhas, em geral, contam com apoio dos pais, irmãos, maridos e, também,

das equipes. Antes *prostitutas*, elas foram se tornando *femininas*, representando cada vez mais um modelo da mulher perfeita e tornando-se uma figura que aproxima o mundo do futebol e o universo familiar. Por conta disso, a rainha do Peladão é muito valorizada no *circuito* do futebol amador de Manaus, o que possibilita a exploração intensa de sua imagem pelos meios de comunicação que cobrem o campeonato. No entanto, ao assumir esta responsabilidade, as moças devem passar por diversas provações, muitas vezes dolorosas. As tensões presentes no *circuito* são descarregadas sobre seus próprios corpos, em forma de expectativas sobre suas *habilidades* em saberem capitalizar o desejo sexual dos homens que examinam seus ensaios fotográficos e assistem o reality show, para se aproveitarem da "grande oportunidade" que devem agarrar.

Já para os boleiros e boleiras, estar em circulação pela cidade por meio do futebol coloca em tensão certas relações que rivalizam com aquelas mobilizadas para a prática do jogo. Como visto, para que se possa destinar tempo e energia para o futebol, deve-se reduzir a atenção voltada para as relações familiares. Os dilemas criados por conta da oposição futebol *versus* família são tão poderosos que engendram a formulação de categorias de acusação e de pertença que possam preenchê-los de significado. Além disso, engendram ações que variam em radicalidade, podendo até mesmo causar rupturas profundas nas vidas daqueles – e principalmente daquelas – que se dedicam à prática do jogo. Dado o aspecto hiper-masculino do futebol, estas tensões se organizam a partir do vocabulário da sexualidade, que norteia grande parte das discussões, conversas e ideias que circulam pelos jogadores e equipes. O circuito do futebol, assim, se forma a partir de trocas que têm sua expressão no *corno*, no *veado*, na *sapata*.

Mais do que organizarem identidades ou delimitarem posicionamentos sociais, as categorias de gênero mobilizam o circuito do Peladão, quando, ao circularem por campos, bares, televisores e jornais, dão sentido às relações tecidas entre seus participantes.

**Figura 19 - A primeira eliminatória das rainhas do Peladão. Nesta fase, cerca de 500 moças se enfileiram na quadra do hotel tropical e são avaliadas pelos jurados enquanto ouvem as manifestações efusivas dos boleiros nas arquibancadas.**

**Figura 20 - A rainha da edição de 2011 do Peladão junto da rainha indígena que canta o hino nacional na língua Tikuna como parte da programação da abertura do Peladão 2012.**

**Figura 21 - Capa do caderno Peladão Verde anunciando um ensaio fotográfico de duas candidatas à Rainha do Peladão. A oposição entre o papel da rainha e o do homem é dada pelas duas figuras: as rainhas, em pose sexualizada, são observadas pelos peladeiros que, como descrito na outra imagem, não devem querer ser o "David Beckham" – jogador famoso no mundo inteiro por sua beleza. A jogadora de futebol, por sua vez, só aparece no jornal em ocasiões especiais, como na abertura ou finalíssima do campeonato feminino.**

## 3. Jornais e jogadores – pessoa e reconhecimento

> Tem um camarada que veio de Imperatriz do Maranhão para Manaus e tal. Arranjou uma invasão no Jorge Teixeira, arranjou um emprego como guarda municipal, aí funda o Peladão, funda um time no bairro dele lá, se transforma no presidente do time. Diferentes posições sociais, ele ocupando. Aí vai pro desfile na Ponta Negra. Pede o jogo de calção de uns, pede meião de outro, compra umas camisas, pega o salário dele e compra uns... A mulher dele prepara a roupinha. No dia do desfile é realmente uma... O caminhão lá do vizinho, enche de menino vai todo mundo. Já desde às duas horas da tarde começa a dar volta pra Ponta Negra levando gente pro desfile das oito horas da noite. Leva umas duzentas pessoas, e umas tacinhas desse tamanho aqui, uma champagne, tem um bando de gente tocando, lá: 'tará, tará, tará tará! Bum, Bum!'. Aí ele me diz assim: 'Messias, doutor Messias, eu nunca imaginei, na minha vida, que eu ia sofrer uma emoção tão grande na vida. Eu desfilando ali, um monte de gente, vejo o locutor lá: 'desfilando o time do Jorge Teixeira Futebol Clube, à frente o presidente fulano de tal', disse o meu nome, rapaz! E eu me arrepiei todinho! No que eu olhei pro lado ali vi o governador, o prefeito, o comandante, me aplaudindo! Me aplaudindo, rapaz! Me aplaudindo, o meu time! Até me arrepio, olha aqui! No outro dia, Messias, comprei dez jornais, ainda tive a sorte de sair a fotografia lá do meu time, no jornal. Comprei dez jornais e mandei pra todos os meus parentes lá em Imperatriz! Já receberam lá, já estão lá mostrando pra todo mundo...' Então eu estou realizado. Era esse o nosso objetivo. Fazer as pessoas serem gente." (Entrevista Messias Sampaio)

Certa vez recebi um telefonema da direção do Peladão que me convidava para receber um jornalista de São Paulo que viria cobrir o evento. Tratava-se de um repórter da ESPN (canal de televisão a cabo especializado em transmissões esportivas) que faria uma reportagem especial sobre o campeonato para um programa sobre a Copa do Mundo no Brasil. O repórter, Helvidio Mattos, estava em busca de alguém para guia-lo pelos campos de futebol, apresentá-lo a jogadores e dirigentes e, principalmente, a alguma equipe indígena, e a coordenação do Peladão considerou que eu era a pessoa certa para isso.

Foi nesse momento, também, que conheci um repórter e um fotógrafo do jornal A Crítica, pois eles estavam na sede do campeonato para cobrir a chegada do jornalista. Ao me conhecerem, resolveram fazer uma rápida entrevista comigo, pois eu poderia ser um "personagem" interessante. Depois da entrevista indicaram-me uma mesa para sentar, disseram para eu abrir meu caderno e deram-me uma pasta em que estava escrito

“Lista” para que eu segurasse. Então tiraram umas fotos minhas posando de pesquisador.

Helvídio Mattos combinou com Kid Mahall (coordenador do concurso da rainha do peladão) que no dia seguinte eles reuniriam algumas rainhas que pudessem ser entrevistadas. Começou então uma busca, através das fotos do computador, das rainhas mais “bonitas” para irem a este evento. Os comentários do tipo “nossa, tem umas meninas muito feias!” ou “olha, aquela ali é bonita demais” eram muito comuns. Foi também decidido que seriam convidadas também duas moças extraordinárias: a rainha que era dona de um time e a rainha que era gari.

As filmagens ocorreram no dia seguinte, na praça da saudade, no centro de Manaus. Logo que chegamos encontramos Kid Mahall, já debaixo de uma grande árvore, ensaiando alguns passos com as rainhas. Algumas pessoas assistiam. Volta e meia passava um carro de onde saiam vários gritos masculinos, do tipo “minha nossa senhora!”. O câmera da ESPN não perdeu tempo e desatou a tirar fotos. Em seguida, com o microfone em mãos, organizaram um círculo com as meninas e iniciaram as entrevistas. Somente uma palavrinha de cada uma, se detendo mais na moça que além de ser rainha era também dona de seu time.

Após este processo, acompanhamos a “rainha gari”, Márcia, até seu local de trabalho. Márcia mal havia participado do pequeno ensaio filmado na praça da saudade, por não ser considerada bonita o suficiente por Kid. No entanto, isso não parecia deixá-la triste. Enquanto era retratada varrendo as calçadas da praça em frente ao estádio da Colina, ela dizia se orgulhar de ter sido matéria de capa de uma edição do caderno Peladão Verde, e afirmava que ser rainha do Peladão trazia muitas coisas boas para ela, muito reconhecimento. Agora, ela era reconhecida por todo mundo.

Fomos, ainda nesse dia, até a comunidade *Y´apyrehyt*, na qual entrevistamos Nilson Sateré – à época o *tuxaua* da comunidade. Vestido de seu cocar, Nilson falou ao repórter sobre as equipes da comunidade e colocou o futebol como algo fundamental para que eles pudessem se organizar, mostrar sua cultura. Disse que ir jogar futebol era como ir para uma guerra, e que eles tinham de se preparar sempre antes das partidas, para fazer bonito. Lembrou que até mesmo um jogador da comunidade tinha sido eleito o melhor jogador do Peladão 2007 e que a equipe tinha ganhado duas vezes e, nas duas, quase havia vencido o time campeão do *Torneio paralelo das rainhas*. Disse também

que o campeonato deste ano seria diferente, porque "antes a gente colocava jogadores brancos para jogar no nosso time, mas daí eles próprios começaram a fazer seus times e colocar no *Peladão Indígena*! Então o Seu Arnaldo, no ano passado, suspendeu o *Peladão Indígena* e excluiu os times de brancos e, agora, só pode jogar quem tiver RANI. De mais de 15 times, agora temos só 6! Olha só que diferença...".

Helvidio perguntou bastante sobre a vinda dos sateré para a cidade. Nilson contou das comunidades que existem ao redor de Manaus, mas disse que "aqui na cidade, é só essa daqui mesmo, só a *Y´apyrehyt*". Falou um pouco do processo de ocupação daquele território por parte de sua avó, Dona Teresa, e de sua mãe, e contou do ritual da Tucandeira. No momento em que ele começou a falar das formigas e das luvas, pude perceber que o interesse do repórter, do fotógrafo e do motorista, que também estava ali, cresceu rapidamente. O *tuxaua* pediu para que Vitória, sua filha, fosse em sua casa buscar as luvas da tucandeira para ele mostrar ao repórter. Ele também trouxe um pequeno bastão de guaraná e uma cuia com água. Pediu que eu ralasse o bastão e misturasse o pó com a água com o intuito de preparar a beberagem que seria oferecida aos visitantes. Assim o fiz, mas deixei um pouco do trabalho para o *tuxaua*, uma vez que o repórter queria que o Nilson ralasse "um pouquinho pra gente filmar".

Os troféus que os Sateré haviam recebido no Peladão Indígena foram expostos no pátio central da comunidade. Nilson chamou Sara, sua esposa, para que ela mostrasse os troféus do time feminino. Ela segurou o troféu e disse que era tri campeã do Peladão Indígena feminino: uma vez com o time de Mara, em 2005, e outras duas com o Hywy, depois que ele foi criado, em 2007. E completou: "mas quem ganhou o troféu de melhor jogador foi esse daí, ó!", apontando para seu esposo. Todos ficamos surpresos, Helvídio dizia: "então foi você! Porque não disse!?", e Nilson, emocionado, respondeu que quando ele ganhou o prêmio muita gente achou que havia sido marmelada. Por isso ele evitava contar para as pessoas. Posou então para novas fotos da ESPN, com o troféu nas mãos e com os olhos marejados.

**Figura 22 - O Tuxaua Sateré-Mawé segurando o troféu de melhor jogador da categoria indígena.**

Assim como fez Helvídio Mattos, nos dois dias que o acompanhei, os jornalistas do jornal A Crítica circulam, do primeiro ao último jogo do Peladão, pelos campos, barcas, casas, feiras, lojas, ensaios das rainhas e aldeias indígenas, sempre em busca de "personagens" sobre os quais possam escrever. Ao contrário do que se poderia imaginar, eles não saem da redação para retratar um acontecimento extraordinário, para informar sobre alguma ocorrência interessante. As pautas são decididas sempre previamente, em reuniões semanais, e os textos são também previamente elaborados. Há uma imagem do que seja o peladeiro, a peladeira, a rainha, ou qualquer outro agente que participa do campeonato, que é elaborada dentro das quatro paredes do jornal e que se busca produzir a partir de relatos e fotografias colhidos em campo.

Certa vez, enquanto eu assistia ao jogo do Apolo F.C "Velha Guarda", no campo de futebol do bairro de Petrópolis, um dos repórteres do caderno Peladão Verde chegou por ali, junto de seu fotógrafo. O repórter, Lúcio, procurava "peladeiros verdadeiros: descalços, que jogam duro", mas parecia desapontado, porque "em todo lugar todo mundo é muito arrumadinho". Ele estava em busca dos "verdadeiros peladeiros" para uma reportagem que seria publicada na semana seguinte. No entanto, já havia rodado Manaus, passado por vários jogos pela cidade, mas sem sucesso: não encontrava o personagem que buscava. Por conta disso, já havia marcado uma ida ao Peladão Indígena no dia seguinte, uma vez que lá, certamente, haveria "jogadores assim".

De repente apareceu um homem meio bêbado, com uma lata de cerveja na mão e vestido com uma camiseta de futebol. Ele assistia ao jogo, falava alto, ria, tirava sarro de todo mundo e, talvez por isso, estivesse um tanto quanto isolado dos outros – ninguém queria muita conversa com ele. Mas era o que o repórter procurava. Sem perder tempo, Lúcio fez uma entrevista de cinco minutos com o seu "personagem". O fotógrafo tirou algumas fotos, despediram-se dos que estavam por ali, entraram no carro da empresa e foram embora.

A capa da edição seguinte do caderno Peladão Verde foi esta:

**Figura 23 - Capa do Peladão Verde publicado no dia 23 de novembro de 2012. Nesta manchete são descritas as personagens da principal reportagem: o "verdadeira peladeiro" e a "verdadeira rainha".**

Acompanhei ainda, em minha pesquisa, também a pedido da coordenação do campeonato, um jornalista alemão que estava em Manaus com o objetivo de realizar filmagens para um documentário que estava preparando para um canal de televisão de seu país. Seu nome era Carsten, e ele estava em busca de contar uma história sobre alguma equipe que estivesse "passando por mudanças por causa da copa do mundo". Como eu não conhecia nenhuma história de nenhum time da várzea que envolvesse a copa, ou o estádio em construção, levei-o para assistir a um jogo do time Amigos do Wallace, pois este teria o perfil que o jornalista procurava: uma equipe formada por pessoas pobres, que vivessem na periferia de Manaus. No entanto, após uma breve conversa com Andreia – dona e rainha do time – Carsten decidiu que não era esta a matéria que buscava, pois parecia que havia sido "muito fácil" para os jogadores do Amigos do Wallace montarem a equipe – eram todos amigos do bairro. O jornalista precisava de uma história que apresentasse um problema, uma tensão, um "pico", e que depois se resolvesse, "como uma história de herói". Ele contou, também, que havia deixado um emprego fixo na Alemanha, de repórter, para se aventurar como freelancer no Brasil: "O Brasil vai ter dois mega eventos, uma copa do mundo e uma olimpíada, e eu sei falar a língua daqui! Não posso perder essa oportunidade.".

Fica claro, por estes relatos acima, que as matérias jornalísticas produzidas no contexto do Peladão não buscam, em geral, alguma informação no campeonato que seja, então, publicada pelos veículos de comunicação. Seja o jornalista de ESPN, os repórteres do caderno Peladão Verde, ou o jornalista estrangeiro, a atitude destes profissionais é, antes, a de montar um roteiro e buscar, no campo de jogo, personagens que se encaixem neste roteiro. Há, deste modo, narrativas pré concebidas para estes personagens – do "verdadeiro peladeiro", do "time que sofreu impacto da copa", do "jogador indígena", da "rainha", e as informações coletadas em campo somente preenchem estas narrativas com palavras cuidadosamente selecionadas.

Latour, em *Jamais Fomos Modernos* (1996) descreve o jornal diário como "a reza do homem moderno", apontando para a imensa quantidade de notícias *hibridas* – que misturam política, ecologia, medicina, economia – estampadas em suas páginas. No entanto, o autor não realiza uma análise mais aprofundada acerca da narrativa dessas notícias, assim como o faz, com perfeição, em outra obra sua, *Vida de laboratório*

(1997), na qual descortina todo o processo de construção das verdades científicas, demonstrando as imensas redes sociais nas quais os pesquisadores estão inseridos, e de que forma estas relações são fundamentais para o surgimento de determinado conhecimento como sendo um fato natural, científico.

Se o autor se detivesse com mais cuidado nas páginas dos jornais, perceberia que, assim como as verdades científicas, as notícias jornalísticas também são promovidas como factuais. O jornalista, assim, seria o profissional do fato, aquele que descobriria, como o cientista, a verdade dos acontecimentos. Por mais que misturem diversas referências, de diversos campos do conhecimento, as narrativas jornalísticas passam também por um processo de *purificação*, que dá, a elas, este sentido de veracidade. O fato jornalístico é, também, uma construção e esconde, também, os tantos híbridos que povoam o ambiente a partir do qual são elaborados.

Durante a pesquisa de campo ficou claro que as notícias divulgadas sobre o Peladão são sempre elaboradas pelos jornalistas que retratam o evento de modo a mostrarem somente aquilo que eles consideram que seja publicável em seus jornais – ou seja, somente aquilo que consideram que seja vendável ao público. De modo similar ao que ocorre no reality show das rainhas do Peladão (descrito no capítulo anterior), os meios de comunicação buscam, sempre, construir imagens icônicas, que representem, de algum modo, aqueles que participam do universo que retratam. Assim, diferentemente do antropólogo que, munido de um recorte amplo, busca, em campo, e por meio da etnografia, relatos que apontem para o modo de vida de seus interlocutores, os jornalistas já constroem este modo de vida a priori e procuram, em campo, somente as informações que possam reificar aquilo que já foi narrado e que é sempre repetido a cada nova matéria publicada. Ambos, cientista e jornalista, coletam dados *híbridos* que passarão por algum tipo de processo de purificação. Mas as posturas com relação a estes dados e ao que será apresentado a partir deles são bastante diferentes

Não é o objetivo deste texto realizar uma análise mais aprofundada acerca da produção do fato jornalístico. Para isso, seria necessário um estudo inteiramente voltado a este objeto, que mapeasse com cuidado todas a rede social que envolve a criação e publicação da notícia. No entanto, espera-se que tenha sido possível demonstrar que há narrativas pré-concebidas acerca do universo aqui retratado, e que estas narrativas são formuladas pelos muitos jornalistas que cobrem este evento. Buscar-se-á, neste capítulo,

realizar uma análise destas personagens criadas pelo caderno Peladão Verde, atentando-se à noção de pessoa que é aí construída para, então, apontar para o impacto que estas notícias têm na construção dos modelos de pessoa realizados pelos próprios boleiros e boleiras de Manaus, e para os usos que são feitos, por estes agentes, das narrativas presentes nos jornais.

### 3.1.O Peladão Verde – em busca de fazer as pessoas virarem gente.

O caderno Peladão Verde é lançado às sextas feiras, como parte do jornal impresso A Crítica. Segundo Dissica Calderaro, diretor da T.V A Crítica e neto de Humberto Calderaro, o volume de vendas do periódico aumenta em 15% por conta deste caderno, indo de vinte e cinco mil exemplares para cerca de vinte e nove mil. Dissica ainda afirmou, em entrevista por mim realizada em conjunto com um jornalista sueco, que "O Peladão é a coisa mais importante da empresa".

Com poucas exceções, o caderno Peladão Verde era organizado, em 2012[51], da seguinte forma: uma grande imagem na capa, ilustrando a manchete da principal reportagem do dia, seguida pela coluna "olho vivo", que apresentava imagens selecionadas por Evandro Seixas, fotógrafo do caderno. Em seguida, vinham duas sessões voltadas para as rainhas: a "facebook" e um ensaio fotográfico. Somente depois das rainhas eram apresentadas as sessões que tinham como tema o futebol. Em geral, era uma reportagem sobre a categoria masculina e outra sobre algum outro naipe (máster, feminino, peladinho, indígena). Após estas reportagens, eram apresentadas as tabelas com os jogos do final de semana seguinte e, por fim, uma nova reportagem, sobre algum evento histórico do campeonato, e outro texto retratando alguma edição antiga do caderno, em comemoração aos 40 anos do Peladão. Cada sessão contava com duas páginas, totalizando um caderno de 16 páginas, repleto de fotos, todas coloridas. A equipe de jornalistas que escrevia no Peladão Verde era formada por um editor chefe, dois repórteres que cuidavam das matérias sobre futebol, uma repórter que escrevia sobre as rainhas, um fotógrafo e um motorista – todos estes profissionais eram

[51] Este modelo de organização do caderno Peladão Verde, embora com algumas diferenças pontuais, se reproduz ano após ano, como fica claro nos compêndios das edições de 2005, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, que foram a mim presenteados por Arnaldo Santos.

deslocados de suas funções "originais" no jornal para se dedicarem somente ao Peladão. O repórter Lúcio, por exemplo, trabalhava, no resto do ano, na parte de política do periódico e o editor chefe, Elton, era, também, editor do jornal "Manaus Hoje", o tabloide da empresa. Às segundas feiras era realizada uma reunião, na sede do jornal, em que se decidia a pauta da edição seguinte, definindo-se, assim, também, previamente, o que seria escrito.

Como já dito, o objetivo dos jornalistas, em campo, era encontrar as personagens que, na edição seguinte, contariam alguma história sobre o Peladão. Os repórteres do Peladão Verde consideravam que seu trabalho era bastante importante para o campeonato. Diziam-me, muitas vezes, que era a partir de suas reportagens que os boleiros, boleiras e rainhas de Manaus se identificavam com o torneio e se motivavam a participar, a sempre "botar o time" na competição.

> Cara, todo mundo quer se ver no jornal. É incrível, mas todo mundo quer se ver no jornal. Sei lá, pra mostrar pros parentes, pros amigos... "porra, apareci no jornal!". Deve ser isso. (Evandro Seixas – Fotógrafo do caderno Peladão Verde)

Assim sendo, os repórteres sempre buscavam notícias que, a seu ver, fortalecessem essa identificação, ou seja, notícias que viessem com alguma carga dramática. Uma matéria exemplar[52], nesse sentido, teve como personagem principal Irlani, dona da equipe Leão de Judá que, "com a força de uma tigresa", e apesar de seu salário de novecentos reais por mês, dava "um exemplo de superação" e conseguia colocar a equipe em campo. Na reportagem, é descrita uma partida da equipe, que conseguiu, numa "virada espetacular", bater o time rival, trazendo tanta alegria à Irlani que ela chegou a pular no campo e "ignorar os 18 pontos no pé direito, de uma cirurgia que fez para a retirada de um cisto". O repórter que realizou esta matéria, Antônio Melo, disse para mim, acerca do que havia escrito, que o seu objetivo, ao ir cobrir o jogo dos Leões de Judá, era justamente "mostrar uma história de superação", pois seria com estas histórias que os leitores se identificariam mais.

[52] A CRÍTICA - PELADÃO. Manaus, 26 de outubro de 2013.

# Peladão

# A leoa está à solta

## Por trás dos Leões, uma mulher que tem a força de uma tigresa

Apesar da forte participação popular, manter um time disputando o Peladão não é fácil. Por isso, antes mesmo de entrar em campo, muitas equipes têm que vencer verdadeiras batalhas do lado de fora. É aí que muitas figuras se revelam como grandes guerreiras. A reportagem encontrou uma delas na segunda rodada do campeonato.

Com a força e a garra de uma leoa, há três anos a agente comunitária de saúde Irlani Paula de Carvalho, assumiu a tarefa de comandar a equipe do Leão de Judá F. C. Aos 46 anos, essa avó não mede esforços em nome da paixão que tem pelo futebol, e dá um exemplo de superação.

Com um salário de R$ 900 reais, Irlani se vira como pode para garantir a entrada do time em campo a cada rodada. Sem grana, Irlani contou este ano com o talento da mãe na costura para dar à equipe um uniforme novo. "Foi minha mãe que fez o equipamento. Pintamos o escudo à mão. Demorou duas semanas", contou.

Nos dias das partidas, para garantir que alguns jogadores cheguem aos locais dos jogos, Irlani diz que ajuda os atletas nas despesas com passagem de ônibus. "Faço tudo isso porque sou apaixonada pelo futebol. Gosto de ver os meninos se divertindo", explicou.

Depois de todo o esforço o Leão de Judá entrou em campo no final de semana passado. O adversário, que atendia pelo nome de Rei Davi, metia medo. Só para deixar as coisas ainda mais difíceis, o time de Irlani quase não consegue iniciar a partida por falta de jogadores.

Irlani comanda com mão de ferro seus jogadores nos campos do Peladão

Para não perder por W X O, o Leão de Judá iniciou o jogo com apenas seis atletas, o que lhe rendeu uma derrota no primeiro tempo por 2 a 1. "Muitos dos meninos trabalham no Distrito Industrial, e não conseguiram sair mais cedo", justificava Irlani, no intevalo da partida.

### VIRADA ESPETACULAR

Na etapa complementar, toda a luta da leoa Irlani foi recompensada, e o time conseguiu uma virada espetacular. Nos dez minutos do segundo tempo, o placar já marcava 5 a 3 para o Leão de Judá.

Na beira do campo, Irlani era só alegria, ao ponto de ignorar os 18 pontos no pé direito, de uma cirurgia que fez para a retirada de um cisto. Mas com o jogo muito pegado e a forte reclamação do adversário em cima da arbitragem, ela só conseguiu relaxar mesmo quando o juiz apitou pela última vez, e decretou a vitória do Leão de Judá sobre o Rei Davi.

**Figura 24 - Reportagem do caderno Peladão Verde dedicada à equipe Leão de Judá, chefiada pela "leoa" Irlani.**

Reportagens carregadas de um tom mais cômico também eram comuns. A matéria escrita pelo repórter Lúcio, que buscava o "verdadeiro peladeiro", foi uma das que seguiu esta linha[53]. A reportagem começava traçando um paralelo entre Leonardo Da Vinci e seu Homem Vitruviano com Huberto Calderaro e o Peladão: duas obras que teriam moldado uma nova forma humana. No caso deste texto, buscava-se mostrar a "anatomia do peladeiro". Foram, assim, listadas as diferentes "adaptações" pelas quais passariam os homens para tornarem-se peladeiros: resistência ao calor amazônico, pés adaptados ao campo (pois os peladeiros de verdade só jogariam descalços) e canelas de aço. O texto termina com uma pergunta: "E aí, você encara uma pelada assim?".

Mas, dentre todas as reportagens, aquelas nas quais se evidenciava de modo mais claro a busca em se apresentar certa identidade de quem estava sob foco eram as voltadas às rainhas. Ora, a primeira sessão do caderno era a "facebook", que apresentava uma candidata diferente em cada edição, numa diagramação que copiava a da página na internet, apresentando "nome, idade, cidade natal, time que representa, bairro, relacionamento, atividade, frase". Além disso, a página também mostrava fotos da moça – todas enviadas pela rainha, tanto de ensaios quanto de sua infância, família, amigos –, e apresentava uma breve história da candidata, relatando seu contato com o campeonato, suas ambições para com o concurso e suas opiniões sobre o que se deveria fazer para ser uma boa rainha. Já na outra sessão, em que eram apresentados os ensaios fotográficos de duas ou três candidatas – sempre temáticos, com motes como "meio ambiente" e "tatuagens" –, apresentava-se, junto com as fotos, o "perfil" das moças. Agora, os itens que definiam estes perfis eram: "nome, time, idade, cidade natal, peso, altura, cintura, busto, quadril e 'para ser rainha'" (seguido de uma frase da candidata sobre o que é necessário fazer para ser uma boa rainha).

[53] A CRÍTICA - PELADÃO. Manaus, 23 de novembro de 2013.

**Figura 25 - Primeira página da sessão "Facebook" da o caderno Peladão Verde. Aqui é apresentada uma descrição da candidata, além de algumas fotos, tal qual no site da internet.**

**Figura 26 - Segunda página da sessão "Facebook". Nesta parte são colocadas fotos da rainha com familiares e amigos, delimitando sua personalidade: estudiosa, dedicada, bonita, apaixonada).**

**Figura 27 - O "perfil" de duas moças publicado no Caderno Peladão Verde. Aqui a rainha é descrita com base em seus atributos corporais.**

Seja pela via da "superação", seja por um caminho mais cômico, seja pela classificação das rainhas em certos atributos, o que estas reportagens sobre os Peladeiros e peladeiras de Manaus fazem é, como apresentado no corpo de seus textos, traçar um perfil destas pessoas, elaborando um discurso a partir do qual se encerre uma identidade própria do que seja o Peladeiro e inserindo, neste processo, aqueles que de fato vivem o jogo pela cidade, por meio fotografias, ou por breves entrevistas. O caderno Peladão Verde buscaria, dessa forma, cumprir seu objetivo, que seria, segundo Messias Sampaio, "fazer as pessoas virarem gente". Pela via do auto reconhecimento a partir daquilo que lá é publicado, aqueles que circulam pelo universo do futebol de Manaus se perceberiam como sujeitos, dotados de identidade própria, e tal identidade seria elaborada a partir de discursos pré-formatados.

Como afirmou o primeiro diretor do Peladão, um dos objetivos da criação do campeonato foi oferecer alguma ocupação para aquela "horda de amazonidas" que, nos anos 70, chegara à capital manauara em busca de trabalho na Zona Franca. Para Messias, assim como para Humberto Calderaro e, também, para os tantos ouros que se aliaram com o jornalista em busca de promover o Peladão (governantes, militares, industriais), tratava-se de oferecer àquela imensa população operária alguma atividade para seus momentos de lazer. Além disso, tratava-se, também, de criar uma pauta para o jornal de domingo – dia em que o caderno era publicado.

Juntou-se, então, o útil ao agradável, e formatou-se um caderno jornalístico que não somente seria objeto de consumo obrigatório para todos aqueles que participavam do campeonato – pois é somente lá e na própria sede do campeonato que, até hoje, são publicadas as tabelas, com horários e locais dos jogos – mas que também fosse uma peça importante na estratégia de se manejar aquela "horda" de novos habitantes pobres que chegavam à Manaus. Buscava-se, com o campeonato – e com o jornal – reduzir o "perigo social para a cidade" que aqueles novos imigrantes sem ocupação trariam. Messias considera que houve grande sucesso em sua empreitada, pois "nessa época, nos finais de semana, o que era violento passou a abrandar". O comprometimento dos jogadores para com suas equipes os levava a "não beber, de sexta e sábado" – só depois do jogo, na barca.

Era importantíssimo, para que o campeonato obtivesse sucesso, que os participantes do Peladão se envolvessem profundamente com suas equipes. O jornal, portanto, tornou-se fundamental para este reconhecimento. Ao publicar as reportagens com os jogadores, jogadoras e rainhas; ao leva-los para serem aplaudidos por toda a cidade nos desfiles de abertura, criava-se este reconhecimento. Assim, a peça "Peladão Verde" é, em sua essência, um veículo que promove um discurso cujo objetivo é proporcionar ao habitante de Manaus a possibilidade de se reconhecer como sendo "alguém", tornando-o um ser mais dócil, mais manejável para os que aspiram o poder sobre estas pessoas (vale lembrar que o próprio Messias Sampaio foi eleito vereador cinco vezes). Por isso, elaborou-se um discurso-chave que se repete no caderno inteiro e em todas as suas edições. Busca-se traçar a "pessoa-peladeiro", qual seja: um indivíduo extremamente comprometido com sua equipe, que se diverte jogando bola mesmo que sob as condições mais adversas e que está sempre pronto a superar, por meio do futebol, todas as dificuldades que a vida lhe apresenta. É criada, também, a "pessoa-rainha", cujo perfil já foi apresentado no capítulo anterior, mas que não custa lembrar: uma mulher exemplo: bonita, dedicada, disciplinada. A este processo, de transformar as pessoas normais (perigosas, incontroláveis, organizadas em "hordas") em pessoas-peladeiro ou pessoas-rainha, Messias Sampaio deu um nome: "transformar as pessoas em gente".

Assim, mais do que criar reportagens como aquelas propostas pelo jornalista da ESPN, ou pelo repórter alemão, que buscavam narrativas para seus roteiros que valorizavam, sobremaneira, as personagens exóticas deste campeonato de peladas, buscando a produção de um material comercializado em locais distantes (o sudeste do Brasil e a Europa), as histórias publicadas pelo caderno Peladão Verde são, também, carregadas de um objetivo político local. Mesmo que na atual gestão este objetivo não esteja tão claro quanto em outras épocas – por vários motivos, começando pela própria perda de importância da Rede Calderaro de Comunicações no meio jornalístico e político manauara, passando pela mudança da própria cidade, que hoje é uma grande metrópole muito mais integrada ao resto do país, e chegado ao próprio perfil de Arnaldo Santos, que prega "um Peladão não-político", ou seja, sem interferências de personagens tradicionais da política, como vereadores e deputados, aqueles primeiros objetivos ainda se mantém e ainda surtem efeito. Ao "transformar as pessoas em gente", o que se buscava – e ainda se busca, em menor medida – era a instauração de relações

de troca que favorecessem a um dos lados. E a troca era: “eu te reconheço como gente, você me reconhece como líder”.

Vejamos agora como os próprios jogadores do Peladão recebem tais informações e de que modo eles utilizam e significam o jornal em suas *linhas* de vida, pelo *circuito* do futebol de Manaus.

### 3.2.As notícias em campo: fazendo o nome

Sempre que eu aparecia em qualquer campo de futebol junto com um jornalista, os jogadores imediatamente se dirigiam a mim, perguntando sobre a possibilidade de cederem entrevistas ou de tirarem fotos de suas equipes para o jornal. Mais do que isso: sempre que eu chegava, sozinho, com uma câmera fotográfica havia muito agito por parte dos boleiros. Foram muitas as fotografias que tirei das equipes em pose, ao mesmo tempo que explicava – sem ser ouvido – que aquela imagem não apareceria no jornal. Até mesmo aqueles que sabiam que eu era pesquisador pediam para que eu retratasse suas equipes e para “mandar a foto pro jornal”, com a esperança de se verem nas páginas do caderno Peladão Verde ou do tabloide Manaus Hoje (que publicava, aos finais de semana, a imagem de alguma equipe do campeonato).

Houve até mesmo situações de tensão envolvendo tais expectativas. Uma vez, após um jogo do Apolo F.C, na barca, um dos boleiros pediu emprestado o caderno do Peladão Verde que eu carregava comigo. Ao ver que não havia qualquer menção à sua equipe naquelas páginas, ele me cobrou, perguntando: “onde estão as fotos que você tirou da gente, que não foram publicadas?”. Outros jogadores intervieram, respondendo que eu não era jornalista, mas pesquisador, e que, portanto, minhas fotografias não seriam publicadas no periódico. Enraivecido, o boleiro amassou o caderno, devolveu-me, e foi tomar cerveja em outra mesa.

Era muito fácil, no circuito do Peladão, marcar entrevistas com as lideranças dos times. No entanto, sempre que eu chegava na casa do dono de uma equipe, a primeira pergunta era sobre o local de publicação daquelas informações. Eu respondia que elas dificilmente seriam publicadas em algum canal midiático, pois estavam sendo cedidas

para um trabalho acadêmico, o que gerava certo descontentamento por parte de meus interlocutores – que logo se animavam novamente, ao iniciarem suas histórias.

Eram narrativas que descreviam todo o processo de formação das equipes, detalhando como o entrevistado havia conseguido ajuntar pessoas sob uma mesma camisa. Tratavam-se de histórias que sempre enalteciam, no caso das equipes pequenas, as relações de amizade e parentesco que moviam aquele coletivo e, no caso das equipes grandes, o profissionalismo com o qual era gerido aquele time – a partir de patrocinadores, da contratação de jogadores, de comissão técnica – e o apelo popular que teria, com torcida que o acompanharia em todos os seus jogos, além de grandes festas promovidas em sua sede.

O ato de contar os diversos acontecimentos da história daqueles coletivos de pessoas, dando sentido aos seus desdobramentos e encerrando-os numa linha narrativa, parecia dotar os diferentes times de personalidades. Era comum, nestas conversas, a equipe se tornar algo maior do que simplesmente uma conjunção de jogadores de futebol. Ela adquiria características próprias que muitas vezes ditavam o rumo dos acontecimentos. O time poderia ser "briguento", ou "leal"; poderia também ser uma equipe "festiva", "alegre", que "joga futebol como se fosse uma brincadeira", ou um time mais "competitivo", "que leva o jogo a sério".

Ao passo em que, nestas narrativas, o conteúdo do que era dito parecia ser fundamental, nas reportagens do jornal o conteúdo da matéria não parecia ter grande importância. Ao adquirirem o caderno Peladão Verde com reportagens sobre suas equipes, os boleiros e boleiras, em geral, prestavam atenção às fotos, e não ao texto. Parecia que o importante não era o que estava escrito, mas sim o fato de estar lá, retratado. Os jornais circulavam pelos jogadores e seus familiares, que constatavam, com alegria, sua presença naquelas páginas, sem prestar muita atenção para a história que estava sendo contada. O importante era tão somente aparecer.

A relação dos jogadores e donos das equipes para com o jornal é, na verdade, uma relação em que o menos importante é o que está nas reportagens nas quais se aparece, mas, sim, de quantas matérias se participa. O caderno Peladão Verde apresenta-se como um excelente meio de se determinar se certa equipe tem *nome*.

> Tem gente que quer vir de graça, por causa que o time tá com o *nome* na praça, e quer aparecer, né? Se for pra jogar num time que não tem *nome*, é difícil. (**Entrevista cedida por Alemão – jogador do União da Ilha da Manaus Moderna, outubro de 2013**).

> É porque Peladão é assim: é proposta, entendeu? Esse ano, a nova geração já tá surgindo, né? Eu tava comentando, a gente comenta aqui no Panair: a hora é essa. Panair: time de *nome*, entendeu? Faz o de vocês, no próximo ano vem e já abre a porta. (**Entrevista cedida por Janderson – Jogador do Panair F.C., outubro de 2013**).

> Nós [União da Ilha da Manaus Moderna] já tivemos rainha que disputou o Peladão, ela ganhou em segundo lugar. Ela veio por causa da fama do nosso time, pra ela ganhar espaço pra concorrer na mídia, né? (...) E ela fez muito sucesso, porque ela era muito bonita, começou a fazer propaganda aí pras lojas, porque ela queria ser reconhecida, né? (...) Ela passa a ser conhecida pela mídia, tanto que elas têm prazer de estar no nosso time, desfilando, porque o nosso time é muito conhecido, sabe que é um dos times bons do Peladão, né? E elas querem fazer carreira, elas se oferecem, elas vêm atrás, também. (**Entrevista cedida por Rose - Presidente da Feira Manaus Moderna, outubro de 2013**)

> Esse time do feminino, é porque era um outro nome: Scorpion. Aí eles só viviam perdendo. Aí a gente tentou dar uma ajuda, com a mesma torcida, o mesmo *nome* da Manaus Moderna, que já é uma outra coisa, um outro processo. Quer dizer: a nossa torcida que era dos homens, passa a ser das mulher, então é diferente. Então, antes ele tinha umas trinta pessoas na beira do campo, agora passa a ter duzentas, trezentas. (**Entrevista cedida por Chico – Dono do time União da Ilha da Manaus Moderna, outubro de 2013**).

Percebe-se, por todas estas falas, a importância do *nome* no Peladão. Um *time de nome* é um time reconhecido no *circuito*. Uma equipe que, por conta de seu sucesso no torneio, apareceu diversas vezes no jornal e, por isso, adquiriu grande visibilidade "na praça", "pegou *nome*", como muitos dizem. Por conta disso, o time se torna um nó central no *circuito das equipes*, um ponto de convergência, atraindo jogadores e rainhas que desejam se estabelecer no *circuito do futebol* e que, para tanto, firmam contratos extremamente vantajosos para as agremiações que representam.

Quando uma equipe faz bons jogos no Peladão, chegando até a fase final, ela começa a *pegar nome*. Se isso se repete por algumas edições do campeonato, o time passa a ser um dos "favoritos" ao título e, uma vez que consegue a taça, ou que chega às finais, ocorre como relata Seu Raimundo, feirante, dono do Panair F.C.:

> É, pelo *nome* é grande. O Panair começou sem *nome*: a gente botava, chegava, não chegava... mas de 2005 pra cá, 2004, aí foi criando. Fomos vendo, com uma ajuda, aí fomos criando. Aí foi *pegando nome*, de 2006, aí já foi *pegando mais nome*, entendeu? Aí *pegou nome* mesmo em 2009. Chegamos às finais, entendeu? (**Entrevista cedida por Seu Raimundo – Dono do Panair F.C, outubro de 2013**).

Trata-se de um processo gradual, em que, ano após ano, o time vai mostrando aos rivais sua força. Na medida em que a equipe "chega" em todas asa edições do campeonato das quais participa, comprovando o comprometimento por parte dos seus dirigentes para com o coletivo, muitos jogadores e rainhas aspiram conseguir lugar em seu plantel. O time, desse modo, passa a trocar boleiros e boleiras initerruptamente. Sempre há um novo inscrito e sempre há aquele que sai da equipe em direção a outra, ou por ter sido contratado por um valor maior, ou por ter sido dispensado por conta de não jogar bem o suficiente, ou por não ter "encaixado" no elenco – ou seja, por ter se desentendido com alguém mais bem articulado internamente.

No caso do Panair F.C., houve uma grande virada: em 2009, a equipe pegou nome "de vez" porque foi protagonista do último jogo sediado no então estádio Vivaldo Lima, demolido logo após a final do Peladão daquele ano para a construção da Arena Amazonas. Por conta desta ocasião especial, o estádio, naquele jogo, estava absolutamente lotado. Arnaldo Santos conta que após se averiguar a superlotação das arquibancadas (46.000 lugares) as catracas foram abertas, permitindo-se a entrada nas Gerais, que estavam fechadas há muitos anos.

De modo que este jogo foi intensamente retratado pela mídia local e é até hoje um exemplo da imensa popularidade do Peladão. Mesmo tendo perdido a partida, o Panair F.C. foi um de seus protagonistas. Desde então a equipe é considerada uma das mais importantes do campeonato, com mais *nome*, apesar de nunca ter sido campeã. O time é, também, personagem principal nas matérias do Jornal A Crítica, que todos os anos realiza reportagens com os jogadores e com o dono da equipe.

**Figura 28 - Edição do caderno Peladão Verde dedicada à equipe Panair F.C., comprovando para todos a importância da equipe no circuito.**

Não é só no Peladão que a equipe constrói seu *nome*. É também participando de campeonatos das ligas dos bairros. Dessa forma, times menores também conseguem *pegar nome* no campo que frequentam com mais assiduidade. Um time local que *pega nome* aparece com alguma frequência nas páginas dos jornais, principalmente na sessão de esportes do A Crítica e nos diversos tabloides de Manaus. Por conta disso, estas pequenas equipes contam com algumas regalias: comerciantes aceitam contribuir para a contratação de jogadores e alguns bons boleiros se oferecem para participar do time, pois entendem que dali podem conseguir lugar em equipes maiores. Assim, estes times pequenos se tornam equipes médias que podem aspirar por melhores colocações no peladão e começar, assim, a serem reconhecidas no *circuito.*

Na medida em que uma equipe *pega nome* ela passa a agir como time grande, o que faz com que passe a tecer novas linhas pela cidade pois, como foi dito no capítulo 4 da segunda Parte, equipes maiores circulam muito, sempre em busca de outros times grandes com os quais possam combinar treinamentos e jogos amistosos. Quanto mais se circula, mais histórias se tem sobre diferentes locais da cidade, mais pessoas se conhece, mais se participa de reportagens. É assim que uma equipe adquire, no termo local, "tradição". Um time com "tradição" é aquele que já *pegou muito nome,* a ponto de estar entre os mais temidos times grandes do *circuito*. De modo que há muitos "times de tradição" que são relativamente novos – algo que irrita os donos das equipes de bairro mais antigas que reclamam, por sua vez, a "verdadeira tradição" de suas agremiações – medida, agora, por sua longevidade.

Mesmo que com as já citadas diferenças com relação às equipes das categorias masculinas do Peladão (máster, masculino e infantil), os times femininos também estão sempre em busca de *pegar nome*. A divisão entre equipes "pequenas" e "grandes" também está posta entre as mulheres, a aparição no jornal também mensura a importância de um time no circuito, o que atraí mais boleiras para este coletivo, facilitando e barateando a contratação de jogadoras.

As rainhas também são muito importantes para uma equipe *pegar nome*. Quando sua rainha se destaca entre as finalistas, qualquer equipe passa ser vista com outros olhos no campeonato. No entanto, o time dificilmente *pega nome* só pela ação de sua representante no concurso de belezas. É fundamental que a agremiação demonstre boa performance no jogo de futebol. Isso ocorre por dois motivos: em primeiro lugar,

porque a rainha não necessitaria de tanto financiamento quanto a equipe para se destacar. A maioria dos boleiros de Manaus entende que a beleza da mulher é natural, um *dom*, e, portanto, uma moça que não conte com qualquer financiamento poderia, muito bem, estar entre as finalistas (algo que, na verdade, quase nunca acontece). A rainha não representa, portanto, o poderio de uma equipe no campeonato, medido antes por sua capacidade de contratar bons jogadores e oferecer a seus boleiros com uma estrutura mínima (técnico, massagista, transporte) para poder jogar de igual para igual com os times grandes.

Em segundo lugar, porque há uma grande divisão, na cobertura jornalística do campeonato, entre o que se diz sobre as rainhas e o que se diz sobre os boleiros. As moças têm seu espaço reservado no jornal e quando os repórteres buscam alguém do time com o intuito de escrever sobre sua rainha, pouco falam de seus jogadores. Ou seja: para aqueles que buscam os times grandes por vontade de fazerem parte de uma equipe de *nome* e, portanto, marcarem presença nas páginas do jornal, a boa classificação da rainha pouco representa.

No entanto, o contrário é bastante comum. Equipes grandes certamente atraem moças interessadas em competir no concurso da rainha, pelo fato de que, ao terem verba para montar um time forte, certamente poderão investir em suas representantes. De qualquer modo, o melhor dos mundos, para qualquer time, é contar com seus jogadores e com suas rainhas bem classificados nos campeonatos dos quais participam. Essa situação aumenta seu status no *circuito* e contribui muito para que se consiga *pegar nome*.

Assim, mais do que criar narrativas que encerrem a identificação dos peladeiros e peladeiras em discursos pré-concebidas pelos jornalistas da Rede Calderaro de Comunicações, criando-se, assim, de cima para baixo, uma "pessoa-peladeiro" ou, nas palavras de Messias Sampaio, "transformando as pessoas em gente", o caderno Peladão Verde é fundamental em outro processo. É por meio das reportagens, é a partir da quantidade de matérias que são publicadas sobre ela e sobre seus jogadores nas páginas do Jornal A Crítica, que se averigua a situação de uma equipe no *circuito*. Quanto mais um time se destaca no torneio, mais vezes ele se torna personagem do caderno, mais fotos são publicadas de seus jogadores, mais vezes sua história é recontada e, como

consequência, mais *nome* ele pega. Isso faz com que haja mais gente interessada em participar da agremiação, o que a torna um nó mais relevante no *circuito das equipes.*

Se as reportagens do jornal Peladão Verde propõem textos que simplifiquem as narrativas acerca das pessoas que jogam no Peladão, tornando-as sempre iguais, são também estas matérias que, por outro lado, engendram a circulação de pessoas pelas equipes e, como consequência, a circulação das equipes pelos campos e bares, movimentando o *circuito do futebol* de Manaus. Os boleiros e boleiras adoram se ver no jornal, pois aí eles constatam que, junto de seus companheiros, estão *pegando nome*, o que torna suas linhas de vida mais reconhecidas pelos outros que circulam na Manaus do futebol.

Parece que, no Peladão, *o nome* de uma equipe indica algo similar ao nome da Pessoa tal como descrita por Mauss (2003). Ou seja, trata-se de um costume que indica a existência de um "Eu" à pessoa, assim como sua descendência, sua pertença a determinada família e sua personalidade. Como foi dito anteriormente, o processo de *pegar nome* tem relação direta com a atuação das equipes no campeonato, medida a partir do jornal que veicula as notícias daquilo que ocorre no Peladão. Na medida em que a equipe se torna mais conhecida, ela também adquire história, tradição e personalidade. Ela se torna, por si mesma, e independentemente daqueles que dela fazem parte, uma agente, adquirindo uma identidade, passando a ser uma entidade autônoma, uma pessoa. Ao *pegar nome*, o time ganha uma espécie de Eu. Os jogadores, donos, comissões técnicas e torcida passam a existir para aquela equipe e por aquela equipe, que é sempre maior do que eles, resistindo a saída de uns e a entrada de outros.

De modo que, mais do que "transformar as pessoas em gente", as matérias lançadas no Peladão verde são grandes contribuintes em outra transformação, ao meu ver mais relevante: a das equipes em pessoas. Enquanto persona, o time adquire novos papéis como agente. Uma equipe de bairro que já pegou um pouco de *nome* torna-se um foco de sociabilidade local. É por meio dela que os moradores do lugar se encontram, jogam futebol e, ao final da partida, vão para a barca, trocar ideias, jogar conversa fora. No caso das equipes que *pegaram nome* no bairro, ou no *circuito*, a sociabilidade é firmada nos treinos dos jogadores e nas festas, que incluem também, no caso das equipes grandes, os torcedores. O time, desta forma, organiza mais pessoas em torno de objetivos comuns, a partir de vocabulários comuns, como o *corno* e o *veado*,

ou o *boleiro*, no caso do *Peladão Indígena*. É por meio dessa entidade que novas histórias são compartilhadas, novas relações são firmadas, novas trocas são realizadas. Quando se tornam pessoas, os times criam vínculos, identificações, fortalecem ideias. Os indivíduos que jogam no Peladão de fato gostam de aparecer no jornal, buscam grandes equipes com este objetivo e tornam-se "pessoas-peladeiro" ou "pessoas-rainha" ao identificarem-se com as histórias elaboradas no periódico. Mas o que buscam, mesmo, é integrar uma equipe importante, de *nome*, que possa ser referência para várias ações de sua vida, e onde possam encontrar seus amigos e parentes. Tornam-se, assim, pessoas-time/pessoa, num jogo que ora contrapõe e ora alia suas identidades individuais e coletivas.

## 4. Jogando com as regras

Neste capítulo serão retratadas duas figuras de fundamental importância para o Peladão: o *jogador falsificado* e o *traficante*. Como será argumentado a seguir, tanto um como o outro surgem a partir das tensões presentes no contato dos participantes do torneio com as regras que buscam organizar seu comportamento em campo e sua circulação pela cidade.

Será descrita, em primeiro lugar, uma sessão da comissão disciplinar do Peladão. Esta tem, por objetivo, julgar participantes denunciados por quebra das regras. Todas as sessões são carregadas de tensão e, invariavelmente, aparecem, nos discursos dos depoentes ou dos advogados, uma das duas figuras supracitadas. A descrição apresentada na sequencia deste texto foi escolhida justamente por ter sido uma das mais tensas que presenciei e por agregar, nas narrativas, tanto o *jogador falsificado* quanto o *traficante*. Em seguida, serão apresentadas algumas das principais normas do Peladão, consideradas de grande relevância tanto sob o ponto de vista de sua coordenação, quanto pela perspectiva dos próprios jogadores e jogadoras.

A partir desse relato, da descrição do código disciplinar do campeonato, e de tantas outras conversas que desenvolvi com os boleiros e boleiras, apresentarei uma análise sobre tais figuras que norteiam os debates sobre as regras do torneio. O *jogador falsificado* surge a partir de um expediente comum no futebol – tanto no profissional quanto no amador – de se falsificar documentos para que se inscreva, irregularmente, jogadores considerados excepcionalmente habilidosos. Tal expediente já foi analisado, de certa forma, no primeiro capítulo da primeira parte, quando se interpretou a figura do *boleiro* no *Peladão Indígena*. O *traficante*, por sua vez, aparece, nas narrativas sobre o campeonato, como uma figura que se move por um espaço-tempo anti-estrutural e que, por conta disso, manipula as regras de modo diferenciado e oferece tantos benefícios quanto perigos para aqueles que se aliam a ele. É principalmente por conta dessa característica, aliás, que foi bastante difícil realizar a descrição sobre esta figura. Por agir a partir de regras bem específicas, a partir de uma posição anti-estrutural, o traficante diz muito pouco acerca de si mesmo. Além disso, muito pouca gente se sente a vontade para revelar, ao pesquisador, maiores detalhes acerca da ação deste agente. De

modo que este trecho foi elaborado a partir de menos informações e dados, o que pode ter prejudicado o argumento. Feitas as ressalvas, vamos à descrição.

***

Estive presente, durante a pesquisa de campo, em várias sessões da Comissão Disciplinar do Peladão. Estas ocorrem uma vez por mês e são compostas por advogados convocados pela coordenação do campeonato, alguns dos quais com experiência em direito desportivo, que fazem o trabalho voluntariamente.

No ano de 2012 houve uma sessão especialmente tensa que envolvia duas equipes do *Peladinho*. O julgamento tinha como mote um jogo que havia ocorrido na rodada anterior, pelas oitavas de final do campeonato, no qual a equipe vencedora havia conseguido a vitória nos últimos segundos, num tiro direto executado na cobrança de lateral – no Peladão, o lateral pode ser cobrado com os pés e é permitida a contagem do gol neste lance. A equipe que havia perdido o jogo entrara com o pedido de anulação da partida, alegando que o time vencedor contaria com um jogador irregular. Na comissão disciplinar, a equipe perdedora foi representada por dois advogados contratados, vestidos com seus ternos e munidos de suas pastas, além de apresentar, como testemunha, seu preparador físico. Já o time vencedor não levou nenhum advogado: a defesa seria realizada pelo dono do time e pelo pai do garoto acusado.

As mesas estavam dispostas, como sempre, de modo a formarem um "U". Nelas sentaram-se os advogados da Comissão Disciplinar, liderados pelo presidente, posicionado na cabeceira. Na boca do "U" foi colocada a mesa na qual os acusadores, defensores e testemunhas fariam suas arguições. Primeiro foi chamada a testemunha do time acusador. O preparador físico argumentou que, no dia seguinte após a partida, havia requisitado, na sede do Peladão, a ficha que continha os nomes de todos os garotos inscritos na outra equipe. A partir daí fizera um levantamento dos meninos, descobrindo que um deles contava com um documento irregular: o comprovante de matrícula escolar.

Foi convocado, então, o pai do rapaz acusado, que apresentou sua versão dos fatos. Ele iniciou sua fala pedindo permissão para ler um texto que havia aprontado em casa, pois só assim conseguiria organizar tudo o que deveria comunicar, uma vez que não era fácil para ele dizer o que ele devia dizer, já que abordaria sua amizade pessoal

com o dono da equipe acusadora. Falou sobre seu filho, Rogério[54], bom esportista e aluno que, após ter sido campeão duas vezes do Peladinho, havia partido pelo Brasil em busca de conseguir uma vaga nas categorias de base de algum grande time profissional. Pouco tempo antes de sair em viagem, o menino havia sido convidado pelo dono da equipe acusadora, João, a fazer parte do plantel do time que estava montando para jogar o *Peladinho*, no segundo semestre. A relação de Rogério com João era tão forte que o último havia até mesmo financiado parte dos custos da viagem do menino para o Rio de Janeiro, quando realizou teste no Fluminense, sob condição de ele retornar, nas férias, para jogar em sua equipe na categoria infantil do Peladão. Além disso, Rogério era grande amigo do filho de João, seu colega em vários times pelos quais havia circulado. Após se aventurar sem sucesso pelo Rio de Janeiro, Rogério foi buscar uma vaga na Portuguesa de Desportos e, finalmente, no Nacional Atlético Clube de São Paulo, onde conseguiu seu espaço. Finalmente, em novembro, e com tudo já acertado para a volta ao Nacional no ano seguinte, seu pai entrou em contato com João, que lhe disse que não poderia assinar com o menino por já ter inscrito, em sua equipe, 25 atletas. Mas João assegurou que não iria abandonar Rogério e conseguiu, para ele, uma vaga em outra equipe forte, que disputaria o título do *Peladinho*, após recomendar o jogador para o dono desta nova equipe e entregar, para ele, todos os documentos necessários para a inscrição de Rogério. E foi também João quem, um dia após perder a partida de quartas de final para a equipe de Rogério, entrou, na coordenação, com um processo contra o jogador que era, outrora, seu protegido, acusando sua equipe de tê-lo inscrito com um documento de matrícula falsificado. Documento que ele mesmo havia separado para a inscrição do rapaz no *Peladinho*. O pai de Rogério terminou sua fala relatando o quanto estava triste e surpreso pela atitude de João, pela armadilha que lhe fora armada, e lembrando que, quando cobrou seu ex-amigo sobre sua postura, este disse: "toma cuidado com o que você fala, porque você sabe como é o Cabelo". Cabelo era o apelido do *traficante* que organizava, junto com João, a equipe que entrara com a denúncia e que ganharia o processo após uma sessão de duas horas da Comissão Disciplinar.

Imediatamente após o termino da sessão, cerca de onze horas da noite, quando a coordenação do campeonato já trazia as pizzas que seriam repartidas pelos advogados da Comissão, recebi um telefonema em meu celular. Era Cabelo, o *traficante*, um dos

[54] Para não expor as pessoas que fizeram parte deste acontecimento, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios.

donos da equipe que entrara com a denúncia, com o qual eu mantinha algum contato pelo fato de ter ido a alguns jogos de seu time da categoria *masculina* no Peladão (eu só viria a descobrir sua atuação como um dos principais líderes do tráfico de drogas de Manaus quando já acompanhava os jogos de seu time há alguns meses). Cabelo perguntou para mim onde eu estava e, ao confirmar minha presença naquela sessão, pediu para que eu pegasse um taxi e o encontrasse em certo lugar da cidade, para "comemorar a vitória". Recusei o convite e fui para casa, pensando seriamente em voltar mais cedo para São Paulo.

**Figura 29 - Reunião da Comissão Disciplinar**

***

O código disciplinar é o trecho mais extenso do livro de regras do Peladão, pois concentra 222 de seus 339 artigos. Ali são organizados os dispositivos disciplinares do campeonato e identificadas as penas a serem atribuídas para diferentes infrações. São relacionadas, assim, infrações: contra pessoas (ofensas "físicas" e "morais"), contra a organização e a administração, contra a moral do campeonato (como "falsidades", "corrupção", "prevaricação") e relativas à competição (dos associados, dos atletas, dos árbitros e auxiliares, dos comissários).

Os três principais mecanismos de disciplinarização do Peladão são a Súmula, o Protesto e a Comissão Disciplinar.

A súmula é a única arma do juiz para se defender dos jogadores e comissão técnica descontentes com sua atuação no transcorrer de alguma partida. Como os jogos do Peladão não contam com quaisquer aparatos de segurança, o juiz, normalmente, consegue domar os ânimos com a ameaça de anotar possíveis agressões no relatório da partida. Este relatório, presente na súmula, é um importante recurso para a comprovação de infrações quando estas forem julgadas pela comissão disciplinar.

O Protesto é o que possibilita o conhecimento da infração por parte da coordenação do campeonato e consequente abertura de um ato disciplinar. Jogadores e dirigentes podem abrir protestos contra quaisquer equipes ou comissões de arbitragem. Para tanto, devem depositar 200 reais na conta da Empresa de Jornais Calderaro Ltda. e apresentar um "sumário das razões de seu protesto em 03 (três) vias" (XL CAMEPEONATO DE PELADAS DO AMAZONAS 2012, Art. 101, § 2º: 36). Uma vez aberto o ato disciplinar, acusador e acusado serão convocados a comparecer na próxima reunião da Comissão Disciplinar. Trata-se de um dispositivo amplamente utilizado e que muda, muitas vezes, o rumo de muitas equipes no campeonato.

A Comissão se reúne cerca de uma vez por mês para julgar os atos disciplinares abertos, ou mesmo para reabilitar jogadores inclusos no Livro Negro. O quórum mínimo para que a sessão ocorra é de seis membros, sendo obrigatórias as presenças do Procurador, do Auditor, do Secretário e do Vice-Presidente. Os principais materiais de análise utilizados pelos advogados e juízes da Comissão Disciplinar são as súmulas dos diferentes árbitros, os relatos, as provas oferecidas – fotos, vídeos, textos – pelos defensores de cada equipe e os relatos das testemunhas apresentadas por cada time.

As sessões dos julgamentos são públicas, ocorrem na sede do Peladão e têm início quando o quórum necessário de membros da Comissão Disciplinar for atingido Cada membro, ao chegar na sala, já encontra, em seu assento, uma pasta com todos os relatórios de todos os julgamentos do dia. As mesas da sala são agrupadas em forma de "U", de modo que todos os advogados e juízes tenham a vista aberta para a outra mesa colocada na boca do "U", que é ocupada pelos defensores das equipes envolvidas no processo. De acordo com o Art. 15 do código disciplinar, "qualquer pessoa maior de

dezoito anos poderá funcionar como defensor", excetuando-se Membros da Comissão de Honra, Comissão Administrativa e os da Direção Geral do campeonato.

Uma vez que todos estejam presentes, o presidente – ou o vice-presidente – , dá início à sessão, nomeando todos os processos a serem julgados na reunião e abrindo o primeiro processo. Ele convoca os representantes das equipes, pergunta às partes se há provas ou testemunhas e passa a palavra ao relator, que lê o relatório deste julgamento. As provas são distribuídas, a palavra é dada aos defensores (protestante e protestado têm cinco minutos cada para expor seus argumentos), o Procurador apresenta seu parecer "pelo tempo que achar necessário" (Art.65, § 3º: 55) e, na seguinte ordem, o relator, os auditores, o presidente e o vice-presidente votam. Em caso de empate, "ao Presidente é atribuído o voto de qualidade" (Art. 72: 55) e, findada a seção de votação, chega-se ao resultado do julgamento, que "produzirá seus efeitos imediatamente" (Art. 73: 55).

Afim de resolver os conflitos gerados nos diversos certames do Peladão, a comissão disciplinar pode punir os envolvidos no julgamento. As punições podem ser: advertência; multa; suspensão por partida; suspensão por prazo; inversão de pontos ganhos; perda de mando de campo; inversão dos pontos ganhos, considerando o placar de 1x0; eliminação; exclusão do campeonato; inclusão no Livro Negro.

O Livro Negro é o principal recurso punitivo do Peladão. Aquele participante (atleta, árbitro, rainha, equipe ou dirigente) inserido nesta lista é excluído do campeonato por três anos, podendo retornar ao termino deste período se apresentar condições para tanto. De modo que uma das principais funções da Comissão Disciplinar, no início de cada edição do Peladão, é reabilitar os participantes inclusos no Livro Negro. Aquela pessoa interessada em voltar ao torneio deve comparecer na primeira reunião da comissão, levando um comprovante de que está empregada e comprovando seu "bom comportamento" nestes últimos três anos. Há, então, um rápido julgamento que delibera o retorno, ou não, do réu.

O papel da Comissão Disciplinar é considerado como fundamental para o andamento do campeonato tanto por Arnaldo Santos quanto por Messias Sampaio. É por meio dela que a direção geral do Peladão procura disciplinarizar os participantes do torneio, colocando em prática as punições das normas que reverberam em todos os campos de jogo. Como afirmou Arnaldo Santos, em muitas das conversas que tive com ele, e em concordância com Messias Sampaio, "esta é a instituição que permite a

existência do campeonato". Seu código é reformulado anualmente, de modo a dar conta dos novos arranjos que sempre são colocados em jogo pelos diferentes times que buscam escapar de uma ou outra regra.

Para o diretor-geral do Peladão, é pelo cumprimento das normas, aplicado pelos advogados que fazem parte dessa comissão, que os participantes do torneio entendem que "aqui ninguém está para brincadeira". Isso que reduziria, a seu ver, tanto as iniciativas entendidas como corruptas, como a de oferecer dinheiro a um árbitro para que ele apite a seu favor, quanto aquilo que chama de "jeitinhos", como inscrever o mesmo jogador em mais de uma equipe, ou inscrever um jogador profissional no Peladão, quanto, finalmente, a "irresponsabilidade", como não comparecer numa partida, ou não levar a rainha na abertura do torneio (no ano de 2012, 80 rainhas foram colocadas no Livro Negro por não comparecerem às solenidades de abertura). Ou seja, para a coordenação do campeonato, Peladão é disciplina.

Arnaldo Santos considera, também, que a Comissão Disciplinar é fundamental, no Peladão, para que se cumpra seu papel educativo. Seria por conta de sua ação, punindo aqueles que quebram as regras, que os participantes do campeonato passariam a se portar de modo considerado, por ele, como correto. Assim, se ao assumir a direção, havia muitos jogadores que se inscreviam com documentos falsificados, além de buscarem incontáveis outras formas de se burlar as regras, atualmente quase não existiria casos deste tipo, o que indicaria, a seu ver, uma maior consciência cidadã por parte dos boleiros e boleiras de Manaus.

Mas esta visão do coordenador parece não levar em conta as tantas jogadas de bastidores que são realizadas nas sessões da Comissão Disciplinar, pois é ali que muitos times vencem suas partidas no *tapetão* de modo que certamente seria considerado desleal para o diretor-geral. No relato de campo que inicia este capítulo fica claro de que forma esta estratégia pode ser adotada. A "Armadilha" – nas palavras do pai de Rogério – montada por João para enfrentar uma das agremiações concorrentes ao título foi, justamente, inscrever, na equipe rival, um jogador irregular. Assim, caso sua equipe perdesse o jogo, poderia entrar com uma denúncia na coordenação do campeonato que certamente redundaria na eliminação do outro time e consequente classificação de sua agremiação.

Este relato de campo é relevante, também, porque ali estão presentes os dois grandes temas que surgem quando se conversa, no *circuito do futebol*, sobre as regras do Peladão, a comissão disciplinar e as jogadas de bastidores. São duas figuras que estão sempre presentes nos campos e nas barcas, mediando as discussões mais acaloradas acerca deste ou daquele time: o *jogador falsificado* e o *traficante*. Assim como o *boleiro*, presente do *Peladão Indígena*, estas duas categorias são sempre articuladas para que se justifique a derrota ou se acuse o outro time em sua vitória. A equipe que perdeu uma partida explica o resultado do jogo a partir de um destes dois argumentos: "eles venceram porque têm um monte de *jogador falsificado*" ou "eles ganharam porque tem um *traficante* financiando o time".

### 4.1.O Jogador Falsificado

O *jogador falsificado* aparece de formas diferentes em cada categoria do Peladão. No *Máster*, ele é aquele boleiro mais novo que falsificou seu RG para poder participar do campeonato. Por ser mais jovem, este jogador apresentaria melhores condições físicas, podendo desequilibrar a partida e levar sua equipe à vitória. No *Masculino*, o jogador falsificado seria o boleiro profissional inscrito no torneio. No *Peladinho*, seria o menino com mais de 14 anos, inscrito na equipe rival, ou o rapaz que, como ocorreu com Rogério, não conta com matrícula escolar regularizada. Por fim, no *Indígena* este seria, como já explorado anteriormente, o jogador não indígena – também chamado de *boleiro* – inscrito no campeonato.

Não foi relatada, durante a pesquisa, qualquer acusação deste tipo no *Peladão Feminino.* Isso porque não parece haver, nesta categoria, meios de se quebrar as regras adquirindo alguma pretensa vantagem por meio da falsificação de documentos. Ora, não há, neste naipe, qualquer norma que regularize a inscrição das participantes por quaisquer motivos que não seja aquele relacionado à sexualidade. De modo que o único argumento que poderia surgir seria o de que a vitória da outra equipe se daria por ter sido inscrito um jogador do gênero masculino em seu plantel – algo que eu nunca vi ocorrer.

Mas, enquanto o *jogador falsificado* parece ser residual nas categorias *Máster* e *Masculino*, perdendo espaço para a figura do *traficante,* no *Peladinho* é ele quem domina as conversas de beira de campo.

A primeira vez que ouvi este termo foi quando acompanhei o treinamento ministrado por Deca (dono do Apolo F.C) para meninos do bairro do Petrópolis. Ele era o responsável, ali na área, pelo projeto Bom de Bola, financiado pela prefeitura de Manaus e presente em todos os bairros pelos quais passei. Em três dias da semana o campo do CEAN era ocupado por garotos do bairro que, sob a batuta de meu interlocutor, e sob o sol escaldante de Manaus, jogavam bola por cerca de uma hora. Neste período, Deca procurava passar o que chamava de "valores básicos" para os meninos, repreendendo severamente aqueles que exageravam nos xingamentos, ou que iniciavam brigas.

Certa vez, enquanto esperávamos os garotos chegarem, Deca me contou que o projeto Bom de Bola organiza, anualmente, um campeonato entre os times formados nos diferentes bairros. Mas disse que não gostava muito de participar, porque os outros treinadores só faziam equipes com *meninos falsificados*, ou seja, com rapazes mais velhos do que a regra permitia (com mais de 15 anos), porque assim teriam mais chance de ganhar o jogo. Quem não adotava esta medida – como dizia ser o seu caso – sempre perdia o campeonato. Mais tarde, um rapaz com o qual eu conversava ratificou a postura de Deca:

> Um menino chamado Adriel disse que joga sempre naquele campo e que já fez parte do time de Deca que disputou o campeonato dos bairros. Só que o Deca tirou o time do campeonato porque tinha muito *menino falsificado*. (Caderno de campo, 2012).

Os *meninos falsificados*, de acordo com os donos dos times do Peladinho, eram sempre inscritos – por seus adversários – para fortalecerem o plantel de suas equipes. Eram meninos mais velhos, que já teriam, nos termos comuns, "corpo de adulto", o que, em outras palavras, significaria contarem com certas *habilidades* mais desenvolvidas quando comparado com as crianças que jogavam o Peladinho: eles teriam, nas palavras de meus interlocutores, mais "técnica", mais "malícia" e, principalmente, mais "força".

O maior tempo de convivência com o campo de jogo e com a bola resultariam em maior *habilidade* para lidar com a redonda e com o espaço pelo qual se movimenta na partida. Este seria o índice de uma "técnica apurada": os meninos mais velhos conseguiriam realizar passes e chutes mais precisos, além de saberem se posicionar

dentro das quatro linhas, ocupando os espaços vazios para receberem a bola e dar melhor andamento à partida.

Por terem passado por mais experiências no mundo do futebol e, principalmente, por já terem, como diziam os técnicos dos times do *Peladinho*, "saído da infância", os meninos mais velhos também saberiam lidar melhor com todas as pressões típicas do jogo de futebol. Não se intimidariam com qualquer xingamento ou com qualquer jogada mais dura do adversário e, mais ainda, saberiam provocar os jogadores das equipes rivais, desconcentrando-os durante a partida. Este maior jogo de cintura para saber lidar com tais dimensões do jogo é medido pela palavra "malícia": quanto maiores suas *habilidades* para tanto, mais "malícia" teria o jogador.

Por fim, o atributo mais importante, que realmente diferenciaria os jogadores mais velhos, é o da "força". Isso porque que alguns dos mais novos poderiam desenvolver as *habilidades* de "técnica" e de "malícia", mostrando-se muito técnicos no trato com a bola, mas dificilmente seriam maiores e mais fortes do que os outros da sua idade. Um rapaz mais forte conseguiria roubar e dominar a bola com mais facilidade, usando o corpo para afastar os meninos do outro time. Ele também correria mais rápido e chutaria com mais força, dado o maior tamanho de suas pernas. E, principalmente, o jogador mais "forte" seria o menino cujo corpo se aproximaria de um corpo masculino adulto, considerado ideal para a prática do futebol.

Nota-se, portanto, que os argumentos defendidos para que se adote a prática de se inscrever jogadores mais velhos do que o permitido pelas regras do *Peladinho* são sempre relativos às *habilidades* que os meninos mais velhos teriam desenvolvido em suas vidas, levando-os a tecer, com mais desenvoltura, seus caminhos pelo campo de jogo. "Técnica", "malícia" e "força" são os atributos que indicam, portanto, o quanto se joga bem ou mal, o quanto alguém pode desequilibrar uma partida para sua equipe. As *habilidades* adquiridas no percurso da vida, então, quando no campo de jogo, deixam de indicar somente uma qualidade e passam a ter um valor quantitativo que, no *Peladinho* é medido de modo a torná-lo o mais exato possível: por um número – o número que indica a idade do jogador.

Assim como ocorre entre as equipes grandes, os times da categoria infantil do Peladão são os nós de um circuito pelo qual circulam, principalmente, pessoas – os meninos que jogam bola. Mas mais do que em qualquer outro naipe, é no *Peladinho* que

o jogador de futebol é a todo momento tratado como um bem de troca entre os donos das equipes. Meninos são constantemente oferecidos e requeridos por dirigentes que buscam fortalecer suas agremiações e, ao mesmo tempo, tecer relações de dádiva com outros dirigentes, iniciando, como diria Mauss (2003), uma circulação de bens organizada pelo "dar-receber-retribuir". Isso ocorre porque, ao passo em que o boleiro adulto já age com certa autonomia no *circuito das equipes*, sendo ele uma das partes que assina o contrato e, principalmente, sendo ele que, muitas vezes, procura os donos das equipes para as quais oferece seu *pé-de-obra* (DAMO, 2007), para os pequenos jogadores parece não haver muito espaço no qual possam agir enquanto parte interessada nos contratos. Os meninos estão muito mais sujeitos aos jogos de troca em que se envolvem os dirigentes, pois não conseguem desenvolver muita agência no circuito. Os parentes dos jovens jogadores buscam, por seu lado, tomar parte nos contratos assinados por seus filhos, mas também pouco conseguem fazer para tanto. É que mesmo em Manaus, onde o futebol profissional não oferece boas condições de emprego, este jogo é tido, tanto por pais quanto por filhos, como uma possibilidade de ascensão social, uma grande oportunidade de *fazer o nome*.

Em seu estudo sobre a categoria de base das equipes profissionais do sul do Brasil, Damo (2007) desconstrói o discurso no qual o futebol aparece como um dos principais canais de ascensão social para os jovens brasileiros de baixa renda. O autor lembra que, a despeito do que se diz e imagina, a imensa maioria dos jogadores de futebol brasileiros acaba trabalhando em equipes pequenas, recebendo salários baixos e convivendo com uma aposentadoria precoce. Este sonho de ascensão por meio do jogo de bola, assim, parece não encontrar correspondente na realidade vivida por aqueles que se aventuram no mundo do futebol. Mesmo assim, a ideia de que o jogo possa trazer uma vida de riquezas continua a reverberar entre os jovens brasileiros. E não é diferente em Manaus, onde o grande objetivo dos pequenos boleiros é fazer parte de um time *de nome*.

Para tanto, devem agir de acordo com o que indicam os donos das equipes do futebol amador: se entrarem num time de bairro, que faz parte do *circuito*, podem se destacar em algum torneio local e principalmente no Peladão. Caso isso ocorra, serão convidados a fazer parte de um time maior e poderão progredir na carreira. Para conseguirem trilhar este caminho, contarão com a rede de contatos do dono da equipe pela qual jogam: ele indicará alguns de seus melhores jogadores para dirigentes de

outros times, recebendo em troca outros jogadores com os quais poderá melhorar seu plantel.

Por isso sua agência, no *circuito*, se dá, principalmente, enquanto um bem de troca. Os meninos aceitam este papel pois têm o objetivo de figurarem em alguma grande equipe do Peladão e, quem sabe, conseguirem algum teste num time profissional do sudeste. Eles tem de jogar de acordo com as regras do jogo e isso os torna sujeitos a manobras como aquela descrita no início do capítulo, em que o dono de uma grande equipe realizou, com o dirigente de outro time, uma troca considerada desleal, visando prejudicar outro time para ganhar a taça no *tapetão*. Ora, Roberto seguia João por acreditar que este estaria disposto a ajuda-lo em sua carreira. O grande choque ocorreu quando descobriu, junto de seu pai que, para o dirigente, e a despeito de toda a relação de amizade que pudesse ter nutrido com sua família, ele não passava de um bem de troca a ser manipulado de acordo com determinado objetivo. Histórias deste tipo são comuns no circuito do futebol de Manaus, principalmente quando se trata dos times do *Peladinho*.

Lidar, desta forma, com os *jogadores falsificados* é um arte com a qual os participantes do Peladão, principalmente os donos das equipes, aprendem a lidar e pela qual agem no torneio, manobrando a quebra das regras de acordo com o que lhes parece mais conveniente.

### 4.2.O traficante

A presença do crime organizado no mundo do futebol amador não é uma surpresa, já tendo sido relatada em outras situações, como na obra de Hirata (2005). Uma das principais questões tratadas pelo autor, em seu texto, é o surgimento de discursos sobre a violência no mundo do futebol amador, relacionados diretamente com a ação dos traficantes na várzea paulistana. O autor demonstra como o vocabulário do mundo do crime – O "Lealdade, Humildade e Procedimento" – é articulado no cenário do futebol amador para que se possa enfrentar os tantos agentes poderosos que se articulam num movimento de ocupação daqueles espaços destinados anteriormente para a prática do jogo. A ação dos traficantes na várzea seria fundamental para que se pudesse "sobreviver na adversidade", pois seriam eles que teriam poder e dinheiro para financiar e administrar as equipes neste cenário de disputa acirrada pela cidade,

conseguindo espaços para os treinos de seus times e verba para a montagem de seus elencos.

O que se busca, aqui, é centralizar a análise em outro ponto. Pretende-se desdobrar estes discursos de violência ligados a ação dos traficantes para que se possa compreender os sentidos de sua atuação no meio futebolístico de Manaus. Assim, será discutido o que é colocado em jogo pela figura do *traficante* em diferentes contextos, para diferentes agentes do *circuito*, neste processo contínuo de criação da Manaus do futebol.

Se o *jogador falsificado* está presente constantemente no discurso daqueles que participam do *Peladinho* como principal categoria de acusação, no naipe masculino este papel é ocupado pelo *Traficante*. Sempre que, em qualquer conversa sobre o Peladão, surge alguma crítica ao campeonato, é em torno desta figura que a conversa gira. Há vários exemplos de situações em que a discussão envereda por este assunto.

Naquela Sessão da Comissão Disciplinar, descrita no início do capítulo, a figura do traficante esteve bastante presente: o pai de Rogério afirmou, em certo momento de sua fala, estar vivendo uma situação de grande perigo ao denunciar a armadilha armada pela equipe que entrou com o processo contra seu filho. Lembrou da conversa que teria tido com João, na qual questionou a atitude desleal de seu amigo, e a resposta que teria recebido: "você toma cuidado, porque você sabe como é o Cabelo".

Aliás, antes daquele julgamento ocorreu outro, sobre uma briga generalizada que havia acontecido numa partida ainda naquela semana. Ao sair da sala, conversei com o dono do time que perdera a ação e ouvi suas palavras irritadas: "Só perdemos o julgamento porque a outra equipe é controlada por *traficantes*! Enquanto esses caras dominarem o Peladão, não dá mais pra participar!".

Em outro contexto, quando perguntei ao dono da equipe Máster da Feira da Banana (campeã do Peladão Máster 2011 e 2012) o motivo pelo qual ele não inscrevia um time na categoria *principal*, a resposta foi direta e clara: contou que não o fazia porque "o Peladão Masculino é dominado pelos *traficantes*". Disse que é muito perigoso "botar time no masculino", porque corre-se risco de vida frequentemente, ao se agir contra a vontade de um *traficante* dono de alguma equipe, buscando, por exemplo, vencer um jogo mesmo com todas as ameaças que se ouve nas bordas do campo.

O assunto também aparece frequentemente nas barcas. Numa reunião que ocorreu em um bar após um jogo em que o Apolo F.C havia sido derrotado, Deca, irritado, mas sempre irreverente, comentou sobre os calçados de um jogador que, por estarem em péssimo estado, seriam também responsáveis pela má atuação do boleiro na partida. O dono da equipe disse, ao jogador: "a gente precisa de um *veado* para dar um tênis pra você, de um *veado* ou de um *traficante*!". Esta frase abriu o assunto entre os jogadores: um deles contou sobre seu amigo que levou um tiro e ficou tetraplégico porque, quando jogou num "*campo de traficante*", fez muita piada com o outro time. Lembrou também de outra situação vivida por ele mesmo em que, jogando contra um "*time de traficante*", ao levar um carrinho (jogada na qual um jogador escorrega nos pés do outro para roubar-lhe a bola), "deixou o joelho" na cabeça do boleiro do outro time e teve que sair do jogo correndo por ter sido ameaçado de morte pela jogada desleal. Outro rapaz também contou que já havia visto traficantes mostrando a arma durante um jogo para os jogadores do time rival com o objetivo de intimidá-los.

Em 2013 ocorreu o caso de maior repercussão envolvendo a figura do *traficante.* Durante uma partida semifinal do campeonato, o goleiro de um dos times realizou importantes defesas, mantendo o placar empatado e levando o jogo para a disputa de pênaltis. Antes da disputa o dono da equipe rival o teria ameaçado de morte caso defendesse alguma cobrança, o que o goleiro fez não uma, mas três vezes, sendo o grande responsável pela classificação de seu time para a finalíssima. Após a partida, na *barca,* o jogador foi assassinado ao ser alvejado por três tiros. O caso ganhou as páginas dos jornais, sem que tenha sido mencionada a intervenção da figura do traficante no acontecimento. No entanto, à boca pequena, todos sabiam que mandante do crime fora um dos líderes do crime organizado de Manaus.

E, para além das muitas histórias que ouvi acerca deste personagem – *o traficante* –, há também os acontecimentos que presenciei, como aqueles que ocorreram num jogo entre duas equipes grandes, que se deu no pequeno Estádio da Colina, em Manaus, pelas oitavas de final do Peladão.

Logo que cheguei na partida reparei que o banco de reservas de um dos dois times, notadamente financiado por um grande *traficante* de Manaus, estava ocupado por policiais da Tropa de Choque. O portão do campo estava fechado, impedindo a livre circulação de torcedores e jogadores para dentro e fora dos gramados, e as

arquibancadas estavam cheias. No campo, além dos policiais, também estavam presentes os jogadores, técnicos, dirigentes, funcionários do Peladão, uma equipe de jornalismo japonesa, autoridades políticas – como o secretário dos esportes – e um preocupado Arnaldo Santos, que contou terem sido destacados, para a segurança do jogo, 200 policiais. A torcida estava em euforia, batucando; o estádio, interditado pela segurança civil pelas péssimas condições de preservação, poderia desabar a qualquer momento pelo excesso de torcedores; ouvia-se que o melhor jogador de uma das equipes havia sido sequestrado pelo dono do time adversário – o *traficante* – para não participar do jogo, e em várias momentos da partida a polícia teve de intervir entre os dois técnicos para que não se iniciasse uma briga generalizada. Logo após um pênalti claro não dado pelo árbitro contra o time *do traficante*, foi necessário evacuar o campo, por "medidas de segurança", para que somente os jogadores, técnicos e funcionários do campeonato ficassem nas quatro linhas. Arnaldo Santos lamentava a atitude do apitador, argumentando que "se não tem culhões, não pode ser árbitro do Peladão", e Carlos (dono do Apolo F.C e funcionário de Arnaldo Santos) tentava convencer o chefe de que, naquela situação, era extremamente compreensível a atitude do árbitro. Num momento em que subi para as arquibancadas com minha máquina fotográfica, um rapaz de óculos, com camisa da equipe *do traficante*, disse para eu "abaixar a lente" se não quisesse sofrer as consequências. No dia seguinte após o jogo, que terminou com derrota do time *do traficante*, Carlos me disse o quanto ele teve medo, o quanto aquilo ali era "uma panela de pressão prestes a estourar".

Parece, ao se examinar estes relatos, que a ação dos traficantes em Manaus está sempre ligada à relação com algo perigoso, que move forças incontroláveis. O traficante, em Manaus e no Peladão, é aquele que age a partir de regras que não se aplicam a todos e que poucos conhecem. Por isso, ele representa um perigo em potencial. A imprevisibilidade de seus atos é capaz de gerar tensões incontroláveis, um *fluxo* (TURNER, 1982) de acontecimentos – uma "panela de pressão".

A relação entre os traficantes e os jogadores do *Peladinho* é outro bom exemplo para este argumento. É comum ouvir, dos donos de equipes da categoria infantil, que sua grande motivação para organizar um time no Peladinho é afastar os meninos dos *traficantes.*

> Comentei com Deca que, de fato, naquele dia tinha mais meninos treinando do que na semana passada. Ele, no entanto, respondeu que

> deveria ter mais, mas que muitos garotos não iam ao treino naquele campo porque ali é "zona vermelha". Disse que a avenida, ali atrás, era um ponto de tráfico e que ali era um pouco perigoso. Quando perguntei para ele se muitas mães não deixavam os filhos irem treinar por causa disso, ele soltou um suspiro e falou que a maioria daqueles meninos tinha perto de oito irmãos, além de serem pobres e viverem só com as mães – sem a figura paterna, portanto –, de modo que, além de não terem a atenção devida, eram muito suscetíveis ao tráfico. "Esses meninos não têm nada. Se você der dez reais pra eles, já ficam felizes. O traficante cuida do menino, e aí ele entra no tráfico. Começa sempre com aviãozinho". Perguntei para ele se muitos times do Peladão tinham relação com traficante, e ele respondeu que sim, enumerando alguns dos times mais ricos. (Cadeno de campo, 2012).

O *traficante* seria aquele que agiria contra as duas coisas mais importantes para os boleiros de Manaus: a família e o futebol. Se o *corno* e o *veado* representariam as incompatibilidades entre o jogo de futebol e a família, o traficante seria esta força desconhecida, presente na cidade, que agiria contra ambos. Os meninos ligados ao tráfico se afastariam de seus pais e de seus treinadores e passariam a lidar com relações potencialmente perigosas para suas vidas, por serem regradas a partir de normas desconhecidas e arbitrárias. O mesmo se daria com os jogadores que se inscreveriam para jogar pelos times *de traficante*, pois se envolveriam num universo cujas regras seriam outras. Eles colocariam sua família e seu futebol em risco em troca da chance de disputarem o título ou mesmo de um pagamento melhor. Finalmente, ter-se-ia os donos dos times patrocinados por *traficantes*: estes seriam, do ponto de vista daqueles que vivem o Peladão, os grandes responsáveis pela decadência do campeonato, por se aliarem a estas forças obscuras.

A figura do *traficante* age, portanto, como diria Victor Turner (1974), de um lugar *liminar*, da anti-estrutura, governada por agentes e regras distintas daquelas que organizam a vida cotidiana dos boleiros e boleiras de Manaus. De acordo com os discursos de acusação, este agente não estaria vinculado oficialmente a nenhuma das instituições ligadas ao mundo do futebol. O *traficante* não faria parte da organização do campeonato, nem das relações familiares e tampouco das relações entre os próprios boleiros, que se daria na barca e no campo. Ele seria uma figura de fora, um *outsider*. E isso está expresso na geografia das linhas que compõe o *circuito do futebol*. Se o lugar da família seria a casa familiar, e os lugares do futebol seriam o campo, a barca e a sede do Peladão – ou as sedes de outros campeonatos –, o lugar do traficante é o da "zona

vermelha" e da "boca": espaços intersticiais da cidade que, por sua posição anti-estrutural:

> (...) precisam ser rodeadas por prescrições, proibições e condições. E, como afirmou recentemente Mary Douglas (1966), aquilo que não pode, com certeza, ser classificado segundo os critérios tradicionais de classificação, ou se situe entre fronteiras classificatórias, quase em toda a parte é considerado "contaminador", ou "perigoso" (TURNER, 1974: 133).

Não é de se surpreender, portanto, que esta figura domine o vocabulário dos boleiros e boleiras de Manaus quando estes buscam explicar acontecimentos inexplicáveis, como o fato de terem perdido um jogo ou um julgamento na sessão disciplinar. Somente um agente *liminar*, que se utiliza de regras alternativas, poderia ter causado tais situações. Também não é de se estranhar que o jogo que carregue mais dramaticidade em todo o campeonato – mais até do que a finalíssima – seja justamente aquele em que a participação do *traficante* seja mais notória. Por movimentar regras imprevisíveis, vindas de uma anti-estrutura, o traficante poderia manejar a partida por meio de lógicas que estão para além das regras oficiais e que, por conta disso não necessariamente quebram estas normas, e não geram punições para seus times, como o expediente de ameaçar o juiz, ou sequestrar o jogador do time rival. Por conta disso a presença dos agentes da estrutura se fez intensa na partida citada anteriormente: Arnaldo Santos, o secretário dos esportes e, principalmente, a Polícia Militar, estavam ali para garantir que, dentro de todos os limites, que as regras do jogo fossem seguidas e que a situação não escapasse ao controle.

No entanto, o mais curioso é que apesar de reclamarem da presença dos traficantes no *circuito do futebol*, não são poucos os jogadores e dirigentes que assumem contar com a participação destes agentes em suas equipes. Assim como a figura do *boleiro*, presente entre as equipes indígenas, e do *jogador falsificado*, presente principalmente nos times que disputam o *Peladinho*, o *traficante* também carrega consigo algo que, ao ser colocado *em jogo*, apresenta aspectos positivos.

Numa conversa com um ex-jogador profissional e ex-atacante da equipe 3B (campeã três vezes do Peladão), que em 2012 era uma das lideranças do Apolo F.C, falamos sobre a atuação dos *traficantes* no campeonato. Ele analisou os motivos da morte recente de Alessandro, antigo dono de uma equipe da Zona Leste da cidade. Disse que Alessandro fora assassinado numa briga passional, por conta de sua relação com a

esposa de outro homem. Ele faria falta para seu time, porque era "o cara dos contatos, que conseguia juntar as pessoas". No entanto, Alessandro não era "o cara da grana", pois o time era financiado por um *traficante* local. *Traficante* que, aliás, também havia sido assassinado recentemente por conta de sua conduta: ele estava ficando muito violento, ameaçava os caras de outros times para poder vencer seus jogos. "Perdeu o bom senso, e aí apagaram ele".

Meu interlocutor afirmou, ainda, que os traficantes, na verdade, são "gente boa", pessoas humildes, que não andam com ninguém que use drogas. O problema era que alguns, às vezes, tornavam-se "muito gaiatos", agindo de forma violenta demais. Mas estes não duravam muito. Disse-me, por fim, que os times do Peladão sempre tinham "um dinheirinho do tráfico".

A história deste traficante da Zona Leste, que havia sido assassinado recentemente, chegou ao meu ouvido a partir de outros futebolistas de Manaus. Um deles, amigo pessoal do rapaz, contou-me em detalhes sobre como ocorreu o assassinato.

> Ele era meu amigo, meu compadre. Era o "químico": o Zé Roberto é o "dono", o Copinho é o "gerente" e ele era o "químico". Os caras chegavam com um quilo de cocaína e ele transformava em cem. Um dia fomos no campo do São José 2, cheguei lá, dei um tapa no boné dele, e ele mandou pedirem um guaraná. Chegaram, ofereceram o guaraná para todo mundo, mas na animação acabaram esquecendo de mim. Aí, eu abaixei para pegar a garrafa, que estava no chão, quando ouvi os barulhos dos tiros. Eu achei que tinha explodido uns rojões, mas vi o sangue respingar na minha perna e, quando me levantei, vi um cara com uma pistola na cabeça dele, e deu mais alguns tiros. Todo mundo saiu correndo, menos eu, porque tava com o braço na grade e fiquei preso. Eu vi ele morrendo na minha frente, me olhando. O problema dele é que ele estava ficando violento, matando desnecessariamente. Aí os outros dois não queriam isso. Eles tem um senso de justiça deles. Então mataram. (Caderno de campo, 2012).

Segundo este informante, mesmo que não se envolva com os negócios do tráfico, é impossível viver naquele bairro sem conhecer alguém que esteja no meio. Os traficantes, apesar da violência, seriam as pessoas que deixariam o lugar em ordem e, em geral, seriam pessoas humildes, que sempre estariam dispostas a ajudar os amigos. Por isso eles patrocinariam várias equipes de futebol no Peladão.

Em outra conversa de bar, com outro jogador de um time do centro de Manaus, o assunto veio, mais uma vez, à tona. O rapaz contou, emocionado, que começou a jogar naquele time aos 12 anos e que logo na primeira partida fez um gol num passe que recebeu de seu pai. Ele não jogaria em outra equipe por nada nesse mundo, pois aquele era o time da vida dele, da comunidade. Disse que, ali, todo mundo era parente, amigo e que o atual dono da equipe era "o cara", por ser quem manteve tudo funcionando, até nos piores momentos, quando eles tinham que comprar camisetas brancas e pintar seus nomes por não contarem com equipamento nenhum. Teriam chorado juntos muitas vezes pela falta de perspectivas para o time. Contou-me que o bairro ali era muito tranquilo, porque se houvesse qualquer assalto ou problema era só falar com os *traficantes* locais que eles resolviam. Neste momento, tocou seu celular. O nome do contato, no visor do aparelho, era "blublublu" e, antes de atender, o rapaz disse, em tom de brincadeira, "olha, é só falar no demônio!". Em sua conversa, aceitou realizar uma tarefa passada por seu interlocutor e disse-lhe que estava com saudades, que lhe amava e que "você vai sair logo daí, viu? Vai abrir suas asas e voar para fora daí". Era um grande amigo seu, *traficante* do bairro, que havia telefonado da prisão para pedir um favor. Afirmou que alguns de seus amigos acabaram indo pra esse caminho. Ele não foi, mas continuava parceiro "dos caras" por conta de sua grande amizade. Quando precisava de dinheiro, para si ou para o time, seu amigo sempre ajudava.

Estes pequenos relatos demonstram que apesar de ainda tomarem atitudes violentas, os *traficantes*, quando inseridos no círculo de amizades, apresentam outros atributos que antes, quando tratados a partir de um olhar distanciado – pelos próprios boleiros de Manaus –, pareciam não existir. O *traficante*, agora, aparece como uma espécie de bem feitor, uma pessoa humilde e confiável. Ele não usa drogas e segue um código de conduta que, se quebrado, pode resultar numa punição severa – no caso descrito acima, o "químico" foi morto por alguém hierarquicamente superior exatamente porque estava "exagerando", "ficando violento".

Para aqueles que convivem diariamente com os *traficantes*, estes são os negociadores de uma mercadoria específica – a cocaína –, num mercado específico, o das drogas ilícitas, que conta com algumas especificidades quando comparado ao mercado das coisas lícitas. São estas especificidades que fazem com que esta figura represente tanto perigo no imaginário urbano. Os traficantes agem no mundo do ilegal e, em determinadas situações, atentam contra a vida. Por isso estão à margem, numa

posição de *liminaridade*. No entanto, para aqueles que se aproximam dele, o *traficante* é uma pessoa do bairro que enriqueceu a partir desse mercado e que age de acordo com certas regras próprias deste mundo no qual circula – regras que podem, agora, ser previstas. O traficante, quando inserido no círculo de relações, deixa de representar um perigo desconhecido para tornar-se um agente conhecido, seus atos passam a apresentar certa lógica.

E é por meio da prática do futebol que se pode acessar este universo do traficante. Parece que, ao tornar este agente um aliado, aqueles que vivem no mundo do futebol conseguem algo para além do dinheiro que financia suas equipes. Por meio desta ação, os boleiros e boleiras de Manaus inserem, no *circuito do futebol*, de forma transversal, uma figura que era, antes, perigosa e desconhecida. Ao formalizarem uma relação de aliança com o traficante, por meio de um time de futebol, os boleiros de Manaus também formalizam uma relação de aliança com um lado da cidade que era, antes, incompreensível. A metrópole torna-se, assim, mais acessível.

A ambiguidade desta figura se expressa, portanto, nesta relação, ora conflituosa e ora pacífica, com aquele que ora representa todos os perigos e ora representa os benefícios de se jogar futebol em Manaus. Quando o objetivo é explicar o inexplicável, o *traficante* aparece representando tudo aquilo que há de negativo na cidade, tudo aquilo que há de incontrolável e incompreensível. Tudo o que foge às regras. Por outro lado, é também ele quem fornece os meios para que se possa praticar o futebol em alto nível e, quando se torna um aliado, percebe-se que ele é até mesmo uma pessoa humilde, cujo comportamento segue certa lógica e, no limite, pode até mesmo ser aquele que se responsabiliza por deixar, nas palavras de meu interlocutor, "o lugar em ordem" – no bairro, no time, no campo de futebol.

Um dos principais traficantes que atuam no circuito do futebol amador de Manaus é Cabelo – o dono daquela equipe que entrou com a ação contra Rogério e que, após a sessão da comissão disciplinar, convidou-me para uma visita a sua casa, que lhe neguei. Após este ocorrido, encontrei-o mais algumas vezes no Peladão. Numa delas, ele estava muito feliz com a vitória de seu time na última partida e desatou a falar sobre as estratégias táticas utilizadas no jogo. Sua linha narrativa foi sendo tecida por outros caminhos, até que, em certo momento, chegou em uma das experiências mais dramáticas que meu interlocutor havia vivido no Peladão: uma partida que lhe fora

roubada. De acordo com sua narrativa, seu time vencia o jogo até os últimos minutos, quando o juiz apitou uma falta dentro da área para a outra equipe. A cobrança de pênalti foi realizada três vezes, sob a alegação de que o goleiro teria saído da linha do gol no momento do chute, e somente com a marcação do gol o juiz reiniciou a partida. O tempo regulamentar terminou, mas o juiz não finalizou o jogo, iniciando a contagem dos acréscimos.

> Aí o juiz deu um, dois, três, quatro, cinco minutos, e não terminava o jogo. E eu comecei a ficar cada vez mais irritado. Foi para seis, sete, oito minutos, até que o outro time fez o segundo gol e só aí ele apitou. Nossa, eu fiquei tão irritado, tão irritado, que pensei em mandar matar. Mas aí eu pensei nesse moleque [aponta para o filho], conversei com a minha esposa, e ela me convenceu a deixar quieto. As mulheres são assim, mais controladas do que os homens. (Caderno de campo, 2012).

Cabelo comentou que é muito comum, no Peladão, que o juiz receba dinheiro para favorecer alguma equipe e que ele mesmo já havia tramado várias jogadas de bastidores para poder conseguir a vitória. Lembrou que volta e meia pagava para o juiz marcar um ou dois pênaltis a seu favor. Disse que já havia dado dinheiro também para os advogados da Comissão Disciplinar diversas vezes para poder contar com um veredicto favorável nos julgamentos dos quais participava. Concluiu afirmando que, no futebol, "dinheiro é tudo". Com dinheiro é possível chegar facilmente às finais de qualquer campeonato. "Dinheiro é poder", disse. Durante as muitas conversas que tivemos, Cabelo sempre se referia às ações de sua equipe (contratação de jogadores, da comissão técnica, desenho do uniforme, escolha da rainha, subornos, alianças) em primeira pessoa do singular: "eu fiz isso, eu fiz aquilo". Para ele, seu time era ele mesmo, era sua agência no mundo.

Para o traficante, é pelo futebol que se institui relações de troca, possibilitando que se formalizem alianças e se agenciem as rivalidades no local em que busca organizar o ir e vir de sua mercadoria. É pelo futebol, também, que se cria um ambiente favorável para que se possa exercer seu poder, tornar-se conhecido, admirado e temido. Mas é também o futebol que o aproxima do mundo organizado pelas regras lícitas, que o conecta com a estrutura. No *circuito do futebol*, ele não pode "mandar matar" quem ele quiser, porque isso pode redundar em punições severas por parte do Peladão – não é todas as vezes que se consegue subornar a Comissão Disciplinar. Atitudes como essa

podem também engendrar reações adversas por parte de outros *traficantes* mais poderosos, que podem ficar descontentes com seu comportamento excessivamente agressivo e, principalmente, por parte dos donos de equipes e de jogadores, que podem não querer mais participar de suas equipes ou firmar parcerias.

Portanto, ao passo em que o futebol permite aos boleiros e boleiras uma conexão com o mundo *liminar* do traficante, é também por meio deste jogo que os próprios *traficantes* incluem-se no *circuito* e emergem para a estrutura. Tanto durante a partida de futebol, que pode ser tomada por um intenso *fluxo* de acontecimentos, quanto nas relações cotidianas, dois universos movidos por regras distintas entram em contato, gerando tensões que devem ser manejadas de modo extremamente competente pelos diversos agentes deste *circuito*. Surge, então, esta figura, *o traficante*, que traz a tona as ambiguidades próprias de uma metrópole como Manaus, com seus campos de futebol, bares, "bocas" e áreas vermelhas.

### 4.3.Circulando pelas regras e contra as regras

Nesta pesquisa foram apresentados três agentes que fundamentam grande parte das narrativas tecidas pelos que jogam bola no Peladão. O primeiro, descrito no capítulo sobre o *Peladão Indígena*, é o *boleiro.* O segundo, presente sobretudo no *Peladinho,* é o *jogador falsificado* e o terceiro, presente também no *máster* e no *infantil* mas, principalmente, no *Peladão Masculino,* é o *traficante*. São agentes que se movem de formas distintas e que engendram discursos de naturezas também distintas, relacionados diretamente com o contexto no qual circulam. Recapitulando: o *boleiro* é jogador não indígena que é inscrito em equipes indígenas. O *jogador falsificado* é o jogador que falsifica algum documento para poder se inscrever numa categoria na qual, a princípio, não poderia jogar, e o traficante é aquele agente liminar que participa do campeonato articulando forças desconhecidas, do mundo anti-estrutural do crime organizado pelo qual se move.

Ressalta-se que a figura do *boleiro*, do *Peladão Indígena*, é um tipo específico de *jogador falsificado*. No entanto, esta figura carrega consigo questões muito próprias da realidade do *campeonato indígena*, relacionadas às estratégias específicas mobilizadas pelos indígenas que vivem no meio urbano e aos conflitos aí engendrados. De fato os argumentos que significam a presença do *boleiro* e do *menino falsificado*

são muito distintos. Enquanto o *boleiro* representaria os benefícios e perigos próprios da relação entre o índio e o não-índio, trazendo à tona narrativas bastante densas e profundas sobre esta relação – como os dilemas sobre ser ou não indígena no brasil, que envolvem políticas públicas, relações de parentesco, relações de liderança -, o *menino falsificado* daria conta dos problemas relativos à relação entre os pequenos jogadores de futebol e o mundo adulto, dos donos das equipes, que os tratariam tal qual uma mercadoria, um bem de troca.

Tratam-se, assim, de três figuras distintas, mas que retratam algo similar: a relação de estranhamento daqueles que jogam futebol no Peladão com as regras do campeonato. Esta relação fica bastante explicita nas narrativas sobre os *jogadores falsificados*, pois, ao mesmo tempo em que os jogadores e donos de equipes se utilizam desta categoria para criticar outros times, é comum, também, argumentarem que o Peladão teria piorado nos últimos anos – na gestão de Arnaldo Santos – por conta do enrijecimento das punições que impossibilitariam, justamente, a inscrição irregular de participantes. Ouvi, certa vez, na borda do campo, de um técnico de uma grande equipe, que o campeonato não teria mais "a mesma graça de antes", pois "antigamente, a gente inscrevia o mesmo jogador em várias equipes, inscrevia jogador profissional. Hoje não pode mais, tem que ser tudo certinho". Esta afirmação, que me foi colocada de diferentes formas por muitos boleiros, em muitos campos e bares, evidencia que, mais do que articular um objetivo claro – a vantagem sobre outras equipes - a inscrição irregular de jogadores se apresenta como um expediente comum justamente por alguma poderosa força simbólica impressa no próprio ato de quebrar a regra.

Algo similar ocorre no *Peladão Indígena*. Por mais que jogadores e as lideranças apontassem para um declínio do campeonato por conta da presença cada vez maior de jogadores não-indígenas, estas continuavam a convidar seus colegas brancos para fazer parte de suas equipes e, mesmo com o enrijecimento das regras por conta da exigência do Registro Administrativo de Nascimento Indígena, as lideranças mantiveram a prática, afirmando, por outro lado, que agora o campeonato havia voltado a ser verdadeiramente indígena. Como foi discutido no capítulo 1, o que se percebe é que, neste caso, a regra foi bem recebida por modificar o balanço de forças no campeonato, eliminando as equipes chamadas de "totalmente brancas" e privilegiando as lideranças indígenas que, agora, eram as únicas que contavam com os meios para que pudessem quebra estas mesmas regras, falsificando o RANI.

Ao organizar o campeonato em categorias, numa ação, como já foi dito, de *purificação* (LATOUR, 1994), e propor punições severas para aqueles que não agem de acordo com tal organização, a direção do Peladão também delimita, de cima para baixo, os modos de circulação daqueles ligados ao mundo do futebol. As regras etárias, de gênero ou de etnia são, na verdade, normas que dividem e organizam por onde, com quem e quando se pode circular pela cidade. O *jogador falsificado* e o *boleiro* seriam aqueles que, por um motivo o outro, traçaram uma linha pelo campeonato que não poderia ter sido traçada, andaram por caminhos que não deviam ter andando, relacionaram-se com pessoas que não poderiam ter se relacionado, quebrando a ordem das coisas.

O mesmo ocorre com o *traficante*, só que em um nível diferente. Isso porque esta figura se localiza numa situação mais *liminar* ainda e joga de modo mais incisivo com as regras do campeonato. O *traficante* é o símbolo máximo, dentro do Peladão, daquilo que pode ser, ao mesmo tempo, extremamente nocivo e totalmente benéfico. É uma figura cujas linhas de relações e cujos caminhos pela cidade são, como já dito, transversais ao circuito do futebol. Ele não somente age contra as regras, mas, principalmente, age a partir de outras regras, não previstas no código disciplinar do campeonato. Ele está por detrás da cidade do futebol, articulando-se com ela de um lugar quase inacessível. O traficante é, portanto, aquele cuja relação com o extenso código disciplinar do Peladão é a mais conflituosa.

São estas três figuras que, em cada contexto, possibilitam aos jogadores e aos donos de equipes tecerem estas *linhas* que extrapolam aquilo que o livro de regras organiza, numa tentativa da direção do campeonato de organizar as coisas para poder melhor discipliná-las. O futebol é um jogo a partir do qual as ambiguidades, os hibridismos e as quase-coisas tomam forma. Seja o *jogador não indígena*, seja o *jogador falsificado*, ou mesmo o *traficante*. Seja, ainda, o *corno*, o *veado* e a *sapatão*, o que se vê são figuras que podem ser muitas coisas ao mesmo tempo. Por meio do futebol é possível que se experimente diversos papéis, diversas agencias. Pelo jogo é possível experimentar ser o homem e a mulher, o branco e o índio, a pessoa e o bem de troca, o justiceiro e o bandido, o time grande e o time pequeno, a grama e a areia, o campo e a rua, a cidade.

## Considerações finais – a cidade do futebol

Qualquer metrópole, quando vista *de longe e de fora*, se apresenta como um grande agrupamento de casas, prédios, carros, avenidas e equipamentos públicos, pelos quais circulam, a partir de lógicas mais ou menos previsíveis, pessoas e coisas. Por este ponto de vista é possível colocar sob análise, a partir de dados coletados por meio de diversas metodologias, várias questões pertinentes à vida na cidade grande: questões relativas aos problemas enfrentados pelos citadinos em seu dia-a-dia, reunidas sob grandes marcadores, como "Violência", "Transporte", "Educação", "Saúde", "Moradia". É possível, dessa forma, atentar para iniciativas que transformam o ambiente em larga escala, alterando lógicas de circulação mais amplas, investindo sobre os fluxos que movimentam aquele ambiente de acordo com estratégias de governança postas em prática por aqueles que detém os meios para tanto.

Manaus é uma metrópole que convive com estas grandes transformações de modo particular, uma vez que esta cidade sempre foi alvo de iniciativas neste sentido: seja com a construção dos grandes casarões e equipamentos públicos no auge do ciclo da borracha, em que se alterou radicalmente a morfologia urbana da cidade com a construção do porto, do Theatro Amazonas, das grandes avenidas centrais, das pontes de ferro, do bonde; seja com a implantação da Zona Franca de Manaus, que além de trazer grandes empresas para a área industrial também causou um *boom* demográfico, atraindo milhares de imigrantes alocados, agora, no novo bairro da Zona Norte da Capital, a Cidade Nova, mas também em terrenos invadidos por todas as áreas ao redor do centro (OLIVEIRA & SCHOR, 2008); seja, finalmente, com a construção de um novo e imenso estádio para a Copa do Mundo de 2014, a Arena Amazonas, em conjunto com o projeto "Manaus Belle Époque", que, no discurso do poder público, "revitalizou" as antigas praças da área central da capital amazonense.

Ao aproximar um pouco o olhar e se caminhar por Manaus é possível reparar em tudo isso. O transeunte irá se mover por entre casarões do início do século que fazem divisa com prédios dos anos 70, vizinhos de praças revitalizadas nos anos 2010, em meio a barracas de camelôs que vendem produtos da Zona Franca, mas principalmente *made in china*, que chegam por embarcações na alta madrugada, no porto industrial, às margens do Rio Negro. Ele anda em meio aos milhares de becos, que saem de grandes avenidas nas quais se localizam imensos shoppings centers, e levam a bairros oriundos

de invasões, com casas construídas em blocos, os famosos "puxadinhos". Tudo isso passando, volta e meia, por um campo de futebol, apertado no meio de tantas construções.

A cidade de Manaus que conheci, no entanto, não é a mesma destes discursos hegemônicos, *de longe e de fora*, das grandes construções e modificações urbanas, e nem daqueles transeuntes que caminham por quaisquer motivos por suas ruas, avenidas e becos. A Manaus que conheci é aquela que somente certas pessoas vivem. É uma cidade habitada por certos agentes, que se organizam e circulam de forma específica.

São os boleiros e boleiras: homens, mulheres, velhos, crianças, indígenas e/ou não indígenas. Mas, sobretudo, são os *donos* e as *donas*, os *jogadores*, as *jogadoras*, o *corno*, o *veado*, a *sapata*, a *rainha*, o *traficante*, o *patrocinador*, o *jornalista*, o *boleiro* – todos em buscas de *fazer o nome* no Peladão. Figuras ambíguas, *híbridas*, que só podem ser observadas a partir do olhar etnográfico que busca focalizar o que está sendo colocado *em jogo* por aqueles cujo principal meio para se relacionar com o outro e com o ambiente em que vivem é o futebol.

Porque o futebol é um jogo que, para ser jogado, exige o movimento, exige que se circule, dentro e fora de campo. O futebol dinamiza as relações entre as pessoas. Por meio dele se tecem *linhas* de alteridade, costurando-se novas parcerias, reatando-se antigas amizades, formulando-se novas relações de parentela. Tais *linhas* se entremeiam pelos caminhos que se criam nas andanças pela cidade e pelo campo de jogo, a partir dos quais são formuladas narrativas que dão significado para tudo aquilo que ocorre durante a partida de futebol e para além dela.

Desse modo surgem as figuras citadas acima, que indicam de que forma estas relações são costuradas: quais são suas continuidades, tensões e rupturas. É possível, assim, entrar em contato com os dilemas, presentes na vida dos boleiros e boleiras de Manaus, que emergem e tomam forma pela prática do jogo. Dilemas que transparecem em categorias que versam, como retratado neste texto, sobre as mais variadas questões.

Se na primeira parte deste texto falou-se da figura do *boleiro*, ou seja, do jogador não indígena inscrito no *Peladão Indígena* que, naquele contexto, centraliza os diversos debates acerca do que significa ser índio e viver em uma grande metrópole como

Manaus; foi sobretudo na segunda parte que se retratou, mais detidamente, as diferentes figuras e categorias mobilizadas nos outros naipes do Peladão.

Assim, no primeiro capítulo da segunda parte, foram descritas as categorias que centralizam as discussões intensas acerca das questões de gênero, sexualidade e família. Por meio das figuras do *corno*, do *veado*, da rainha e da *sapata*, homens e mulheres que jogam futebol colocam em jogo, também, seu papel social frente aos amigos e aos familiares, seja como marido, pai de família, esposa, mãe ou aquele que seria considerado o tipo ideal de mulher, a "essência do feminino": a rainha do Peladão.

No segundo capítulo da segunda parte, por sua vez, foi retratada a criação de uma pessoa-peladeiro, descrita nas páginas do jornal que cobre o evento. Buscou-se evidenciar aquilo que leva os jornalistas a apostarem em discursos que sempre se repetem, criando personagens (estas pessoas-peladeiro) que preenchem narrativas pré-formuladas sobre o futebol em Manaus, e foi demonstrado que tais discursos são elaborados como uma estratégia de gestão de poderes, levada a cabo por aqueles que comandam o campeonato e que buscam o mando sobre a própria cidade de Manaus. Colocou-se, por outro lado, que estas narrativas pré-formuladas, quando nas mãos dos boleiros e quando colocadas em circulação no *circuito do futebol*, passam por outro processo de significação e adquirem novas agências, sendo fundamentais, sobretudo, para a criação de uma pessoa-time, que organiza, no próprio *circuito*, as relações entre os boleiros e boleiras do Peladão.

Falou-se, finalmente, das relações mediadas por regras de conduta expressas em um código disciplinar que tenta normatizar os traçados daqueles que vivem neste circuito, engendrando diversas estratégias de desobediência, significadas a partir de cada contexto. Seja por meio dos variados arranjos para se quebrar as regras impostas pela direção do torneio, criando-se a figura do *jogador falsificado*, seja por meio da atuação, entre os que vivem na cidade, daqueles agentes localizados em situação *liminar* – os *traficantes* –, que atuam a partir de regras próprias e que trazem, consigo, grandes perigos, por um lado, e grandes benefícios, por outro.

Se o *circuito do futebol* é aquilo que demonstra por onde, na cidade, a partir da prática do futebol, pessoas, coisas, quase-pessoas e quase-coisas se movimentam e como, neste movimento contínuo, relações são tecidas e narrativas são criadas; ele também evidencia que, nesta ação, cria-se, de dentro para fora, uma cidade específica,

uma cidade que, diferentemente daquela grande metrópole caótica vista *de longe e de fora*, é transformada, num processo contínuo de *habitação*, em uma morada.

Uma cidade que se adensa em campos de futebol, em bares, em equipes, e em sedes de campeonatos, mas que se mostra, também, nos *trajetos* entre estes equipamentos. Nestes trechos das *linhas* de vida que se dão na passagem, mas que são sempre *habitados* por corpos e mentes futebolísticos, a partir de lembranças e por meio de relações que sempre remetem a valores e ideias tecidos no campo de jogo, no bar, na equipe. A cidade é conhecida pelo futebol, vista a partir do futebol, compreendida e debatida a partir das narrativas criadas no mundo do futebol. Esta é a cidade do futebol.

A cidade do futebol é, assim, um desdobramento do *circuito do futebol*. Identificar o circuito e mapear as linhas de vida tecidas a partir de diferentes modos de circulação é o primeiro passo para que se possa adentrar nas narrativas tecidas por certo conjunto de agentes que adota alguma prática social em comum identificada pelo antropólogo. A partir daí é possível que se observe a cidade *habitada* por aquelas pessoas: as referências que organizam seus olhares para o meio em que vivem, os caminhos que traçam, as tensões, disputas e ideias que norteiam suas ações, as *linhas* narrativas que organizam suas memórias e os significados colocados em debate a cada encontro, a cada conversa e, no caso do futebol, a cada jogada. Assim, a partir dos infinitos circuitos identificáveis numa metrópole é possível submergir nas infinitas cidades organizadas por seus *habitantes*, em suas diferentes jornadas.

Estas cidades *habitadas* – no sentido ingoldiano – são o verdadeiro elo entre a pessoa e a metrópole. É, portanto, por meio da Manaus do Futebol que muitas pessoas que vivem na capital amazonense atuam sobre a grande metrópole manauara. Os boleiros e boleiras são os verdadeiros cidadãos da cidade do futebol e é a partir das narrativas próprias dessa cidade, e dos modos de circulação aí engendrados, que eles agenciam na paisagem urbana, assim como o fazem entre as quatro linhas.

# Referências bibliográficas


ALMEIDA, Miguel Vale de. [1996] *Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal*. Anuário Antropológico/95, RJ, Tempo Brasileiro.

BARTKY, Sandra Lee. [1988] *Foucault, Femininity and the Modernization of Patriarchal Power"*. In: Feminism and Foucault: Paths of Resistance. Ed. lee Quinby and Irene Diamond. (Northeastern Univ. Press), pp. 61-86.

BOURDIEU, Pierre. [1983] Como é possível ser esportivo? In:_____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. p.136-163.

_____. [1990]. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense. p. 207-220.

BUTLER, Judith. [2003] *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. [2009]. *Cultura com aspas e outros ensaios.* São Paulo. Cosac Naify.

COELHO, Juliana Affonso Gomes. [2009] *Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva*. In: Visão de jogo: Antropologia das práticas esportivas. São Paulo, Editora Terceiro Nome.

DAMATTA, Roberto [1994]. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol. Revista USP, v.22, São Paulo. p. 10-17.

ELIAS, Norbert. [1992]. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel,

FOUCAULT, Michel [1977]. *História da Sexualidade – A vontade de saber, Vol. 1*. Rio de Janeiro, Graal.

GEERTZ, Clifford. [1989]. Notas sobre a briga de galos na sociedade balinesa. In: *Interpr etação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC.

HIRATA, Daniel Veloso. [2005]. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

HUIZINGA, Johan. [2007]. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo. Perspectiva.

INGOLD, Tim. [2000]. *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London & New York: Routledge.

_____. [2007]. *Lines: A brief history.* London & New York: Routledge.

_____. [2010]. *Da transmissão de representações à educação da atenção*. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25.

LAQUEUR, Thomas. [2001] *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

LATOUR, Bruno. [1994]. *Jamais fomos modernos*. São Paulo, Editora 34.

_____ & WOOLGAR, Steve. [1997]. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____. [2005]. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory.* Oxford University Press.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. [2002]. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, vol. 17 No 49.

_____ & SOUZA, Bruna. [2007]. *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Editora Terceiro Nome.

_____ & ANDRADE, José A. A. D. [2013]. *Uma experiência de etnologia urbana: a presença indígena em cidades da Amazônia*. *In*: AMOROSO, Marta Rosa; MENDES dos Santos, Gilton. (Org.). Paisagens Ameríndias: Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

MAUSS, Marcel [2003]. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify.

OLIVEIRA, José Aldemir de.; SCHOR, Tatiana. [2009] *Manaus: transformações e permanências, do forte a metrópole regional*. In: Edna Castro. (Org.). Cidades na Floresta. São Paulo: Annablume.

TAMBUCCI, Yuri; CHIQUETTO, Rodrigo & SERTÃ, Ana Luísa. [2013]. *O circuito Sateré-Mawé: duas formas da ocupação indígena no contexto urbano*. *In*: AMOROSO, Marta Rosa; MENDES dos Santos, Gilton. (Org.). Paisagens Ameríndias: Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

TOLEDO, Luiz Henrique de. [1996], *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas. Autores Associados/AMPOCS

_____, [2001], *Futebol e Teoria Social: Aspectos da produção científica brasileira*. In. Revista Brasileira de Formação Bibliográfica em Ciências Sociais, nº 52, p. 3-196. São Paulo.

_____, [2002], *Lógicas do futebol*. São Paulo. Hucitec; Fapesp.

TURNER, Victor. [1974]. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes.

_____. [1982]. *Liminal to liminoid, in Play, Flow, Ritual: An essay in comparative simbology*. In TURNER, Victor. From ritual to theatre. The human seriousness of play. New York: PAJ Publications.

_____. [2005]. *Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência (primeira parte), de Victor Turner*. In Cadernos de campo n. 13: 177-185. São Paulo.

VIANNA, Fernando de Luiz Brito. [2008]. *Boleiros do cerrado: índios xavante e o futebol*. São Paulo: Annablume; Fapesp; ISA.

**Produção Institucional:**

XL CAMEPEONATO DE PELADAS DO AMAZONAS 2012 - Livro de Regras do Peladão 2012.

Relatório Geral do Peladão 2008.

Relatório Geral do Peladão 2009.

Relatório Geral do Peladão 2010.

Material de marketing do Peladão 2005.

Todas as edições encadernadas do caderno "Peladão" publicadas no jornal A Crítica, de 2005 a 2008.

Todas as edições do caderno "Peladão Verde" publicadas no jornal A Crítica em 2012.